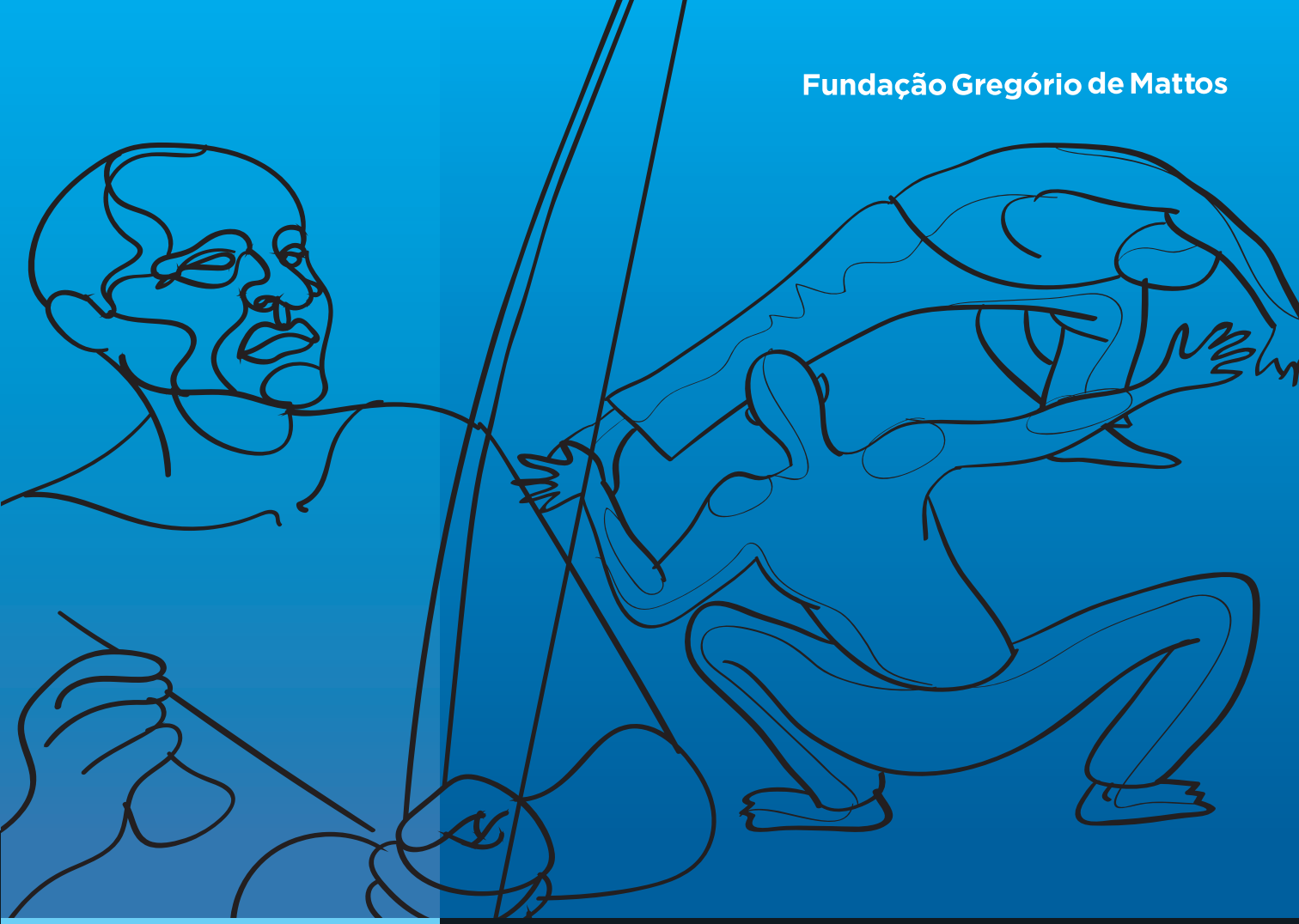
Fundação Gregório de Mattos



COLEÇÃO CAPOEIRA VIVA

CAPOEIRA ANGOLA

ENSAIO SOCIOETNOGRÁFICO

Waldeloir Rêgo

Coleção Capoeira Viva

Fundação Gregório de Mattos

CAPOEIRA ANGOLA

ENSAIO SOCIOETNOGRÁFICO

Waldeloir Rêgo

Salvador, 2015

Prefeito da Cidade do Salvador
Antonio Carlos Peixoto de Magalhães Neto

Vice Prefeita
Célia Oliveira de Jesus Sacramento

Secretário de Cultura e Turismo
Erico Pina Mendonça Júnior

Presidente da Fundação Gregório de Mattos
Fernando Ferreira de Carvalho

Chefe de Gabinete
Silvia Maria Russo de Oliveira

Assessora Chefe
Gildete Nascimento Ferreira

Assessora Jurídica
Thais Conceição Santana

Gerente de Promoção Cultural
Wilton Rafael Souza Magalhães

Gerente Administrativo-Financeiro
Ivã de Araújo Oliveira

Gerente de Sítios Históricos
Milena Luisa Tavares

Gerente do Arquivo Municipal, Museus e Bibliotecas
Lucimar Oliveira Silva

Gestor do Núcleo de Tecnologia da Informação
Eric Ferreira de Castro

Coleção Capoeira Viva

Coordenação
Franciane Simplício

Produção
Alex Pochat
Nágila Diacuí

Fazem parte da "Coleção Capoeira Viva" as seguintes publicações:

Volume 1 – A história de Juma, o capoeira
Volume 2 – É Preta, Kalunga: a Capoeira Angola como prática política entre os angoleiros baianos — anos 80-90
Volume 3 – Pensando a Capoeira: dimensões e perspectivas
Volume 4 – A capoeira em Salvador: registro de mestres e instituições
Volume 5 – Capoeira Angola: ensaio socioetnográfico

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Fundução Gregório de Mattos

R343 Rego, Waldeloir

Capoeira Angola: ensaio socioetnográfico / Waldeloir rego; Ilustração André Flauzino. – 2. ed. – Rio de Janeiro: MC&G, 2015.
431 p.: il. – (Coleção Capoeira Viva, 5)

ISBN: 978-85-67589-38-1

1. Capoeira angola 2. Folclore - Brasil I. Fundação Gregório de Mattos II. Flauzino, André III.Título

CDU: 796 :316.7

Para os infinitamente amigos
Zélia Amado
Emanoel Araújo

Sumário

Prefácio		7
Apresentação		9
1	A vinda dos escravos	13
2	O termo capoeira	31
3	A Capoeira	45
4	A Indumentária	59
5	O jogo da capoeira	63
6	Toques e golpes	75
7	Os instrumentos musicais	89
8	O canto	109
9	Comentário às cantigas	151
10	Capoeiras famosos e seu comportamento na comunidade social	287
11	As academias de capoeira	309
12	Ascensão social e cultural da capoeira	319

13 A Capoeira no cinema e nos palcos teatrais 351

14 A capoeira nas artes plásticas 359

15 A capoeira na música popular brasileira 363

16 A capoeira na literatura 387

17 Mudanças socioetnográficas na capoeira 393

Bibliografia 397

Índice remissivo 423

Prefácio da segunda edição

In Memoriam de Waldeloir Rego

A Fundação Gregório de Mattos vem preencher uma carência do público, particularmente os praticantes de Capoeira, ao publicar a segunda edição da obra de Waldeloir Rego, intitulada Capoeira Angola: ensaio socioetnográfico, uma das mais completas e abrangentes pesquisas do universo da capoeira, de conteúdo sucinto e ao mesmo tempo profundo, que apresenta o pensamento sobre a capoeira, seu significado, como surgiu, entre outros aspectos. Busca atender a uma demanda antiga, pois a única edição, elaborada pela Editora Itapuã/Salvador, em 1968, há muito encontra-se esgotada.

Essa é uma obra referenciada e reverenciada por grandes Mestres da Capoeira e pesquisadores. Seu conteúdo foi mantido na íntegra, com uma revisão de determinados trechos segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, mas considerando a diversidade linguística registrada no texto original da primeira edição. Apesar do aumento do nº de páginas, não houve interferência na produção textual do autor. Com cuidado e preocupação constantes, a FGM manteve, nesse intuito, orelhas, citações, notas de rodapé, referências bibliográficas e índice remissivo tal qual o original, com uma ou outra atualização ortográfica.

A nova edição, com tiragem de 1.000 exemplares, apresenta formato de 20 x 21 cm, nova estrutura, novo projeto gráfico e visual, fazendo parte da Coleção Capoeira Viva. O livro é considerado fundamental para os praticantes desta arte.

Boa leitura!

Fundação Gregório de Mattos

Apresentação

Quando convidado para escrever a apresentação do livro Capoeira Angola — ensaio socioetnográfico, de Waldeloir Rego dos Santos (1930-2001), fui pego de surpresa. Contudo, recebi o convite com muita honra e alegria — confesso que aceitei da forma mais impulsiva e imprudente, tanto pelo pouco tempo que me foi dado, como pelo poder-potência que este livro carrega no âmbito da capoeira enquanto obra clássica. Portanto, na hora da escrita, 'caí na real', tendo em vista o desafio posto para tal investida.

Antes de qualquer comentário sobre o livro, peço a bênção aos mais velhos, licença aos mais novos e confesso minhas limitações sobre esta vasta obra. Aprendi com o meu Mestre João Pequeno de Pastinha que não dominamos todas as intensidades subjacentes na capoeira, mas que somos afetados ao correr o risco dos acontecimentos de nossas vidas. Ao receber o convite, lembrei-me logo do amigo Frede Abreu, a quem tenho uma enorme referência, não só como pesquisador da capoeira, mas pela sapiência no trato com as formas de expressões da cultura, sobretudo pela sua generosidade com o outro, como o ancestral mais apropriado para tecer esta apresentação.

Parabenizo a iniciativa da Fundação Gregório de Mattos que, através da política pública Capoeira Viva, coloca à disposição do público a reedição do livro Capoeira Angola — ensaio socioetnográfico, ampliando o acesso a esta obra prima que se transformou em uma espécie de relíquia no universo da capoeira. Dela muitos falam, citam e recriam no imaginário imagens da capoeira, construídas a partir desse livro-monumento. Dessa maneira, o livro pode ser considerado patrimônio da capoeira, que aciona a memória da mesma enquanto bem cultural brasileiro, um fantástico dispositivo de memória, no qual cada leitor faz novas ressignificações que

sobrevivem ao longo do tempo sobre as tradições culturais da capoeira que são sempre invenções humanas históricas, passíveis de mudanças.

Em uma rápida pesquisa na internet, descobri que o baiano Waldeloir, além de ser um profundo conhecedor do universo da capoeira, também fazia parte do rol de intelectuais (Jorge Amado, Pierre Veger, Carybé e tantos outros) que frequentavam as comunidades de liturgia ancestral dos terreiros de Candomblé. Filho de Oxalá, era Ogã do Ilê Axé Opó Afonjá, um dos mais renomados terreiros da Bahia, comandado atualmente por Mãe Stella de Oxóssí. Além disso, era professor, pesquisador, escritor, etnólogo, folclorista, artista plástico e designer de joias.

O livro Capoeira Angola — ensaio sócio-etnográfico, publicado em 1968 pela editora Itapuã, foi contemplado com o Prêmio José Veríssimo pela Academia Brasileira de Letras, na categoria Ensaio e Erudição. De maneira geral, a obra apresenta um rico inventário da capoeira com profícuas histórias sobre a vinda dos escravos ao Brasil, os fluxos de negros levados para Portugal a partir de 1.441, bem como a presença dos negros no território brasileiro, através do infame tráfico de escravos; a descrição intensa sobre a termologia da Capoeira; a busca incessante sobre a origem da capoeira; a indumentária como produto da cultura material da indústria do turismo; o jogo da capoeira e suas nuanças; a densidade dos toques e golpes da capoeira; a riqueza percussiva dos instrumentos musicais que compõem a roda de capoeira; a forma do canto correlacionada à complexidade fonética, léxica e descritiva das letras das músicas; a memória dos capoeiras famosos e seus respectivos legados culturais; as academias de capoeira como lugares de transmissão de saberes; o processo de ascensão social e cultural da capoeira tendo em vista a trajetória histórica de perseguição; os primeiros indícios da interferência da capoeira nas artes do cinema e do teatro. Enfim, uma reflexão crítica sobre as mudanças socioetnográficas na Capoeira.

Diante dessa multiplicidade de temas abordada no livro, Waldeloir Rego, além de revelar uma profunda capacidade de erudição, demonstra a preocupação em potencializar a capoeira enquanto fenômeno histórico

cultural, tendo o Mestre Canjiquinha como referência importante. Dessa forma, acredito que essa obra prima é um legado para pensar e/ou viver a memória da capoeira como algo em movimentação que coloca o leitor em deslocamento temporal, um estado de presente-passado que produz inúmeras histórias acumuladas na arte do corpo jogar, encenar, lutar, representar e festejar a capoeira. Este deslocamento temporal ajuda a descobrir, no livro, os resíduos históricos que fazem parte do passado -presente como necessidade de reatualizar a memória e não apenas como um legado nostálgico.

Ademais, o livro não se esgota em si mesmo, permanece vivo, é uma fonte inspiradora de novas criações para todos aqueles que gostam da arte/ofício capoeira, seja o pesquisador-capoeirista e/ou o capoeirista -pesquisador, tanto os Angoleiros como os praticantes da capoeira Regional. Esta obra, considerada uma das pioneiras de fundamentos históricos e culturais da capoeira, também precisa ser apreciada com desconfiança e curiosidade do leitor, como se fosse um jogo de capoeira que está em constante estado de um novo vir a ser, cuja densidade de informações contidas nos interpela.

Luis Vitor Castro Júnior, eterno aluno do Mestre João Pequeno, doutor em História, professor titular da Universidade Estadual de Feira de Santana – Departamento de Saúde e coordenador do grupo de pesquisa artes do corpo: memória, imagem e imaginário.

É por demais sabido que durante a Idade Média os portugueses, assim como outros povos, traficaram escravos, sobretudo negros. Há mesmo vagas notícias de uma parada aqui, outra acolá, porém a informação mais precisa, principalmente no que diz respeito ao tráfico de escravos africanos para o território português, é a fornecida por Azurara. O autor da *Crônica do Descobrimento e Conquista da Guiné* relata a maneira de como Antão Gonçalves, em 1441, capturou e trouxe para o Infante D. Henrique os primeiros escravos africanos. Relata também o cambalacho de Antão Gonçalves com Afonso Goterres, para importar esses negros do Rio de Ouro, cuja essência está neste trecho – "Oo que fremoso aquecimento serya nós que viemos a esta terra por levar carrego de tam fraca mercadorya, acertamos agora em nossa dita de levar os primeiros cativos ante a presença do nosso principe!"[1]

Isso foi a brecha para que o espírito de conquista do português o fizesse levantar âncoras, para as terras de África, em busca de um novo comércio, fácil e rendoso, porém humilhante e desumano. A coisa tomou um rumo tal, que dentro em pouco, Lisboa e outras cidades já tinham um cheiro de cidade mulata. Em nossos dias o assunto tem preocupado estudiosos de todos os matizes e nacionalidades, como os linguistas alemães Wilhelm

1 Gomes Eannes de Azurara, *Chronica do Descobrimento da Conquista da Guiné* escrita por mandado de el–rei D. Affonso V, sob a direção scientifica, e segundo as instruções do illustre Infante D. Henrique/ Fielmente trasladado do manuscrito original contemporaneo, que se conserva na Biblioteca Real de Pariz, e dada pela primeira vez á luz por diligencia do Visconde de Correira, enviado Extraordinário, e Ministro Plenipotenciario de S. Magestade Fidelissima na corte de França / Precedida de uma introdução, e Illustrado com algumas notas, pelo Visconde de Santarem / E seguida d'um glossario das palavras e phrases antiquadas e absoletas. Publicada por J.P. Aillaud, Paris, 1841, pág. 71.

Giese,[2] Carolina Michaëlis[3] e nativos outros como Leite de Vasconcelos[4] que, além de se manifestar sobre o tema, fornece uma bibliografia, em seu livro *Etnografia Portuguesa*, atualizada com notas de Orlando Ribeiro.

Na época, a presença de negros em Portugal mexeu com a imaginação poética dos trovadores do *Cancioneiro Geral*,[5] Gil Vicente,[6] Camões,[7] e mui especialmente Garcia de Resende que nasceu por volta de 1470 e morreu em 3 de fevereiro de 1536 e escreveu a sua curiosa *Miscellanea e trovas do mesmo auctor & hũa variedade de historia, custumes, casos & cousas que em tẽpo accõtecerã, publicada postumamente em 1554, apensa à Crônica d'el-Rei D. João II.* No decorrer de sua Miscelânea, satirizando sempre, fornece elementos sobre a façanha dos portugueses, nas bandas de África, os cativos tirados de lá para Portugal, seus costumes e outros fatos.

Na estância 48, mostra a fúria das conquistas:

Rey & principe se vio
de Castella, & laa andou,
dij a pouco descobrio
ha India, & ha tomou,
como todo ho mũdo ouuio,
tomando reynos, & terras
per muy guerreadas guerras,
ganhãdo toda ha riqueza
do soldam & de Veneza,
sobjugando mares, serras.[8]

---

2 Wilhelm Giese, Notas sôbre a fala dos negros em Lisboa no princípio do século XVI, *in Revista Lusitana*/Arquivo de estudos filológicos e etnográficos relativos a Portugal por José Leite de Vasconcelos. Livraria Clássica Editôra de A.M. Teixeira & Cia., Lisboa, 1932, vol. XXX, págs. 251-257.

3 Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Notas Vicentinas* /Preliminares duma edição crítica das obras de Gil Vicente. Notas I a V, incluido introdução à edição fac–similada do Centro de Estudos Históricos de Madrid, edição da Revista *Ocidente*, Lisboa, 1949, págs. 497-498.

4 José Leite de Vasconcelos, *Etnografia Portuguesa* / Tentame de sistematização. Volume IV, elaborado segundo os materiais do autor, ampliados com nova informação por M. Viegas Guerreiro / Notícia introdutória, notas e conclusão de Orlando Ribeiro. Imprensa Nacional, Lisboa, 1958, pág. 38-61.

5 Garcia de Resende, *Cancioneiro Geral*. Nova edição preparada pelo Dr. A.J. Gonçalves Guimarães, Imprensa Nacional, Coimba, 1917 – tomo V, págs. 195-199.

6 Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *op cit*., págs. 497-498.

7 Luís de Camões, *Os Lusíadas*/Reimpressão fac–similada da verdadeira 1ª. edição dos *Lusíadas*, de 1572, precedida duma introdução e seguida dum aparato crítico do Professor da Faculdade de Letras, Dr. José Maria Rodrigues. Tip. da Biblioteca Nacional, Lisboa, 1921, canto I, estância 8.

8 Garcia de Resende *Miscelânea*/e variedade de histórias, costumes, casos, e cousas que em seu tempo aconteceram. Com prefácio e notas de Mendes dos Remédios, França Amado – Editor, Coimbra, 1917, pág. 20.

Nas estâncias 53 e 54, comenta a antropofagia dos negros da Guiné e Manicôgo, que é como grafavam antigamente o Congo, descoberto em 1485 por Diogo Cão:

E começo em Guinee
& Manicôgo, por teer
costuma de se comer
hũs a outros, como he
muy notorio se fazer.
cõprã homẽs como gaado
escolhidos, bem criados,
& matam hos regateiras,
& cozidos em caldeiras
hos comẽ tambem assados.

Por muito mais saborosa
carne das carnes ha tẽem,
por melhor & mais gostosa,
mais tenra, doce, cheirosa,
que quantas na terra veem
nos que trazem a matar
nam ha chorar nem fallar,
mas como mãsos cordeiros
se deixam espedaçar.[9]

Nas estâncias 56 e 57, fala de um costume fúnebre havido no desenlace do rei de Benin:

Em Benij de antigamẽte
tem por costume, por ley
matarem da nobre gente
& principal, que he presente,
qndo quer q̃ morre ho rey
para la ho acompanharem
no outro mũdo,& estarem
com elle sempre presentes
& assi morrem contentes
sem has vida estimarem.

Dixe el rey fecticeiro,
que seu pay guerra fazia
no outro mũdo, & queria
gente, que fosse primeiro,
& mais da q̃ elle pedia:
quinze mil homẽs juntou,
degollar todos mandou
em hũo poço por jutos yre,
& a seu pay accodirem,
& desta arte lhos mandou.[10]

9 Garcia de Resende, *op. cit.*, págs. 21-22.
10 Garcia de Resende, *op. cit.*, págs. 22-23.

Na estância 58, mostra como os próprios negros se caçavam e se vendiam mutuamente:

Hũos aos outros se vede,
& haa muitos mercadores,
que nisso soomẽte entedem,
& hos enganãm, & prẽdem,
& trazem aos tratadores.
muitos se vendem na terra,
se tẽ hũos cõ outros guerra,
servemse de béstas delles
pollas nõ aver entrelles,
a mais terra he chaõ sẽserra.[11]

Nas estâncias 59 e 60, refere se aos grandes lucros da traficagem e à riqueza das terras:

Vẽ grã somma a portugal
cadãno, tãbẽ aas ilhas,
he cousa que sempre val,
& tres dobra ho cabedal
em castella, & nas antilhas:
por ha terra ser muy queẽte
anda nua toda ha gente,
descalços todos a pee:
muitos delles tẽ ja fee,
tẽ marfim, ouro excellente.
Tem elefantes pasmosos,
coobras de grãde grandura,
lagartos muy espantosos,
gatos dalgalia cheirosos,
aruores de grande altura,
arroz inhames, palmeiras,
gatos de muitas maneiras,
& papagayos de fortes,
q̃ andã fora das ribeiras.[12]

11 Garcia de Resende, *op. cit.*, pág. 23.
12 Garcia de Resende, *op. cit.*, págs. 23-24.

Na estância 134, narra as vitórias de el-rei, sobretudo com os mouros de África:

Guerra digna de louuor,
de perpetua memoria,
de honra, fama, de gloria
tem el rey nosso senhor
com muito grande victoria
com mouros africanos,
& gentios Asianos,
Turcos, Rumes, & pagaõs,
& muyta paaz cõ christaõs
inimigo de tirannos.[13]

Na estância 141, fala da conversão do maior Rei da Etiópia e de Manicongo. Trata-se do rei do Congo, que Mendes dos Remédios,[14] citando Cunha Rivara, se refere ao decreto em que o referido rei, além do título de rei do Congo, Senhor dos Ambundos, passou a intitular-se da Etiópia, rei do antiquíssimo reino do Congo, Angola, Matamba, Veangá, Cunchi, Lulha e Sonso, Senhor dos Ambundos e dos Mutambulos e de muitos outros reinos e senhorios:

Ho mayor rey de ethiopia,
de manicõgo chamado,
vijmos christaõ ser tornado,
& com elle grande copia
de gente de seu reynado:
mandou por religiosos,
& por frades virtuosos
q̃ lhe el rey de caa mãdaua,
& elle mesmo prégaua
nossa fee a hos duuidosos.[15]

13 Garcia de Resende, *op. cit.*, pág. 48.

14 Mendes dos Remédios, *in* Garcia de Resende, *op. cit.*, pág. 126.

15 Garcia de Resende, *op. cit.*, pág. 51.

Finalmente, nas estâncias 257, 258 e 259, narra a calamidade que atingiu Portugal e o norte da África em 1521, assim como o fato desses povos se venderem por comida a ponto de Portugal pensar em tomar Fez:

Vij que en Africa aq̃ceo
ser morte, & fama muy forte:
Cauallos, & gado morreo,
muita gente peresceo,
nunca foy tal fome & morte:
hos paes hos filhos vendiã,
duzentos reaes valiam,
muitos se vinham fazer
christaõs caa, soo por comer,
nos campos, praças morriã.

Ho reyno de Feez ficou
cõ dous ou tres mil cauallos:
de Tremecem se formou,
laa, & mais longe mandou
muita gente a comprallos,
que foi tanta perdiçam,
que nam ficou geeraçam,
para poderem geerar:
has eguas mandou buscar
para fazer criaçam.

Se este tempo teuera
portugal soo que comer,
leumente se podera
tomar fez, & se ouuera
com pouca força, & poder:
mas caa mesmo entã ãdaua
tanta fame, que custaua
trigo alqueire a cruzado,
carne, vinho & pescado
tudo com penna se achaua.[16]

16 Garcia de Resende, *op. cit.*, págs. 89-90.

Com o passar do tempo essa atividade, longe de se extinguir, tomou um impulso espantoso. Por incrível que pareça, esse comércio terrível e desumano teve a mais forte cobertura da Santa Madre Eclésia, alegando para tanto o argumento idiota de que os portugueses tornariam os povos ditos bárbaros, adeptos da fé de Cristo. Imagine que o papa Eugênio IV, pelas bulas *Dudum cum* de 31 de julho de 1436, a *Rex Regnum* de 8 de setembro de 1436 e a *Preclaris tuis* de 25 de maio de 1437, renovou a concessão ao rei D. Duarte de todas as terras que conquistasse na África, desde que o território não pertencesse a príncipe cristão.[17] Não ficou somente aí o esdrúxulo privilégio. Remexendo o bulário português, nos arquivos da Torre do Tombo, Calógeras[18] encontrou várias outras, inclusive a mesma bula *Rex Regnum*, concedida pelo papa Eugênio IV a D. Duarte, porém agora com outro destinatário, que foi D. Afonso V, com data de 3 de janeiro de 1443. No pontificado de Nicolau V, D. Afonso V, o Infante D. Henrique e todos os reis de Portugal assim como seus sucessores passariam a donos de todas as conquistas feitas na África com as ilhas nos mares a ela adjacentes, começando pelos cabos Bojador e Não, fazendo pouso na Guiné, com toda a sua costa meridional, incorporando a tudo isso as regalias que o cérebro humano imaginasse tirar dessas terras e desses povos. Essa pequena bagatela de oferendas foi concedida pela bula *Romanus Pontifex Regni Celestis Claviger* de 8 de janeiro de 1454. Esses favores eram confirmados por cada papa que ascendia ao pontificado. E nessa matéria, o recorde foi batido pelo papa Calixto III com a célebre bula *Inter cetera q̃ nobis divina disponente clementia incumbunt peragenda* de 13 de março de 1456, a qual, além de confirmar todas as dádivas anteriores, acrescentou a Índia e tudo mais que depois se adquirisse. E o melhor de tudo foi o arremate, de que "o descobrimento

17 João Pandiá Calógeras, A política exterior do Império / Tomo Especial da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1927,vol. I, pág. 36.

18 João Pandiá Calógeras, *op. cit.*, vol. I, pág. 36.

daquelas partes o não possam fazer senão os reis de Portugal".[19] A mesma orientação seguiu Xisto VI, com as bulas *Clara devotionis* de 21 de agosto de 1471 e *Aeterni regis clementia per quam reges regnant* de 21 de junho de 1481. Inocêncio VIII valeu-se das bulas *Orthodoxae fidei* de 18 de fevereiro de 1486 e *Dudum cupiens* de 17 de agosto de 1491.

Em meio a toda essa baratinação da Santa Sé, deve-se fazer justiça a alguns papas, que protestaram contra semelhante estado de coisas, como Pio II com a bula de 7 de outubro de 1462, Paulo III em 1537, Urbano VIII com a bula de 22 de abril de 1639, Benedito XIV em 1741, Pio VII em 1811 e finalmente Gregório XVI, pela bula de 3 de dezembro de 1839, condena e proíbe a escravidão de negros.[20]

Esse casamento estranho da coroa portuguesa com a Mitra, permitiu que os portugueses agissem livremente, em nome de Cristo, Nosso Senhor e da sua santa fé, o que para tanto não fizeram cerimônia. Não é assim que, pouco tempo depois dessas concessões, descobrem a grande colônia da América do Sul. Era a princípio Terra de Santa Cruz, para depois passar a ser colonizada com o nome de Brasil.

Argumenta-se que a sobrevivência das primeiras engenhocas, o plantio da cana-de-açúcar, do algodão, do café e do fumo foram os elementos decisivos para que a metrópole enviasse para o Brasil os primeiros escravos africanos. Diante disso, vem a pergunta – quando chegaram esses primeiros escravos? Vieram de Angola? Trouxeram de lá a capoeira, ou inventaram-na no Brasil?

Infelizmente, o conselheiro Rui Barbosa, por isso ou por aquilo, prestou um mau serviço, mandando queimar toda documentação referente à escravidão negra no Brasil, quando Ministro da Fazenda, no governo discricionário do generalíssimo Deodoro da Fonseca, por uma resolução que tem o seguinte teor:

---

19 João Pandiá Calógeras, *op. cit.*, vol. I, pág. 37.

20 Agostinho Marques Perdigão Malheiro, *A Escravidão no Brasil*/Ensaio Histórico-Jurídico-Social. Edições Cultura, São Paulo, 1944, tomo II, págs. 16-17.

Considerando que a nação brasileira, pelo mais sublime lance da sua evolução histórica, eliminou do solo da pátria a escravidão – a instituição funestíssima que por tantos anos paralisou o desenvolvimento da sociedade, inficionou-lhe a atmosfera moral;

considerando que a República está obrigada a destruir esses vestígios por honra da pátria, e em homenagem aos nossos deveres de fraternidade e solidariedade para com a grande massa de cidadãos que pela abolição do elemento servil entraram na comunhão brasileira;

resolve:

1.º– Serão requisitados de todas as tesourarias da Fazenda todos os papéis, livros e documentos existentes nas repartições do Ministério da Fazenda, relativo ao elemento servil, matrícula de escravos, dos ingênuos, filhos livres de mulher escrava e libertos sexagenários, que deverão ser sem demora remetidos a esta capital e reunidos em lugar apropriado na recebedoria.

2.º– Uma comissão composta dos Srs. João Fernandes Clapp, presidente da confederação abolicionista, e do administrador da recebedoria desta capital, dirigirá a arrecadação dos referidos livros e papéis e procederá à queima e destruição imediata deles, o que se fará na casa de máquina da alfândega desta capital, pelo modo que mais conveniente parecer à comissão.

Capital Federal, 15 de dezembro de 1890. – Ruy Barbosa.[21]

21 Marfa Barbosa Vianna, O Negro no Museu Histórico Nacional, *in Anais do Museu Histórico Nacional,* vol. VIII, 1957, págs. 84-87.

De modo que, por enquanto, se torna impossível precisar quando chegaram ao Brasil os primeiros escravos. O que existe é muita conjectura em torno do problema. O Visconde de Porto Seguro, por exemplo, fala de que os escravos, vieram ao Brasil nos primórdios da colonização, indo mais longe, dizendo que na armada de Cabral vieram escravos, argumentando que cada senhor dispunha do seu. Contudo, não nos fornece nenhuma documentação a respeito.[22] Fala-se que em 1538 Jorge Lopes Bixorda, arrendatário de pau-brasil, teria traficado para a Bahia os primeiros africanos.[23] Tem-se notícia de que, em 1539, Duarte Coelho reclamava a D. João III o seu pedido de escravos e, como não fosse logo atendido, insistia por carta de 27 de abril de 1542.[24] Com a fundação da cidade de Salvador e instituição do governo-geral em 1549, o padre Manoel da Nóbrega, que veio na comitiva do primeiro governador-geral Tomé de Sousa, depois de escrever ao Prepósito do Colégio de Santo Antão em Lisboa, queixando-se da mistura de negros e negras na nova povoação, ressaltando que "assim se inoculava no Brasil o fatal cancro da escravatura, fonte de imoralidade e de ruína",[25] esse mesmo reverendo foi um dos primeiros a pedir escravos de Guiné a D. João III, por carta de 14 de setembro de 1551, "para fazerem mantimentos, porque a terra hé tam fertil, que facilmente se manterão e vestirão muitos meninos, se tiverem alguns escravos que fação roças de mantimentos e algodoais".[26] Ainda em carta de 10 de julho de 1552 reclama: – "Já tenho escrito sobre os escravos que se tomarão, dos quais

22 Visconde de Pôrto Seguro, *História Geral do Brasil* / Antes da sua separação e independência de Portugal. Em casa de E. & Lammert, Rio de Janeiro, 2ª edição, s/d. Vol. I, pág. 219.

23 Afonso de E. Taunay, Subsídio para a história do tráfico africano no Brasil, in Anais do Museu Paulista, Imprensa Oficial do Estado, São Paulo, 1941, Tomo X, pág. 32.

24 João Pandiá Calógeras, *op. cit.*, vol. I, pág. 288.

25 Januário da Cunha Barbosa, Se a introdução dos escravos no Brasil embaraça a civilização dos nossos indígenas, dispensando-se-lhes o trabalho, que todo foi confiado a escravos negros. Neste caso qual é o prejuízo que sofre a lavoura Brasileira?, *in Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*. Tipografia Universal de Laemmert, Rio de Janeiro 2ª edição, 1856, Tomo I, pág. 164.

26 Manoel da Nóbrega, *Cartas do Brasil e mais escritos (opera omnia)* com introdução e notas históricas e críticas de Serafim Leite. Por ordem da Universidade, Coimbra, 1955, pág. 101.

hum morreo logo, como morrerão outros muitos que vinhão ja doentes do mar… En toda maneira este anno tragão os Padres provisão de El-Rei assi dos escravos… Se El-Rei favorecer este e lhe fizer igreja e casas, e mandar dar os escravos que digo (e me dizem que mandão mais escravos a esta terra, de Guiné; se assi for podia logo vir provisão para mais tres ou quatro alem dos que a casa tem)…[27] Por carta de 2 de setembro de 1557 rejeita os Índios como escravos e insiste na remessa de negros de Guiné: – "Escravos da terra não nos parece bem tê-los por alguns inconvenientes. Destes escravos de Guiné manda ele trazer muytos à terra. Podia-se aver provisão pera que dos primeiros que viessem nos desse os que Sua Alteza quisesse, porque huns tres ou quatro, que nos mandou dar à certos annos todo são mortos, salvo huma negra que serve esta Casa de lavar roupa, que ainda não o faz muyto bem, excusa-nos muyto trabalhos".[28] Finalmente, por carta de 8 de maio de 1558 lamenta: – "A melhor cousa que se podia dar a este Colegio seria duas duzias de escravos de Guiné, machos e femeas, para fazerem mantimentos em abastança para casa, outros andariam em um barco pescando, e estes podiam vir de mistura com os que El-Rei mandasse para o Engenho, porque muitas vezes manda aqui navios carregados deles".[29]

Afinal, o documento mais antigo, legalizando a importação de escravos para o Brasil, inclusive indicando o local de procedência, é o alvará de D. João III, de 29 de março de 1559, permitindo sejam importados escravos de São Tomé, o qual transcrevo na íntegra:

> Eu El-Rei faço saber a vós Capitão da Ilha de São Tomé, e ao meu Feitor e officiaes da dita Ilha que ora sois e ao diante forem, que eu hei por bem e me praz por fazer mercê as pessoas que tem feitos engenhos de Assucar nas terras do Brasil, e aos que ao diante se fizerem que elles poção mandar resgatar ao Rio e

27 Manoel da Nóbrega, *op. cit.*, págs. 121-123.

28 Manoel da Nóbrega, *op. cit.*, págs. 267-268.

29 Manoel da Nóbrega, *op. cit.*, pág. 288.

resgates de congó, e trazer de lá para cada hum dos ditos engenhos até cento e vinte pessoas de escravos que o dito meu Feitor bola enviar para trazere escravos, dos quaes pagarão somente o terço posto que pelo regimento e Provizões que há na dita Ilha havião de pagar a metade, e esta mercê faço as ditas pessoas que nas ditas partes tem ou tiverem feito ou fizerem engenhos para poderem mandar resgatar e trazerem as ditas cento e vinte pessoas por hua vez somente, e por tanto mando ao dito meu capitão e Feitor Officiaes da dita Ilha, que mostrando-lhe as pessoas que os ditos escravos mandarem resgatar ao dito rio de congo certidão do Feitor e officiaes da caja da India de como elle asim tem engenho nas ditas partes lhos deixem mandar resgatar e vir nos ditos navios, e lhe dem para isso licença e lhos despachem qualquer Provizão ou regimento ouvessem de pagar a metade como dito hé, e ao dito Feitor e officiaes da dita Caja da India mando que quando lhe for pedida a dita certidão se emformem o mais certo que poderem de como a dita pessoa que lhe a tal certidão pedir tem engenho feito moente e corrente nas ditas partes, e quantos parceiros são a elle, e se todos são contentes de enviarem pellos ditos escravos, e achando que os tem e que todos estão contentes fação disso asento em hum Livro que para isso haverá na dita casa, e lhe mandarão que dê fiança dentro de dois annos do dia que lhe for pasada a tal certidão trarão certidão do Governador das partes do Brazil de como levarão os ditos Escravos as ditas terras e andão nos ditos engenhos, ou do capitão e feitor da dita Ilha de São Thomé de como os não resgatarão nem lhe vierão ter a dita Ilha e dahy os mandarão as ditas partes. Que não

trazendo a dita certidão pozerão o que monta do dito terço ametade, e primeiro que posem a tal certidão verão o Livro e achando que não tem ainda tirado os ditos escravos ou que está por tirar algua parte delles pasarão certidão conforme ao que acharem que está por cumprir e por esta maneira lhe pasarão a dita certidão, e por este e a dita Ilha de São Thomé que lhe deixem mandar resgatar e vir os ditos escravos pela maneira sobre dita, e lhos deixem levar para as ditas partes do Brazil sem mais pagarem outros direitos, e mando do dito Capitão Feitor e Officiaes por virtude dellas darem para se resgatarem os ditos escravos, e quando vierem se porá verba no asento da dita certidão de como vierão os ditos escravos que se por tal licença mandarão resgatar e se pagou delles o terço e forão levados, e alem diço enviarão o treslado da certidão e venha ao Feitor e Officiaes da dita casa da India para verem como já tem resgatados os Escravos contiudos na certidão que lhe pasarão, e elles porão verba no asento que hão de fazer quando pasarem a tal certidão de como já os ditos Escravos são resgatados no dito tempo os executarão pelo mais que havião de pagar alem do dito terço, e sendo cazo que o trato de Guiné e Ilha de São Thomé se arrendem ou se fizer sobre elle contrato, todavia cumprirá este Alvará como nelle se contem, qual quero que valha e tenha força e vigor como se foce em meu nome, e pasada pela Chansellaria posto que este por ella não passe sem embargo da ordenação em contrario. Alvaro Fernandes o fez em Lisboa a 29 de Março de 1559. Andre Soares o fez escrever.[30]

30 A.J. de Melo Morais, *Brasil Histórico* – 2ª série, 1866. Typografia dos Editores, Rio de Janeiro, 1866, Tomo I, pág. 212-213.

Outro problema ainda sem solução é a origem do local de onde vieram realmente os primeiros negros escravos. Os primeiros documentos são lacônicos, falam somente em *gentio da Guiné*, sem mais outro esclarecimento. Sabe-se apenas que a uma vasta área de terra da África, chamavam os portugueses de Guiné, não se tendo notícia de sua divisão geográfica e étnica. Essa confusão durou muito tempo. E para se ter uma ideia disso, basta lembrar que ainda em 1758, quando era vice-rei do Brasil o Conde dos Arcos, este ficou bastante confuso ao receber uma ordem da metrópole, no sentido de só permitir a saída de navios para as ilhas de Cabo Verde e portos da Guiné mediante licença especial de Sua Majestade. Então, diante desse aperto, outra coisa não fez senão dirigir a Tomé Joaquim da Costa Côrte Real um ofício emitido da Bahia com data de 2 de setembro de 1758, indagando o que significava a palavra Guiné. Eis o ofício, na sua essência:

> Em carta de 10 de março deste prezente anno, me aviza V. Ex., que S. M. atendendo a alguns justos motivos que lhe forão prezentes, hé servido que nesta Cidade se não deem despachos aos navios, que os pretendão para irem della em direitura aos *Portos da Guiné e Ilhas de Cabo Verde*, sem especial licença firmada pela real mão do mesmo Senhor.
>
> A execução desta ordem me tem posto em grande duvida, não pelo que pertence às *Ilhas de Cabo Verde* mas porque me não acerto a rezolver quaes sao os porto da *Guiné*, que ficão sendo exclusivos do commercio do moradores desta Cidade, que não aprezentarem licença firmada pela Real mão para o poderem frequentar, porque a palavra Guiné, no sentido em que tomão alguns authores, comprehende não só as Ilhas de S. Thomé, mas tambem muito dos portos da Costa da Mina: exclue porem todos os portos do Reyno da Guíné, e como me

> persuado que esta nova determinação se não dirige a embaraçar a franqueza, com que S. M. tem determinado se continue o commercio da *Costa da Mina* para que eu não haja de contravir a nenhuma das suas reaes ordens especialmente a de 30 de março de 1756, que determina que a respectiva negociação a possão cultivar todas as pessoas que quizerem não só mesmos portos da Costa da Mina, em que d'antes se fazia, mas em todos os de Africa, que ficão de dentro como de fóra do Cabo da Boa Esperança, parece faz preciso, que com mais alguma distinção se me declare quaes são os portos da Guiné, para que não hei de conceder as licenças...[31]

A respeito dessa confusão em torno do que seja Guiné, Luís Viana Filho[32] faz uma tentativa de esclarecimento, aceita com elogios por Maurício Goulart.[33]

Um ponto de vista é quase uniforme entre os historiadores, no que concerne à hipótese de terem vindo de Angola os primeiros escravos, assim como ser de lá a maior safra de negros importados. Angola era o centro mais importante da época e atrás dela, querendo tirar-lhe a hegemonia, estava Benguela. Angola foi para o Brasil o que o oxigênio é para os seres vivos e segundo Taunay,[34] em uma consulta de 23 de janeiro de 1657, os conselheiros da rainha regente, viúva de D. João IV e também membros do Conselho da Fazenda diziam que Angola era o *nervo das fábricas do Brasil*.

---

31 Eduardo de Castro e Almeida, Inventário dos documentos relativos ao Brasil existente no Arquivo de Marinha e Ultramar de Lisboa, organizado para a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro por Eduardo de Castro e Almeida, Tomo I, Bahia, 1613–1762. Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1913, págs. 285-286.

32 Luís Viana Filho, *O Negro na Bahia*. Prefácio de Gilberto Freyre, Livraria José Olímpio Editôra, Rio de Janeiro, 1946, págs. 25-26.

33 Maurício Goulart, *Escravidão Africana no Brasil* (Das origens à extinção do tráfico), 2ª edição, Livraria Martins Editôra, São Paulo, 1950, págs. 185-186.

34 Afonso E. Taunay, *op. cit.*, pág. 211.

O abastecimento em Angola era cousa natural. Além das causas que enumeramos havia ainda outra: era um mercado novo, abundante, fácil. Para ele convergiu o comércio baiano, que, em troca de aguardente, fazendas, miçangas, facas, pólvora, ia buscar negros", afirma Luís Viana Filho, em *O Negro na Bahia*.[35] Toda essa carreira para os portos de Angola era devido à boa qualidade dos escravos, principalmente no que tange a submissão, o que não possuíam os nagôs, que eram chegados à rebeldia e arruaças. Talvez por essa facilidade que existia no mercado de Angola, associada à boa mercadoria, é que os historiadores concluem pelo pioneirismo de Angola na remessa de escravos para o Brasil. Na excelente introdução que dá à edição da *Segunda Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil pelo inquisidor e visitador o licenciado Marcos Texeira/ Livro das Confissões e Ratificações da Bahia: 1618 – 1620*, de Eduardo D'Oliveira França e Sônia A. Siqueira, refutando Luís Viana Filho que, estudando o que chama de *Ciclo de Angola*, admite, do mesmo modo que José Honório Rodrigues,[36] que a superioridade dos negros bantos na Bahia foi no século XVI, argumentando que já entre 1575 e 1591 teriam saído nada menos de 50.053 peças para o Brasil e Índias de Castela. A fonte de informação é o cronista da época Abreu e Brito, em "Um inquérito à vida administrativa e econômica de Angola e do Brasil".[37]

35 Luís Viana Filho, *op. cit.*, pág. 50.

36 José Honório Rodrigues, *Brasil e África: Outro Horizonte*, 2ª edição revista e aumentada. Editôra Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1964, vol. I, pág. 17.

37 *Segunda Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil pelo inquisidor e visitador o licenciado Marcos Teixeira/Livro das Confissões e Retificaçõs da Bahia: 1618 –1620*. Introdução de Eduardo D'Oliveira e Sônia A. Siqueira, *in Anais do Museu Paulista,* São Paulo, 1963, tomo XVII, pág. 218.

Também de opinião de que foi de Angola que nos veio a maior parte dos escravos é Maurício Goulart, porém com a ressalva de que isso só se verificou depois do alvará de D. João III, de 29 de março de 1559.[38]

38 Maurício Goulart, *op. cit.*, pág. 185.

2. O termo capoeira

O vocábulo capoeira foi registrado pela primeira vez em 1712, por Rafael Bluteau[39], seguido por Moraes em 1813, na segunda e última edição que deu em vida de sua obra.[40] Após isso, entrou no terreno da polêmica e da investigação etimológica. A primeira proposição que se tem notícia é a de José de Alencar em 1865, na primeira edição de *Iracema,* repetida em 1870, em *O Gaúcho*[41] e sacramentada em 1878, na terceira edição de *Iracema*. Propôs Alencar para o vocábulo capoeira o tupi *caa-apuam-era,* traduzido por ilha de mato já cortado.[42] Não demorou nada, para que em 1880, dois anos depois, Macedo Soares a refutasse com violência, dizendo que "o nosso exímio romancista sabia muito do idioma português, pouco do dialeto brasileiro e menos ainda da língua dos brasis."[43] O conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan, também Visconde de Beaurepaire Rohan, entre outras centenas de títulos, que em 1879 havia proposto o tupi *co-puera*, significando roça velha, na *Revista Brasileira,*[44] viu-se também criticado pela pena de Macedo Soares. Exteriorizando, assim, sua indignação, brada o velho

39 Raphael Bluteau, *Vocabulário Português e Latino, Coimbra*/No Collegio das Artes da Companhia de Jesus/Ano 1712, vol. II, pág. 129.

40 Antonio de Moraes Silva, *Diccionario da Lingua Portugueza*/Recopilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emmendado e muito accrescentado. Lisboa, na Typographia Lacerdina/Anno de 1813, tomo primeiro, pág. 343.

41 José de Alencar, *O Gaúcho*/Romance Brasileiro, Nova Edição, Livraria Garnier, Rio de Janeiro, s/d, pág. 239.

42 José de Alencar, *Iracema*/Lenda do Ceará, B. L. Garnier, Rio de Janeiro, 3ª edição, 1878, pág. 212.

43 Antônio Joaquim de Macedo Soares, Estudos Lexicográficos do dialeto brasileiro, *in Revista Brasileira*, N. Midosi Editor, Rio de Janeiro, 1880, Primeiro ano, Tomo III, pág. 228.

44 Henrique de Beaurepaire Rohan, Reforma da Ortografia Portuguêsa, *in Revista Brasileira*, N. Midosi, Editor, Rio de Janeiro, 1879, tomo II, pág. 426.

mestre: "Vimos ultimamente uma nova etimologia de *capoeira*, dada pelo Sr. conselheiro Henrique Beaurepaire Rohan, nesta *Revista*, II, 426, a qual nos não parece aceitável. Traz S.Ex.ª *copuera*, roça velha; mas não explica como de *copuera* se fez *capoêra*. Nem se podia, senão por exceção, fazer. Todas as palavras guaranis que começam por *cá*, mato, folha, planta, erva, pau, ao passarem para o português, guardavam a sílaba *cá*, sem corrupção. E não podia deixar de guardar, por ser parte substancial dos compostos que assim ficaram constituídos como palavras inteiras. E vice-versa, nas palavras portuguesas começadas por *cá* derivadas do guarani, significando coisa de mato, folha, pau, planta ou erva, o *cá* e o guarani *caá*. Não há exceção, e os exemplos formigam."[45] Com isso ficou aberta a polêmica entre Beaurepaire Rohan e Macedo Soares. Desse modo, sem perda de tempo, no mesmo ano, porém no volume terceiro da *Revista Brasileira*, Beaurepaire Rohan, com um artigo intitulado "Sobre a etimologia do vocábulo brasileiro capoeira", dá a seguinte lição: – "Na *Revista Brasileira* de 15 de fevereiro último sob o título "Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro", discute o Sr. Dr. Macedo Soares a etimologia e a significação dos vocábulos capão, capoeira, restinga."

> Neste meu ligeiro escrito não me ocupei senão do vocábulo *capoeira*, atendendo a que a etimologia que dele apresentei não parece aceitável ao ilustre filólogo. Entremos na matéria.
>
> Diz o Sr. Dr. Macedo Soares que "Capuêra, Capoêra é pura e simplesmente o guarani *caá-puêra*, mato que foi, atualmente mato miúdo que nasceu no lugar do mato virgem que se derrubou".

45 Antônio Joaquim de Macedo Soares, *op. cit.*, pág. 228.

E mais adiante: "*Capoeira* ou *caá-puêra* significa mato virgem que já não é, que foi botado abaixo, e em seu lugar nasceu mato fino e raso."

Tão defeituosa definição que prova que o Sr. Dr. Macedo Soares ainda não compreendeu bem o sentido genuíno do adjetivo *puêra*.

Puêra não pode significar ao mesmo tempo o que foi e o que é, o passado e o presente. *Puêra* é sempre a expressão do pretérito.

E se *caá-puera* significa *mato que deixou de existir,* seria um verdadeiro contrassenso estender semelhante significação a um acidente florestal que vive em plena atualidade, bem patente aos olhos e ao alcance de todos.

Caá-puera não pode portanto ser a etimologia de *capoeira*. Outra devemos procurar e a encontraremos, sem a menor dúvida, no vocábulo *có-puera*.

Se no sentido de *roça que deixou de existir* tem esse vocábulo uma significação diversa daquela que ligamos a *capoeira,* é todavia fácil reconhecer o motivo da confusão. Atenda-me o Sr. Dr. Macedo Soares.

Logo que uma roça é abandonada, aparece nela uma vegetação espontânea que se desenvolve a ponto de formar um mato. É esse o mato de *coó-puera*, que mais tarde se chamou mato de capuera como ainda hoje o dizem muitos íncolas, e finalmente por abreviação, *capoeira* que é a expressão mais usual. Essa transformação de *copuêra* em *capoeira*, que tão estranha parece ao distinto literato,

é devida, pura e simplesmente, à semelhança dos dois vocábulos, semelhança que facilitou a mudança do *o* em *a*. São muitos os casos em que tais substituições se têm operado sem quebra da primitiva significação de um vocábulo. É assim que *tobatinga* se transformou em *tabatinga*; *tabajara* em *tobajara*; *caryboca* em *coriboca* ou *curiboca*; e finalmente na própria língua portuguesa *devação* em *devoção*. Já vê o ilustre Sr. Macedo Soares que, por este lado, não pode haver a menor dificuldade em admitir que a antiga *copêra* seja a *capoeira* de agora. É isto mais simples do que a metamorfose de *âruâ* em *aluá*.

Nas relações vulgares estão de há muito perdidas as tradições etimológicas de *capoeira*. Por mato de capoeira ou simplesmente capoeira, entendemos, atualmente, todo e qualquer mato de medíocre estatura, quer se desenvolva em roças abandonadas, quer substitua a mata virgem que se derrubou, quer enfim cubra terrenos onde não haja vestígios quaisquer nem de roças nem de matas primitivas. São sempre matos mais ou menos enfezados, que aliás vão com o tempo adquirindo certas proporções, passam ao estado de capoeirões, e, dentro de algumas dezenas de anos, acabam por constituir florestas que se confundem perfeitamente com as matas antigas. É o que, por exemplo, se observa nas extintas missões jesuíticas de Guayra. Não sei se me exprimi de modo a convencer o Sr. Dr. Macedo Soares. Em todo caso felicito-me por ter tido a oportunidade de

> discutir com um literato tão estimável qual sempre o considerei. E para lhe dar mais uma prova do meu interesse pelo trabalho lexicográfico que tem entre mãos, acrescentarei que *tiguéra* não tem a significação de roça velha. Aquele vocábulo refere-se especialmente ao restolho de um milharal. No Rio de Janeiro lhe chamam *palhada*, e em certos lugares de Minas Gerais *palha*. Soltar os animais na palha, na palhada, no restolho ou na tiguéra é uma e a mesma coisa.
>
> É quanto me cumpria dizer.[46]

Ao lado dessa polêmica, as investigações prosseguiram e proposições novas surgiram. Ainda no século passado se lê na *Poranduba Amazonense*[47] a forma *caápoêra*, assim como se vê o Visconde de Porto Seguro,[48] depois de discorrer em torno das acepções dos vocábulos *capão* e *capoeira*, aconselhar se escreva *capoêra*.

Atualmente são quase unânimes os tupinólogos em aceitarem o étimo *caá*, mato, floresta virgem, mais *puêra*, pretérito nominal que quer dizer *o que foi, o que não existe mais*, étimo este proposto em 1880 por Macedo Soares.[49] Portanto, pensando assim, estão Rodolfo

46 Henrique de Beaurepaire Rohan, "Sôbre a etmologia do vocábulo brasileiro capoeira", *in Revista Brasileira*, N. Midosi Editor, Rio de Janeiro, 1880 – Primeiro ano – Tomo III, págs. 390-392.

47 J. Barbosa Rodrigues, *Poranduba Amazonense ou Kochiyma-Uara Poranduba* –1872/1877, Tipografia de Leuzinger & Filhos, Rio de Janeiro, 1890, 1890, pág. 79.

48 Visconde de Pôrto Seguro, História Geral do Brasil/Antes da sua separação e independência de Portugal. Em casa de E. & Laemmert,Rio de Janeiro, 2ª edição, s/d, vol. I, pág. 8.

49 Antônio Joaquim de Macedo Soares, *op. cit.*, pág. 228.

Garcia,[50] Stradelli,[51] Teodoro Sampaio,[52] Tastevin[53] e Friederici que, além de reconhecer um mesmo étimo para tupi e para língua geral, define como "Stellen und Streken ehemaligen Urwaldes, die Wieder mit Jungholz-Neuwuchs besidelt sind".[54] Afora Montoya que em 1640 propôs, *cocûera*, "chacara vieja dexada ya",[55] Beaurepaire Rohan[56] propôs, em 1879, a forma *co-puera*, roça velha. Em nossos dias, pensa assim Frederico Edelweiss que, em nota ao livro de Teodoro Sampaio, O *Tupi na Geografia Nacional*, refutou o étimo corrente, para dizer que "essa opinião errônea é muito espalhada. *Capueira* vem de *kopûera* – roça abandonada da qual o mato já tomou conta. A troca do *o* para *a* deve-se à influência da palavra mais corrente *káá*, mato. Entretanto, o índio nunca chamaria ao *mato novo* de antigo roçado *kaá-pûera – mato extinto*, quando a capoeira é, na verdade, um mato renascido".[57]

---

50 Rodolfo Garcia, *Dicionário de brasileirismos* (peculiaridades pernambucanas), Rio de Janeiro, 1915, pág. 69.
_____ Rodolfo Garcia, *Nomes geográficos peculiares ao Brasil, in Revista de Língua Portuguêsa*/Arquivo de estudos relativos ao idioma e literatura nacionais, dirigida por Laudelino Freire, nº 3 – Janeiro 1920, pág. 164.

51 E. Stradelli, *Vocabulário da Língua Geral Português-Nheêngatu e Nheêngatu-Português*/ Precedidos de um esbôço de Gramática Nheêngatu/Precedidos de um esboço de Gramática Nheêngatu-umbnê-sáua-miri e seguidos de contos em língua geral nheêngatu-poranduua. Rio de Janeiro, 1927, pág. 397.

52 Teodoro Sampaio, *O tupi na geografia nacional*, 4ª edição, Câmara Municipal do Salvador / Introdução e notas de Frederico G. Edelweiss, Salvaldor, 1955, pág. 107.

53 Constantino Tastevin, Vocabulário Tupy–Portuguez, *in Revista do Museu Paulista*, Oficinas do "Diário Oficial", São Paulo, 1922,Tomo XIII, pág. 613.
_____ Gramática da Língua Tupy, *in Revista do Museu Paulista*, Oficinas do "Diário Oficial", São Paulo, 1922, tomo XIII, pág. 565.

54 Georg Friederici, *Amerikanistisches Wörterbuch und Hilfstwörterbuch für den Amerikanisten,* 2. Auflage, Cram, de Gruyter & Co., Hamburg, 1960, pág. 131.

55 Antonio Ruiz de Montoya, *Vocabulario y tesoro de la lengua guarani, ó mas bien tupi, en dos partes:* I. Vocabulario español-guarani (ó tupi). II. Tesoro guarani (ó tupi) - español. Nueva edicion, más correcta y esmerada que la primera, y con las voces indias en tupi diferente. Faesy y Frick, Viena-Maisonneuve y Cie, Paris, 1876, pág. 98.

56 Henrique de Beaurepaire Rohan, *in op. cit.*, pág. 426.

57 Frederico G. Edelweiss, *in* Teodoro Sampaio, *O Tupi na Geografia Nacional*, *op. cit.*, pág.107 – nota

Existe no Brasil uma ave chamada *capoeira* (*Odontophorus capueira, Spix*), que além de ser encontrada no Paraguai se acha espalhada no sul da Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais, sul de Goiás, sudoeste de Mato Grosso, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.[58] É também chamada *uru*, "uma espécie de perdiz pequena, anda sempre em bandos, e no chão".[59] É mencionada frequentemente nas obras dos viajantes, mui especial na do Príncipe de Wied-Neuwied.[60] Depois de dizer que o canto da capoeira só é ouvido ao amanhecer e ao anoitecer, Macedo Soares, transcrevendo Wappoeus informa que a referida ave é uma "pequena perdiz de voo rasteiro, de pés curtos, de corpo cheio, listrado de amarelo escuro, cauda curta e que habita em todas as matas. Tem um canto singular, que é antes um assobio trêmulo e contínuo do que canto modulado. É também caça muito procurada e que se domestica com facilidade".[61] No mesmo local, Macedo Soares informa que o canto da capoeira era utilizado através do assobio pelos caçadores no mato como chama, e os moleques pastores ou vigiadores de gado para chamarem uns aos outros e também ao gado. Dessa forma o moleque ou o escravo que assim procedia era chamado *capoeira*.

Ainda com ligações à ave, é Nascentes que em 1955, na *Revista Brasileira de Filologia*, apresenta uma proposição diferente da que deu

---

58 Olivério M. de Oliveira Pinto, "Catálogo das aves do Brasil e lista dos exemplares que as representam no Museu Paulista", *in Revista do Museu Paulista*, São Paulo, Tomo XXII, 1938, págs. 104-105.
_____Carlos Octaviano da C. Vieira, "Nomes vulgares de aves do Brasil", *in Revista do Museu Paulista*, São Paulo, 1936, Tomo XXII, pág. 452.
_____Hermann von Ihering e Rodolfo von Ihering, *As Aves do Brasil (Catálogo da Fauna Brasileira)*, ed. Museu Paulista, Tipografia do Diário Oficial, São Paulo, 1907, vol. I, pág. 18.
_____Rodolfo von Ihering, *Dicionário dos Animais do Brasil*, São Paulo, 1940, págs. 823-825.

59 Manuel Aires de Casal, *Corografia Brasílica ou Relação Histórica-Geográfica do Reino do Brasil,* Edições Cultura, São Paulo, 1943, Tomo II, pág. 122.,

60 Wied-Neuwied, *Viagem ao Brasil*. Tradução de Edgar Süssekind de Mendonça e Flavio Poppe de Figueiredo, 2ª edição refundida e anotada por Olivério Pinto, Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 1958, págs. 188, 242-243 e 365.

61 Antônio Joaquim de Macedo Soares, *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa*/Elucidário etimológico crítico das palavras e frases que, originárias do Brasil, ou aqui populares, se não encontram nos dicionários da língua portuguêsa ou nêles vem com forma ou significação diferente –1875-1888/Coligido, revisto e completado por seu filho Julião Rangel de Macedo Soares, Rio de Janeiro, 1954, vol. I, págs. 106-107.

à luz em 1932, em seu *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* e em 1943, quando concluiu a redação da última ficha do dicionário que a Academia Brasileira de Letras lhe encomendara. Nascentes ao explicar como o jogo de capoeira se liga à ave, informa que o macho da capoeira é muito ciumento e por isso trava lutas tremendas com o rival, que ousa entrar em seus domínios. Partindo dessa premissa, explica que "Naturalmente, os passos de destreza desta luta, as negaças, foram comparadas com os destes homens que na luta simulada para divertimento lançavam mão apenas da agilidade".[62]

Ao lado do vocábulo genuinamente brasileiro de origem tupi, há o português, significando entre outras coisas *cesto para guardar capões*, já com abonações clássicas, como a que se segue de Fernão Mendes Pinto, onde o vocábulo aparece bem caracterizado: –"E pondo recado & boa vigia no que convinha, nos deixamos estar esperando pela manham; & ás duas horas despois da meya noite enxergamos ao Orizonte do mar tres cousas pretas rentes com a agoa, & chamamos logo o Capitão q̃ a este tẽpo estava no conves deitado encima de hũa capoeyra, & lhe mostramos o q̃ viamos, o qual tanto q̃ o vio tambẽ, se determinou muyto depressa, & bradou por tres ou quatro vezes, armas, armas, o que logo se satisfez em muyto breve espaço."[63] Daí Adolfo Coelho[64] derivar o vocábulo de *capão* mais o sufixo *eira*, seguido por Cortesão.[65] Nascentes, no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*[66] segue as

62 Antenor Nascentes, "Três brasileirismos", *in Revista Brasileira de Filologia*, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1955, vol. I, pág. 20.

63 Fernam Mendes Pinto, *Peregrinação*. Nova edição, conforme a de1614 preparada e organizada por A.J. da Costa Pimpão e César Pegado. Portucalense Editôra, Pôrto, 1944, vol. II, pág. 33.

64 Francisco Adolfo Coelho, *Dicionário Manual Etimológico da Língua Portuguêsa*/contendo a significação e prosódia. P. Plantier-Editôra, Lisboa, s/d., pág. 204.

65 A. A. Cortesão, *Subsídios para um Dicionário Completo(Histórico–Etimológico) da Língua portuguêsa*/compreendo a etimologia, as principais noções de leis fonéticas, muitos elementos de dialetologia e de onomatologia, tanto toponímica como antroponímica, arcaísmos, neologismos, etc. França Amado-Editor, Coimbra, 1901, vol. II, pág. 25 (Aditamento).

66 Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguêsa* – com prefácio de W. Meyer–Lübke, Rio de Janeiro, 1932, pág. 151.

pegadas de Adolfo Coelho, limitando-se a fazer a derivação do vocábulo sem mais nenhuma explicação. Entretanto já no *Dicionário da Língua Portuguesa* elaborado pela Academia Brasileira de Letras,[67] inclui sob a mesma origem, capoeira (jogo) e capoeira o homem que pratica o jogo da capoeira, sem contudo ainda explicar o que determinou o étimo.

Tendo como base *capão*, do qual Adolfo Coelho tirou o étimo de capoeira para o português, Beaurepaire Rohan faz o mesmo para o vocábulo capoeira na acepção brasileira, apresentando em defesa de sua opinião a seguinte explicação: — "Como o exercício da capoeira, entre dois indivíduos que se batem por mero divertimento, se parece um tanto com a briga de galos, não duvido que este vocábulo tenha sua origem em *Capão*, do mesmo modo que damos em português o nome de capoeira a qualquer espécie de cesto em que se metem galinhas".[68] Brasil Gerson, o historiador das ruas do Rio de Janeiro,[69] fazendo a história da rua da Praia de D. Manoel, mais tarde simplesmente rua de D. Manoel, informa que lá ficava o nosso grande mercado de aves e que nele nasceu o jogo de capoeira, em virtude das brincadeiras dos escravos que povoavam toda a rua, transportando nas cabeças as suas capoeiras cheias de galinhas. Partindo dessa informação é que o pioneiro de nossos estudos etimológicos, o ilustre mestre Antenor Nascentes, se escudou para propor novo étimo para o vocábulo capoeira designando o jogo atlético, assim como o praticante do mesmo. Por carta de 22 de fevereiro de 1966, que tive a honra de receber, Nascentes deixa bem claro o seu pensamento: — "A etimologia que eu hoje aceito para Capoeira é a que vem no livro de Brasil Gerson sobre as ruas do Rio de Janeiro.

67 Academia Brasileira de Letras, *Dicionário da Lingua Portuguêsa* elaborado por Antenor Nascentes, Departamento de Imprensa Nacional, 1964, Tomo I, pág. 386.

68 Beaurepaire Rohan, *Dicionário de vocábulos brasileiros*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1889, págs. 35-36.

69 Brasil Gerson, *História das ruas do Rio de Janeiro*, 3ª edição revista e aumentada, Editôra Souza, Rio de Janeiro, pág. 31.

Os escravos que traziam capoeiras de galinhas para vender no mercado, enquanto êle não se abria, divertiam-se jogando capoeira. Por uma metonímia *res pro persona*, o nome da coisa passou para a pessoa com ela relacionada".[70] Como se vê, as proposições divergem umas das outras, fazendo com que não se tenha uma doutrina firmada sobre este ou aquele étimo. Creio que só se pode pensar em nova proposição com o desenvolvimento dos estudos sobre o negro no Brasil, o que, praticamente, está por se fazer. Caso contrário, estaremos sempre construindo algo sem ter alicerces para plantar, que no caso seria o conhecimento de novos documentos, relativos ao negro.

O vocábulo capoeira, em suas diversas acepções está espalhado em todo o território nacional como no Amazonas,[71] Pará,[72] Maranhão,[73] Ceará,[74] Paraíba,[75] Pernambuco,[76] Rio de Janeiro,[77] Goiás,[78] Rio Grande do Sul.[79] De um modo geral, está registrado em glossários regionais

---

70 Antenor Nascentes, Carta ao autor de 22/2/66 – Rio de Janeiro.

71 Raimundo de Moraes, *O meu dicionário de cousas da Amazônia*, Rio de Janeiro, 1931, vol. I, pág. 108.

72 Vicente Chermont de Miranda, *Glossário paraense* ou *coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à ilha de Marajó*, Livraria Maranhense, Pará, 1905, pág. 21.

73 César de Augusto Marques, "Poranduba Maranhense ou Relação da província do Maranhão/Em que se dá notícia dos sucessos mais célebres que nela tem acontecido desde o seu descobrimento até o ano de 1820, como também das suas principais produções naturais, etc., com um mapa da mesma província e de um dicionário abreviado da língua geral do Brasil", *in Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tipografia e Encadernação a vapor de Laemmert & C., Rio de Janeiro, 1891, Tomo LIV – Parte I, pág. 141.

74 Florival Seraine, *Dicionário de Têrmos Populares* (registrado no Ceará), organização Simões Editôra, Rio de Janeiro, 1958, pág. 60.

75 L.F.R. Clerot, *Vocabulário de Têrmos Populares e Gírias da Paraíba* / (Estudo de glotologia e semântica paraibanas), 1ª edição, Rio de Janeiro, 1959, págs. 34-35.

76 F. J. Pereira da Costa, "Vocabulário pernambucano", *in Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*, vol. XXXIV, Pernambuco, 1937, págs. 190-192.

77 Antenor Nascentes, *O Linguajar Carioca*, 2ª edicão completamente refundida, Edições da Organização Simões, Rio de Janeiro, 1943, pág. 188.

78 José A. Teixeira, *Estudos de Dialetologia Portuguêsa/Linguagem de Goiás,* Editôra Anchieta, São Paulo, 1944, vol. II, IV parte (Glossário regional).

79 Antônio Álvares Pereira Coruja, *Coleção de Vocábulos e Frases Usados na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul no Brasil*, Trubner e Comp., Londres, 1856, pág. 9.

e especializados, como no de Clado Ribeiro Lessa,[80] Teschauer,[81] Viotti,[82] Agenor Lopes de Oliveira,[83] Nascentes,[84] Bernardino José de Souza,[85] Cascudo,[86] Plínio Ayrosa,[87] Rodolfo Garcia,[88] e outros. É bom lembrar, aqui, que, dentre os brasileirismos que Alberto Bessa inclui na sua *A Gíria Portuguesa*, está o vocábulo *capoeira* que ele define como "jogo de mãos, pés e cabeça, praticado por vadios de baixa esfera (gatuno)".[89]

---

80 Clado Ribeiro Lessa, *Vocabulário de Caça*/contendo os têrmos clássicos portuguêses de cinegética geral, os relativos à falcoaria, e os vocábulos e expressões de uso peculiar ao Brasil, Companhia Editôra Nacional São Paulo, 1944, pág. 49.

81 Carlos Teschauer, *Nôvo Vocubulário Nacional* / IIIª série das apostilas ao *Dicionário de Vocábulos Brasileiros*. Barcellos Bertoso & Cia. – Livraria do Globo, Porto Alegre, 1923, pág. 109.

82 Manuel Viotti, *Nôvo Dicionário da Gíria Brasileira*, 3ª edicão, Livraria Tupã, s/d., pág. 99.

83 Agenor Lopes de Oliveira, *Toponímia Carioca*, ed. Prefeitura do Distrito Federal, s/d., págs. 115, 181, 259-260.

84 Antemor Nascentes, *A Gíria Brasileira,* Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1953, pág. 33.

85 Bernardino José de Souza, *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil*/Onomástica geral da Geografia Brasileira, 3ª edição, Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 1961, pág. 87.

86 Luís da Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, 2ª edição revista e anotada, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1962, págs. 181-182.

87 Plínio Ayrosa, *Têrmos Tupis no Português do Brasil*, Emprêsa Gráfica da Revista dos Tribunais, São Paulo, 1937, págs. 105-120.

88 Rodolfo Garcia, *Dicionário de Brasileirismos* (peculiaridades pernambucanas), Rio de Janeiro, 1915, pág. 69.

_____Rodolfo Garcia, "Nomes geográficos peculiares ao Brasil", *in Revista de Língua Portuguêsa*/ Arquivo de estudos relativos ao idioma e literatura nacionais, dirigida por Laudelino Freire, nº 3 – janeiro, 1920, pág. 164.

89 Alberto Bessa, Alberto, *A Gíria Portuguêsa* /Esbôço de um dicionário de "calão" contendo uma longa cópia dos têrmos e frases empregados na linguagem popular de Portugal e do Brasil, com as respectivas significações colhidas na tradição oral e em documentos, livros e jornais antigos e modernos, incluindo muitas palavras ainda não citadas como de "gíria" em dicionário algum, por Alberto Bessa, com prefácio do ilustre Professor Dr. Theophilo Braga, Livraria Central de Goes de Carvalho, Lisboa, 1901, pág. 7.

Semanticamente falando, o vocábulo existe nas mais variadas acepções, as quais vão adiante:

Capoeira, s.f.– Espécie de cesto feito de varas, onde se guardam capões, galinhas e outras aves.
Capoeira, s.f.– Local onde fica a criação.
Capoeira, s.f.– Carruagem velha.[90]
Capoeira, s.f.– Tipóia.[91]
Capoeira – Termo de fortificação, designando a escavação no fundo de um poço seco, guarnecida de um parapeito com seteiras e de um teto de franchões, sobre que se deita uma grossa camada de terra.[92]
Capoeira, s.f.– Espécie de cesto com que os defensores duma fortaleza resguardam a cabeça.[93]
Capoeira, s.f.– Designa uma peça de moinho.[94]
Capoeira, s.f.– Mato que foi cortado.
Capoeira, s.f.– Lenha que se retira da capoeira, lenha miúda.[95]
Capoeira,s.f.– Designa uma ave (Odontophorus capueira, Spix), também conhecida pelo nome de *Uru*.
Capoeira, s.f.– Espécie de jogo atlético.
Capoeira açu, s.f.– Chamam-se, no Maranhão, a capoeira que tem mais de 12 anos.
Capoeira mirim, s.f.– Chamam-se, no Maranhão, a capoeira que tem menos de 12 anos.
Capoeira grossa, s.f.– Capoeira onde já existem árvores grandes e grossas.

90 F. J. Caldas Aulete, *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguêsa*/feito sôbre um plano inteiramente novo, Imprensa Nacional, Lisboa, 1881, pág. 282.

____ Laudelino Freire, *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguêsa*/organizado por Laudelino Freire com a collaboracão técnica do Profesor J. L. de Campos, A Noite Editôra, Rio de Janeiro, *op. cit.*, 1941, vol. II, pág. 1.238.

91 F. J. Caldas Aulete, *op. cit.*, 1941, vol. II, pág. 282.

92 Raphael Bluteau, *op. cit.*, 1712, vol. II, pág. 129.

93 Laudelino Freire, *op. cit.*, 1941, vol. II, pág. 1.238.

94 A. R. Gonçalves Viana, *Apostilas aos Dicionários Portuguêses*, Livraria Clássica Editôra – A. M. Teixeira & Cia., Lisboa, 1906, vol II, pág. 229.

95 Plínio Ayrosa, *op. cit.*, pág. 12.

Capoeira rala, s.f.– Capoeira que se corta constantemente.
Capoeira de machado, s.f.– Capoeira de grandes arbustos que só pode ser cortada com machado. Em Pernambuco é chamado *capoeirão de machado*.[96]
Capoeira de foice, s.f.– Capoeira que pode ser cortada com a foice.[97]
Capoeira, s.m.– O que pertence ao jogo da capoeira.
Capoeira, s.m.– Indivíduo desordeiro.
Capoeira, s.m.– Ladrão de galinha.
Capoeira, s.m.– Espécie de veado existente no Nordeste.[98]
Capoeira, s.m.– Matuto, indivíduo na capoeira.[99]
Capoeirão, s.m.– Homem velho e pacato pela idade.
Capoeirão, s.m.– Capoeira bastante grossa.
Capoeirano s.m.– Termo usado no Recôncavo da Bahia para designar o habitante em terras de capoeira.[100]
Capoeirada, s.f.– Conjunto de capoeiras.
Capoeiragem, adj.– Ato de capoeira.
Capoeiroso, adj.– Relativo à capoeira.[101]
Capoeirar, v.– Burlar intentos, ladinar, enganar.[102]
Capoeirar, v.– Prender aves em grandes cestos ou capoeiras.
Capoeirar, v.– Andar pelas capoeiras.
Encapoeirar, v.– O mesmo que capoeirar.
Encapoeirado, adj.– Metido na capoeira, escondido na região das capoeiras.
Encapoeirado, adj.– Terreno já coberto de capoeira.

96 Rodolfo Garcia, *op. cit.,* pág. 69.

97 Domingos Vieira, *Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguêsa*, Editôres Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, Pôrto, 1873, vol. II, pág. 96.

98 Gustavo Barroso, *Terra do Sol* (Natureza e costumes do Norte), 5ª edição, Livraria São José, Rio de Janeiro, 1956, pág. 49.

99 Plínio Ayrosa, *op. cit.*, pág. 117.

100 Bernardino José de Souza, *op. cit.*, págs. 86-87.

101 Carlos Teschauer, *op. cit.*, pág. 109.

102 Plínio Ayrosa, *op. cit.*, pág. 118.

3. A capoeira

Antes de entrar no estudo da capoeira propriamente dita, é necessário responder à pergunta anteriormente formulada, indagando se os africanos trouxeram a capoeira da África, especificamente de Angola, ou a inventaram no Brasil.

Quando examinei o problema do tráfico de escravos africanos para o Brasil, falei da dificuldade em se afirmar, com precisão, a data da chegada dos primeiros escravos e a sua procedência, em virtude de escassez, no momento, de documentos. Entretanto, falei da tendência dos historiadores e africanistas, tomando come base poucos e raros documentos conhecidos, em se fixarem como sendo de Angola os primeiros negros aqui chegados, assim como ter o grosso de nossos escravos escoados dos portos de São Paulo de Luanda e Benguela. Ao lado disso a gente do povo e sobretudo os capoeiras falam todo o tempo em *capoeira Angola*, mui especialmente quando querem distinguí-la da *capoeira regional*, de que falarei no lugar oportuno. Ora, tudo isso seria um pressuposto para se dizer que a capoeira veio de Angola, trazida pelos negros de Angola. Mas, mesmo que se tivesse notícia concreta da existência de tal folguedo por aquelas bandas, ainda não era argumento suficiente. Está documentado, e sabido por todos, que os africanos uma vez livres e os que retornaram às suas pátrias levaram muita coisa do Brasil, coisas não só inventadas por eles aqui, como assimiladas do índio e do português. Portanto, não se pode ser dogmático na gênese das coisas em que é constatada a presença africana; pelo contrário, deve-se andar com bastante cautela.

No caso da capoeira, tudo leva a crer seja uma invenção dos africanos do Brasil, desenvolvida por seus descendentes afro-brasileiros, tendo em vista uma série de fatores colhidos em documentos escritos e sobretudo

no convívio e diálogo constante com os capoeiras atuais e antigos que ainda vivem na Bahia, embora, em sua maioria, não pratiquem mais a capoeira, devido à idade avançada. Em livro recentíssimo, Luís da Câmara Cascudo defende a estranha tese que "Existe em Angola a nossa Capoeira nas raízes formadoras e é, como supunha, uma decorrência de cerimonial de iniciação, aspecto que perdeu no Brasil".[102a] Lamentavelmente, o raciocínio e documentação que passa a desenvolver, para explicar sua proposição, não convencem, devendo-se, portanto, tomar conhecimento da referida tese, com bastante reserva, até que seu autor a elucide com mais desenvoltura e rigorosa documentação, dando o caráter científico que o problema está a exigir. Não tenho documentação precisa para afirmar, com segurança, terem sido os negros de Angola os que inventaram a capoeira ou mais especificamente *capoeira Angola*, não obstante terem sido eles os primeiros negros a aqui chegarem e em maior número dentre os escravos importados, e também as cantigas, golpes e toques falarem sempre em Angola, Luanda, Benguela, quando não intercalados com termos em língua bunda. Por outro lado, há também a maneira de ser desses negros, muito propensa aos folguedos, sobretudo dessa espécie. Braz do Amaral,[103] dentre outros, afirma que os negros de Angola eram insolentes, loquazes, imaginosos, sem persistência para o trabalho, porém férteis em recursos e manhas. Tinham mania por festa, pelo reluzente e o ornamental. Seu pendor para festa, fertilidade de imaginação e agilidade eram o suficiente para usarem e abusarem dos folguedos conhecidos e inventarem muitos outros. Além da sua capacidade de imaginação, buscaram os negros elementos de outros folguedos e de coisas outras do quotidiano para inventarem novos folguedos, como teria sido o caso da capoeira. Para princípio de argumentação, quero citar a capoeira de Mestre Bimba

102ª Luís da Câmara Cascudo, *Folclore do Brasil*/Pesquisa e Notas. Editôra Fundo de Cultura, Brasil-Portugal, 1967, pág. 183.

103 Braz do Amaral, Os grandes mercados de escravos africanos. As tribos importadas. Sua distribuição regional*, in Fatos da Vida do Brasil*, Tipografia Naval, Bahia, 1941, pág. 126.

chamada *capoeira regional* e tida por todos como uma outra capoeira, distinta da que geralmente se chama *capoeira Angola*.

A capoeira é uma só, com ginga e determinado número de toques e golpes, que servem de padrão a todos os capoeiras, enriquecidos com criações novas e variações sutis sobre os elementos matrizes, mas que não os descaracterizam e interferem na sua integridade. Apenas o que houve na capoeira dita regional, foi que o Mestre Bimba a desenvolveu, utilizando elementos já conhecidos dos seus antepassados e enriquecendo com outros a que não lhes foi possível o acesso. Mesmo assim, os elementos novos introduzidos, são facilmente reconhecidos e distintos dos tradicionais, como é o caso dos *golpes ligados* ou *cinturados*, provenientes dos elementos de lutas estrangeiras, o que não se verifica nos golpes tradicionais, onde os capoeiras não se ligam e mal se tocam. Portanto, não tem o menor fundamento a afirmativa de Edison Carneiro, em *Negros Bantos*,[104] repetida, vinte anos mais tarde, em *A Sabedoria Popular*,[105] de que há nove modalidades de capoeira, passando em seguida a enumerá-las. O que houve foi uma bruta confusão feita por Edison Carneiro, misturando golpes de capoeira com toques de berimbau, chamando a isso modalidades de capoeira. Lastimável é que esse erro vem sendo repetido por quantos o copiam e o mais recente foi Dias Gomes, no texto que escreveu para a gravação de capoeira da Editôra Xauã, muito embora não diga que copiou dos livros de Edison Carneiro.

Num dos diálogos que mantive com o Mestre Bimba, perguntei-lhe por que inventou a *capoeira regional*, no que me respondeu que achava a capoeira Angola muito fraca, como divertimento, educação física e ataque e defesa pessoal. Então indaguei o que utilizou para fazer a que chamou de regional, que considerou forte e capaz de preencher os requisitos que a capoeira Angola não preenche. Respondeu-me que se valeu de

104 Edison Carneiro, *Negros Bantos*/notas de etnografia religiosa e de folclore, Civilização Brasileira, S/A. Editôra, Rio de Janeiro, 1937, pág. 149.

105 Edison Carneiro, *A Sabedoria Popular*, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1957, pág. 199.

golpes de batuque, como *banda armada*, *banda fechada*, *encruzilhada*, *rapa*, *cruze de carreira* e *baú*, assim como detalhes da coreografia de *maculêlê*, de folguedos outros e muita coisa que não se lembrava, além dos golpes de luta greco-romana, jiu-jítsu, judô e a savata, perfazendo um total de 52 golpes. Logo não está fora de propósito a etimologia de capoeira apresentada por Nascentes,[106] tomando como base nome de uma ave chamada capoeira, justificando a sua proposição no fato do macho, ao menor indício da presença do seu rival, ir de encontro ao mesmo e travar lutas tremendas, lutas essas que foram comparadas com as que simulavam os capoeiras para se divertirem. Eu vou mais adiante, dizendo mesmo que os negros poderiam muito bem ter extraído golpes ou detalhes de golpes, para a invenção do folguedo e que poderia perfeitamente chamar de capoeira a um jogo, em função de uma ave com esse nome, da qual lhe extraíra alguns elementos para a sua invenção.

Outro fato importante é o resultado da *enquete* que fiz com vários capoeiras antigos e modernos, e verifiquei que quase todos eles possuem um ou mais golpes ou toques diferentes dos demais, inventados por eles próprios, ou então herdados de seus mestres ou de outros capoeiras da suas ligações, isso sem falar na interpretação pessoal, embora sútil, que dão aos golpes e toques, de um modo geral, e o golpe pessoal que todo capoeira guarda consigo, para ser usado no momento necessário. O texto descritivo de capoeira mais antigo que se tem notícia é o que está nas *Festas e Tradições Populares do Brasil* de Melo Morais Filho. Pois bem, os golpes aí referidos são, na sua quase totalidade, desconhecidos dos capoeiras da Bahia, como é o caso do *tronco*, *raiz*, *fedegoso*, *pé de panzina*, *caçador*, *passo a dois* e outros,[107] golpes esses e muitos que Melo Morais Filho não teve conhecimento, ou simplesmente não mencionou, mas que foram criações de capoeiras ou maltas de capoeiras do Rio de Janeiro de

106 Antenor Nascentes, "Três brasileirismos", *in Revista Brasileira de Filologia*, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, vol. I, pág. 20.

107 Melo Morais Filho, *Festas e Tradições Populares do Brasil*/Revisão e notas de Luís da Câmara Cascudo, F. Briguiet & Cia., Editôres, Rio de janeiro, 3ª edição, 1946, pág. 448.

seu tempo, extraídos da imaginação e de elementos que lhes vinham à frente. Segundo fui informado, existiu no Rio de Janeiro um velho mestre de capoeira baiano, conhecido por Sinhozinho (Agenor Sampaio), do qual ainda existem alunos, com academia de capoeira, utilizando-se de alguns dos golpes referidos por Melo Morais Filho. Em nossos dias, Lamartine Pereira da Costa, oficial da Marinha e também professor de Educação Física da referida corporação, e Inezil Penna Marinho, publicando o primeiro *Capoeiragem/A arte de defesa pessoal brasileira*, reeditado em 1962 com o título de *Capoeira sem Mestre* e o segundo *Subsídios para o Estudo da Metodologia do Treinamento da Capoeiragem* e mais adiante, *Subsídios para a História da Capoeiragem no Brasil*,[108] por sinal os primeiros trabalhos que se publicam no gênero. Para a confecção do trabalho, que é de caráter puramente técnico, isto é, preocupando-se exclusivamente com o aprendizado dos golpes, Lamartine Pereira da Costa encontrou dificuldade no que se refere à bibliografia sobre o assunto. Então, segundo declara no prefácio, resolveu basear-se na tradição oral e no que pode arrancar de velhos capoeiras do Rio de Janeiro e da Bahia e o resultado é que catalogou golpes, à exceção dos tradicionais, totalmente desconhecidos dos mestres capoeiras da Bahia. Há ainda outra coisa importante no desenvolvimento da capoeira: é que, dentro das limitações das regras de jogo, o capoeira tem liberdade de criar, na hora, golpes de ataque e de defesa conforme seja o caso, que nunca foram previstos e sem nome específico e que após o jogo ele próprio não se lembra mais do tipo de expediente que improvisou. No jogo da capoeira vai muito de pessoal.

Portanto, a minha tese é a de que a capoeira foi inventada no Brasil, com uma série de golpes e toques comuns todos os que a praticam e que os seus próprios inventores e descendentes, preocupados com o seu

108 Lamartine Pereira da Costa, *Capoeiragem/A arte da defesa pessoal brasileira*, Rio de Janeiro, s/d.
_____ Lamartine Pereira da Costa, *Capoeira sem Mestre,* Edições de Ouro, Rio de Janeiro, 1962.
_____ Inezil Penna Marinho, *Subsídios para o Estudo da Metodologia do Treinamento da Capoeiragem*. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1945.
_____ Inezil Penna Marinho, *Subsídio para a História da Capoeiragem no Brasil*, Rio de Janeiro, 1956.

aperfeiçoamento, modificaram-na com a introdução de novos toques e golpes, transformando uns, extinguindo outros, associando a isso o fator tempo que se incumbiu de arquivar no esquecimento muitos deles e também o desenvolvimento social e econômico da comunidade onde se pratica a capoeira. Assim, dos toques e golpes primeiros, de uso de todos os capoeiras, uma boa parte foi esquecida, permanecendo uma pequeníssima e uma outra desapareceu em função, como já disse, do desenvolvimento econômico e social. Como exemplo disso, posso citar o toque de berimbau chamado *aviso*, ainda do conhecimento do capoeira Canjiquinha (Washington Bruno da Silva). Segundo corre na transmissão oral dos antigos capoeiras, era comum ficar um tocador de berimbau, num oiteiro, onde se divisava toda uma área enorme, com a finalidade de vigiar a presença do senhor de engenho, capataz ou capitão do mato, no encalço deles. Uma vez notada a aproximação desses inimigos, era dado um aviso, no berimbau, através de um toque especial. Como se vê, esse toque, ainda do conhecimento de alguns capoeiras, desapareceu, em função da organização social que se tem hoje. Outro exemplo é o toque *cavalaria*, conhecido de todos os capoeiras da Bahia. Esse toque era usado para denunciar a presença do famigerado Esquadrão de Cavalaria, que teve o auge de sua atuação contra os candomblés e os capoeiras, na administração do temível delegado de polícia Pedrito (Pedro de Azevedo Gordilho), no período de 1920 a 1927. Alcancei-o na minha fase de garoto em total decadência e hoje desaparecido por completo, restando apenas o toque cavalaria e sua funesta memória, e o delegado Pedrito que entrou para o folclore, nas cantigas de aviso da sua aproximação, em algumas cantigas de capoeira e *candomblé de caboclo*.

A capoeira foi inventada com a finalidade de divertimento, mas na realidade funcionava como faca de dois gumes. Ao lado do normal e do quotidiano, que era divertir, era luta também no momento oportuno. Não havia *Academias de Capoeira*, nem ambiente fechado, premeditadamente preparado para se jogar capoeira. Antigamente havia capoeira, onde havia uma quitanda ou uma venda de cachaça, com

um largo bem em frente, propício ao jogo. Aí, aos domingos, feriados e dias santos, ou após o trabalho se reuniam os capoeiras mais famosos, a tagarelarem, beberem e jogarem capoeira. Contou-me Mestre Bimba, que a cachaça era a animação e os capoeiras, em pleno jogo, pediam-na aos donos das vendas, através de toque especial de berimbau, que eles já conheciam. Afora isso, as maiores concentrações eram na Estrada da Liberdade, Pau Miúdo, Cidade de Palha, rua dos Capitães, rua do Passo Taboão, Cais Dourado e no Cais do Porto. O Cais Dourado, no fim do século passado, se tornou famosíssimo pelo excesso de desordens e crimes, que ali se praticavam, sobretudo por ser zona de meretrício e para lá convergirem, além dos capoeiras, marinheiros, soldados de polícia e delinquentes. Os jornais da época dão conta de como a cidade vivia em sobressalto, pelos acontecimentos ali ocorridos. Assim é que se lê em 1880 que "Por desordeiro foi preso ontem no Cais Dourado o africano liberto Antônio Manoel de Souza".[109] Ainda no Cais Dourado mas desta vez um conflito de maiores proporções, com a participação de marinheiros, foi assim descrito pelo Jornal de Notícias de 1880:

> Ontem às 9 horas da noite esteve a rua do Cais Dourado em alarma, originado de um grande conflito em que tomaram parte mais de quarenta indivíduos de ambos os sexos, armados de facas e garrafas.
>
> De certo tempo para cá tem aquela rua se transformado em um campo de luta incessante, onde, à noite e em dias santificados, rola o pau, voa a garrafa como projétil e maneja-se a faca como argumento, ante o qual cedem a razão e o direito.
>
> Por mais de uma vez temos registrado fatos dignos da mais séria punição, de que são protagonistas marinheiros

109 *Jornal de Notícias,* Salvador 2/4/1880, pág. 1.

de má conduta e mulheres para quem a honra é um mito, a virtude palavra sem significação; homens e mulheres que só procuram os prazeres sensuais, que tripudiam em torno da garrafa, com as mais desenfreadas bacantes. Se de cada vez que fossem presos, quer os marinheiros, quer suas ninfas, assinassem termo de bem viver, estamos certos, se corrigirão; mas sofrem apenas uma prisão correcional de poucas horas e voltam para o teatro de suas façanhas, convencidos de que a polícia é impotente para refreá-los.

Foi tão sério o conflito de ontem que para ali correu quase todo o destacamento do Comércio, que prendeu trinta e duas pessoas, saindo feridas com facadas duas praças.

A muito custo conseguiu a força acalmar os ânimos, sendo necessário que o comandante dela ameaçasse mandar fazer fogo contra aquela desenfreada gente.

As duas praças feridas foram medicadas em uma farmácia próxima, procedendo-se ao corpo de delito, e o presos remetidos para a casa de correção.

Esperamos que o sr. chefe de polícia, em vista da gravidade do caso, obrigue esses desordeiros a assinar termo de bem viver para serem punidos quando o infringirem, para ver se assim consegue-se desassombrar a pessoas morigeradas que ali residem.[110]

Em tudo era notada a presença do capoeira, mui especialmente nas festas populares, onde até hoje comparecem, embora totalmente diferentes de outrora. Em toda festa de largo profana, religiosa ou

110 *Jornal de Notícias,* Salvador 9/9/1880, pág. 2.

profano-religiosa, o capoeira estava sempre dando ar de sua graça. Suas festas mais preferidas eram a de Santa Bárbara no mercado do mesmo nome, na Baixa dos Sapateiros, festa da Conceição, cujo local de preferência era a Rampa do Mercado e adjacências; festa da Boa Viagem, festa do Bonfim, festa da Ribeira, festa da Barra, tão famosa e hoje totalmente extinta; do Rio Vermelho, Carnaval e muitas outras. Não havia academias turisticamente organizadas. Os capoeiras, com alguns outros companheiros e discípulos, rumavam para o local de festa, com seus instrumentos musicais, inclusive armas para o momento oportuno e lá, com amigos outros que encontravam, faziam a roda e brincavam o tempo que queriam.

Um outro aspecto importante é o que se refere à capoeira em si e suas ligações com o candomblé. De início, tenho a afirmar que entre a capoeira em si e o candomblé existe uma independência. O jogo da capoeira para ser executado não depende em nada do candomblé, como ocorre com o folguedo carnavalesco chamado *Afoxé*, que para ir às ruas há uma série de implicações de ordem místico-litúrgicas. Apesar de nas cantigas de capoeira se falar em *mandinga*, *mandingueiro*, usar-se palavras e composições em línguas bunda e nagô e também a capoeira se iniciar com o que os capoeiristas chamam de *mandinga,* nada existe de religioso. O que existe vem por vias indiretas. É o capoeira que é *omorixá* (filho de santo), como é o caso do capoeira Arnol (Arnol Conceição) que é filho de santo do famoso *babalorixá* (pai de santo) de Cachoeira, conhecido por Enock (Enock Cardoso dos Santos) o qual fez Oxossi (Odé) em sua cabeça, dando o *orukó* (nome) de *Odé Ajayi koleji* (O caçador de Ajayi não pode acordar). Roseno (Manoel Roseno de Santana) "raspado e pintado de Omolu" pela finada *iyalorixá* (mãe de santo) Cecília do Bunukô (Cecília Moreira de Brito); Caiçara (Antônio da Conceição Morais) "feito" de Logun Edé por sua mãe de sangue, Adélia Maria da Conceição. Quando não é isso, é *oloyê* (dono de título honorífico) de uma casa de candomblé, é parente de mãe ou pai de santo, ou foi desde criança criado em ambiente de casa de candomblé.

Diante disso, o capoeirista procede com referência à capoeira, como procederia normalmente com outra coisa, procurando sempre se proteger, por esse caminho, que é o que foi introduzido na sua formação. Então se verifica, constantemente, um comportamento que tinha antigamente, conservando ainda até nossos dias. Assim, a todo instante um capoeira "está queimando" outro, isto é, fazendo *ebó* (feitiço) para o seu companheiro, tendo em vista sempre a concorrência e desavenças resultantes disso. Sem querer exagerar, a população da Bahia, na sua quase totalidade, quando não tem participação ativa nos ambientes de candomblé, de vez em quando "espia" o que está acontecendo ou está por vir. Portanto, não é de se admitir que os capoeiras sejam os únicos a estarem de fora. Conheço uma série de casos de *ebó*, entre capoeiras, verificados nos dias presentes. O salão de exibições patrocinadas pelo órgão oficial de turismo do município do Salvador de há muito, vem sendo disputadíssimo pelos capoeiras, em virtude de um único fato que é o socioeconômico. O capoeira ou as academias de capoeira se sentem promovidos em se exibirem diante de um presidente de república, embaixadores, ministros de Estado, nobreza, clero e burguesia, que pela Bahia passam, juntando a isso as vantagens econômicas que tiram não só do contrato que fazem com o referido órgão, para a exibição e também do dinheiro que se coloca no chão, por ser apanhado com a boca, durante o jogo, em golpes espetaculares. Também a aludida entidade é uma espécie de oráculo, onde os que aqui chegam e desejam um grupo de capoeiras para filmagens ou exibições e lhe solicita a indicação. Como se vê, daí a disputa. Já desde administrações anteriores, quem primeiro montou exibição no referido local foi o capoeira Canjiquinha (Washington Bruno da Silva), que é de Iansan, sem contudo "ser feito", mas descende de avós africanos, com tia e irmã mães de santo e em plena atividade litúrgica. Pois bem, uma vez montada a sua capoeira, com exibições com dias e horas marcados e também sendo o escolhido para as exibições oficiais, começou então a "queima do ponto", o envio de *ebós* e a presença de Exu em todas as exibições, de modo que à hora do jogo havia sempre um aborrecimento.

Pressentindo o que estava acontecendo, Canjiquinha corre à sua irmã Lili (Carlinda da Silva Sá) que é mãe de santo e pede para "olhar", o que foi feito através do "jogo", que descortinou tudo, indicando o caminho a seguir, por meio de um *ebó*. Com isso se inicia a troca de *ebó*, pois o capoeira que deu começo à coisa, que eu me reservo declinar seu nome, queria derrubá-lo a todo custo. Nesse ínterim, estava no páreo um outro capoeira, esse "feito de santo" e com um irmão pai de santo, que no interior era famoso em "transportar" em 24 horas. Houve "troca de folha" e Canjiquinha se viu balançado, até que, quando menos esperava, foi-lhe mandado um Exu e fez com que tivesse um atrito sério com o então diretor do órgão, quase que ambos fazendo usança da força física. Veio a inimizade e a consequente extinção das exibições no local. O capoeira que iniciou a mandinga passou a ser o eleito, não ocupando o salão com as suas exibições porque tinha academia no centro da cidade, mas os turistas lhe eram encaminhados e nas exibições oficiais a sua academia era a escolhida. Nesse espaço, aquele que derrubou Canjiquinha veio pedir a preferência do salão, o que foi negado. Com a mudança de administração e os constantes *ebós*, Canjiquinha consegue derrubar o que lhe atravessou e volta a assumir o comando daquilo que plantara. Desta vez, contra seu gosto, mas por imposição do órgão, o qual seu inimigo usara para derrubá-lo anteriormente. Agora toda cautela é pouca, o menor descuido seria engolido. Assim, nas catacumbas da antiga igreja da Sé, onde funciona o turismo municipal, com o seu respectivo salão para exibições, e em cujo chão jazem os restos mortais dos que andaram pela Bahia nos idos de 1500 a nossos dias, práticas místico-litúrgicas de candomblé foram e ainda são executadas por um e outro capoeira para a derrubada um do outro e o vencedor ocupar o trono sozinho. Cansei de observar, várias vezes, as paredes do salão estarem, a título de decoração, infestadas de *ewê peregun* (folhas de peregun) cruzadas, espada de Ogun num canto, corredeira no outro, pemba, mui discretamente pulverizada, em lugar estratégico, isso sem se falar de pequenos alguidares contendo acaçá, charuto, farofa de azeite de dendê, pipoca e cachaça, habilmente

escondidos no canteiros do jardim, na parte de cima, logo na porta de entrada. Com isso começou a perturbação. Exu era o senhor de tudo, estava bem alimentado para cumprir uma tarefa portanto tinha que executá-la. A coisa foi tomando corpo até que chegou ao auge, dessa vez vencendo Canjiquinha, derrubando seu companheiro. Sua irmã, mãe de santo, descobriu tudo e disse o que deveria fazer para "desmanchar" o *ebó* que o outro havia feito, porém Canjiquinha recusou, pois vinha há algum tempo "trabalhando" com Manoel Fiscal (Manoel Anastácio da Silva) que é *axogun* (o que sacrifica animais para os deuses) e também capoeira, iniciado pelo famoso e temível Besouro Cordão de Ouro, concluindo com Mestre Bimba. Relatou-me Manoel Fiscal, em presença de Canjiquinha, o que fez para derrubar o seu adversário, principalmente na sede do órgão de turismo, onde havia as exibições. Independente de lavar a escadaria da entrada, que dá acesso ao salão, com "água de abô", forneceu outra quantidade a Canjiquinha, para salpicar no salão e arredores antes de começar as exibições. Daí em diante voltou a reinar a santa paz do Senhor. Informou-me também que iria cuidar de Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha), pois haviam "queimado" o velho e ele estava passando uma dos diabos, inclusive o proprietário do local, onde funciona a sede de sua academia, queria despejá-lo. A academia de Mestre Pastinha funciona no Largo do Pelourinho, 19. E uma casa antiga junto a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Nesse velho casarão funcionou algum tempo uma escola de dança para ensinar a moças e rapazes, que não podiam ir às festinhas familiares, por não saberem dançar. Chamava-se Escola de Danças Yara e se rivalizava com muitas outras que sempre proliferaram, desde os velhos tempos na Bahia, como a Escola de Danças Mululu dirigida pelo Professor Mululu, nome de língua bunda que quer dizer *bisneto*, como o conheciam. Funcionava num andar à rua Dr. Seabra, 70, próxima à esquina da rua 28 de Setembro, antiga rua do Tijolo. Havia também o Ginásio de Danças Modernas, dirigido pelo Professor Vicente Marques sito à rua do Saldanha, 3. Há quem afirme que essas escolas de danças são reprodução de três outras que existiram na Bahia, que foram a do

Professor Bento Ribeiro, que durou 52 anos; a do Professor Travessa, mais de 20 anos, e a do Professor Frederico Brito, 22 anos.[110ª] Após funcionar a referida escola de danças, passou a ser a sede de uma série de entidades ligadas direta e indiretamente ao candomblé, como o Afoxé Filhos de Gandhi, a própria capoeira de Mestre Pastinha, uma porção de entidades ali ensaiavam e algumas ainda ensaiam, para se exibirem no período de festas populares. É a sede da Federação de Culto Afro-Brasileiro. Por fim, para se ter uma ideia do afluxo místico-litúrgico do local, basta dizer que a ex-proprietária, Didi (Adalina Purificação Silva), no início de 1961 foi "raspada e pintada" nesse local, por Oké (Maria de Olinda), atual mãe de santo do Ilê Iyá Nassô, ou como é mais conhecido, Candomblé do Engenho Velho e Casa Branca. Ali, com a presença de *ebomins* e de *oloyês* do Axé Opô Afonja, Axé Iyá Massé, Ilê Oxumarê e muitas outras casas de candomblé, numa festa muito bela, Didi, ao som dos atabaques pertencentes ao Afoxé Filhos de Gandhi e no salão onde inclusive Pastinha exibe capoeira, gritou, solenemente, ao pipocar de foguetes, palmas, chuvas de flores e grãos de arroz, o *orukó* de sua Oxun – *Oxun Demi!* (Oxun me deu!). O *otá* (pedra em que se assenta misticamente o deus dono da pessoa) de seu santo veio para o Candomblé do Engenho Velho, mas o Exu ficou "assentado" no quintal do prédio, sob o teto de uma casinhola de madeira. Pouco tempo depois de "feita" veio a falecer e há quem diga a boca pequena, que seu *egun* (alma) ronda a casa. Portanto, Manoel Fiscal muito tem que trabalhar para proteger a carcaça do velho Pastinha.

De acontecimentos assim, conheço inúmeros, mas que esses são o bastante para se mostrar de que modo são as relações da capoeira com o candomblé.

110ª *A Tarde,* Salvador 12/3/1935, pág. 2.

4. A indumentária

Falar em indumentária de capoeira em termos de core e trajes padronizados, identificando um determinado grupo, é coisa recentíssima, nascida do advento de um turismo culturalmente mal orientado, surgido na Bahia, há pouco, mas já bastante responsável pela descaracterização de muitas de nossas tradições.

Sendo a capoeira, assim como o capoeira considerados coisas marginais, jamais poderia existir algo que facilmente fosse identificado pela polícia, que dormia e acordava no calcanhar dos capoeiras. O que havia era um enquadramento do capoeira no trajar de uma época e num determinado instante de sua atividade, dentro de um agrupamento social. Fala-se que o capoeira usava uniforme branco, sendo calça de pantalona, ou seja uma calça folgada com boca de sino cobrindo todo o calcanhar; camisa comprida, por cima das calças, quase que à semelhança de *abadá*; chagrin e *lenço de esguião de seda* envolto no pescoço, cuja finalidade, segundo me falou Mestre Bimba, era evitar navalhada no pescoço, porque a navalha não corta seda pura, de que eram fabricados esses lenços importados. Essa indumentária não era privativa do capoeira, era um traje comum a todo negro que quisesse usá-lo, fosse ou não capoeira. A título de ilustração posso citar Tio Joaquim (Joaquim Vieira), que foi um babalorixá famoso na Bahia além de *Wessa Oburô*, título honorífico no Axé Opô Afonjá, segundo informação de sua neta Cantulina de Ayrá (Cantulina Pacheco), usava esse mesmo traje, acrescido de *chapéu bico de sino* e no entanto não me falou e não me consta fosse ele capoeira. O *lenço de esguião de seda* de que fala Mestre Bimba não era uso privativo do capoeira. Funcionava como enfeite para proteger o colarinho da camisa contra o suor e a poeira, o que ainda em nossos dias se vê em festas de largo quando o negro brinca, coloca um simples lenço de algodão ou uma

pequena toalha de rosto entre o pescoço e o colarinho da camisa. Como o capoeira foi um elemento marcante em nossa sociedade, a sua maneira de ser, em seus hábitos e costumes, embora na sua quase totalidade normal como de outro indivíduo qualquer, ficou como característica sua. Ao lado desses detalhes, Manoel Querino fala do uso de um "argolinha de ouro na orelha, como insígnia de força e valentia".[111] Isso também não era privativo do capoeira. Conheço pessoas bem idosas que ainda alcançaram negros não mais usando argolas mas com a orelha esquerda furada e que não eram capoeiras. Além do mais, Braz do Amaral se refere ao uso de uma argola minúscula na orelha esquerda, como hábito dos negros de Angola, sem contudo especificar que eram capoeiras.[112]

Havia grandes capoeiras entre os *ganhadores*, entretanto a maneira do traje desses negros era diferente, como se vê em uma fotografia antiga, reproduzida por Manoel Querino,[113] trajes esses que ainda vi em alguns que "faziam ponto" no início da Ladeira da Montanha. No Cais do Porto sempre estiveram os mais famosos capoeiras, mas a roupa usual, na sua atividade de trabalho, era calça comum, com bainha arregaçada, pés descalços e camisa tipo abadá, feita de saco de açúcar ou farinha do reino, e nas horas de folga do trabalho assim se divertiam jogando sua capoeira. Mais tarde essas camisas foram, aos poucos, substituídas pelas *camisas de meia*.

Aos domingos, feriados e dias santos, quando todos tinham folga, a aparência do capoeira era outra. O negro sempre teve preferência pelo traje branco, daí despertar a atenção popular e ser batizado de a *mosca no leite*, quando assim se vestia. Não sei se houve nisso influência do clima tropical, ou certas implicações de ordem religiosa, como seja o caso de possuir um título honorífico num candomblé, como *ogan*, por

111 Manoel Querino, *A Bahia de Outrora*, Prefácio e notas de Frederico Edelweiss, Livraria Progresso Editôra, Bahia, 1955, pág. 73.

112 Braz do Amaral, *op. cit.*, pág. 126.

113 Manoel Querino, *A Raça Africana e os seus Costumes*, Livraria Progresso Editôra, Bahia, 1955, estampa XVIII. ?????

exemplo, e estar obrigado a comparecer com vestes totalmente brancas, ou participar de certas cerimónias, como *axêxê* (ritual fúnebre), ciclo de festas de Oxalá e outras que exigem essa indumentária, rigorosamente branca. O fato é que o negro sempre foi amante de um terno branco, assim como sapato e camisa, usando-os preferencialmente nos dias já mencionados, quando se entregava de corpo e alma ao jogo da capoeira. Colocava o lenço no pescoço para resguardar o colarinho e jogava com uma perfeição e habilidade tremendas que não sujava, de modo algum, a domingueira.

Em nossos dias, a coisa tem outra feição. Mestres capoeiras mantêm um grupo de discípulos em torno de si reunidos formando agrupamentos chamados *Academia*, procurando distinguir uma das outras, por meio de camisas de meia coloridas, como se fossem verdadeiros times de futebol. Com um preocupação eminentemente turística, escolhem camisas com cores variadas e berrantes, de um mau gosto terrível, com a finalidade de atrair atenção para o grupo, que mais parece um bloco carnavalesco do que um conjunto de mestre e discípulos de capoeira. Esse afetamento, para efeito de exibição para turistas vai desde a indumentária, comportamento pessoal e jogo. Para essa descaracterização, tem concorrido ativamente a má orientação do orgão oficial de turismo, que além de prestigiar toda uma espécie de aventura com o nome de *Capoeira,* auxilia de diversos modos, inclusive financiando essas camisas amacacadas. Lembro-me bem que de certa feita uma determinada Academia de capoeira, dessas improvisadas para se exibir em festas populares mediante subvenção oficial ou fornecimento de camisas e sapatos, com a preocupação de ser facilmente identificada pelos turistas, as suas vedetes queriam, a todo custo, colocar número atrás das camisas que lhes iam ser concedidas. Como a coisa ficasse demasiado chocante, as referidas camisas foram entregues mediante compromisso de não se colocar os referidos números, à semelhança de camisa de jogador de futebol.

No Rio de Janeiro, onde os capoeiras foram mais audazes e quase abalaram o ministério de Deodoro, a indumentária é a mais diversa

possível. Apesar de Melo Morais Filho dizer que eles usavam calças largas à semelhança dos da Bahia, paletó desbotado, camisa de cor, gravata de manta e anel corrediço, colete sem gola, botinas de bico estreito e revirado e chapéu de feltro, apresenta fotografia de capoeira alfaiate e capanga eleitoral, com indumentária totalmente diversa da que descreve e diversa um do outro.[114] Em nossos dias, não tenho dados precisos de como se vestem realmente os capoeiras nas academias do Rio de Janeiro.

114 Melo Morais Filho, *Festas e Tradições Populares do Brasil*. Revisão e notas de Luís da Câmara Cascudo, F. Briguiet & Cia., Editôres, Rio de Janeiro, 3ª edição, 1946, págs. 445, 447 e 453.

5. O jogo da capoeira

Antigamente, o jogo da capoeira se fazia nos engenhos, no local de trabalho, nas horas vagas e nas ruas e praças públicas, nos dias de festa, sempre em recinto aberto. Em nossos dias, não há mais engenho; no local de trabalho, como o Cais do Porto, não se joga mais e nas ruas e praças públicas do centro só em dias de festa. Joga-se capoeira em recinto fechado em Palácio do Governo, nas academias, nos salões oficiais, nos clubes particulares e nas ruas e praças públicas, onde se realizam festas populares. Espontâneamente, independente de qualquer circunstância, joga-se capoeira em ambiente aberto, na Estrada da Liberdade, Pernambués, Cosme de Farias, Itapuã e outros bairros bem afastados do centro da cidade.

Varia de academia para academia e de capoeirista para capoeirista, não só o início do jogo como o seu decorrer. Depois de várias e demoradas observações, consegui captar uma maneira quase que geral entre os mais antigos e mais famosos capoeiras. Sentados ou de pé, tocadores de berimbau, pandeiro e caxixi, formando um grupo; adiante capoeiras em outro agrupamento, seguido do coro e o público em volta, vêm dois capoeiras, agacham-se em frente dos tocadores e escutam atentamente o *hino da capoeira* ou a *ladainha* como chamam outros, que é a louvação dos feitos ou qualidades de capoeiristas famosos ou um herói qualquer, como é o caso da cantiga que se segue, narrando as bravuras do repentista Manoel Riachão:

Cantiga 1

Riachão tava cantando
Na cidade de Açu
Quando apareceu um nêgo
Como a espece de ôrubú
Tinha casaca de sola
Tinha calça de couro cru
Beiços grossos redrobado
Da grossura de um chinelo
Tinha o olho incravado
Outro olho era amarelo
Convidô Riachão
Pra cantá o martelo
Riachão arrespondeu
Não canto cum nêgo desconhecido
Ele pode sê um escravo
Ande por aqui fugido
Eu sô livre como um vento
Tenho minha linguagem nobre
Naci dentro da pobreza
Não naci na raça pobre
Que idade tem você
Que conheceu meu avô
Você tá parecendo
Que é mais moço do que eu.

Dando sequência ao jogo da capoeira, vem o que chamam de *canto de entrada*, sendo o mais cantado o que vai adiante:

Cantiga 2

Iê, água de bebê
Iê, água de bebê
Camarado

Aruandê
Iê, Aruandê
Camarado

Quis me matá
Iê, quis me matá
Camarado

Na falsidade
Iê, na falsidade
Camarado

Faca de ponta
Iê, faca de ponta
Camarado

Sabe furá
Iê, sabe furá
Camarado

Ele é cabecêro
Iê, ele é cabecêro
Camarado

É mandinguêro
Iê, ele é mandinguêro
Camarado

No campo de batalha
Iê, no campo de batalha
Camarado

Viva meu mestre
Iê, viva meu mestre
Camarado

Que me insinô
Iê, que me insinô
Camarado

A madrugada
Iê, a madrugada
Camarado

De capoêra
Iê, da capoêra
Camarado

Vamos embora
Iê, vamos embora
Camarado

Pro mundo afora
Iê, pro mundo afora
Camarado

Rio de Janêro
Iê, Rio de Janêro
Camarado

Da vorta do mundo
Iê, da vorta do mundo
Camarado.

Terminado o *canto de entrada* os capoeiras se benzem e iniciam o jogo propriamente dito ou o começo da luta, para os da capoeira regional, porém com outro toque e outro canto:

Cantiga 3

Minino quem foi teu meste?
Minino quem foi teu meste?
Meu meste foi Salomão
Eu sô dicipo qui aprendo
Sô meste qui dô lição
O meste qui me insinô
Stá no Engenho da Conceição
A ele só devo é dinhêro
Saúde e obrigação
O segredo de São Cosme
Quem sabe é São Damião
Camarado.

Cantiga 4

Eu naci no sabo
No domingo caminhei
Na segunda-fêra
A capoêra joguei.

Cantiga 5

A iuna é mandinguêra
Quando cai no bebedô
Foi sabida, foi ligêra
Capoera é que matô.

A certa altura, quebram o ritmo em que vinham e introduzem um outro, chamado *corridos*, que são cantos com toque acelerado:

Cantiga 6

Chora minino
Nhem, nhem, nhem

O minino é chorão
Nhem, nhem, nhem

Sua mãe foi pra fonte
Nhem, nhem, nhem

Ela foi pro Cabula
Nhem, nhem, nhem

Foi comprá jaca dura
Nhem, nhem, nhem

Da cabeça madura
Nhem, nhem, nhem

Ô minino chorão
Nhem, nhem, nhem

Chorô qué mamá
Nhem, nhem, nhem

Chore minino
Nhem, nhem, nhem

Chore minino
Nhem, nhem, nhem

Chore minino
Nhem, nhem, nhem.

Cantiga 7

Dona Maria de lá do Mutá
Me diga meu bem
Diga como stá

Dona Maria de lá do Mutá
Quando eu fô imbora
Não vô te levá

Dona Maria de lá do Mutá
É sexta de noite
Não quero sambá

Dona Maria de lá do Mutá
Tira esse vestido
E vamo deitá
Dona Maria de lá do Mutá.

Cantiga 8

Esta cobra me morde
Sinhô São Bento

Oi o bote da cobra
Sinhô São Bento

Oi a cobra mordeu
Sinhô São Bento

O veneno da cobra
Sinhô São Bento

Oi a casca da cobra
Sinhô São Bento

Ô que cobra danada
Sinhô São Bento

Ô que cobra malvada
Sinhô São Bento

Buraco velho
Sinhô São Bento

Oi o pulo da cobra
Sinhô São Bento

Ê cumpade.

Quanto mais o tempo vai passando, o jogo vai se animando e os berimbaus falam mais alto. Nesse instante se trava um diálogo entre os capoeiras do coro e os tocadores, por meio de uma cantiga, onde se pede o berimbau e se nega em seguida:

Cantiga 9

Panhe esse gunga
Me venda ou me dê

Esse gunga não é meu
Eu não posso vendê

Panhe esse gunga
Me venda ou me dê

Esse gunga não é meu
Eu não posso vendê

Panhe esse gunga
Ou me venda ou me dê

Esse gunga não é meu
Eu não posso vendê.

Finalizando a contenda, segue-se uma outra cantiga, onde se nega, peremptoriamente, o referido instrumento:

Cantiga 10

Esse gunga é meu
Eu não dou a ninguém

Esse gunga é meu
Foi meu pai qui me deu

Esse gunga é meu
Eu não dô a ninguém.

É hábito da assistência atirar ao chão algumas cédulas para os capoeiristas, em saltos estratégicos, apanharem com a boca. Esse dinheiro, após o jogo, o mestre divide com todos os discípulos, ficando, assim, garantido o transporte de cada um, para voltar para casa. Se por acaso ninguém resolve atirar nada, então se canta uma cantiga pedindo dinheiro:

Cantiga 11

Quem pede, pede chorando
Quem dá merece vontade
Ô triste de quem pede
Com a sua necessidade
E no céu vai quem merece
Na terra vale quem tem
Dedo de munheca é dedo
Dedo de munheca é mão
O sangue corre na veia
Na palma de minha mão
É verdade meu amigo
Nossa vida é um colosso
Mais vale nossa amizade
Do que dinheiro em nosso bolso.

Ainda no correr do jogo há as provocações, onde se aproveita para denunciar a inveja de alguém que está presente como se vê na cantiga que se segue, cantada pelo capoeira Canjiquinha (Washington Bruno da Silva), ensinada por seu mestre Aberrê:

Cantiga 12

Ô meu Deus o qui eu faço
Para vivê neste mundo
Se ando limpo sô malandro
Se ando sujo sô imundo
Ó qui mundo velho grande
Ó qui mundo inganadô
Eu digo desta manêra
Foi mamãe qui me insinô
Se não ligo sô covarde
Se mato sô assassino
Se não falo sô calado
Se falo sô faladô
Se não como sô misquinho
Se como sô guloso.

Também há outra maneira de provocar, que é por meio das *cantigas de sotaque*, onde se abre os olhos de quem é dirigido o sotaque, dizendo do que não tem medo, do que já fez e do que poderá fazer, conforme as cantigas que vão adiante:

Cantiga 13

Ôi quem é esse nêgo
Dá, dá, dá no nêgo
Ôi no nêgo você não dá
Este nêgo é valente
Este nêgo é valente
Este nêgo é o cão.

Cantiga 14

Iê
Oia lá siri de mangue
Todo tempo não um
Tenho certeza qui você não güenta
Com a presa do gaiamum
Quando eu entro você sai
Quando eu saio você entra
Nunca vi mulé danada
Qui não fosse ciumenta.

Cantiga 15

Já comprei todos tempêro
Só falta farinha e banha
Eu não caio in arapuca
In laço ninguém me panha.

Cantiga 16

Eu queria conhecê
Eu queria conhecê
A semente da sambambaia
Se não houvesse maré
Não poderia ter praia
Se não houvesse mulé
Home vestia saia
Ê aquinderréis.

Saindo do sotaque que nada mais é do que uma advertência, passa para a praga, desejando que todas as desgraças desabem sobre a cabeça do infeliz visado:

Cantiga 17

Te dô sarna te dô tinha
Te dô doença do á
Te dô piolho de galinha
Pra te acabá de matá.

Finalizando o jogo, há capoeiristas, como Canjiquinha que têm cantigas próprias para se despedirem e agradecem a presença da assistência:

Cantiga 18

Adeus, adeus
Boa viage
Eu vô mimbora
Boa viage
Eu vô cum Deus
Boa viage
Nossa Senhora
Boa viage.

O jogo da capoeira é algo difícil, complicado e requer uma atenção extraordinária, senão poderá ser fatal para um dos jogadores. O capoeira tem que ser o mais possível leve, ter grande flexibilidade no corpo e gingar o tempo todo durante o jogo. A *ginga* é elemento fundamental. Da ginga é que saem os golpes de defesa e de ataque, não só golpes comuns a todos os capoeiras, como os pessoais e os improvisados na hora. Durante o jogo uma coisa importante a ser observada é o comportamento do

capoeira, onde os mesmos não se ligam uns aos outros e nem se arreiam no chão. Apenas tocam o chão e a si mutuamente. Somente na capoeira regional é que os jogadores se ligam, devido aos *golpes ligados* ou *cinturados*, provenientes do aproveitamento de lutas estrangeiras na capoeira.

6. Toques e golpes

Não conheço documentação fidedigna que afirme taxativamente que no princípio, no jogo da capoeira só havia *golpes*. Entretanto, uma observação dos fatos me leva a crer que o acompanhamento musical não existia, consequentemente os *toques* teriam vindo depois e se adaptado aos golpes e a eles ficado intimamente ligados, a ponto de haver hoje golpes com nome de toques e vice-versa. Em princípio, até que não se tenha conhecimento de documento em contrário, o que me levou a pensar num jogo de capoeira sem toques foi, de um lado, o fato de ainda hoje, se bem que mui raro, se jogar capoeira sem acompanhamento musical. Mestre Bimba, por exemplo, não admite o berimbau no começo do aprendizado, isso só acontecendo na terceira fase, a que chama *sequência com berimbau*, sem se falar nos discípulos já *formados*, que jogam durante um tempo enorme, usando todos os golpes necessários, sem que se ouça uma nota musical qualquer, partida de um dos instrumentos musicais da capoeira.

Por outro lado, temos as escassas informações deixadas pelos cronistas e viajantes que por aqui passaram. Todos eles, quando se referem à capoeira, são unânimes em falar isoladamente do jogo sem o toque; ou do berimbau, hoje instrumento principal da capoeira, mas sem a ela se referirem. Rugendas, por exemplo, embora traga uma ilustração do jogo de capoeira, acompanhado por atabaque, no texto se restringe exclusivamente ao jogo, que chama de *Kriegsspiel* (brinquedo guerreiro), como se vê neste lance:

> Viel gewaltsamer ist ein anderes Kriegsspiel der Neger, *jogar capoeira*, das darin besteht, dass einer den andern durch Stösse mit dem Kopf auf die Brust, denen sie durch gewandte Seitensprunge und Pariren ausweichen, unzuwerfen sucht, indem sie fast wie Böcke

gegenaienander auspringen und zuweilen gewaltig mit den Köpfen geneinander rennen.[115]

A mesma coisa aconteceu com Debret que descreve o berimbau sob o nome de *urucungo*, mas sem se referir ao jogo da capoeira.[116]

Há no acompanhamento musical toques que se poderia chamar de gerais, porque são comuns a todos os capoeiras, os quais são executados ao lado de outros que são particulares de determinada academia ou mestre de capoeira. Também acontece, e não raro, um mesmo toque, apenas com denominação diferente entre os capoeiras. Para que se tenha uma ideia, recolhi o nome dos toques de alguns capoeiras, que ainda atuam com frequência na Bahia, como:

Mestre Bimba (Manoel dos Reis Machado)

São Bento Grande
Benguela
Cavalaria
Santa Maria
Iuna
Idalina
Amazonas.

115 Moritz Rugendas, *Malerische Reise in Blasilien (Sitten und Gebräuclhte der Neger)*, herausgegebenvon Engellmann & Cie., Paris, 1835, pág. 26.
___ João Maurício Rugendas, Viagem Pitoresca Através do Brasil. Tradução de Sérgio Milliet, Livraria Martins Editôra, São Paulo, 5ª edição, 1954, pág. 197.

116 Jean Baptiste Debret, *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. Tradução e notas de Sérgio Milliet, Livraria Martins Editôra, São Paulo, 3ª edição, 1954, Tomo I, pág. 253.

Canjiquinha (Washington Bruno da Silva)

Angola
Angolinha
São Bento Grande
São Bento Pequeno
Santa Maria
Ave Maria
Samongo
Cavalaria
Amazonas
Angola em gêge
São Bento Grande em gêge
Muzenza
Jogo de Dentro
Aviso

Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha)

São Bento Grande
São Bento Pequeno
Angola
Santa Maria
Cavalaria
Amazonas
Iuna

Gato (José Gabriel Goes)

Angola
São Bento Grande
Jogo de Dentro
São Bento Pequeno
São Bento Grande de Compasso
São Bento de Dentro
Angolinha
Iuna
Cavalaria
Benguela
Santa Maria
Santa Maria Dobrada
Samba de Angola
Ijexá
Panhe a laranja no chão tico-tico
Samongo
Benguela Sustenida
Assalva ou Hino.

Waldemar (Waldemar da Paixão)

São Bento Grande
São Bento Pequeno
Benguela
Ave Maria
Santa Maria
Cavalaria
Samongo
Angolinha
Gêge
Estandarte
Iuna

Bigodinho (Francisco de Assis)

São Bento Grande
Cinco Salomão
São Bento Pequeno
Cavalaria
Jogo de Dentro
Angola
Angolinha
Santa Maria
Panhe a laranja no chão tico-tico

Arnol (Arnol Conceição)

São Bento Grande
Angola
Jogo de Dentro
Angolinha
Samba da Capoeira.

Traíra (João Ramos do Nascimento)

Santa Maria
São Bento Pequeno
São Bento Grande
Angolinha
Cavalaria
Jogo de Dentro
Angola Dobrada
Angola
Angola Pequena
Santa Maria Regional
Iuna
Gêge-Ketu

Como se vê, em todos eles há uma constância nos toques *Angola, São Bento Grande, São Bento Pequeno, Cavalaria, Iuna* e *Benguela*. Como já tive oportunidade de dizer, os toques divergentes dos comuns raramente constituem um toque totalmente diferente dos demais. Via de regra, é um já existente, apenas com outro rótulo ou então uma ligeira inovação introduzida pelo tocador, fazendo com que se dê um nome novo. A denominação de alguns toques da capoeira está ligada a determinados povos ou regiões africanas pura e simplesmente pelo nome, ou são toques litúrgicos ou profanos de que a capoeira se valeu, como *Benguela*, *Angola*, *Ijexá* e *Gêge*, isso sem se falar nas combinações Angola em Gêge e Gêge-Ketu. Antigamente, segundo capoeiristas idosos, o toque chamado na capoeira de *Gêge* era o toque dos povos gêges (Dahomey) chamado *bravun*, toque litúrgico, específico do deus Oxumarê, o Arco íris e que na capoeira era tocado em atabaque, conforme a ilustração de capoeira existente em Rugendas.[117] No toque Ijexá, na capoeira de Gato (José Gabriel Goes), o nome é apenas um rótulo, pois o toque em si é uma alteração dos já conhecidos. Entretanto, em Caiçara (Antônio da Conceição Morais), quando em exibição para turistas, é o toque litúrgico característico dos povos ijexás, tocado para alguns deuses, que Caiçara toca no berimbau e aplica na capoeira. Quanto às combinações nada têm a ver senão nas denominações. O toque chamado *aviso*, usado pelo capoeira Canjiquinha (Washington Bruno da Silva), segundo seu mestre Aberrê era usado por um tocador que ficava num oiteiro vigiando a presença do senhor de engenho, capitão do mato ou da polícia. Tão logo era sentida a presença de um deles os capoeiras eram avisados através desse toque. Em nossos dias, o comum a todos os capoeiras é o chamado cavalaria usado para denunciar a presença da polícia montada, do conhecido Esquadrão de Cavalaria, cuja grande atuação na Bahia foi no tempo do chefe de polícia chamado Pedrito (Pedro de Azevedo Gordilho), que perseguia candomblés e capoeiristas passando para o folclore, através da imaginação popular, em cantigas como:

117 João Maurício Rugendas, *op. cit.*, estampa 4/18.

Cantiga 19

Toca o pandêro
Sacuda o caxixi
Anda dipressa
Qui Pedrito
Evém aí.

Ou então estoutras, colhidas por Camargo Guarnieri, da boca do povo de Salvador, cuja letra da primeira se refere a uma das perseguições sofridas pelo famoso babalorixá Procópio de Ogun Já (Procópio Xavier de Souza):

Cantiga 20

Não gosto de candomblé
Que é festa de feticêro
Quando a cabeça me dói
Serei um dos primêros

Procópio tava na sala
Esperando santo chegá
Quando chegou seu Pedrito
Procópio passa pra cá

Galinha tem força n'asa
O galo no esporão
Procópio no Candomblé
Pedrito é no facão.

Cantiga 21

Acabe co'este Santo
Pedrito vem aí
Lá vem cantando ca ô cabieci
Lá vem cantando ca ô cabieci.[118]

118 Camargo Guarnieri, *in Melodias Registradas por Meios Não Mecânicos*, organizado Por Oneyda Alvarenga, edição do Arquivo Folclórico da Discoteca Pública Municipal, São Paulo, 1946, pág. 200.

O capoeirista Canjiquinha tem um toque com a denominação de *Muzenza*, que não é senão o toque *jogo de dentro*. Na Bahia, *Muzenza* é o nome que se dá à noviça nos candomblés de "nação" Angola. Quando ela aparece em público para dar o nome de seu orixá (deus), canta-se uma cantiga de *saída de Muzenza*, onde ela vem dançando uma coreografia ligeiramente curvada. Com base nessa coreografia, a malícia popular resolveu caricaturar a dança, aumentando a curvatura do corpo, dando a impressão que se vai ficar de quatro pés. Com isso se vê, constantemente, a brincadeira entre dois homens, quando um pede qualquer coisa ao outro, então o que não quer dar responde: "só dançando muzenza…", isto é só ficando em posição de quatro pés, para ser possuído sexualmente. Indaguei de Canjiquinha por que deu o nome de *muzenza* ao toque *jogo de dentro*, respondeu-me que apenas por deboche. *Panhe a laranja no chão tico-tico* é um toque de berimbau, que tem o nome de uma roda infantil, espalhada em todo o território nacional, cuja música é tocada no berimbau e a letra cantada nos jogos de capoeira. A roda, além de passar a ser cantiga de capoeira, deu nome a um toque. A letra tem o seguinte texto:

Panhe a laranja no chão tico-tico
Meu amô foi simbora eu não fico
Minha toalha é de renda de bico
Panhe a laranja no chão tico-tico.

Bigodinho (Francisco de Assis) inclui, entre os seus toques, um chamado *Cinco Salomão*, que é executado quando há um crime entre capoeiras, para que o criminoso fuja. *Cinco Salomão* é uma corrutela de *Signo Salomão*, que é uma estrela de cinco pontas, também conhecida por *Estrela de Salomão*, a qual se trasladou dos textos bíblicos, para ser usada na maçonaria, espiritismo, capoeira e outras coisas que a imaginação popular possa inventar. Os toques da capoeira, em sua quase totalidade, já foram recolhidos e gravados comercialmente, como é o caso das gravações de Mestre Bimba (Manoel dos Reis Machado), *Curso de Capoeira Regional*, gravado por J. S. Discos, Salvador, Bahia; Traíra (João

Ramos do Nascimento), *Capoeira*, gravado pela Editôra Xauá, São Paulo; Camafeu de Oxossi (Ápio Patrocínio da Conceição), *Capoeira*, gravado pela Continental, Rio de Janeiro/Guanabara e mais tantos outros.

Quanto aos golpes, esses, mais que os toques, uns desapareceram, outros sofreram transformações substanciais e novos apareceram totalmente desvinculados do processo de formação, que originou os golpes primitivos, como é o caso dos golpes da chamada capoeira regional que, usando de elementos importados, conseguiu perfazer um todo de 52 golpes. À semelhança dos toques, há um certo número de golpes, que são comuns a todos os capoeiras como *rabo de arraia*, *aú*, *armada*, *rasteira*, *jogo de dentro*, *cabeçada*, *meia lua*, em suas várias modalidades, de frente, costa, compasso, baixa, média, alta e mais alguns poucos golpes. A exemplo do que fiz com os toques, darei alguns golpes, recolhidos de alguns capoeiras de nossos dias:

Mestre Bimba (Manoel dos Reis Machado)

Duas de frente
Armada
Queda de cocorinha
Negativa
Saída de aú
Dois Martelos
Benção
Dois godeme
Galopante
Arrastão
Arpão de cabeça
Joelhada
Meia lua de compasso
Vingativa
Saída de rolê
Banda de costas
Asfixiante
Banda traçada
Cintura desprezada
Tesoura
Balão cinturado
Balão de lado
Cutila
Cutila alta
Açoite de braço
Bochecho
Quebra-pescoço
Cruz
Quebra-mão.

Cobrinha Verde (Rafael Alves França)

Banda traçada
Encruzilhada
Tesoura torcida
Balão de bainha de calça
Cabeçada
Rabo de arraia
Quixim (queixinho).

Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha)

Cabeçada
Rasteira
Rabo de arraia
Chapa de frente
Chapa de costas
Meia lua
Cutilada de mão.

Arnol (Arnol Conceição)

Rabo de arraia
Meia lua
Aú
Meia lua de compasso
Arrasteira
Cabeçada
Meia lua baixa
Boca de siri
Meia lua alta
Chibata
Martelo
Aú com armada .

Bigodinho (Francisco de Assis)

Queixinho (quixim)
Meia lua de costa
Meia lua de compasso
Aú com rolê
Abença
Armada
Tesoura
Salto mortal
Escorão
Martelo
Rasteira
Plantar bananeira
Boca de calça
Sapinho
Arqueada
Banda de lado
Banda de costas
Dedos nos olhos
Cutilada
Galopante
Murro direto.

Gato (José Gabriel Goes)

Bananeira
Meia lua
Chapa-pé
Tesoura
Chibata armada
Cabeçada
Aú
Rabo de arraia
Rasteira
Plantar bananeira
Leque ou boca de sirí
Sapinho

Canjiquinha (Washington Bruno da Silva)

Meia lua de frente
Baixa lua
Média lua
Alta lua
Meia lua de costas
Armada
Rabo de arraia
Chibata
Rasteira
Chapéu de couro
Meia lua de compasso
Martelo
Escorão
Aú com boca de sirí
Aú de cambaleão
Aú giratório
Boca de calça
Chapéu de frente
Chapéu de costas
Galopante
Ponteira.

Do mesmo modo que os toques, os golpes, com maior intensidade, sofrem modificações de capoeirista, não só na sua estrutura, como na denominação, de modo que há caso de um mesmo golpe seja ele de defesa ou de ataque, solto ou ligado, ter uma denominação diferente para cada capoeirista. É difícil uma descrição rigorosa dos golpes, de vez que há muito de pessoal nos mesmos, entretanto há duas excelentes tentativas de explicação de uma boa parte deles, por Mestre Bimba,

numa plaqueta anexa à gravação já citada,[119] assim como Lamartine Pereira da Costa, em trabalho eminentemente técnico, no qual se preocupa exclusivamente com o aprendizado dos golpes, daí as explicações minuciosas, com ilustrações.[120]

119 Mestre Bimba (Manoel dos Reis Machado), *Curso de Capoeira Regional*, gravado por J. S. Discos, Salvador/Bahia.

120 Lamartine Pereira da Costa, *op. cit.*

7. Os instrumentos musicais

Segundo o que se tem escrito e o que consegui apurar de capoeiristas antigos, o acompanhamento musical da capoeira desde os primórdios até nossos dias, já foi feito pelo *berimbau*, *pandeiro*, *adufe*, *atabaque*, *ganzá* ou *reco-reco*, *caxixi* e *agogô*. No presente, só vi, até agora, acompanhamento com berimbau, pandeiro, caxixi e agogô, nas academias de Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha) e Canjiquinha (Washington Bruno da Silva).

Esses instrumentos têm procedências as mais diversas. Infelizmente, ainda não se fez uma classificação correta do instrumentos musicais que por aqui passaram e dos que ainda existem. Em 1934, Luciano Gallet[121] reuniu 25 instrumentos musicais, e, sem nenhuma pesquisa, batizou-os como de procedência africana, quando em realidade são de diversas procedências. O mais grave de tudo isso é que estudiosos outros têm-se limitado a transcrever, na íntegra, a sua classificação sem a menor correção ou então fazerem um levantamento perfeito e correto desses instrumentos, como seria o aconselhável. Lamentavelmente, estão acomodados nessa classificação Renato Almeida,[122] Acquarone,[123] Flausino Rodrigues Vale,[124] dentre outros.

Berimbau

Atualmente o principal instrumento musical da capoeira é o berimbau, o qual, numa roda de jogo de capoeira, pode funcionar sozinho sem os demais instrumentos. O berimbau não existiu somente em função da capoeira, era

121 Luciano Gallet, *Estudos de Folclore*, Carlos Wehrs & Cia., Rio de Janeiro, 1934, págs. 59-60.

122 Renato Almeida, História da Música Brasileira, Segunda edição correta e aumentada, F. Briguiet & Cia. Editor, Rio de Janeiro, 1942, págs. 12-13.

123 F. Acquarone, *História da Música Brasileira*, Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, s/d., págs.132-139.

124 Flausino Rodrigues Vale, *Elementos de folk–lore nacional brasileiro*, Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 1936, págs. 79-82.

usado pelos afro-brasileiros em suas festas e sobretudo no samba de roda, como até hoje ainda se vê, se bem que muito raro. Tem-se notícia disso dada por Henry Koster, quando em viagem pelo nordeste do Brasil, observou essas festas e fez uma síntese descritiva, incluindo alguns instrumentos musicais, dentre eles o berimbau, conforme se vê nesta passagem:

> Os negros livres também dançavam, mas se limitavam a pedir licença e sua festa decorria diante de uma das suas choupanas. As danças lembravam dos negros africanos. O círculo se fechava e o tocador de viola sentava-se num dos cantos, e começava uma simples toada, acompanhada por algumas canções favoritas, repetindo o refrão, e freqüentemente um dos versos era improvisado e continha alusões obscenas. Um homem ia para o centro da roda e dançava minutos, tomando atitudes lascivas, até que escolhia uma mulher, que avançava, repetindo os meneios não menos indecentes, e esse divertimento durava, às vezes, até o amanhecer. Os escravos igualmente pediam permissão para suas danças. Os instrumentos musicais eram extremamente rudes. Um deles é uma espécie de tambor, formado de uma pele de carneiro, estendida sôbre um tronco ôco de árvore. O outro é um grande arco, com uma corda tendo uma meia quenga de côco no meio ou uma pequena cabaça amarada. Colocam-na contra o abdômen e tocam a corda com o dedo ou com um pedacinho de pau. Quando dois dias santos se sucediam ininterruptamente, os escravos continuavam a algazarra até a madrugada.[125]

125 Henry Koster, *Viagens ao Nordeste do Brasil* – Tradução e notas de Luís da Câmara Cascudo, Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 1942, págs. 316-317, 333.

Ainda sobre a atuação do berimbau, Debret[126] também faz registro semelhante.

O berimbau que hoje é divulgado e tocado em todo o território brasileiro é um arco feito de madeira específica, pois qualquer madeira não serve, ligado pelas duas pontas por um fio de aço, de vez que arame, além de partir rapidamente, não dá o som desejado. Numa das pontas há uma cabaça (*Cucurbita lagenaria*, Linneu) que não deve ser usada de modo algum verde, quanto mais seca melhor. Faz-se uma abertura na parte que se liga com o caule e parte inferior, dois furos, por onde deve passar um cordão para ligá-lo ao arco de madeira e ao fio de aço. Toma-se de um *dobrão* (moeda antiga), um pedacinho de pau, um caxixi e o instrumento está pronto para se tocar. Esse é o berimbau que atualmente se conhece no Brasil e em outros cantos do mundo. Nos primórdios da colonização, o Brasil conheceu o outro tipo de berimbau, tocado com a boca, conhecido na América Latina por trompa de Paris. Na festa de Natal de 1584, havida no Colégio dos Jesuítas do Rio de Janeiro, Cardim conta como o irmão Barnabé Telo deu vida à festa com esse tipo de berimbau: "Tivemos pelo natal um devoto presépio na povoação, onde algumas vezes nos ajuntávamos com boa e devida música, e o irmão Barnabé nos alegrava com o seu berimbau".[127]

A origem do nome berimbau ainda é obscura. O termo aparece nos primeiros lexicógrafos da língua portuguesa, com Bluteau[128] e Moraes,[129] sem a menor insinuação etimológica. A Real Academia Española na 12ª edição de seu dicionário em 1884, registrou o verbete, que até hoje ainda permanece com proposição onomatopaica para a sua origem "voz imitativa del sonido de este instrumento".[130] Cândido de Figueiredo

126 Jean Baptiste Debret, *op. cit.*, vol. I, pág.253.

127 Fernão Cardim, *Tratado da Terra e da Gente do Brasil* – Introdução e notas de Batista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia. Editôres J. Leite & Cia., Rio de Janeiro, 1925, pág. 301.
Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Lisboa, 1938, vol. II, pág. 104.

128 Raphael Bluteau, *op. cit.*, vol. II, pág. 128.

129 Antônio de Moraes Silva, *op. cit.*, vol. I, pág. 283.

130 Real Academia Española, *Diccionario de la Lengua Española*, Madri, 1947, pág. 178.

recorre ao francês *brimbale*.[131] Nascentes define-o, porém silencia quanto ao étimo.[132] Proposições para origem africana há de Leite de Vasconcelos, em artigo publicado na *Revue Hispanique*, onde apresenta o mandinga *bilimbano*.[133] Renato Mendonça propõe o quimbundo *mbirimbau*, com a simplificação do grupo consonântico *mb*.[134] Por fim, Corominas depois de achar que a origem é duvidosa, admite que talvez seja africana.[135] Como se vê, há verdadeiro desencontro entre os etimólogos.

Quanto ao instrumento em si também não se pode precisar a sua verdadeira origem e por que vias entrou no Brasil. Há registro desse instrumento em vários cantos do universo inclusive na África, conforme observação e documentação de Hermenegildo Carlos de Brito Capello e Roberto Ivens, quando da viagem empreendida pelos territórios de Iaca e Benguela durante os anos de 1877-1880[135ª]. Tem as mais variadas denominações e vem sendo motivo de estudo.[136] No Brasil ele é conhecido por *berimbau, urucungo, orucungo, oricungo, uricungo, rucungo, berimbau de barriga, gobo, marimbau, bucumbumba, gunga, macungo, matungo,*

131 Cândido de Figueiredo, *Nôvo Dicionário da Língua Portuguêsa* – Redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dôbro dos vocábulos até agora registrados nos melhores dos mais modernos dicionários portuguêses, além de satisfazer a tôdas as grafias legítimas, especialmente a que tem sido mais usual e aquela que foi prescrita oficialmente em 1911. 4ª edição corrigida e copiosamente ampliada. Sociedade Editôra Artur Brandão & Cia, Lisboa, 1926, pág. 314.

132 Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguêsa* – com prefácio de W. Meyer–Lübke, 1ª edição, Rio de Janeiro, 1932, pág. 108.

133 José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguêsa*/Com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados, Editorial Confluência, 1ª edição, Lisboa, 1956, vol. I, pág. 356.

134 Renato Mendonça, *A Influência Africana no Português do Brasil* – Prefácio de Rodolfo Garcia, Livraria Figueirinas, Pôrto, 3.ª edição, 1948, pág. 239.

135 J. Corominas, *Diccionario Critico Etimologico da Lengua Castellana* – Editorial Gredos, Madri, 1954, vol. I, pág.461.

135ª H. Capello e R. Ivens, *De Benguella às Terras de Iácca*/Descrição de uma viagem na África Central e Ocidental/ Compreendendo narrações, aventuras e estudos importantes sôbre as cabeceiras dos rios Cu-neme, Cu-bungo, Lu-ando, Cu-anza, e Cu-ango e de grande parte do curso dos dois últimos; além da descoberta dos rios Hamba, Canali, Sussa e Cu-gho, e longa notícia sôbre as terras de Quiteca, N'bungo Sosso, Futa e Iácca/ Expedição organizada nos anos de 1877–1880. Imprensa Nacional, Lisboa, 1881, vol. I, pág. 294.

136 Fernando Ortiz, *Los Instrumentos de La Musica Afrocubana* /Los pulsativos, los fricativos, los insuflativos y los aecritivos. Cardenas y Cia., Editores e Impressores, Habana, 1955, vol. V, págs. 15-20.

rucumbo.[137] Em Cuba que é o país da América Latina onde ele é tão familiar quanto no Brasil, além de ser chamado *sambi*,[138] *pandigurao* e *gorikikamo* é também conhecido por *burumbumba*, que deve ser uma variante de *bucumbumba* no Brasil. Ortiz, que tem trabalhos extraordinários sobre a etnografia afro-cubana, examina o berimbau sob a denominação já referida e fornece uma informação valiosa, que é a do seu uso nas práticas religiosas afro-cubanas, coisa que não se tem notícia de outrora se fazer no Brasil e nem tampouco em nossos dias, a não ser nas práticas religiosas de após o recente Concílio Ecumênico, com o surgimento de missas regionais, como a conhecida pelo nome de *Missa do Morro* e outras que correm por aí, onde o berimbau, juntamente com instrumentos africanos, tem papel importante. Como se trata de uma observação útil aos nossos estudos, transcrevo aqui o trecho de Ortiz referente à *burumbumba*:

> En Cuba hemos hallado ese instrumento con los nombres populares de *Buru-mbúmba* ó *bruro-mumba*. La voz *buro* significa 'hablar' o 'conversar' y la palabra *mbumba*, que no es sino la *nganga*, 'prenda' o habitáculo del muerto o spiritu 'familiar' que tiene apresado al cango *tata nganga* para que 'trabaje' a su conjuro. *Burumbumba* es pues, un instrumento que 'habla con muertos'.
>
> Uno de los cantos que oímos al son de la *burumbumba*, dirigido a la *mbumba* decia así:
>
> *Buru mbumba, mamá*
> *Buru mbumba*
> *Buru mbumba, mamá*
> *Buru mbumba, é.*

137 Oneyda Alvarenga, *Música Popular Brasileira*, Editôra Globo, Pôrto Alegre, 1960, pág. 312.
_____ Luiz da Câmara Cascudo, in Henry Koster, *op. cit.*, pág. 333.

138 Fernando Ortiz, *Glosário de Afronegrismos con un prologo por Juan M. Dihigo*, Imprensa "El siglo XX", Habana, 1924, pág. 466.

Y así se canturreaba monotona y indefinidamente. La voz *Buru* se decia en tono bajo, la voz mbumba en otro mas alto, y mamá en más agudo. Sin duda, un conjuro de necromancia.

La *burumbumba* se hace con un palo *vergado*, como a veces se dice en Cuba, lo cual quiere significar "arqueado", con vocabulo anacrónico, recordando que *verga* se decía antano al arco de acero de la ballesta. Este arco musical, es geralmente encerado de tripa de pato. Se usa forrar al arco en su parte media con cordel para que éste no se parta; y en ese mismo sitio se apoya la jicara o medio guiro que forma la oquedad resonante, sujeta en ese punto por una lazada, también de tripa de pato, desde su parte superior a la cuerda vibrátil. Para su tañido esta jicara se coloca por su parte cóncava contra la caja torácica del mismo, quien saca dos o tres tonos de las cuerdas del instrumento. Se tañia y tañe solo, sin acompanamiento de otro instrumento, para sostener melodias a baja voz.

Una vez terminado al toque, el instrumento se desarma facilmente y no se conservan tendidos ni el arco ni la cuerda, que así pueden durar mucho tiempo.

La *burumbumba* era muy usada por los congos en Vueltabajo y el sur de la provincia de Habana "para sacar cantos".

También en Cuba y con referencia a ese instrumento hemos oído atribuirle los nombres de *pandi-gurao* u *goro-kikamo*; pero sin más datos. Ambas denominaciones recuerdan la palabra *gora*, que ciertos pueblos bantus aplican a instrumentos similares.

> Este sencillo instrumento también se usa en la America Meridional con diversos nombres. Los indios lencas usan el *arco musical* al que llaman *búmba-úm*, según Izikowitz, quien señala que esa voz alude a su origen africano, lo mismo que las palabras *gualambo* y *carimba*, que para el mismo instrumento emplean los indios de Caingua y los Mosquitos. La voz *búnba-úm* se aproxima mucho a la *burumbúmba* de Cuba.[139]

Das várias denominações para o berimbau no Brasil eu só ouvi até o presente a de *gunga*, que aparece nas seguintes cantigas:

Panhe esse gunga
Me venda ou me dê
Esse gunga não é meu
Eu não posso vendê

Panhe esse gunga
Me venda ou me dê

Esse gunga não é meu
eu não posso vendê

Panhe esse gunga
Ou me venda ou me dê

Esse gunga não é meu
Eu não posso vendê

Esse gunga é meu
Eu não dô a ninguém

Esse gunga é meu
Foi meu pai qui me deu

Esse gunga é meu
Eu não dô a ninguém.

139 Fernando Ortiz, Los Instrumentos de la Musica Afrocubana, *ed. cit.*, vol.V, págs. 20-22

No Brasil, além de se escrever um longo artigo sobre o berimbau,[140] preocuparam-se com ele Nina Rodrigues,[141] Donald Pierson,[142] Cascudo,[143] Flausino Rodrigues Vale,[144] Alfredo Brandão,[145] Artur Ramos,[146] Renato Almeida,[147] Luciano Gallet[148] e Edison Carneiro.[149]

Pandeiro

Ainda é um pouco controvertida a origem do termo pandeiro. Já no século passado, Adolfo Coelho[150] ligava o vocábulo, com dúvida, ao latim *pandura*. Entretanto, em nossos dias, Carominas[151] deriva de *pandorius*, dando como variante de *pandura*, tomado do grego *pandoura*, que Alexandre[152] e Bailly[153] definem como *instrument de musique à trois*

140 Albano Marinho de Oliveira, "Berimbau o arco musical da capoeira", *in Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, 1956 vol. 80, págs. 225-264.

141 Nina Rodrigues, *Os Africanos no Brasil*/revisão e prefácio de Homero Pires, Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 3ª edição, 1945, pág. 259.

142 Donald Pierson, *Brancos e Prêtos na Bahia*/Estudo de contato racial, com introdução de Artur Ramos e Roberto E. Park, Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 1945, pág. 315.

143 Luís da Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, 2.ª edição revista aumentada, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1962, págs. 111-112.

144 Flausino Rodrigues Vale, *op. cit.*, pág. 83.

145 Alfredo Brandão, "Os negros na história de Alagoas", *in Estudos Afro-Brasileiros*/Trabalhos apresentados ao 1º Congresso Afro-Brasileiro reunido no Recife em 1934, prefácio de Roquette Pinto, Ariel Editôra Rio de Janeiro, 1935, vol. I, pág. 85.

146 Artur Ramos, *O Negro Brasileiro*/Etnorafia religiosa, Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 3ª edição, 1951, vol. I, págs. 209-210.

147 Renato Almeida, *História da Música Brasileira*, 2ª edição correta e aumentada. F. Briguiet & Comp. Editôres, Rio de Janeiro, 1942, pág. 115.

148 Luciano Gallet, *Estudos de Folclore*, Carlos Wehrs & Cia., Rio de Janeiro, 1934, págs. 59, 61.

149 Edison Carneiro, *Religiões Negras*/Notas de etnografia, religiosa, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1936, págs. 112-114.

150 Francisco Adolfo Coelho, *op. cit.*, pág. 932.

151 J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 635.

152 C. Alexandre, *Dictionnaire grec-français*/composé sur un nouveau plan où sont réunis et coordonnés des traveaux de Henri Estienne, de Schneider, de Passow et des meilleurs lexicographes et grammairiens anciens et modernes/augmenté de l'explication d'un grand nombre de fonemes dificiles et suivi de plusieurs tables nécessaires pour l'intelligence des auteurs. Onzième édition entièrement refondue par l'auteur et considérablement augmentée, Libraire de L. Hachette & Cie., Paris, 1852, pág. 1.039.

153 A. Bailly, *Dictionnaire grec-français*/rédigé avez le concours de E. Egger. Edition revue par L. Séchan et P. Chantraine, Librairie Hachette, 1950, pág. 1.450.

cordes. Infelizmente Boisacq[154] e Hoffman[155] se omitem com referência a esse vocábulo. Quanto ao latino há também omissão de Walde-Hoffman[156] e Ernout-Meillet.[157] Antes de Adolfo Coelho, Diez[158] havia proposto *pandura* e com ele Meyer-Lübke.[159] Porém, o mais sensato no caso da língua portuguesa é, como já o fez Nascentes[160] e Pedro Machado[161] faz com certa parcimônia, admitir-se o espanhol *pandero*, como gerador de nosso pandeiro. Há quem pense numa remota origem Arabe, como é o caso de Bluteau,[162] que propõe *pandair*, que não é senão uma forma românica mesclada pelos moçárabes, quando da ocupação da península ibérica.[163]

O pandeiro em si, Luciano Gallet inclui entre os instrumentos africanos vindos para o Brasil; Subirá,[164] estudando a presença da música entre os povos hindus, inclui o pandeiro como um dos antiquíssimos instrumentos musicais da velha Índia. Os hebreus dele faziam bastante

154 Émile Boisacq, *Dictionnaire etymologique de la langue grecque /*étudiée dans ses rapports avec les autres langues indo-européennes. 4ème édition augmentée d'un index par Helmut Rix, Carl Winter, Universitätsverlag, Heidelberg, 1950.

155 J. B. Hofmann, *Etymologiches Wörterbuch des griechischen*. Verlag von R. Oldenbourg, München, 1950.

156 J. B. Hofmann, *Lateiniches etymologiches Worterbuch*, 3. Neubearbeitete Auflage, Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1938-1956.

157 A. Ernout et A. Meillet, *Dictionnaire etymologique de la langue Latine*/Histoire des Mots. Troisième édition revue, corrigée et augmentée d'un index. Librairie C. Klincksieck, Paris, 1951.

158 Friedrich Diez, *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen*/Fünfte Ausgabe mit einem Anhang von August Scheler Bei Adolf Marcus, Bonn, 1887, pág. 233.

159 W. Meyer–Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, 3. Vollständig neubearbaitete Auflage Carl Winter Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1935, pág. 508.

160 Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguêsa*, 1ª edição, Rio de Janeiro, 1932, pág. 586.

161 José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguêsa/*Com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados, 1ª edição, Editorial Confluência, Lisboa, 1959, vol. II, pág. 1.664.

162 Raphael Bluteau, *op. cit*., vol. VI, 1720, pág. 219.

163 Ramon Menéndez Pidal, *Origenes del Español* / Estudo linguistico de la península iberica hasta el siglo XI. Tercera edición muy corregida y adicionada, Espasa-Calpe, S. A., Madri, 1950, págs. 88, 90, 176.

164 José Subirá, História de la Musica. Tercera edición reformada , ampliada y puesta al día, Salvat Editôra, S/A, Barcelona, Madri, 1958, vol. I, págs. 58, 87.

uso, sobretudo em cerimónias religiosas. Penetrou na Idade Média,[165] impôs sua presença e na península ibérica se instalou em definitivo com a invasão árabe, sendo usado com frequência, em bodas, casamentos e cerimônias religiosas. A exemplo dos povos hebreus, os ibéricos usaram o pandeiro em cerimônias religiosas, mui especialmente na Procissão de Corpus Christi em Portugal e no século XVI, na Espanha, em Toledo e Madri. Paralelamente a esses acontecimentos, o pandeiro teve grande destaque entre os jograis, levando-o de corte em corte. Carolina Michaëlis chama atenção para sua presença, sobretudo na literatura medieval, dizendo que "O pandeiro e o adufe, o qual vimos figurar na mão de moças, tanto em miniaturas do *Cancioneiro da Ajuda* como em poesias medievais, e no meio da rua em casamentos e procissões, serve ainda hoje em todas danças femininas do povo".[166] Em outro lugar, examina as diversas vinhetas, onde aparece o pandeiro.[167] Tudo isso sem se falar que os Reis Católicos de Espanha, Isabel e Fernando de Aragão, que eram verdadeiros apaixonados da música, dispunham de músicos assalariados e na sua corte o pandeiro foi algo familiar. Essa familiaridade existiu também em Portugal, sobretudo entre a gente do povo e uma das testemunhas fidedignas é Gil Vicente, quando em o "Triunfo do Inverno" diz que:[168]

Em Portugal vi eu ja
en cada asa pandeiro,
e gaita em cada palheiro,
e de vinte anos a ca
não ha hi gaita nem gaiteiro.

A cada porta hum terreiro,
cada aldea dez folias,
cada casa atabaqueiro;
e agora Jeremias
he nosso tamborileiro

165 Idem, *op. cit.*, vol. II, pág. 647.

166 Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Cancioneiro da Ajuda*/edição crítica e comentada, Max Niemeyer, Halle, 1904, vol. II, pág. 916.

167 Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *op. cit.*, vol. II, págs. 158-163.

168 Gil Vicente, "Triunfo do Inverno", *in Obras Completas*/Com prefácio e notas do Prof. Marques Braga, Livraria Sá da Costa, Editôra, Lisboa, 1943, vol. IV, págs. 261-262.

Em suma, o pandeiro deixou sua marca na literatura antiga da península ibérica desde Santo Isidoro de Sevilha até o arcebispo de Hita.[169]

No Brasil, o pandeiro entrou por via portuguesa e já na primeira procissão que se realizou no Brasil, que foi a de Corpus Christi, na Bahia, a 13 de junho de 1549, ele se fez presente, pois era hábito em Portugal e mais tarde no Brasil o uso desse instrumento ao lado de muitíssimos outros. E para se ter mais convicção disso é o próprio Nóbrega quem informa que a referida procissão foi "mui solemne, em que jogou toda a artilharia que estava na cerca, as ruas enramadas, ouve danças e invenções à maneira de Portugal".[170] Atente-se aí para a frase final *houve danças e invenções à maneira de Portugal*. Daí para cá o pandeiro foi aculturado e aproveitado pelo negro em seus folguedos. Essa aculturação e aproveitamento do pandeiro se verificou também entre os negros da América Latina, mui especialmente o cubano, onde o pandeiro é um dos instrumentos da liturgia nagô de Cuba, havendo até pandeiros específicos para orixás, como é o caso de Exu.[171]

Adufe

O adufe é um pequeno pandeiro de formato quadrado e de proveniência mourisca.

O termo é de origem árabe e os arabistas e etimólogos são unânimes em ligar a *duff*, tímpano, como Dozy-Engelmann,[172] Eguilaz1,[173]

169 José Subirá, *op. cit.*, vol. II, págs. 670-672.

170 Manoel da Nóbrega, *Cartas do Brasil e Mais Escritos (opera omnia)* com introdução e notas históricas e críticas de Serafim Leite/Por ordem da Universidade, Coimbra, 1955, pág. 41.

171 Fernando Ortiz, *op. cit.*, vol. IV, 1954, págs. 98-99.

172 R. Dozy et W.H Engelmann, *Glossaire des mots espagnols et portugais derives de l'arabe*, seconde édition revue et très considérablement augmentée, E.J. Brill Leyde, – Maisonneuve & Cie, Paris 1869, pág. 50.

173 P. Leopoldo de Eguilaz y Yanguas, *Glosario Etimologico de lãs Palabras Españolas* (castellanas, catalanas, gallegas, mallorquinas, portuguesas, valencianas y bascongadas) de origen oriental (arabe, hebreo, malayo, persa y turco). Imprenta de la Lealtad, Granada, 1886, pág. 64.

Steiger,[174] Lokotsch,[175] Neuvonen,[176] João de Souza,[177] Pedro Machado,[178] Diego[179] e Nascentes.[180] O *Dicionário* da Academia das Ciênças de Lisboa[181] registra *addafo*, o que motivou correção de Gonçalves Viana,[182] porém em nossos dias Pedro Machado[183] demostrou estar a forma correta, devido à variação vocálica da palavra, argumentando com Steiger que escreve em caracteres árabes *daff* e transcreve *duff*,[184] por fim diz existir a forma *daff* em árabe magrebino.

O adufe foi um instrumento familiar dos hebreus e segundo reafirma Subirá[185] o *tympanum*, que aparece no Gênesis 31.27 é o adufe. Na Arábia ele ganhou muito prestígio, sobre tudo entre os monarcas, a ponto de Gualid II compor canções para serem acompanhadas, dentre outros instrumentos, pelo adufe.[186] Quando invadiram a península

174 Arnald Steiger, *Contribución a la Fonetica del Hispano-Arabe y de los Arabismos en el Ibero-Románico y el siciliano*. Imprenta de la Libreria y Casa Editorial Hernando (S.A.), Madri, 1932, pág. 120.

175 Karl Lokotsch, *Etymologisches Wörterbuch der europäischen* (germanischen, romanischen und slavischen) Wörter orientalischen Ursprungs. Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1927, pág. 43.

176 Eero K. Neuvonen, *Los Arabismos del Español en el Siglo XIII*. Helsinki, 1941, págs. 142-143.

177 João de Souza, *Vestigios da Lingoa Arabica em Portugal*, ou lexicon etymologico das palavras e nomes portugueses, que tem origem arábica, composto por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa por Fr. João de Souza, Socio da dita Academia e Interprete de S. Majestade, para Lingua Arabica; e augmentado e annotado por Fr. Jozé de Santo Antonio Moura, Socio da Predita Academia, official da Secretaria do Estado dos Negocios Estrangeiros e Interprete Regio da referida Lingua. Na Typografia da mesma Academia, Lisboa, 1830, pág. 14.

178 José Pedro Machado, *Influência Arábica no Vocabulário Português*/Edição de Álvaro Pinto (Revista de Portugal), Lisboa, 1958, vol. I, págs. 71-72.

179 Vicente Garcia de Diego, *Diccionario Etimologico Español e Hispanico*, Editorial. S.A.E.T.A., Madri, s/d., págs. 23, 575.

180 Antenor Nascentes, *op. cit.*, 1932, pág. 15.

181 Academia das Ciências de Lisboa, *Dicionário da Língua Portuguêsa*/Na Officina da Mesma Academia, Lisboa, Anno 1793, Tomo I, pág. 119.

182 A. R. Gonçalves Viana, *Apostilas aos Dicionários Portuguêses,* Livraria Clássica Editôra – A. M. Teixeira & Cia., Lisboa, 1906, vol. I, págs. 26-27.

183 José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. I, Lisboa, 1958, pág. 71.

184 Arnald Steiger, *op cit*. pág. 120.

185 José Subirá, *op. cit.*, vol. I pág. 84.

186 José Subirá, *op. cit.*, vol. I pág. 94.

ibérica levaram-no consigo. Lá, embora Carolina Michaëlis[187] fale de sua importância paralela ao pandeiro, o adufe teve muito mais prestígio. Basta ler a própria Carolina Michaelis[188] e o importante estudo sobre a poesia jogralesca e os jograis de Menendez Pidal.[189] Dos cancioneiros portugueses da Idade Média, aparece no da *Vaticana*:

A do muy bon parecer
mandou lo aduffe tanger;
louçana, d'amores moyr'eu.
A do muy bon semelhar
mandou lo aduffe sonar;
louçana, d'amores moyr'eu.
Mandou-lo aduffe tanger
e non lhi davan lezer;
louçana, d'amores moyr'eu.
Mandou-l'o aduffe sonar,
e non lhy davan vagar;
louçana, d'amores moyr'eu.[190]

Na Crônica do Infante Santo D. Fernando, quando se narra o percurso do infante a caminho de Arzila, o adufe está entre os instrumentos tocados em festa: "E ante humua legoa que chegassem Arzila, acharon moços que os vinham reçeber ao caminho, e como se mais chegaram sayam os homẽs, por ende muy poucos; e açerqua da uila estauam as molheres, que eram muitas, e cristãos da terra, e mercadores jenoeses,

187 Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *op. cit.*, vol. II, pág. 916.

188 Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *op. cit.*, vol. II, págs. 162, 639, 915-916.

189 Ramon Menendez Pidal, *Poesia Juglaresca y Juglares*/Aspectos de la historia y cultura de España. Tercera edicción, Espasa–Calpe Argentina, Buenos Aires–Madrid, 1949, págs. 34-48.

190 Theophilo Braga, *Cancioneiro Português da Vaticana*/Edição crítica restituída sôbre o texto diplomático de Halle, acompanhada de um glossário e de uma introdução sôbre os trovadores e cancioneiros portugueses. Imprensa Nacional, Lisboa, 1878, pág. 165.

e ajghũus casteláoos, e judeus, todos da terra; e faziam grande alegria e tangiam anafijs/trombetas e adufes e atabaques e diziam muitos cantares".[191]

Do mesmo modo que o pandeiro, o adufe entrou no Brasil por via portuguesa, embora, lamentavelmente, Luciano Gallet o inclua entre os instrumentos musicais africanos vindos para cá. O adufe foi também aculturado e aproveitado pelos negros no Brasil. Teve grande propagação, porém hoje não se tem mais notícia de sua existência. Embora na história dos instrumentos musicais não se faça referência à África como um ponto antigo onde se tenha também encontrado as várias espécies de pandeiro, sobretudo o pandeiro propriamente para nós e o adufe, vem de Cuba a insinuação de Ortiz de que "también que la pandereta fué el atributo del dios *Bes*, que en el panteon egipcio representaba la alegría, la infancia, la sátira, el baile y la sexualidad. Pero *Bes* fué un dios negro sudanés, de facciones etiópicas, cuyo culto se extendió por las riberas de Mediterráneo y duró hasta la dinastía ptolomaica y el imperi romano; y, según algunos, a través de los fenicios, dió su nombre a la isla *Ibiza*, una de las Baleares".[192]

Atabaque

O termo atabaque é de origem árabe, sendo aceita por unanimidade pelos arabistas etimólogos a forma *tabl*, que Diez[193] traduz por *mauris-che Panke* (tímpano mouro). Afinam com este étimo Dozy-Engelmann,[194]

191 João Alvarez, *Crônica do Infante Santo D. Fernando*/Edição crítica da obra de D. Fr. João Alvarez segundo um códice Ms. do séc. XV, por Mendes dos Remédios, F. França Amado Editôres, Coimbra, 1911, pág. 32.

192 Fernando Ortiz, *op. cit.*, vol. III, pág. 418.

193 Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 30.

194 R. Dozy et W. H. Engelmann, *op. cit.*, pág. 207.

Steiger,[195] Lokotisch,[196] Neuvonen,[197] Eguilaz,[198] Pedro Machado,[199] Diego,[200] Meyer-Lübke[201] e Nascentes.[202] O vocábulo se espalhou na área românica, e além do português antigo *atabal* e *tabal*, deu no espanhol *atabal*, asturiano *tabal*, santanderino *tabal*, catalão *tabal*, italiano *ataballo*, *taballo*[203] provençal *tabalh* e moderno francês *attabal*.[204] Juntamente com o pandeiro e o adufe, o atabaque se acha presente na poética medieval, sobretudo por causa dos Reis Católicos de Espanha, Isabel e Fernando de Aragão, que o prestigiavam bastante, através dos jograis, bodas e festas outras e, além do mais, tendo entre o conjunto de músicos assalariados de sua corte cinco a seis tocadores de atabaques.[205] Está em documentos antigos da prosa portuguesa, como no fragmento do III Livro da Linhagens, anexos ao *Cancioneiro da Ajuda*,[206] *Crônica da Ordem*

195 Arnald, Steiger, *op. cit.*, pág. 90.

196 Karl Lokotsch, *op. cit.*, pág. 156.

197 Eero K. Neuvonen, *op. cit.*, pág. 221.

198 P. Leopoldo de Eguilaz y Yanguas, *op. cit.*, pág. 295.

199 José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. I, págs. 328-329.

200 Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 82, 1.005.

201 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 702

202 Antenor Nascentes, *op. cit.*, 1932, pág. 79.

203 Carlo Battisti/Giovanni Alessio, *Dizionario Etimologico Italiano*, G. Barbèra, Editore Firenze, 1950, vol. I, pág.344.

204 Ernst Gamillscheg, *Etymotogisches Wörterbuch der französischen Sprachen/*Mit einem Wort – und Sachverzeichnis von Dr. Heinrich Kuen, Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1928, pág 844.

205 José Subirá, *op. cit.*, vol. III, pág. 525.

206 José Joaquim Nunes, *Crestomatia Arcaica* excerptos de literatura portuguêsa desde o mais antigo que se conhece até ao século XVI / acompnhados de introdução gramatical, notas e glossálio, 3ª edição (com correções feitas em vida pelo autor), Livraria Clássica Editôra, M.A. Teixeira & Cia. (Filhos), Lisboa, 1943, págs. 49, 55.

dos Frades Menores,[207] *Crônica de Cinco Reis de Portugal*[208] *e Crônica do Infante Santo D. Fernando*.[209]

O atabaque é um instrumento oriental muito antigo entre os persas e os árabes, porém divulgado na África. Embora os africanos já conhecessem o atabaque e até tenham vindo da África algumas espécies, creio que ao chegarem ao Brasil já o encontrassem trazido por mãos portuguesas, para ser usado em festas e procissões religiosas em circunstâncias idênticas ao pandeiro e o adufe. Pensamento idêntico tem Ortiz com referência a Cuba.[210] Entre nós, atualmente, não é mais usado na capoeira. Usa-se somente nas festas religiosas e profanas afro-brasileiras e nos folguedos populares em que é requerida a sua presença. Com base nas resoluções atuais do Concílio Ecumênico, o atabaque voltou a transpor as portas dos templos católicos, através das missas elaboradas em nossos dias com acompanhamento de instrumentos musicais locais.

Ganzá

O ganzá ou reco-reco conhecido na Bahia é feito de gomo de bambu com sulcos transversais sobre o qual se passeia uma haste de metal. Também já vi um outro tipo feito de uma pequena mola de arame enroscado, colocado numa caixa de madeira e sobre a qual se passa sucessivamente de uma ponta à outra uma haste metálica. O ganzá que Renato Almeida[211] descreve é o que na Bahia se chama *chocalho* e que no tempo em que as

207 José Joaquim Nunes, *Crônica da Ordem dos Frades Menores (1209–1285).* Manuscrito do século XV, agora publicado inteiramente pela primeira vez e acompanhado de introdução, anotações, glossário e índice onomástico. Imprensa da Universidade, Lisboa, 1918, vol. I, pág. 128.

208 A. de Magalhães Basto, *Crônica de Cinco Reis de Portugal*/Inédito quatrocentista do cód. 886 da Biblioteca Publ. Municipal do Pôrto; seguido de capítulos inéditos da versão portuguêsa da crônica geral de Espanha e outros textos. Edição diplomática e prólogo de A. de Magalhães Basto, Livraria Civilização Editôra, Pôrto, s/d., pág. 162

209 João Alvarez, *op. cit.*, pág. 32.

210 Fernando Ortiz, *op. cit.*, vol. IV, págs. 412-413.

211 Renato Almeida, *op. cit.*, pág. 114.

batucadas saíam às ruas pelo Carnaval vi muito deles. Desconhece-se a origem do nome, assim como a sua procedência.

O ganzá ou reco-reco é bastante difundido no nordeste, a ponto de ser frequentemente cantado e recantado pelos trovadores, como se observa nos versos abaixo:

Saco, saco
Biasco, saco de chumbo,
Minha mão não sai do prumo
Na pancada do ganzá.

Sou bicho duro
Sou um alagoano,
Já tou com dezoito ano
Na pancada do ganzá

Ai, meu ganzá
Que custou mil e seiscentos,
Ele tem merecimento,
Cada ponto um maracá...

Senhora dona,
Vontade também consola:
Macaco toca viola
Porem não bate ganzá.

Eu sou disciplo
De Romano Serradô,
Da terra sobe o calor
Quando eu balanço o ganzá...

Pego o ganzá,
Desenrolo o carrité
Pego o pinto pelo pé
Não deixo pinto voá...

Ai, meu ganzá,
Ai meu ganzá, meu ganzarino,
Camisa de pano fino,
Meu ganzarino ganzá.

Eu vim de longe
Do centro das Alagoas,
Já ando quase à toa,
Sem dinheiro pra passá,
Passei fome,
Passei sede nos camim
E, já vendo a casa ruim,
Me vali deste ganzá.[212]

212 Leonardo Mota, *Sertão Alegre* (Poesia e linguagem do sertão nordestino). Imprensa Universitária do Ceará, 2ª edição, Fortaleza, 1965, págs. 112, 114, 115, 117, 118, 124.

Nunca vi o ganzá tocado na capoeira. Somente em alguns cordões carnavalescos é que tive oportunidade de ver ser utilizado esse instrumento.

Caxixi

O Caxixi é um pequeno chocalho feito de palha trançada com a base de cabaça (*Cucurbita lagenaria*, Linneu), cortada em forma circular e a parte superior reta, terminando com uma alça da mesma palha, para se apoiar os dedos durante o toque. No interior do caxixi há sementes secas, que ao se sacudir dá o som característico. Nada de concreto se sabe a respeito da origem do nome, nem do instrumento. Na Bahia esse instrumento só vi ser usado exclusivamente na capoeira quanto à sua presença nos candomblés, como quer Cascudo,[213] nunca vi e não tenho a menor notícia de tal fato, nem mesmo nos *candomblés de caboclo.*

Agogô

O agogô é um instrumento musical de percussão de ferro entrado no Brasil por via africana. O termo agogô pertence à língua nagô e vem do vocábulo *agogô* , que quer dizer sino,[214] entretanto precisar qual dos povos africanos foi o responsável pela sua vinda para o Brasil é algo difícil. O uso da agogô na capoeira, só tenho lembrança de ter visto nas academias de capoeira de Canjiquinha (Washington Bruno da Silva) e de Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha). O instrumento é demasiado familiar no Brasil a ponto de seu nome ser incorporado ao nosso léxico, sem nenhuma alteração fonético-morfológica. É bastante usado nos folguedos populares. Mas a sua maior atuação é nas cerimônias religiosas afro-brasileiras, sobretudo para se saudar os orixás, com cantigas de composição em língua nagô, em que dizem que o agogô esta saudando,

213 Luís da Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, 2ª edição revista e aumentada, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1962, pág. 200.

214 R. C. Abraham, *Dictionary of Modern Yoruba*, University of London Press Ltd., London, 1958, pág. 30.

como por exemplo, uma das sete cantigas do xirê, de Exu, em que o agogô o saúda sob o nome de Laróyè:

Agogo nro go	– O sino está tocando muito alto
Laróyè	– Ó Laróyè!
Agogo nro go	– O sino está tocando muito alto
Laróyè	– Ó Laróyè!

8. O canto

Não se pode estabelecer um marco divisório entre cantigas de capoeira antigas e atuais, embora alguns capoeiristas tentem fazê-lo. Mas se se examinar essa distinção, verifica-se que não procede, uma vez que muitas das cantigas consideradas atuais são quadras antiquíssimas, que remontam aos primórdios da colonização, as quais relatam passagens da Donzela Teodora, Decamerão, cenas da vida patriarcal brasileira e motivos outros. Também as cantigas que eles classificam de antigas, em sua maior parte, não o são. Em realidade são quadras de desafios cujos autores viveram até bem pouco; cantigas de roda infantil e samba de roda. Portanto é por demais perigoso se tentar distinguir cantiga de capoeira antiga da atual e, de um modo geral, cantiga e capoeira propriamente dita e cantiga de procedência outra, cantada no jogo de capoeira.

De um ponto de vista amplo, a cantiga de capoeira tanto pode ser o enaltecimento de um capoeirista que se tornou herói pelas bravuras que fez quando em vida, como pode narrar fatos da vida cotidiana, usos, costumes, episódios históricos, a vida e a sociedade na época da colonização, o negro livre e o escravo na senzala, na praça e na comunidade social. Sua atuação na religião, no folclore e na tradição. Louvam-se os mestres de capoeira e evocam-se as terras de África de onde procederam. Fenômeno importante a se observar em boa parte das cantigas de capoeira é o diálogo. Não é o diálogo normal entre duas pessoas presentes, mas o entre uma pessoa humana presente e outra pessoa ou coisa ausente, onde as indagações são feitas e respondidas por uma só pessoa. Esse tipo de diálogo existente no canto dos negros foi estudado por Ortiz, que o examinou sob os seus múltiplos aspectos não só em Cuba como em

outros países afro-americanos.[215] Documentando tudo o que acabo de expor, transcrevo as cantigas de capoeira, colhidas de diversos mestres e discípulos de capoeira:

Cantiga 22

No tempo que eu tinha dinhêro
Cumi na mesa cum yoyô
Cumi na mesa cum sinhá
Agora dinhêro acabô
Capoêra qué me matá.

Cantiga 23

Ê tiririca é faca de cortá
Ê tiririca é faca de matá
Ê faca qui mata meu sinhô
Ê faca qui mata minha sinhá
Ê é faca de matá.

Cantiga 24

Ôi yayá mandô dá
Uma vorta só
Ô qui vorta danada
Uma vorta só
Ô qui leva ou me vorta
Uma vorta só
Ôi qui vorta danada
Uma vorta só
Ôi yayá mandô dá.

215 Fernando Ortiz, *Los Bailes y el Teatro de los Negros en el Folklore de Cuba.* Ediciones Cardenas y Cia., Habana, 1951, págs. 6-36.

Cantiga 25

Eu vô dizê a meu sinhô
Qui a mantêga derramô
A mantêga não é minha
A mantêga é do sinhô
Eu vô dizê a meu sinhô
Qui a mantêga derramô
A mantêga não é minha
A mantêga é de yayá.

Cantiga 26

Chique-chique mocambira
Mandacaru parmatória
A mulé quando não presta
O home manda imbora
O qui foi qui a nêga disse
Quando viu a sinhá
Uma mão me dê me dê
Outra mão dê cá dê cá.

Cantiga 27

Dá, dá, dá no nêgo
Mas no nêgo você não dá
Esse nêgo é valente
Ele qué me matá

Dá, dá , dá no nego
Ô no nêgo você não dá
Esse nêgo é valente
Esse nêgo danado
Esse nêgo é o cão.

Cantiga 28

Iê
Chuva, chuva miudinha
Na copa do meu chapéu
Nossa Senhora permita
Qui nêgo não vá no céu
Todos branco qué sê rico
Todos mulato rimpimpão
Todos nêgo feticêro
Todos ciganos ladrão.

Cantiga 29

Esse home é valente
Sei sim sinhô

Ele stá com a navalha
Sei sim sinhô

Ele vai lhe cortá
Sei sim sinhô
Ô muleque é ligero
Sei sim sinhô

Ele vai lhe pegá
Sei sim sinhô

Cuidado com ele
Sei sim sinhô

Ele qué lhe matá
Sei sim sinhô.

Cantiga 30

Ô calado é vencedô
Mas pra quem juízo tem
Quem espera sê fisgado
Não roga pegá a ninguém
Tum, tum, tum quem bate aí
Tum, tum, tum na minha porta
Sô eu mestre pintô
Mestre pintô da boca torta
Ê aluandê
Ê aluandê
Joga-te pra lá
Joga-te pra cá
Faca de cortá
Faca de furá.

Cantiga 31

Tim, tim, tim Aluandê
Aluandê cabôco é mungunjê
Tim, tim, tim Aluandê
Aluanda, Aluanda, Aluandê
Tim, tim, tim Aluandê
Aluanda hoje é ferro de batê
Tim, tim, tim Aluandê
Eu cheguei lá in casa
Não vi vosmicê.

Cantiga 32

Eu sô angolêro
Angolêro sim sinhô
Eu sô angolêro
Angolêro sim sinhô
Eu sô angolêro
Angolêro de valô
Eu sô angolêro
Angolêro sim sinhô.

Cantiga 33

Ê vô dizê a dendê
Dendê do aro amarelo
Vô dizê a dendê
Sô home não sô mulé
Ê vô dizê a dendê
Sô home não sô mulé.

Cantiga 34

Ô Doralice
Não me pegue
Ô não, não pegue
Não me pegue
No meu coração
Ô Doralice
Não , não me pegue
Não me pegue não.

Cantiga 35

Esta cobra te morde
Sinhô São Bento

Ôi o bote da cobra
Sinhô São Bento

Ôi a cobra mordeu
Sinhô São Bento

Ô veneno da cobra
Sinhô São Bento

Ôi a casca da cobra
Sinhô São Bento

Ô que cobra danada
Sinhô São Bento

Ô que cobra marvada
Sinhô São Bento

Buraco velho
Sinhô São Bento

Tem cobra dentro
Sinhô São Bento

Ôi o pulo da cobra
Sinhô São Bento
Ê cumpade.

Cantiga 36

Ai ai, Aidê
Joga bonito qu'eu quero aprendê
Ai, ai, Aidê
Como vai, como passô
Como vai vosmicê

Cantiga 37

Sô eu Maitá
Sô eu Maitá
Sô eu

Sô eu Maitá
Sô eu Maitá
Sô eu

Puxa puxa
Leva leva
Joga pra cima de mim

Sô eu Maitá
Sô eu Maitá
Sô eu

Quem tivé mulé bonita
É a chave da prisão

Sô eu Maitá
Sô eu Maitá
Sô eu

Vô dizê pra meu amigo
Que hoje a parada é dura

Sô eu Maitá
Sô eu Maitá
Sô eu

Quem ama mulé dusôtro
Não tem vida segura

Sô eu Maitá
Sô eu Maitá
Sô eu

Cantiga 38

Até você
Minha comade

Falô de mim
Minha comade

Eu não falei
Minha comade

Falô qui eu vi
Minha comade

Falo de mim
Minha comade.

Cantiga 39

Iê
Já comprei todos tempêro
Só faltô farinha e banha
Eu não caio in arapuca
No laço ninguém me panha.

Cantiga 40

Santa Maria
Mãe de Deus
Fui na igreja
Não me confessei
Santa Maria
Mãe de Deus
Ôi Mãe de Deus.

Cantiga 41

Camaradinho ê
Camaradinho, camará
Camaradinho ê
Camaradinho, camará
Camarado toma cuidado
Capoêra qué te matá
Eu não posso apanhá
Camaradinho ê
Joga pra traz.

Cantiga 42

Me trate com mais respeito
Que é a sua obrigação
Todo mundo é obrigado
A possuí inducação
Me trate com mais respeito
Veja qui eu lhe tratei bem
Como vai, como passô
Como vai, como não vem.

Cantiga 43

Stô dormindo
Stô sonhando
Stão falando mal de mim
Stô dormindo
Stô sonhando
Tão falando mal de mim
Stô dormindo
Stô sonhando
Stô sonhando.

Cantiga 44

Sô eu, sô eu
Quem vem lá
Sô eu Brevenuto
Quem vem lá
Montado a cavalo
Quem vem lá
Fumando charuto.

Cantiga 45

Siri jogô
Gamelêra no chão
Jogô, jogô
Gamelêra no chão
Jogô, jogô
Gamelêra no chão
Siri, jogô.

Cantiga 46

Ô zum, zum, zum
Capoeira matô um
Ô zum, zum, zum
Capoeira matô um.

Cantiga 47

Dona Maria
Qui vem de Mutá
Ôi qui vem de Mutá
Ôi qui vem de Mutá.

Cantiga 48

Quem vem lá
Vestido de luto
Quem vem lá
Sô eu Brevenuto
Quem vem lá
Brevenuto sô eu
Quem vem lá.

Cantiga 49

Diguidum pereré
Tereré pereré
Diguidum pereré
Pereré decá o pé
Diguidum pereré
Pereré pereré.

Cantiga 50

Quem nunca viu
Venha vê
Ôi venha vê
Ôi venha vê
Quem nunca viu
Venha ver
O licuri botá dendê.

Cantiga 51

Meste, meste
Eu sô meste
Ô ninguém me conhece como meste

Meste, meste
Eu sô meste
Você me respeite como meste

Meste, meste
Eu sô meste
Você me atende como meste.

Cantiga 52

Iê
Minha mãe vô sê bombêro
Meu filho bombêro não
O bombêro apaga fogo
Anda com a morte na mão
Ê aquinderreis
Ê viva meu Deus
Ê viva meu meste
Ê viva todos meste
Ele é meste meu
Ele é meste seu
Faca de matá
Faca de cortá
Faca de furá
Ê vorta do mundo
Ê qui mundo dá
Ê qui mundo tem.

Cantiga 53

Minino quem foi seu meste
Meu meste foi Salomão
Andava de pé pra cima
Cum a cabeça no chão
Fui discipo qui aprende
Qui in meste eu dei lição
O segredo de São Cosme
Quem sabe é São Damião.

Cantiga 54

Nêga fia teve aí
Deu dinhêro pra mamãe
Deu dinhêro pra papai
Deu carne, deu farinha
Deu café, deu feijão
Eu porque era minino
Me dero um tostão
Eu comprei meu berimbau
Pra tocá no Rio de Janêro.

Cantiga 55

Iê
São três coisas nesse mundo
Qui meu coração palpita
É um berimbau banzêro
Uma morena donzela
E seu vistido de chita.

Cantiga 56

Cabôco do mato vem cá
O meu berimbau
Mandô lhe chamá.

Cantiga 57

Dona Maria do Camboatá
Chega na venda
Ela manda botá

Cantiga 58

Ôi i ôi i
Você tem cachaça aí

Ôi i ôi i
Você tem cachaça aí

Ôi i ôi i
Você tem mais não qué dá

Ôi i ôi i
Ferro grande é meu facão

Ôi i ôi i
Dente de onça é môrão

Ôi i ôi i
Aranha Caranguejêra

Ôi i ôi i
É bicho cavalo do cão

Ôi i ôi i
Você tem cachaça aí

Ôi i ôi i
Você tem mas não qué dá.

Cantiga 59

Iê
Mataro Dona Maria
Lá na ladêra da Misericórdia
Ela vinha cum saco nas costas
Mataro julgando que era saco de dinhêro
Julgando que era saco de moeda
Agora qui vi era saco de miséria.

Cantiga 60

Iê
Stava in casa
Sem pensá, sem maginá
Salomão mandô chamá
Pra ajudá a vencê
Esta batalha liberá
Eu que nunca viajei
Nem pretendo viajá
Dê meu nome eu vô
Pro sorteio militá
Quem não pode não intima
Deixe quem pode intimá
Quem não pode com mandinga
Não carrega patuá.

Cantiga 61

Adão, Adão
Ôi cadê Salomé, Adão
Ôi cadê Salomé, Adão
Mas Salomé foi passeá

Adão, Adão
Ôi cadê Salomé, Adão
Ôi cadê Salomé, Adão
Ôi foi pra ilha de Maré.

Cantiga 62

Ô lemba ê lembá
Ê lemba do barro Vermelho

Cantiga 63

A soberba combatida
Foi quem matô Pedro Sem
No céu vive meu Deus
Na terra vale quem tem
Lá se foi minha fortuna
Escramava Pedro Sem
Saía de porta em porta
Uma esmola a Pedro Sem
Hoje pede a quem negô
Qui onte teve e hoje não tem
A quem eu neguei esmola
Hoje me negue também
Na hora da sua morte
A justiça ensaminô
Correndo o bolso dele
Uma muxila encontrô
Dentro dela um vintém
O letrêro qui dizia
Eu já tive hoje não tem
A soberba combatida
Foi quem matô Pedro Sem
Viva Pedro Sem
Quem não tem não é ninguém.

Cantiga 64

Qui vai caiman
Caiman caiman
Qui vai caiman
Para ilha de Maré
Caiman, caiman, caiman.

Cantiga 65

São quanta coisa no mundo
Que o home lhe consome
Uma casa pingando
Um cavalo chotão
Uma mulé ciumenta
E um minino chorão
Tudo isso o home dá jeito
A casa ele retelha
O cavalo negoceia
O minino a mãe calenta
Mulé ciumenta
Cai na peia.

Cantiga 66

Cachorro qui ingole osso
Ni alguma coisa ele se fia
Ou na güela ou na garganta
Ou ni alguma trivissia

A coisa milhó do mundo
É se tocá berimbau
Lá no Rio de Janêro
Na Rádio Nacional.

Cantiga 67

É vem a cavalaria
Da Princesa Teodora
Cada cavalo uma sela
Cada sela uma senhora
Minha mãe nunca me deu
Pra hoje eu apanhá
Quem não pode com mandinga
Não carrega mangangá.

Cantiga 68

Viola velha o qui é qui tem
Qui tá gemendo
Tô com uma dô de cabeça
Não posso panhá sereno
Minha mãe sempre me dizia
Qui muié matava home
Agora acabei de crê
Quando não mata consome.

Cantiga 69

Ê sim, sim
Ôi não, não
Oia a pisada de Lampião
Ê sim, sim
Ôi não, não
Ôia a pisada de Lampião
Ôia a pisada de Lampião.

Cantiga 70

Riachão stava cantando
De Coité a Pimentêra
Quando apareceu um nêgo
Dizendo desta manêra
Você disse que ama a Deus
O teu Deus te enganô
Salomão ele fez rês
São Pedro sempre soldado
Fez um rico outro pobre
Outro cego outro alejado
Salomão ele fez rês
Porque ele merecia
São Pedro um simples soldado
Porque a ele lhe cabia
Fez um rico outro pobre
Disso tudo Deus sabia.

Cantiga 71

Iê
No sertão já teve um nêgo
Chamado Prêto Limão
No lugá onde ele cantava
Chamava o povo atenção
Repentista de talento
Poeta de profissão.

Cantiga 72

Ôi marimbondo, marimbondo
Pelo sinal

Marimbondo me mordeu
Pelo sinal

Marimbondo, marimbondo
Pelo sinal

Ele mordeu foi no pézinho
Pelo sinal

Ele mordeu foi no nariz
Pelo sinal.

Cantiga 73

Ô qui zoa marimbondo
Marimbondo, marimbondo
Ô qui zoa marimbondo
Marimbondo, marimbondo
Ô Marimbondo me mordeu
Qui zoa marimbondo
Marimbondo, marimbondo.

Cantiga 74

Manda lá lecô
Caju ê
Manda loiá
Caju ê
Ê cum caju ê
Ê cum caju ê.

Cantiga 75

Ôi o nome do pau
Pindombê

Ôi a casca do pau
Pindombê

Ôi a folha do pau
Pindombê

Ôi o tronco do pau
Pindombê
Ôi a cinza do pau
Pindombê

Ôi o filho do pau
Pindombê

Como é o nome do pau
Pindombê.

Cantiga 76

Piauí de tupedêra
Tá no porto da Bahia
Marinhêro suburdinado
Tu prantando arrelia
Se eu fosse governadô
Do estado da Bahia
Quando desse as quatro hora
O Itapa não saía
Não vá se metê a pique
La nas águas do Japão.

Cantiga 77

Baraúna caiu
Baraúna caiu
Quanto mais gente
Ôi baraúna caiu
Quanto mais gente.

Cantiga 78

O Brasil disse que sim
O Japão disse que não
Uma esquadra poderosa
Pra brigá com alemão
O Brasil tem dois mil home
Pra pegá no pau furado
Eu não sô palha de cana
Pra morrê asfixiado
O qui foi qui a nêga disse
Quando viu o sabiá
Uma mão me dê, me dê
Outra mão dê cá, dê cá
Ê aquinderreis
Ê viva meu Deus.

Cantiga 79

Volta lá volta cá
Venha vê o qui é
Volta lá volta cá
Venha vê o qui é.

Cantiga 80

Paraná ê
Paraná ê
Paraná

Vô mimbora pra Bahia
Paraná
Tão cedo não venho cá
Paraná

Paraná ê
Paraná ê
Paraná

Se não for essa semana
Paraná
É a semana qui passô
Paraná

Paraná ê
Paraná ê
Paraná

Do nó escondo a ponta
Paraná
Ninguém sabe desatá
Paraná

Paraná ê
Paraná ê
Paraná

Chique-chique mocambira
Paraná
Joga pra cima de mim
Paraná

Eu sô braço de maré
Paraná
Mas eu sô maré sem fim
Paraná

Paraná ê
Paraná ê
Paraná

Ô digêro, digêro
Paraná

Ô digêro, digêro
Paraná

Ô digêro, digêro
Paraná

Eu também sô digêro
Paraná.

Cantiga 81

Ôi tombo do má
Marinhêro
Ôi tombo do má
Estrangêro.

Cantiga 82

Iê
Vô mimbora pra Bahia
Pra vê se o dinhêro corre
Se o dinhêro não corrê
De fome ninguém não morre
Vô mimbora pra São Paulo
Tão cedo não venho cá
Se você quizé me vê
Bote o seu navio no má
O Brasil stá na guerra
Meu devê e í lutá.

Cantiga 83

Não se mêta meu irmão
Qui esse home é valente
Na usina Caco Velho
Já matô Chico Simão

Vamo imbora camarado
Vamo saí dessa jogada
A festa é muito boa
Mas vai tê muita pancada.

Cantiga 84

La la i, la i la
Ô lelê
La la i, la i la
Ô lelê
Ai, ai, ai
Ô lelê
Ai, ai, ai
e, lelê
Ah! ah! ah!
Ô lelê
Ai, ai, ai
Ô lelê
La la i, La i la
Ô lelê.

Cantiga 85

Ê aquinderreis
Ê aquinderreis
Camarado

Ê galo cantô
Ê galo cantô
Camarado

Ê cocorocô
Ê cocorocô
Camarado

Ê vamo imbora
Ê vamo imbora
Camarado

Ê mundo afora
Ê mundo afora
Camarado

Ê vorta do mundo
Ê vorta do mundo
Camarado

Ê qui mundo dá
Ê qui mundo dá
Camarado

Ê qui mundo tem
Ê qui mundo tem
Camarado.

Cantiga 86

Oi tira daqui bota ali
Oi ponha no mesmo lugá.

Cantiga 87

Saia do má
Saia do má
Marinhêro

Saia do má
Saia do má
Estrangêro.

Cantiga 88

Iê
Minino onde tu vai
Eu vô intá meu pai
Ele stá doente
Tá doente pra morrê
Si tu quiria í
Como não me disse
Agora te pego
E te surro tôda.

Cantiga 89

Panhe a laranja no chão tico-tico
Pois tua saia é de renda de bico
Panhe a laranja no chão tico-tico

Se meu amô fô imbora eu não fico
Panhe a laranja no chão tico-tico
Na uma, nas duas, nas três eu não fico.

Cantiga 90

Iê
Você vem se lastimando
Me pedindo pra voltá
Hoje quem no qué sô eu

Ai! Ai!
Não adianta você chorá
Ê camaradinho
Ê camaradinho meu.

Cantiga 91

Ô ê ó a
Ô ê ó a
Ô ê ó a
Lambaio, lambaio

Lambaio, lambaio
Ê lamba ê ê
Ê lamba ê ê
Ê lamba ê ê.

Cantiga 92

Como vai, como stá
Tandirerê.

Ô como vai vosmicê
Tandirerê.

Tu vai bem de saúde
Tandirerê.

Pra mim é um prazê
Tandirerê.
Ôi como vai, como stá.

Era eu era meu mano
Era meu mano mais eu
Eu vi a terra molhada
Mas não vi quando choveu
Era eu era meu mano
Era meu mano mais eu
Ele alugô uma casa
No fim do mês
Nem ele pagô nem eu.

Cantiga 94

Quebra, quebra gereba
Quebra
Oi você quebra hoje
Amanhã quem te quebra?

Quebra
Oi quebra, quebra
Queima, queima Amará
Queima.

Cantiga 95

Dona Maria
Como vai vosmicê
Como vai vosmicê
Como vai vosmicê.

Cantiga 96

Sai, sai Catarina
Saia do má
Venha vê Idalina.

Cantiga 97

Quebra lami kumujê
Macaco

Tira e bota no saco
Macaco

Quebra lami kumujê
Macaco.

Cantiga 98

Ao pé de mim tem um vizinho
Que enricô sem trabaiá
Meu pai trabaiô tanto
Nunca pôde enricá
Não deitava uma noite
Que deixasse de rezá.

Minina vamo pra cama
Vamo catá percevejo
Minina vamo pro mangue
Vamo catá caranguêjo.

Cantiga 99

Carcunda onte teve aqui
Deu dois minréis a papai
Três minréis a mamãe
Café e açuca a vovó
Dois vintém para mim só

Sim sinhô meu camarada
Quando eu entrá você entra
Quando eu saí você sai
Passá bem ou passá má
Tudo no tempo é passá.

Cantiga 100

Eu comprei uma galinha
Por quatro mil e quinhento
Na ladêra de São Bento
Não bem peguei na galinha
Já os pinto piava dento.

Cantiga 101

Na ladêra do Tengó
Passa o boi o carro chia
Desata torna amarrá
Mais sorte os cabelo Maria.

Cantiga 102

Oração de braço forte
Oração de São Mateus
Na hora do meio-dia
Quem pode comigo é Deus.

Cantiga 103

Eu tava na minha casa
Sem pensá, sem maginá
Mandaro me chamá
Pra ajudá a vencê
A guerra no Paraguai.

Cantiga 104

Meu pai bem me dizia
Que não comesse melado

Chegando de manhazinha
Água de coco velado.

Cantiga 105

Minina vamo pro mato
Vamo catá carrapato
Minina vamo pra sala
Levá pulga da senzala

Minina vamo pra cama
Vamo catá percevejo
Minina vamo pro mangue
Vamo catá caranguêjo.

Cantiga 106

Na justa lei da região
Cabra conhece o perigo
Do cotuvelo pra mão

O diabo tem cinquenta dente
Vinte e cinco são de prata
Vinte e cinco so de latão.

Cantiga 107

No dia que amanheço
Perto de Itabaianinha
Home não monta a cavalo

Muié não deita galinha
As frêra que estão rezando
Se esquece a ladainha.

Cantiga 108

Meu braço tem meia libra
Ferro grande é meu facão

Não respeito calumbi
Tando cá foice na mão.

Cantiga 109

Na minha casa veio um home
Da espece dos urubus
Tinha camisa de sola
Paletó de couro cru
Faca de ponta no cinto

Cantiga 110

Oi é tu qui é muleque
Muleque é tu

Muleque te pego
Muleque é tu

Te jogo no chão
Muleque é tu

Castiga esse nêgo
Muleque é tu

Conforme a razão
Muleque é tu.

Oi a cobra me morde
Sinhô São Bento
Me jogue no chão

A cobra é má
Sinhô São Bento.

Cantiga 111

Oi a cobra me morde
Sinhô São Bento
Me jogue no chão
A cobre á má
Sinhô São Bento.

Cantiga 112

Calangolô, tá como passô
Calangolô, ta como passô.

Cantiga 113

Ôi Dona Maria como vai você
Como vai você, como vai você

Dona Maria como vai você
Ora jogue bonito qui eu quero aprendê

Dona Maria como vai você
Ora jogue bonito qui eu quero aprendê

Dona Maria como vai você
Faça jogo de baixo pro povo aprendê

Dona Maria como vai você
Jogue de cima qui eu quero vê
Dona Maria como vai você.

Cantiga 114

Ai, ai, ai
São Bento me chama

Ai, ai, ai
São Bento me leva

Ai, ai, ai
São Bento me prende

Ai, ai, ai
São Bento me solta

Ai, ai, ai
Sinhô São Bento.

Cantigas 115

Panhe mio como gente
Macaco
Macaco qui quebra dendê
Macaco.

Cantigas 116

É sim, sim, sim
Ê não, não, não.

Cantiga 117

Como vai como stá
Camunjerê

Como vai de saúde
Camunjerê

Como vai como stá
Camunjerê

Eu vim aqui lhe vê
Camunjerê

Como vai de saúde
Camunjerê
Para mim é prazê.

Cantiga 118

Anu não canta in gaiola
Nem bem dentro nem bem fora
Só canta no formiguêro
Quando vê formiga fora
Camarado
Camaradinho ê
Camarado.

Cantiga 119

Camaradinho é hora, é hora
Ê é hora, é hora camarado
Aquinderréis ê aquinderréis
Camarado
Querem me pegá
Ê querem me pegá.
Camarado.

Cantiga 120

Pega minha corda pra laçá meu boi
Meu boi fugiu pra onde foi
Pega minha corda pra laçá meu boi

Meu boi fugiu pra onde foi
Pra onde foi
Pra onde foi.

Cantiga 121

Sai, sai catari, saia do má
Venha vê Idalina
Mais Catarina
Minha nêga sai.

Cantiga 122

Cobra mordeu São Bento, Caetano
Cobra mordeu São Bento, Caetano

Cantiga 123

Minino quem foi seu mestre
Meu mestre foi Barroquinha
Barba ele não tinha

Metia o facão na poliça
E paisano tratava ele bem.

Cantiga 124

Tava no pé da Cruz
Fazendo a minha oração
Quando Dois de Ôro
Feito a pintura do cão

Camaradinho ê ê
Camaradinho, camarado
Oi a treição ê ê
Oia a treição camarado.

Cantiga 125

Eu sô Dois de Ôro
Dois de Ôro sim sinhô
Eu sô Dois de Ôro
Dois de Ôro de valô.

Cantiga 126

Topedêra Piauí
Coraçado in Bahia
Marinhêro absoluto
Chegô pintando arrelia
Quando vê cobra assanhada
Não mete o pé na rodia
Se a cobra assanhada morde

Que fosse a cobra eu mordia
Mataro Pedro Minêro
Dentro da Secretaria
Camaradinho
E ê camaradinho
E ê ê hora, é hora.

Cantiga 127

Contaro minha mulé
Qui a policia me intimô
Dentro da Delegacia
Para dá depoimento
De um caso qui não se passô
Mataro Pedro Minêro
Dentro da Delegacia
Delegado me intimô
Para dá depoimento
De um caso qui não sabia.

Cantiga 128

Contaro minha mulé
Qui capoêra me venceu
Ele jurô e bateu pé firme
Isso não assucedeu
Casa de palha e palhoça

Se eu fosse fogo queimava
Tôda mulé ciumenta
Se eu fôsse a morte matava
Eu me chamo Pedro Minêro
Conhecido gamgambá.

Cantiga 129

Besôro ante de morrê
Abriu boca e falô
Meu filho não apanhe
Qui seu pai nunca apanhô
Na roda da capoêra
Foi um grande professô.

Cantiga 130

Besôro stava dormindo
Acordô com dô de dente
Deu um tiro in Besôro
Pensando qui era tenente.

Cantiga 131

Besôro preto, Besôro preto
Bará
Besôro preto, Besôro
Besôro preto, Besôro.

Cantiga 132

Agora sim qui mataro meu Besôro
Depois de morto
Besôrinho Cordão de Ôro.

Cantiga 133

Besôro zum, zum, zum
Pelo sinal
Besôro zum, zum, zum
Pelo sinal.

Cantiga 134

Besôro stava dormindo
Acordô todo assustado
Deu um tiro in baraúna
Pensando qui era sordado.

Cantiga 135

Lá atiraram na Cruz
Eu de mim não sei quem foi
Se acaso fui eu mesmo
Ela mesmo me perdoe

Besôro caiu no chão
Fez que estava deitado
A polícia entrou
Ele atirou num soldado

Vão brigar com caranguêjo
Que é bicho que não tem sangue
Polícia se briga
Vamos para dentro do mangue.

Cantiga 136

Besôro quando morreu
Abriu a boca e falô
Adeus Maracangalha
Qui é terra de matadô.

Cantiga 137

Não mandei você pegá
No tabulêro de yayá.

Cantiga 138

Ê valha-me Deus sinhô São Bento
Eu vô jogá meu barravento.

Cantiga 139

Ê abalô, abalô
Abalô quero vê abalá.

9. Comentário às cantigas

As cantigas de capoeira fornecem valiosos elementos para o estudo da vida brasileira, em suas várias manifestações, os quais podem ser examinados sob o ponto de vista linguístico, folclórico, etnográfico e sócio-histórico.

Linguisticamente falando, as cantigas fornecem detalhes da linguagem corrente do Brasil, principalmente no campo fonético, sintático e semântico. No âmbito fonético, há um pequena mostra da pronúncia geral brasileira e mui especial a local. Serafim da Silva Neto, que muito se preocupou com o problema dos falares brasileiros, embora não tivesse à mão o instrumento básico fornecido pela Geografia Linguística, que seria um Atlas Linguístico do Brasil, como já dispõem os falares franceses,[216] romanos,[217] da Córsega[218] e os ítalo-suíços,[219] analisando as conotações fonéticas do Brasil, chama a atenção de que "a pronúncia brasileira em geral, repousa sobre um sistema fonético muito antigo e de aspecto urbano (o que vale dizer, sem regionalismos), pois, como se viu, ela não apresenta, por exemplo, nem as antigas africadas, nem as apicais que muito provavelmente já não existem ou estavam em franca desagregação nas principais cidades portuguesas nos séculos XVI e XVII. Faremos distinção de um lado entre a pronúncia culta do Rio de Janeiro (carioca) considerada padrão, e de outro, entre várias pronúncias regionais".[220] Daí, não raro, se encontrar transformações

216 J. Gilliéron et E. Edmont, *Atlas Linguistique de la France*, Paris 1903–1910.

217 Sever Pop/Emil Petrovici, *Atlasul Linguistic Romin*, Cluj-Sibiu, 1938–1942.
____ Emil Petrovici, *Atlasul Linguistic Romîn*/Serie nouă Editura Academeiei Republicii Populare Romin, 1956.

218 Gino Battiglioni, *Atlante Linguístico-Etnografico Italiano della Corsica*, Pisa, 1933–1939.

219 K. Jaberg und J. Jud, *Sprach–und Sachatlas Italiens und der Südschweiz* / Gedruckt mit Unterstüzung der Gesellschaft für Wissenschaftliche Forschung an der Universität Zürich und privater Freunde der Werkes von der Verlagsanstaltt Ringier & Co., Zofingen (Schweiz), 1928–1940.

220 Serafim da Silva Neto, *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. 2ª edição aumentada e revista pelo autor. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1963, págs. 165-166.

fonéticas, no linguajar popular do nordeste do Brasil, já existentes na evolução histórica da palavra, como vai se ver no decorrer dos comentários. Contudo, para se ter um estudo realmente preciso e de caráter científico, só com a publicação, como já disse, de um Atlas Linguístico do Brasil, o que é uma coisa muito complexa, para ser feita de imediato, principalmente no que tange à confecção e aplicação dos questionários linguísticos. Para se ter uma ideia, de como isso é fundamental, o exemplo está na confecção do atlas ítalo-suíço, bastando para tanto se ler o capítulo Wie entsteht ein Sprachatlas? da obra Der Sprachatlas als Forshungsintrument,[221] escrita pelos autores do referido atlas. Com referência à Bahia, há um pesquisa elaborada pela equipe do Laboratório de Fonética da Universidade Federal da Bahia, sob a direção do Professor Nélson Rossi, que resultou na publicação de um atlas dos falares baianos, que se diz ser prévio, acompanhado de um volume elucidativo.[222]

Fonética

Consoantes

- lh - i

Dando sequência ao exame do que foneticamente de interesse fornecem essas cantigas, passo a estudar as implicações do grupo *lh*, no referido texto. De início, convém salientar que, nos primórdios da língua escrita, o som *lh* era representado por *li*, *l* e *ll* do antigo espanhol,[223] sendo, porém, a notícia mais antiga que se tem dele é num documento

221 K. Jaberg und J. Jud, *Der Sprachatlas als Forshungsintrument Kritische Grundlegung und Einführung in der Sprach–und Sachatlas Italiens und der Südschweiz*. Max Niemeyer Verlag, Halle (Saale), 1928, págs. 175–176.

222 N. Rossi, *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Instituto Nacional do Livro, 1963.
_____N. Rossi, *Atlas Prévio dos Falares Baianos/*Introdução, questionário comentado, elenco de respostas transcritas. Instituto Nacional do Livro, 1965.

223 Joseph Huber, *Altportugieisches Elementarbuch*, Carl Winters Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1933, pág. 43.

datado de 1269 no Alentejo.[224] Linguisticamente falando, a primeira observação foi feita em 1606 por Duarte Nunes de Leão, quando publicou a sua *Origem da Língua Portuguesa*.[225] Não obstante a sua origem não estar de tudo esclarecida, Pedro Azevedo estudando a ortografia antiga portuguesa, acha mais provável que a combinação tivesse sido inventada em Portugal,[226] isso em contraposição à grande maioria, que vê no grupo *lh* procedência provençal, tendo como patrono Diez,[227] em 1863, ao publicar, em Bona, o seu excelente *Über die Erste Portuguieisische Kunst und Hofpoesie*, reafirmando, mais tarde, em 1882 esse seu ponto de vista, quando deu a última edição de sua *Grammatik der Romanischen Sprachen*.[228] Seguindo o seus passos, estiveram Cornu,[229] Gonçalves Viana[230] e Williams.[231] Nos falares do Brasil o *lh* é substituído por *i*[232] *e mui especialmente no nordeste*.[233] Esse fenômeno, que já preocupou Leite

224 Pedro A. de Azevedo, "Documentos portugueses do Mosteiro de Chelles", *in Revista Lusitana*, vol IX, 1906, pág. 263.

225 Duarte Nunes de Leão, *Origem e Orthographia da Língoa Portugueza* como a Latina, e quaesquer outras que a Latina tem origem: com hum tractado das partes das clausulas. Nova edição, correcta, e emendada, conforme a de 1784, Typografia do Panorama, Lisboa, 1864, pág. 83.

226 Pedro A. de Azevedo, "A respeito da antiga ortografia portuguesa/Um documento de Monção de 1350", *in Revista Lusitana*, vol VI, 1900–1901, pág. 263.

227 Friedrich Diez, *Über die Erste Portuguieisische Kunst und Hofpoesie*. Eduard Weber's Verlag, Bonn, 1863.

228 Friedrich Diez, *Grammatik der Romanischen Sprachen*, fünfte Auflage, Eduard Weber's Verlag, Bonn, 1882, vol. I, pág. 306.

229 Jules Cornu, *Die Portuguieisische Sprache*, *in Grundriss der romanischen Philologie*, Herausgegeben von Gustav Gröber, zweite verbesserte und vermerhrte Auflage, Karl J. Trübner, 1904–1906. pág. 922.

230 A. R. Gonçalves Viana, *Ortografia Nacional* /Simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas. Livraria Editôra Viúva Tavares Cardoso, Lisboa, 1904, págs. 56-57.

231 Edwin B. Williams, *From Latin to Portuguese*/Historical Phonology of the Portuguese Language. University of Pennsylvania Press, Philadelphia, 1938. págs. 22-23.

232 Serafim da Silva Neto, *op. cit.*, pág. 158.
____ Amadeu, Amaral, *O Dialeto Caipira*/Gramática–Vocabulário, Prefácio de Paulo Duarte, Editora Anhembi Limitada, São Paulo, 1955, pág. 53.
____ Virgílio de Lemos, "A língua portuguêsa no Brasil", *in Anais do 5° Congresso Brasileiro de Geografia* / Realizado na Cidade do Salvador, Estado da Bahia, de 7 a 16 de setembro de 1916. Publicado sob a direção do Secretário–Geral do mesmo Congresso, Professor Dr. Bernardino José de Souza, Imprensa Oficial do Estado, Bahia, 1916, vol. I, pág. 881.

233 Mário Marroquim. *A Língua do Nordeste*, (Alagoas e Pernambuco), Prefácio de Gilberto Freyre, Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 1945, págs. 94-95.

de Vasconcelos,[234] não é só do Brasil, está espalhado nos dialetos crioulos, podendo ser encontrado em Cabo Verde, Guiné, São Tomé, Ceilão, Diu, Goa, Ilha do Príncipe[235] e na ilha Santo Antão.[236] No campo românico, o fenômeno que começa a surgir no latim do Império,[237] tem seus reflexos no francês,[238] provençal antigo,[239] provençal moderno,[240] catalão,[241]

---

234 José Leite de Vasconcelos, *Esquisse d'une dialectologie portuguaise* / Thèse pour le doctorat de l'Université de Paris présentée par José Leite de Vasconcelos, Ailloud et Cie, Paris–Lisboa, 1901, págs. 52, 151, 177, 185, 90.

235 Serafim da Silva Neto, *op. cit.,* pág. 158.
_____ Antenor Nascentes, *O Linguajar Carioca*, 2ª edicão completamente refundida , Edição da Organização Simões, Rio de Janeiro, 1953, pág. 49.

236 Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte. "O Creolo de Cabo Verde / Breves estudos sôbre o creolo das ilhas de Cabo Verde", *in Boletim da Sociedades de Geografia de Lisboa,* Imprensa Nacional, Lisboa, 1886, 6ª série, nº 6, pág. 332.

237 Edouard Bourciez, *Éléments de Linguistique Romane*. Quatrième Edition révisée par l'auteur et par les soins de Jean Bourciez. Librairie C. Klincksiek, Paris, 1946, págs. 50, 150, 151, 401, 411, 559, 647.
Friedrich Diez, *op cit*., vol I, pág. 306.
_____ Joseph Huber, o*p cit*., págs. 43, 45.
_____ Edwin B. Williams, o*p cit*., págs. 22-24.
_____ Wilhelm Meyer–Lübke, *Grammaire des langues romanes*,/Traduction française par Eugène Rabiet. G.E. Stechert & Co., New York, 1923, vol I, págs. 368-374.
_____ Tomás Navarro Tomás, *Manual de pronunciacion Española.* Instituto de Investigaciones Cientificas, sexta edición, Madrid, 1950, págs. 133-136.

238 Kr. Nyrop, *Grammaire historique de la langue française*. Troisième édition revue et augmentée. Gyldendalske Boghandel Nordisk Forlag, Copenhague, 1914, vol. I, págs. 337-339.

239 Joseph Anglade, *Grammaire de l'ancien provençal ou ancienne langue d'oc* / Phonétique et morphologie. Librairie C. Klinckscieck, Paris, págs. 191-192.
W. Mushacke, *Altprovenzalische Marienklage des XIII.* Iahrhunderts Nach allen bekanten Handschiften, Herausgegeben von Dr. W. Mushacke. Verlag von Max Niemeyer, Halle, S.A., 1890, pág. XXVIII.

240 Jules Ronjat, *Grammaire Istorique des parlers provençaux modernes*. Société des langues romanes, Montpellier, 1930, vol. I, págs. 96-97.

241 Wilhelm Meyer–Lübke, *Das Katalanische* / seine stellung zum spanischen und provenzalischen / Sprachwissenschaftlich und historisch dargestellt. Carl Winter's Universitätbuchhandlung, Heidelberg, 1925, págs. 56-57.
_____ A. Morel–Fatio und J. Saroihandy, "Das Catalanische", *in* Gustav Gröber, *op. cit.*. vol I, págs. 858-859.
_____ Aurélio M. Espinoza, *Estudios Sobre el Español de Nuevo Mejico* / Traducción y reelaboración con notas por Amado Alonso y Angel Rosemblat, con nuevos estudios complementares sobre Problemas de Dialectologia Hispano Americana por A. Alonso, Parte I – Fonetica, Buenos Aires, 1930, pág. 190.
_____ Francisco de B. Moll, *Grammatica Historica Catalana*. Editorial Gredos, Madrid, 1952, pág. 137.
_____ Antonio Badia Margarit, *Grammatica Historica Catalana*. Editorial Noguer, S.A., Barcelona, 1951, págs. 106-108.
_____ Amado Alonso, *Estudios Linguisticos / Temas Españoles*. Editorial Gredos, Madrid, 1954, págs. 31, 42, 295-296.

italiano,[242] romeno,[243] português[244] e espanhol.[245] Com referência ao espanhol da América Latina, Bourciez foi taxativo – "c'est également y qui s'est generalisé"[246] e documentando tudo isso é o importante e substancioso trabalho de Amado Alonso, *La ll y sus oteraciones en España y America*, assim como as observações de Espinosa.[247] A sua absorção pelo guarani foi estudada por Marcos, A. Morínigo e Llorach.[248] Para esse fenômeno tem havido inúmeras explicações, sendo a mais recente dada por Llorach, enquadrado dentro do pensamento da Escola de Praga, cujo corifeu foi o príncipe Nikolaj Sergejevitch Trubetzkoy, cuja doutrina foi reunida, pela primeira vez, em volume, em 1939 sob o título *Grundzüge der Phonologie*, constituindo o volume sete dos *Travaux du Cercle Linguistique de Prague*,[249] traduzido depois para o francês por J. Cantineau.[250] Llorach, ao explicar a sua tese, assim se expressou: – "A veces, un fonema en oposición

242 Francisco D'Ovidio und Wilhelm Meyer-Lübke, "Die Italienisch Sprache" neubearbeitet von Wilhelm Meyer-Lübbke, in Gustav Gröber, *op. cit.*, vol. I. págs. 678-679.
_____ Berthold Wiese, *Altitaliensische Elementarbuch*, zweite verbesserte Auflage, Carl Winter's Universitätbuchhandlung, Heidelberg, 1928, pág. 56.
_____ Gerhard Rohlfs, *Historische Grammatik des italienischen Sprachen und ihrer Mundarten,* Band I: Lautlehre, A. Francke Ag. Verlag, Bonn, 1949, págs. 270, 274, 294, 296.
_____ Wilhelm Meyer-Lübke, *Grammaire des langues romanes,* / Traduction française par Eugène Rabiet. G.E. Stechert & Co., New York, 1923, vol. I, pág. 465.
_____ M. Krepinsky, *l'infinitif de colligere dans les langues romanes*, in Omagiu lui Iorgu Iordan cu prilejul impliniri a 70 de ani, Editura Academiei Republici Populare Romine, Bucarest, 1958, págs. 486.

243 Wilhelm Meyer-Lübbke, *op. cit.*, vol. I, págs. 459, 466.

244 Jules Cornu, *op. cit.,* vol. I, págs. 974-975.
_____ Joseph Huber, *op. cit.*, págs. 43-44.

245 Ramon Menendez Pidal, *Origenes del Español* / Estudo linguistico de la Península iberica hasta el siglo XI. Tercera edición muy corregida y adicionada, Espasa-Calpe, S. A., Madrid, 1950, págs. 239-240, 274-280.

246 Edouard Bourciez, *op. cit.,* pág. 411.

247 Amado Alonso, *Estudios Linguisticos* /Temas hispanoamericanos. Editorial Gredos, Madrid, 1953, págs. 196-262.
_____ Aurélio M. Espinosa, *op. cit.,* parte I, págs. 193-203.

248 Marcos A. Morínigo, *Hispanismos en el Guarani* / Estudio sobre la penetración de la cultura española en el guarani, segun se refleja en la lengua. Bajo la dirección de Amado Alonso, Buenos Aires, 1931. pág. 55. Emilio Alarcos Llorach, *Fonologia Española* / segune el metodo de la Escuela de Praga. Editorial Gredos, Madrid, 1950, pág. 85.

249 N. S. Trubetzkoy, *Grundzüge der Phonologie* / Travaux du Cercle Linguistique de Prague, 7, Prague , 1939.

250 N. S. Trubetzkoy, *Principes de Phonologie* / Traduit par J. Cantineau. Librairie C. Klincksieck, Paris, 1949.

bilateral aislada con otro fonema se identifica con este, es decir, pierde sus rasgos caracteristicos y se reduce a una simple variante conbinatoria o estilistica. Tal es el caso de la desfonoligización del fonema *l* en algumas hallas españoles, que se ha identificado con el fonema *y*.[251]

- l = r

O fenômeno da troca do *l* pelo *r* está espalhado nas línguas românicas,[252] mui especialmente no português e no espanhol. No caso do espanhol da Espanha e da América, Tomás Navarro, que o estudou com objetividade, ficou surpreso com a confusão que se faz entre um e outro, daí concluir que "La *r* fricativa y la *l* relajada presentan bastantes caracteres comunes para poder confundirse entre si; esta confusión ocurre en efecto, en el habla popular de varias regiones de España y America..." Mais tarde o assunto foi retomado, com grande maestria por Amado Alonso.[253] Em Portugal[254] e em todo Cabo Verde[255] encontra-se o fenômeno bastante espalhado. No caso do Brasil, cito a **cantiga número 2** representada na palavra *vorta* que deveria estar por *volta*. Ainda a respeito do *l*, Maroquim[256] chama atenção da sua mudança para *d*, cujo exemplo se observa na **cantiga número 80**, na palavra *digêro*, que está por *ligeiro*. Fenômeno contrário já se acha documentado, em românico, na *Appendix Probi*, na passagem *Adipes non Alipes* e no espanhol.[257]

---

251 Emilio Alarcos Llorach, *op. cit.,* pág. 85.

252 Wilhelm Meyer-Lübbke, *op. cit.*, vol. I, págs. 409-410.

253 Tomás Navarro Tomás, *op. cit.,* pág. 119.
_____ Amado Alonso, *Estudios Linguisticos*/Temas hispanoamericanos. Editorial Gredos, Madrid, 1953, págs. 263-331.

254 Edwin B. Williams, o*p cit.*, págs. 77, 91, 110.

255 Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte, *op. cit.,* pág. 332.

256 Mário, Marroquim, *op. cit.,* pág. 84.

257 Serafim da Silva Neto, *Fontes do Latim Vulgar* / O appendix Probi. 3.ª edição, revista e melhorada, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1956, pág. 165.
_____ Wilhelm Meyer-Lübbke, *Einführung in das Studium der romanische Sprachwissenschaft*, Dritte neuarbeitet Auflage, Carl Winter's Universitätbuchhandlung, Heidelberg, 1920, pág. 111.
_____ Gottfried Baist, "Die spanische Sprache", in Gustav Gröber, *op. cit.*, vol. I, pág. 897.
_____ Aurélio M. Espinosa, *op. cit.,* Parte I, págs. 153-154.

▪ r final

O *r* final desaparece, não só nos falares do Brasil como no dialetos crioulos de Cabo Verde, São Tomé, Ilha do Príncipe e Ilha de Ano Bom.[258] Igualmente ocorre em Andaluzia e outras regiões.[259] Nas cantigas, o fenômeno se processa nas palavra *cantá* (cantar), *sê* (ser), *bebê* (beber), *sinhô* (senhor), *milhó* (melhor), *má* (mar), *i* (ir), *mulé* (mulher), *trabaiá* (trabalhar) pertencentes às **cantigas números 1, 2, 6, 8, 14, 23, 25, 66 e 98**.

▪ queda do m

Não constitui novidade a perda da nasalidade final, nos falares do Brasil. Nas **cantigas de números 18 e 26**, ocorre nas palavras *viage* (viagem) e *home* (homem).

▪ perda do r

Mário Maroquim[260] estudando os grupos *gr*, *pr*, e *tr* chama atenção para o fato deles perderem a pospositiva. Isso, nas **cantigas de números 1 e 15**, se verifica nas palavras *nêgo* (negro) e *meste* (mestre).

▪ perda do s

O *s* seguido de *ce* e *ci* deixa de soar, como no norte de Portugal e no espanhol,[261] simplificando como na palavra *naci* (nasci) encontrada na **cantiga número 4**.

---

258 Serafim da Silva Neto, *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. 2ª edição aumentada e revista pelo autor. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1963, pág. 158.
_____ José Leite de Vasconcelos, *Esquisse,* págs. 165, 166, 177, 179, 183, 185, 189, 190, 191.

259 Tomás Navarro Tomás, *op. cit.,* págs. 119-120.
_____ Vicente Garcia de Diego, *Manual de Dialectologia Española.* Instituto de Cultura Hispanica, Madrid, 1946, págs. 253-279.

260 Mário Marroquim, *op. cit.,* pág. 93.

261 Antenor Nascentes, *O Linguajar Carioca*, 2.ª edição completamente refundida, Edições da Organização Simões, Rio de Janeiro, 1953, pág. 58.
_____ A. R. Gonçalves Viana, *Ortografia Nacional,* /Simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguêsas. Livraria Editôra Viúva Tavares Cardoso, Lisboa, 1904, pág. 144.
_____ José Leite de Vasconcelos, *Estudos de Filologia Mirandesa. Imporensa Nacional,* Lisboa, 1900, vol. I, pág. 287.

Vogais

▪ o = u

Há uma tendência, por sinal muito antiga, de se reduzir o *o* átono a *u*. Já em 1536, Fernão de Oliveira, ao escrever a primeira gramática da língua portuguesa, chamou atenção para o fenômeno, com o seguinte lance: – "…das vogaes antre u e o pequeno ha tanta vezinhança q̃ quasi nos confundimos dizendo hũs somir e outros sumir: e dormir ou durmir / e bolir ou bulir e outras muitas partes semelhantes".[262] Em nossos dias, o assunto foi retomado por Cornu, que chama atenção para a antiguidade do problema, documentando com exemplos desusados na língua literária, porém corrente na linguagem popular: – "Die altësten Spuren des *u* anstatt *o* und zwar in grosser Anzahl finden sich bei MC.(1767), S.568-722, welcher Beispiele wie *curruto, cutovêlo, fucinho, murar, puragem, tucar, xuver = chover*, anfürht und tadelt. Vereinzelte Beispiele des *u* kommen hin und wieder viel frührer vor und zwar nicht nur solche wie *fremusura, furtuna, custume*, sondern auch *pudia, fugueira, lugar, Purtugal*".[263] As **cantigas de números 1, 8, 22, 35, 54, 63 e 76** documentam essa mudança, através das palavras *cum* (com), *cumpade* (compadre), *cumi* (comi), *tustão* (tostão), *muchila* (mochila), *tupedêra* (torpedeira), *suburdinado* (subordinado).

▪ e=i

O *e* pretônico em Portugal ou se conserva ou passa a *i*, nasalando-se ou não,[264] como nas palavras *insinô* (ensinou), *imbora* (embora), *sinhô* (senhor), *inducação* (educação), *milhó* (melhor), das **cantigas de números 2, 8, 23, 25, 42 e 66.**

---

262 Fernão de Oliveira, *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* / 3a edição feita de harmonia com a primeira (1536) sob a direção de Rodrigo Sá Nogueira / seguida de um estudo e de um glossário de Ambol Ferreira Henriques. Edição de José Fernandes Júnior, Tipografia Beleza, Lisboa, 1933, pág. 144.

263 Jules Cornu, *op. cit.,* vol. I, pág. 944.

264 José Leite de Vasconcelos, *Esquisse*, pág. 99-100.
_____ Antenor Nascentes, *O Linguajar Carioca*, *ed. cit.*, pág. 32.

Ditongos

- ou = o

O ditongo latino *au* deu o românico *ou*, que na língua moderna alterna em *oi* e na linguagem popular em *ô*. Dessa evolução se preocuparam Sommer,[265] Niedermann,[266] Meyer-Lübke,[267] Nunes,[268] Grandgent,[269] Battisti,[270] Vossler[271] e outros.

Em Portugal e dialetos crioulos, *ou* foi reduzido a *ô*.[272] Entre nós, temos exemplos em *convidô* (convidou), *sô* (sou), *insinô* (ensinou), *escramô* (exclamou), *ensaminô* (examinou), *enricô* (enricou), *vô* (vou), *morão* (mourão), *ôro* (ouro), *besôro* (besouro), *ôtro* (outro), concernentes às **cantigas de números 1, 2, 18, 37, 58, 63, 98, 124, 125, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135**.

- ei =ê

O ditongo *ei* foi reduzido, nos falares, a *ê*, não só em algumas regiões de Portugal, como no Brasil. Nas cantigas, aparece nas palavras *cabecêro* (cabeceiro), *mandinguêro* (mandingueiro), *capoêra* (capoeira), *angolêro*

265 Ferdinand Sommer, *Hanbuch der lateinischen Laut – und Formenlehre* / Eine Einführung in das sprachwissenschaftliche Studium des Lateins. Carl Winter Universitätsverlag, Heidelberg, 1948, págs. 78-81, 109-110.

266 Max Niedermann *Précis de phonétique historique du latin.* Troisième édition revue et augmentée. Librairie C. Klincksieck, Paris, 1953, págs. 65-67.

267 Wilhelm Meyer-Lübke, "Die Italienisch Sprache" in den romanishen Ländern, in Gustav Gröber, *op. cit.*, vol. I, págs. 465-466.

268 José Joaquim Nunes, *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*. Fonética e Morfologia. Livraria Clássica Editôra, A. M. Teixeira & Cia (Filhos), 3a edição, Lisboa, 1945, págs. 78-81.

269 C.H. Grandgent, *Introducción al Latin Vulgar* / Traducción del ingles, adicionada por el autor, corregida y aumentada con notas prologo y una antologia Francisco de B. Moll. Segunda edición en reproduccion fotografica. Madrid, 1952., págs. 142-144, 152.

270 Carlo Battisti, *Avviamento allo Studio del Latino Volgare*. Leonardo da Vinci Editrice, Bari, 1949, págs. 106-110.

271 Karl Vossler, *Einführung ins Vulgärlatein* / herausgegeben und bearbeitet von Helmut Schmeck, Max Hueber Verlag, München, s/d., pág. 90.

272 José Leite de Vasconcelos, *Esquisse*, págs. 106-108, 165, 166, 179, 182, 185, 187, 191, 192.

(angoleiro) *gamelêra* (gameleira), *bombêro* (bombeiro), *ladêra* (ladeira), *Pimentêra* (Pimenteira), *tupedêra* (torpedeira), *digêro* (ligeiro), *janêro* (janeiro), *Minêro* (Mineiro), pertencentes às **cantigas de números 2, 32, 52, 54, 55, 58, 59, 66, 70, 76, 80, 100, 101, 105, 126, 127 e 128.**

▪ aférese

Há transformações motivadas por aférese, que Williams[273] considera como fenômeno muito comum, na língua portuguesa. Nas cantigas, os casos de aférese são *tava* (estava), *tá* (esta), *panhe* (apanhe), *güenta* (aguenta), *tô* (estou), correspondente às **cantigas de números 1, 9, 14 e 68**.

▪ síncope

A síncope das postônicas, que se processou na transição do latim para o português, verifica-se a todo instante na língua corrente do povo, como em *cumpade* (compadre), *discipo* (discípulo), *cabôco* (caboclo), *comade* (comadre), *poliça* (polícia), pertencentes às **cantigas de números 3, 8, 31, 35, 38 e128**.

▪ apócope

Fenômeno fonético de apócope se encontra nas palavras *sabo* (sábado), *camará* (camarado), pertencentes as **cantigas de números 4 e 41**.

▪ prótese

A prótese do *a* é um fenômeno comum em todo Portugal e no Brasil. Há uma preocupação, entre os linguistas, em localizar a procedência do referido *a*. Meyer-Lübke, por exemplo, quer ver influência árabe, através do artigo árabe *al*, que, por um processo de assimilação, se soldou às palavras de origem latina.[274] Já Huber prefere se fixar no latim vulgar, afirmando que "Schon vorromanish ist die Vorsilbe a

273 Edwin B. Williams, o*p cit.*, pág. 102.

274 Wilhelm Meyer-Lübke, *Grammaire des langues romanes,* ed. cit., vol. I, pág. 324.

-der Demonstrativprononima und -adverbia wie *aquel, aqueste, aqui, acá, aquem, alá, ali*, nach denen dann *asi, atal, atanto, atom*, gebildet wurden".[275] Nas cantigas, aparece na de **número 1**, na palavra *arrespondeu* (respondeu).

▪ epêntese

Não obstante ser considerada na linguagem popular, mais comum a epêntese do *r*,[276] aparece, contudo, na **cantiga número 63** a epêntese do *n* na palavra *ensaminô* (examinou).

▪ paragoge

A paragoge do *s*, a princípio, era comum aos advérbios terminados em vogal[277] e ainda hoje, por exemplo, os advérbios de modo, que se formaram com o ablativo *mente*,[278] levam *s* na linguagem popular.[279]

Na **cantiga número 70**, aparece a paragoge do *s*, não em advérbio, mas no substantivo *rês* (reis), fenômeno esse que é comum nessa mesma palavra, no falar do Brasil, já registrado por Nascentes e Marroquim.[280]

▪ metátese

A metátese é um fenômeno linguístico comuníssimo na língua do povo. Grammont, ao estudá-la, chamou-a de interversão e a definiu como "un phénomène qui consiste à placer deux phonèmes contigus dans un ordre plus commode. Par là on obtient une meilleure constitution des syllabes, ou sauvegarde l'unité et l'harmonie du système phonique d'un parler en remplaçant les groupes insolites par des groupes usuels, ou écarte les types imprononçables ou devenus imprononçables en leur

275 Joseph Huber, o*p cit.,* pág. 60.

276 Antenor Nascentes, *O Linguajar Carioca*, *ed. cit.*, pág. 62.

277 C.H. Grandgent, *op. cit.,* pág. 56.

278 C.H. Grandgent, *op. cit.,* pág. 56.

279 José Leite de Vasconcelos, *Esquisse*, pág. 143.

280 Antenor Nascentes, *O Linguajar Carioca*, e*d cit.*, pág. 63.
____ Mário Marroquim, *op. cit.,* pág. 104.

substituant des types faciles, ou évite des efforts articulatoires inutiles. C'est un phénomène intelligent, bien qu'il s'accomplisse d'une manière inconsciente".[281] Grammont admite dois tipos de interversão – por transposição e penetração.[282] Na **cantiga número 66**, aparece um caso de interversão por transposição representado na palavra *ni* (in = em).

Morfologia

▪ substantivo

No falar do povo, a flexão numérica através do *s* desaparece.[283] Conhece-se o plural dos substantivos por meio dos elementos que os antecedem. No caso das **cantigas número 28, 39e 52** o determinativo *todos* é quem indica o plural das palavras *branco*, *mulato*, *nêgo*, *cigano*, *tempêro*, *meste*. Nas **cantigas de números 107 e 109** é o artigo *as* quem denuncia o plural das palavras *frêra* e *urubu*. Nas **cantigas números 76 e 78** são os numerais *quatro* e *mil* reponsáveis pelo plural de *hora* e *home*.

▪ pronome

O pronome relativo *que* sempre se pronuncia *qui*, tanto na língua popular como na literária, fenômeno esse que ocorre também em Portugal e não passou desapercebido de Leite de Vasconcelos, que assim se manifestou: – "Le pronom *que* prend quelquefois en emphase la forme *qui*, même quand une voyelle ne suit pas (devant une voyelle, que se prononce toujours *qui*, soit dans la langue littéraire, soit dans la langue populaire,

281 Maurice Grammont, *Traité de phonetique*, Librairie Dellagrave, Paris, 1956, pág. 239.

282 Maurice Grammont, *op. cit.*, págs. 239-249.

283 Mário Marroquim, *op. cit.*, pág. 111.
_____ José A. Teixeira, *Estudos de Dialetologia Portuguesa / Linguagem de Goiás*, Editôra Anchieta, São Paulo, 1944, vol. II, pág. 89.
_____ Elpídio Ferreira Paes, "Alguns Aspectos da Fonética Sul Rio-Grandense", *in Anais do Primeiro Congresso de Língua Nacional Cantada*/Julho de 1937, São Paulo, 1938, pág. 409.
_____ Serafim da Silva Neto, Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil, *ed. cit.*, 2ª edição aumentada e revista pelo autor. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1963, pág. 152.

selon la règle générale des noms terminés en *e* atone".[284] Sua presença se faz nas **cantigas de números 83 e 136**.

- verbo

Com referência aos verbos, o povo fez profundas simplificações. O fenômeno existe quase que em todo o território nacional onde só se usam a primeira e a terceira pessoas e a primeira do plural perde o *s*. Há modificações radicais no quadro das conjugações, porém, aqui me limitarei a tratar das alterações existentes nos tempos e modos dos verbos, existentes nas cantigas, que, por sinal, só aparecem no pretérito perfeito do modo indicativo, nos verbos *dero* (deram) e *contaro* (contaram) das **cantigas de números 54 e 128**.

- preposição

As preposições existentes nas cantigas já foram examinadas no que diz respeito ao aspecto fonético. São elas – *cum* (com), *in* (em) e *ni* (metátese de *in*=em), pertencente às **cantigas de números 1, 15, 66, 118 e 126**.

- advérbio

No que tange aos advérbios encontrados nas cantigas, há o de tempo *onte* (ontem) e o de despedida *imbora* (embora) concernentes à **cantiga de número 1.**

Sintaxe

Com referência à sintaxe, alguns fatos já foram abordados anteriormente, restando aqui, agora, tratar do problema da colocação dos pronomes existentes nas cantigas.

O assunto tem sido ventilado com frequência, porém na sua quase

284 José Leite de Vasconcelos, *Esquisse*, pág. 131.

totalidade de maneira apaixonada. Creio que o primeiro tratamento linguístico foi dado por Leite de Vasconcelos na *Esquisse*,[285] para depois começarem as polêmicas apaixonadas e não raro ridículas. Dos bate-bocas mais ruidosos foi o travado entre Cândido de Figueiredo em Portugal e Paulino de Brito no Brasil. Ambos no início deste século trocaram artigos, muitas vezes chistosos e ridículos, publicados nos jornais *Província do Pará* e *Jornal do Comércio*, para depois reunirem em volume[286] a matéria publicada, infelizmente carecendo de base científica. Na mesma época, veio a famigerada polêmica entre Rui Barbosa e Carneiro Ribeiro, onde o assunto foi tratado com o mesmo critério dos polemistas já citados.[287] Daí em diante o tema tem sido objeto de estudo e polêmicas constantes. O motivo das brigas tem sido a divergência da colocação dos pronomes entre Portugal e Brasil.

Há inúmeras conjecturas em torno do porquê dessa divergência, sendo uma delas responsabilizar o africano pela colocação brasileira, tendo como patrocinadores, dentre outros Gonçalves Viana e Renato Mendonça,[288] talvez pelo fato de Leite de Vasconcelos, ao estudar o português das costas de África, afirmar que "Dans les articles de journaux locaux, on observe une certaine hésitation pour la place des

---

285 José Leite de Vasconcelos, *Esquisse*, pág.160

286 Cândido de Figueiredo, *O Problema da Colocação de Pronomes*. Suplemento às gramáticas portuguesas. Livraria Clássica Editôra de A.M. Teixeira & Cia., Lisboa, 1909.
_____ Paulino de Brito, *Colocação dos Pronomes*/Artigos publicados na *Província do Pará* (1906–1907). Livraria Ailloud & Cia., Paris, 1907.
_____ Paulino de Brito, *Brasileirismo e Colocação de Pronomes*/Resposta ao Sr. Cândido de Figueiredo/ Artigos publicados no *Jornal do Comércio*, 1908. Livraria Azevedo, Viúva Azevedo & Cia., Editores, Rio de Janeiro, 1908.

287 Ernesto Carneiro Ribeiro, Ligeiras *Observações Sobre as Emendas do Dr. Ruy Barbosa Freitas á Redação do Projeto do Código Civil*. Livraria Catilina de Romualdo dos Santos, Livreiro Editor, Bahia, 1917 (A primeira edição foi publicada no Diário do Congresso de 26 de outubro de 1902).
_____ Rui Barbosa, *Projeto do Código Civil Brasileiro*/Trabalhos da Comissão Especial do Senado/ Réplica do Senador Ruy Barbosa às defesas da Redação do Projeto da Câmara dos Deputados. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1904.
_____ Ernesto Carneiro Ribeiro, *A Redação do Projeto do Código Civil e A Réplica do Dr. Ruy Barbosa*. Oficinas dos Dois Mundos, Bahia, 1905.

288 A. R. Gonçalves Viana, *Palestras Filológicas*/2ª edição acrescida pelo autor. Livraria Clássica Editôra, A. M. Teixeira & Cia. (Filho) Lisboa, 1931, pág.130.

pronoms, comme dans le Brésilien et dans le Portugais de Goa".[289] Mas, o ponto de vista mais atual e mais aceito é o que tem por base certas incompatibilidades de pronúncia existentes entre os dois países, gerando assim a divergência de colocação dos pronomes. No Brasil, em nossos dias, esse ponto de vista é patrocinado por Nascentes.[290]

Um dos vários pontos de divergência de colocação é se iniciar frase com pronome do caso oblíquo, comuníssimo no Brasil e que Portugal repele. E justamente essa divergência que aparece nas **cantigas de números 17 e 42**, nos versos – *Te dô sarna, te dô tinha* e *Me trate com mais respeito.*

Léxico das cantigas

- Abalá

v. Corrutela de *abalar* do verbo abalar. De origem controvertida. Meyer-Lübke[291] prende ao latim *ballare*, dançar, refutado por Magne.[292] Cornu[293] vê o latim *evallare*. Diego[294] propõe o latim hipotético *evallare*, peneirar. Por fim, há o de Leite de Vasconcelos,[295] aceito por José Pedro Machado,[296] que dá o latim hipotético "advallare" (*ad vallem*), na ideia de "ir para baixo", e depois, por generalização do significado, "pôr se em movimento, etc." Cfr. *aventar* cujo sentido primitivo é "deitar ao vento" e hoje tem, quer na literatura, quer na linguagem popular, significação mais alta.

Foneticamente, nada há que objetar: *dv* deu *v* como *avêsse* (= *adversus*), arc. avogado (*advocatus*).

289 José Leite de Vasconcelos, *Esquisse*, pág.192.

290 Antenor Nascentes, *O Linguajar Carioca*, *ed. cit.*, págs. 143-151.

291 Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, Heidelberg, 1935, *ed. cit.*, pág.74.

292 Augusto Magne, *Dicionário da Lingua Portuguesa*/Especialmente dos periodos medieval e clássico. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1950, vol. I, pág. 104

293 Jules Cornu, *op. cit.*, pág. 949.

294 Vicente Garcia de Diego, *Diccionario Etimologico Español e Hispanico*, *ed. cit.*, pág.73.

295 José Leite de Vasconcelos, "Etimologias portuguesas", *in Revista Lusitana*, vol. II, pág. 267.

296 José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, *ed. cit.*, vol. I, pág.18.

Mais adiante, aponta na *Chanson de Rolland*[297] *o verbo avalez* com "sentido de 'descer' hoje limitado naquela língua ao de descer o alimento para o estômago, engolir". Aparece na **cantiga de número 139**.

▪ Absoluto

s.m. Aparece na **cantiga de número 126**, com a acepção de *independente*, *arbitrário* e mais que isso, *insubordinado*. Do latim *absolutu*, adjetivo verbal de *absolvere*.[298]

▪ Açuca

s.m. Corrutela de açúcar, do árabe *as-sukkar*.[299]Aparece na **cantiga número 99**.

▪ Amará

s.m. Corrutela de *Amaral*, que Nascentes deriva do substantivo comum *amaral*, uma uva cultivada na Beira, no Minho e no Douro.[300] Já Leite de Vasconcelos prende a *amar-al*.[301] O vocábulo se encontra na **cantiga de número 94**.

---

297 Alfons Hilka, *Das Altfranzösisch e Rolandslied nach der Oxforder Handschrift*, Herausgeben von Alfons Hilaka. Vierte verbesserte Auflage besogt von Gehrard Rohlfs. Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1953, págs. 20, 28.

298 José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, *ed. cit.*, vol. I pág. 139.

299 Eero K. Neuvonen, *op. cit.*, pág. 139.
_____ Arnald Steiger, *op. cit.,* pág. 139.
_____ José Pedro Machado, *Influência Arábica no Vocabulário Português, ed. cit.,* vol. I, págs. 53-55.
_____ Karl Lokotisch, *op. cit.,* pág. 147.
_____ R. Dozy et W. H. Engelmann, *op. cit.,* pág. 228.
_____ P. Leopoldo de Eguilaz Y Yanguas, *op. cit.,* pág. 325.
_____ Wilhelm Meyer-Lübke, Romanisches etymologisches Wörterbuch, *ed. cit.,* pág. 696.
_____ Friedrich Diez, *Etymologisches Wörterbuch der romanishen Sprachen, ed. cit.*, pág. 347.
_____ Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, ed. cit., pág. 11.

300 Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*/Nomes próprios/Com Prefácio de Serafim da Silva Neto. Rio de Janeiro, 1952, tomo II, pág. 14.

301 José Leite de Vasconcelos, *Opúsculos* / Onomatologia. Imprensa da Universidade, Coimbra, 1931, vol. III, pág. 72.

▪ Angola

s.f. Nome de um país africano. Anotando a *História Geral das Guerras Angolana*s de Antônio de Oliveira de Cadornega, publicada em 1680, José Matias Delgado diz que o nome primitivo era *Ndoango*, que os portugueses fizeram *Dongo*[302] *ou Ndongo* como registra Quintão, traduzindo por *canoa grande*.[303] A respeito da designação *Dongo* e sua significação, para designar o reino de Angola, já no século passado, Cannecattin, estudando a língua bunda, explica que "o nome próprio do reino de Angola é *Dongo*, que é um termo bem adequado, em razão da sua figura desproporcionalmente comprida. Porquanto na língua bunda esta palavra *dongo* nada mais significa do que uma casta de embarcação, a que chamam *canoa*, que é toda construída de um só pau; quando esta é pequena dão-lhe o nome de *longo*, e quando grande, *dongo*; porém por maior grandeza e largura que tenha a canoa chamada *dongo*, sempre é uma embarcação desapropriada que ao mais tem sete palmos de longo, e de comprido oitenta e noventa; e sendo mui semelhante à figura do reino de Angola, lhe deram os antigos o nome de *Dongo* que parece bem apropriado".[304] O nome atual de Angola, ainda, segundo o comentador da obra de Cadornega foi dado pelos portugueses, pelo fato dos reis ou sobas da região serem chamados *Ngolas*, daí a origem do topônimo *Angola*.[305]

▪ Angolêro

adj.m. Corrutela de *angoleiro*, derivado de Angola. Designa o jogador da capoeira chamada Angola. Aparece na **cantiga número 32**.

---

302 Antônio de Oliveira Cadornega, *História Geral das Guerras Angolanas*/1680. Anotado e corrigido por José Matias Delgado. Divisão de Publicação e Biblioteca / Agência Geral das Colônias, Lisboa, 1940, vol. I, pág. 14.

303 José Luis Quintão, *Gramática de Kimbundo*. Prefácio de João de Castro Osório, Edições Discoberta, Lisboa, 1934, pág. 213.

304 Bernardo Maria de Cannecattim, *Colleção de Observações Gramaticais Sobre a Lingua Bunda ou Angolense e Diccionario Abreviado da Língua Congueza*. Segunda edição, Imprensa Nacional, Lisboa, 1859, pág. XI.

305 Antônio de Oliveira Cadornega, *op. cit*., vol. I, pág. 14.

▪ Anum

s.m. Pássaro preto do gênero *Crotophag*, Linneu. É um pássaro popularíssimo no nordeste do Brasil,[306] que a imaginação popular associa ao negro, de maneira jocosa. Assim, quando um negro tem os lábios muito grossos se diz que tem bico de anum. O termo vem do tupi *anu*, vulto preto, indivíduo negro.[307] Aparece na **cantiga número 118**.

▪ Aquinderreis

interj. Corrutela de *aqui d'el-Rei*. É uma oração elíptica, onde falta o verbo *acudam*, que formaria *acudam aqui d'el-Rei*. Era a maneira de se pedir socorro antigamente, por se entender el-Rei o único capaz de socorrer e dar proteção armada a alguém. Diz Moraes[308] que também se chamavam *aqui do Duque, aqui do Conde* se os mesmos eram vassalos d'el-Rei, mas que isso foi proibido pelas Ordenações por ser privilégio exclusivo do rei. Na Bahia, nunca ouvi se fazer uso da palavra, em entoação interjectiva, para se pedir socorro. Sua aparição é somente em cantigas de capoeira ou então na conversa de pessoas idosas, quando se referem à expressão *gritar aquinderreis* em lugar de socorro. No Brasil, João Ribeiro cuidou

306 Olivério M. de Oliveira Pinto, *op. cit.*, págs. 179-180.
_____ Carlos Octaviano da C. Vieira, *op. cit.*, pág. 443.
_____ George Marcgrave, *História Natural do Brasil*/Tradução de Mons. Dr. José Procópio de Magalhães. Edição do Museu Paulista comemorativa do cinquentenário da fundação da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, São Paulo, 1952, pág. 193.

307 Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág.171.
_____ Batista Caetano, *op. cit.*, pág. 37.
_____ Ermano Stradelli, *op. cit.*, pág.102.
_____ Vicente Chermont de Miranda, "Estudos sobre o neêngatu", *in Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1944, vol. LXIV, pág. 55.
Constantino Tastevin, "Nomes de plantas e animais em lingua tupi", in *Revista do Museu Paulista*, oficinas do *Diário Oficial*, São Paulo, 1922, vol. XIII, pág. 693.
_____ Plínio M. da Silva Ayrosa, *Dicionário Português–Brasiliano e Brasiliano–Português*/Reimpressão integral da edição de 1795, seguida da 2ª parte, até hoje inédita,ordenada e prefaciada por Plínio M. da Silva Ayrosa, *in Revista do Museu Paulista*, Imprensa Oficial do Estado, São Paulo, 1934, tomo XVIII, pág. 208.

308 Antônio de Moraes Silva, *op. cit.*, vol. I, pág.168.

ligeramente do seu comportamento fonético.[309] Também estudaram a interjeição Meyer-Lübke[310] e Cortesão.[311]

▪ Arrespondeu

v. O mesmo que *responder*, do latim *respondere*, *responder*.[312] A notícia mais antiga que se tem do seu aparecimento é no ano 1152, nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume das *Leges et Consuetudines*.[313] Com referência às cantigas, acha-se registrado na de **número 1**.

▪ Aruandê

s.m. Trata-se do vocábulo *Luanda*, acompanhado de um *a* protético, seguido da troca do *l* pelo *r* na referida palavra e um *ê* exclamativo. Daí a composição *a+Luanda+ê*. Sua aparição se dá nas **cantigas de números 2,30 e 31.**

▪ Assucedeu

v. O mesmo que *suceder*, do latim *succedere*.[314] Está documentado na **cantiga número 128**.

▪ Bahia

s.f. Nome com que se designa um acidente geográfico e um Estado da Federação do Brasil. O acidente geográfico é a *Bahia de Todos os*

309 João Ribeiro, *Seleta Clássica* /Com anotações filológicas, gramaticais, em complemento das doutrinas expostas no curso superior de Gramática Portuguesa do mesmo autor, Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 3ª edição (muito melhorada), 1914, pág. 235.

310 Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, *ed. cit.*, pág.602.

311 A. A. Cortesão, *op. cit.*, vol. I, pág. 14.

312 Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, *ed. cit.*, pág.599.
_____ José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, ed. cit.*, vol. II, pág. 1.886.
_____ Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, *ed. cit.*, pág. 687.

313 *Portugaliae Monumenta Historica* – a seculo octavo post Christum usque ad quintudecim issu Academiæ Sientiarum Olisiponensis edita/Leges et Consuetudines, 1856–1873, volumen I, pág. 380.

314 José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, *ed. cit.*, vol. II, pág. 2.007.

Santos, que recebeu esse nome devido a seu descobridor, o Capitão-mor Cristovão Jacques encontrar-se diante de uma larga e espaçosa enseada e a denominar de *baía*. Como a descoberta foi no dia 1º de novembro de 1526, dia em que a Igreja festeja *todos os santos*, então o acidente passou a chamar-se *Bahia de Todos os Santos*,[315] estendendo-se ao Estado da federação. O vocábulo *baía* tem origem incerta. À exceção de Diez,[316] de um modo geral, é apontada uma origem ibérica.[317] Não existe nenhuma justificativa etimológica para o *h* medial, mesmo se referindo ao acidente geográfico e ao topônimo. Entretanto, algumas pessoas fazem uso do mesmo por uma questão de tradição, que tem apoio no *Formulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, aprovado, por unanimidade, na sessão de 12 de agosto de 1943, presidida por José Carlos de Macedo Soares, então presidente da Academia Brasileira das Letras, apoio esse que está assim redigido: – "Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo 'Bahia', que conservará esta forma quando se aplicar em referência ao Estado e à cidade que tem esse nome".[318] O vocábulo se acha registrado nas **cantigas de números 76, 80 e 82**.

- Barro Vermelho

s.m. Topônimo designativo de um lugarejo existente na ilha de Itaparica, na Bahia. Aparece na **cantiga de número 62**.

315 Antônio de Santa Maria de Jaboatam, *Novo Orbe Serafico Brasilico ou Chronica dos Frades Menores da Provincia do Brasil*. Impresso em Lisboa em 1761 e reimpresso por ordem do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Typ. Brasiliense de Maximiliano Gomes Ribeiro, Rio de Janeiro, 1858, vol. I págs. 124-125.

316 Friedrich Diez, *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen*, 1887, *ed. cit.*, pág. 37.

317 Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, *ed. cit.*, pág.70.

318 Academia Brasileira de Letras, *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Imprensa National, Rio de Janeiro, 1943, pág. XXX.

▪ Bará

s.m. Do nagô *Bará*.[319] É uma qualidade de Exu, deus nagô, mensageiro entre os demais deuses e o homem. Etnograficamente falando, *Bará* é chamado todo Exu de caráter pessoal ou privado. Assim cada deus tem o seu Exu ou escravo, como também se diz, de caráter privado, que se chama Bará, daí ouvir-se falar em Bará de Oxossi, Bará de Oxalá, Bará de Ogun e assim por diante. O mesmo acontece com o *eledá* (Deus guardião da pessoa) de cada indivíduo, que também tem o seu Bará. Todo Bará leva um nome que o distingue dos demais e se identifica com o seu dono. Conheço, por exemplo, um *babalorixá* (pai de santo) cujo nome do Bará de seu *orixá* (deus), que é *Oxalá*, é *Bará Ajá*.

Do ponto de vista semântico, Bará, na Bahia, também se chama, por extensão ao *idilogun* (*merindilogun*, que quer dizer dezesseis e designa o conjunto de dizeseis búzios), com que se faz a prática divinatória, o qual é chamado também, por extensão, de *Ifá* (deus da adivinhação). Aliás, o dicionário iorubá publicado pela Church Missionary Society Bookshop, de Lagos[320] registra Bará, como sinônimo de *Ifá*, o que na Bahia, quando se refere ao *idilogun*, *Bará* e *Ifa* são sinônimos, pois ambos, como já disse, denominando, por extensão, o idilogun. Essa ligeira confusão entre os dois deuses, creio que talvez seja pela íntima relação, existente entre ambos, como já observaram os africanistas.[321] O termo *Bará* existe também em Cuba, designando uma qualidade de Exu.[322] Aparece na **cantiga de número 131.**

---

319 *A Dictionary of the Yoruba Language*, Oxford University Press, London, Fourth impression, 1956, pág. 53.

320 *A Dictionary of the Yoruba Language*, Oxford University Press, London, Fourth impression, 1956, pág. 53.

321 Nina Rodrigues, *op. cit.*, pág. 162.
J. Olumide Lucas, *The religion of the Yorubas*/being an account of the religions, Beliefs and practices of the Yoruba People of Southern Nigeria, especialy in relation to the religion of ancient Egypt. C.M.S. Bookshop, Lagos, 1948, pág. 54.
____ R. C. Abrahan, *op. cit.*, pág. 166.
____ Pierre Verger, *Notes sur le culte de Orisa et Vodun à Bahia, la Baie de Tous les Saints, au Brésil et à l'ancienne côte des Esclaves en Afrique*, IFAN, Dakar, 1957, pág. 569.

322 Lydía Cabrera, *Anagó*/Vocabulario lucumi / el yoruba que se habla en Cuba / Prologo de Roger Bastide. Ediciones C.R., La Habana, 1957, pág. 78.

▪ Baraúna

s.f. Designa uma árvore de grande porte, *Melanoxylon barauna*, Schot. É termo tupi de *ybirá-una*, a madeira preta.[323] Aparece nas **cantigas de números 77, 134**.

▪ Barravento

s.m. O mesmo que *barlavento*. De origem ainda incerta. A Academia espanhola deriva do francês *par le vent*,[324] aceito por Diego.[325] Entretanto, tal étimo é refutado por Rodrigo de Sá Nogueira[326] e omitido por Magne,[327] Carominas[328] e José Pedro Machado.[329]

O vocábulo *barravento* é termo náutico já registrado pelo Barão de Angra,[330] com o significado de "lado donde sopra o vento". Designa também o ato de uma pessoa perder o equilíbrio do corpo, como se sentisse uma ligeira tontura. Nome que se dá a um toque litúrgico, nos candomblés de "nação" Angola, assim como os cambaleios que dá qualquer pessoa, antes de ser totalmente possuída pelo orixá dono de sua cabeça. Na capoeira é o designativo de um golpe. Aparece na **cantiga de número 138.**

323 Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 179.
____ Batista Caetano, *op. cit.*, pág. 195.

324 *Diccionario de la Academia Española, ed. cit.*, pág. 162.

325 Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, pág. 101.

326 Rodrigo de Sá Nogueira, "Portuguesismo em Cristovão Colombo, *in Miscelânea de Filologia, Literatura e História Cultural à memória de Francisco Adolfo Coelho (1847–1919)*. Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1950, vol. II, pág. 89.

327 Augusto Magne, *op. cit.*, vol. I, págs. 110-111.

328 J. Carominas, *op. cit.*, vol. I, págs. 404-405.

329 José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, *ed. cit.*, vol. I, pág. 328.

330 Barão de Angra, *Dicionário Marítimo Brasileiro*/Organizado por uma Comissão Nomeada pelo Governo Imperial / Sendo Ministro da Marinha o Conselheiro Afonso Celso de Assis Figuereido sob a direção do Barão de Angra. Typographia e Lithographia do Imperial Instituto Artísco, Rio de Janeiro, 1877, pág. 31.

▪ Bebê

v. Corrutela de *beber* do latim *bibere*, beber,[331] para cuja forma antiga *bever* Carolina Michaelis chama atenção.[332] Na literatura antiga, vê-se o uso em João de Barros.[333] Aparece na **cantiga número 2**.

▪ Berimbau

s.m. Ver o capítulo *Instrumentos Musicais*.

▪ Besôro

s.m. Corrutela de *besouro*. Não obstante Adolfo Coelho propor com dúvida o latim *avis-Aurea*,[334] a maioria dos linguistas é unissona em considerar desconhecida a origem.[335] O seu aparecimento mais antigo na língua, de que se tem notícia, é no ano 1258, como topônimo, sob a forma *Abesouro*, nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume das *Inquisitiones*.[336] Designando o inseto, encontra-se documentado no *Cancioneiro da Vaticana*.[337] Aparece na **cantiga de número 136**, como nome próprio personativo.

---

331 Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, *ed. cit.*, pág. 105.
_____ José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, *ed. cit.*, vol. I, pág. 345.
_____ Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, *ed. cit.*, págs.93-94.
_____ José Joaquim Nunes, *Gramática Histórica Portuguesa ed. cit.*, pág. 91.
_____ Jules Cornu, *op. cit.*, pág. 986

332 Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Poesias de Francisco de Sá de Miranda* / Edição feita sobre cinco manuscritos inéditos e tôdas as edições impressas / Acompanhada de um estudo sobre o poeta, variantes, notas, glossário e um retrato. Max Niemeyer, Halle, 1885, págs. 897-898.

333 João de Barros/Diogo do Couto, *Da Ásia de João de Barros e de Diogo do Couto*/Nova edição oferecida a Sua Majestade D. Maria I, Rainha Fidelissima, Lisboa/Na Regia Officina Typografica, Anno 1778.

334 Francisco Adolfo Coelho, *op. cit.*, pág. 233.

335 Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, *ed. cit.*, pág. 109.
_____ José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, vol. I, pág. 358.
A.R. Gonçalvez Viana, *Apostilas aos Dicionários Portugueses*, , *ed. cit.*, vol. I, pág. 142.

336 *Portugaliae Monumenta Historica, ed. cit., volume das Inquisitiones, vol. I*, pág.326.

337 Teófilo Braga, *Cancioneiro Português da Vaticana, ed. cit.*, pág. 201.

▪ Brasil

s.m. Segundo Nascentes "do adjetivo substantivo *brasil*, adaptação do francês *bresil* moderno *brésil*, corrutela do italiano *verzino*, nome do pau vermelho empregado em tinturaria proveniente da *Caesalpinia sappan*, Linneu. (no Brasil *Caesalpinia echinata*, Lam.), do Extremo Oriente, conhecido muito antes do descobrimento do país".[338] Aparece na **cantiga de número 78**.

▪ Brevenuto

s.m. Corrutela de *Bevenuto*. Nome próprio personativo, do italiano *benvenuto*, bem-vindo, derivado de *venire*.[339] Aparece na **cantiga número 44.**

▪ Cabecêro

s.m. Corrutela de cabeceiro, derivado de cabeça do latim *capitiu*.[340] Cabeça já aparece em documento de 1139,[341] assim como seus derivados são também antigos. *Cabeceiro* designa o capoeira que usa, com frequência, golpes com a cabeça. Está documentado na **cantiga número 2**.

▪ Cabôco

s.m. Corrutela de *caboclo*, de origem ainda controversa. Admite Teodoro Sampaio o tupi *caá-boc*, tirado, o aproveitado do mato,[342] aceito por Pedro Machado e Friederici,[343] porém, posto por terra, pelo

338 Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Lingua Portuguesa, ed. cit.*, pág. 50.

339 Giovanni Alessio/Carlo Battisti, *op. cit.*, vol. I, pág. 488.

340 José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, ed. cit.*, vol. I, pág. 428.
_____José Joaquim Nunes, *op. cit.*, pág. 149.
_____Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch, ed. cit.*, pág. 154.
_____Antenor Nascente, *Dicionário Etimológico da Lingua Portuguesa, ed. cit.*, pág. 132.

341 *Portugaliae Monumenta Historica, ed. cit.,* volume das Leges et Consuetudines, pág.374.

342 Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 185

343 Georg Friederich, *op. cit.*, pág. 106.
_____ José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, ed. cit.*, vol. I, pág. 431.

comendador da obra de Teodoro Sampaio, Frederico Edelweiss.[344] O vocábulo significa o nascido de pai indígena e mãe africana, já registrado por Marcgrave[345] e, de um modo geral, designa o indígena do Brasil e da América: "Die unbezwungenen Indianer der Wildnisse Brasiliens, und überhaut freie Indianer allgemein", no dizer de Friederici.[346] Stradelli deriva de *cauóca*,[347] que Plínio Ayrosa refuta para aceitar o de Teodoro Sampaio.[348] Aparece na **cantiga número 31.**

- Cabra

s.m. Do latim *capra*, que se espalhou no românico, dando em português, *cabra*; espanhol, *cabra*; logudorês, *kraba*; provençal, *cabra*; enadinês, *kevra*; friaulano, *kavra*; italiano, *capra*,[349] francês, *chèvre*; emiliano, *crava*;[350] catalão, *cabra*;[351] romeno, *câprã*.[352]

O vocábulo já se acha documentado na língua desde o ano 990, nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume dos *Diplomata e Chartae*.[353] No Brasil o vocábulo, além de ser designativo de um animal, é também o do *mulato escuro* e do indivíduo agressivo e de mau caráter. Esse tipo de gente sempre inquietou a segurança pública. No Ceará, no primeiro Império, transformaram a região em verdadeiro campo de guerra, conforme o que se

344 Frederico G. Edelweiss, *in Teodoro Sampaio*, *op. cit.*, pág. 126.

345 Jorge Marcgrave, *op. cit.*, pág. 268.

346 Georg Friederici, *op. cit.*, pág. 106.

347 E. Stradelli, *op. cit.*, pág. 135.

348 Plínio Ayrosa, *in* Jorge Marcgrave, *op. cit.*, pág. XCI

349 Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, *ed. cit.*, pág. 155.

350 Walther von Wartburg, *Französiches Etymologisches Wörterbuch* / Eine derstellung des galloromanische sprachschatzes / Verfasst mit unterstüntzung des Deutschen Forschungssmeinshaft und des Sachsishchen Ministerius für Volksbildung / Photomechanischer neudruck. J.C.B. Mohr (Paul Siebeck) Tübingen, 1949, vol. II, pág. 301.

351 Pompeu Fabra, *Diccionari General de la Llengua Catalana.* A. López Llausas Editor, Barcelona, 2ª ed. 1954, pág. 289.

352 Academiei Republicii Populare Romîne, *Dictionarul Limbii, Romine Literare Contemporane*, Editura Academici Republicii Populare Romine, 1955, vol. I, pág. 332.
_____Theodor Gartner, *Darstellung des romänischen Sprache*. Verlag von Max Niemeyer, Halle A.d.s., 1904, pág. 209.

353 *Portugaliae Monumenta Historica, ed. cit.,* volume dos Diplomatas et Chartae, pág. 98.

lê num ofício de José Félix de Azevedo e Sá, ao ministro do Império, expondo as providências dadas para o restabelecimento da ordem em Fortaleza, datado de 23 de abril de 1825: – "Resta agora Exmo. Sr. conter o furor dos Cabras, e vadios, que tanto ocuparão o cuidado dos Antigos Governadores, os quaes ainda não ha força que os tenhão podido refrear, o que se vê dos contínuos roubos, e assassinios, e o que bem modernamente sucedeo em Sancta Quitteria, Povoação do Termo da Villa do Sobral em perigo da Vida do Probo e honrado Capitão Mor da mesma Villa, e de hum virtuoso Clerigo, commetido por um salteador Benedito Miz. Chaves da celebra familia dos Feitozas, e hum bando de seu sequito, contra quem expedi a ordem Nº 12".[354] No Rio Grande do Sul, na Vila do Rio Prado, por volta de 1835, irromperam vários tumultos gravíssimos contra as autoridades constituídas dali, de modo que os exaltados trocaram insultos entre si, resultando disso a quadra que a imaginação popular fabricou, envolvendo os cabras:

Cabra gente brasileira,
Descendente de Guiné!
Trocaram as cinco chagas
Pelo fumo e o café.[355]

Não sei se a acepção corrente no Brasil está ligada ao designativo do animal. Entretanto, Macedo Soares, estudando-a, conclui quwe "Cabras, Cabaras, são os habitantes, quase negros, da margem direita do Níger, vizinhos dos *Bambaras*, por 17° lat. N e 4° lg. Oc, Paris. Compare *caboverde*, *canarim*, *congo*, *fulo*, *ganguela*, *rebolo*, etc.[356] Aparece na **cantiga de número 106**.

354 Offício de José Felix de Azevedo e Sá ao ministro do Império expondo as providências dadas para o restabelecimento da ordem na Província. Datado da Cidade de Fortaleza, aos 23 de abril de 1825, *in Publicação do Arquivo Nacional*/sob a direção de João Alcides Bezerra Cavalcante. Officinas Graphicas do Archivo Nacional, Rio de Janeiro, 1929, vol. XXIV, pág. 251.

355 Assis Brasil, *História da República Rio-Grandense,* Tip. de G. Leuzinger & Filhos, Rio de Janeiro, 1882, vol. I, pág. 70.

356 Antônio Joaquim de Macedo Soares, *Estudos Lexicográficos do dialeto brasileiro*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro 1943, pág. 120.

▪ Cabula

s.m. Nome de um bairro de Salvador. De origem ainda desconhecida. Esse bairro foi refúgio de negros africanos e até hoje está lá a marca de suas presenças, com os inúmerosos candomblés, sobretudo os de "nação Angola", que possuem um toque chamado *cabula*, daí a provável origem do nome do bairro. Aparece na **cantiga de número 6**.

▪ Cachaça

s.f. Designa aguardente. De origem desconhecida, não obstante Renato Mendonça[357]admitir origem africana, sem contudo dizer a língua matriz. A respeito das designações de embriaguez e aguardente há um trabalho excelente de Heinz Kröll, intitulado *Designações Portuguesas para "Embriaguez"*, que é a primeira parte de sua tese à Universidade de Heidelberg, *Onomasiologische Beitrage zur Portugieschen Volk – und Ungangsprache*,[358] a quem agradece a oferta de um exemplar. A palavra aparece na **cantiga de número 58**.

▪ Caco Velho

s.m. Nome próprio personativo. Apelido com acepção jocosa. Aparece na **cantiga de número 83**.

▪ Caetano

s.m. Nome próprio personativo. Leite de Vasconcelos diz que *Caetano* está por *Caietano*, este do latim *Caietanus*, habitante de *Caieta*, na Itália.[359] Aparece na **cantiga de número 122**.

357 Renato Mendonça, *op. cit.*, pág. 203.

358 Heinz Kröll, *Designações Portuguesas para Embriaguez.* Casa do Castelo, Editôra, Coimbra, 1955.

359 José Leite de Vasconcelos, *Antroponímia Portuguesa*/Tratado comparativo da origem, significação, e apelidos usados por nós desde a Idade Média até hoje. Imprensa Nacional, Lisboa, 1928, pág. 66.

▪ Calentar

v. Corrutela de *acalentar*. De origem ainda controvertida. Adolfo Coelho prende ao latim *calente*.[360] Diez a *calere*,[361] Nascentes a *a* mais o latim *calente*, quente e a desinência *ar*,[362] Meyer-Lübke, *calentar*, aquecer-se[363] e Leite de Vasconcelos que deriva de *calar*,[364] aceita por Magne[365] e José Pedro Machado,[366] com dúvida. Este étimo, que já foi proposto por Leoni,[367] Leite de Vasconcelos ao apradrinhá-lo, dá a seguinte explicação: – "o sentido é-nos dado pelo espanhol *acallar* " hacer calar (ordinariamente se dice de los niños)', e pelos textos reunidos de nossos léxicos".[368] Mais recente, também o aceitou José Inês Louro, em exaustivo estudo sobre o mesmo.[369] Aparece na **cantiga de número 65**, na acepção de fazer calar uma criança e na língua antiga em *O Livro de Vita Christi*.[369ª]

▪ Calumbi

s.m. Segundo Teodoro Sampaio, corrutela de *caá-r-umby*, a folha apinhada, arroxeada, o anel.[370] Designa uma planta leguminosa (Mimosa asperata, Linneu). Aparece na **cantiga de número 108**.

---

360 Francisco Adolfo Coelho, *op. cit.* pág. 14.

361 Friendrich Diez, *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen*, *ed. cit.,* pág. 435.

362 Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Lingua Portuguesa, ed. cit*., pág. 6.

363 Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch, ed. cit.,* pág. 140.

364 José Leite de Vasconcelos, "Canção de Berço", segundo a tradição popular portuguesa, in *Revista Lusitana,* 1907, vol. X, pág.17.

365 Augusto Magme, *op. cit.,* vol. I, pág. 282.

366 José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, ed. cit*., vol. I, pág. 44.

367 Francisco Evaristo Leoni, *Gênio da Língua Portuguesa* ou Causas racionais e filológicas de todas as formas e derivações da mesma língua, comprovadas com inumeráveis exemplos extraídos dos autores latinos e vulgares, 1858, tomo I, pág. 320.

368 José Leite de Vasconcelos, *op. cit*., pág.18.

369 José Inês Louro, "Notas etimológicas", *in Boletim de Filologia*, 1948, tomo IX, págs. 90-92.

369ª Ludolfo Cartusiano, *O Livro da Vita Christi*/Em Linguagem Portuguesa/Edição fac–similar e crítica do incunábulo de 1495 cotejado com os apógrafos por Augusto Magne. Casa de Ruy Barbosa, Rio de Janeiro, 1957, pág. 183.

370 Teodoro Sampaio, *op. cit*., pág. 187.

▪ Camará

s.m. Corrutela de *camarada*. Do espanhol *camarada* "grupo de soldados que duermen y comen juntos"[371] e este do latim vulgar *cammara*, já documentado no Appendix Probi *camĕra non cammara*.[372] Wartburg estudando as formas do francês moderno *camarade, camerade, camarado, camerado* este último designando "celui qui a contracté une certaine familiarité avec une autre personne, ayant fait partie de la même troupe (de soldats, d'acteurs, etc.) ayant habité le même endroit ou ayant vécu dans le même milieu",[373] admite, em vista da acepção, o italiano *camerata*,[374] já proposto por Diez.[375]

No linguajar da capoeira e na **cantiga de número 41** aparece com a acepção pura e simples de *companheiro*, o mesmo ocorrendo no espanhol, que em tal caso Carominas, admite a procedência do francês *camarade*.[376] Além dos linguistas citados também se preocuparam com o vocábulo Battisti/Alesio,[377] Gamillscheg,[378] Meyer-Lübke[379] e Nascentes.[380]

▪ Camboatá

s.m. Designa uma qualidade de peixe pequeno que vive em água doce *(Silurus callichthys*, Linneu). Teodoro Sampaio deriva de *caabo-oatá,*

371 J. Carominas, *op. cit.*, vol. I, pág. 609.

372 Serafim da Silva Neto, *Fontes do latim Vulgar*/O Appendix Probi. 3ª edição, revista e melhorada, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1956, pág. 122.

373 Walther von Wartburg, *op. cit.,*vol. II, pág. 134.

374 Walther von Wartburg, *op. cit.,*vol. II, pág. 136.

375 Friendrich Diez, *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen*,1887, *ed. cit.*, pág. 79.

376 J. Carominas, *op. cit.*, vol. I, pág. 609.

377 Carlo Battisti/Giovani Alessio, *op. cit*, vol. I, págs. 700-701.

378 Ernst Gamillscheg, *Etymotogisches Wörterbuch der französischen Sprache*/Mit einen Wort – und Sachverzeichnis von Dr. Heinrich Kuen, Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1928, pág. 175.

379 Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, *ed. cit.*, pág. 144.

380 Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, ed. cit.*, pág. 143.

camboatá o que anda pelo mato.[381] Não obstante ser popular a forma *camboatá*, há as alterações *cambotá*, *camuatá* e *tamoatá*, sendo esta última a registrada por Piso,[382] Marcgrave,[383] Tastevin,[384] Stradelli[385] e Batista Caetano que prende a *tama* por *taba*, pelo, antâ, duro (com dúvida).[386]

▪ Camunjerê

Termo desconhecido na sua origem e na sua acepção. Aparece na **cantiga de número 157.**

▪ Candomblé

s.m. Termo de origem ainda desconhecida. Designa a religião que os africanos trouxeram para o Brasil. Sua maior área de expansão é na Bahia e é designação mais específica da religião dos povos nagôs.

Existiu no Brasil uma dança chamada *candombe*, comuníssima nos países da região do Plata. Essa dança, como quase todos os folguedos dos negros, estava sempre na mira policial. Macedo Soares, por exemplo, cita trecho de uma lei provincial de 1836, onde se determina que "tôda pessoa que, na casa de sua moradia ou alguma outra a ela anexa, consentir ajuntamentos para danças ou *candombes* em que entrem escravos alheios, será punida com as penas…"[387] Como se depreende do texto da lei, os *candombes* eram feitos em casa, em recinto fechado, não obstante saírem às ruas nos dias propícios.[388] Na região platina, onde eles

381 Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 188.

382 Guilherme Piso, *História Natural do Brasil, ed. cit.*, pág. 175.

383 George Marcgrave, *op. cit.*, págs.151, LV.

384 Constantino Tastevin, "Nomes de plantas e animais em língua tupi", *in op. cit.,* pág. 736.

385 E. Stradelli, *op. cit.*, pág. 661.

386 Batista Caetano, *op. cit.*, pág. 478.

387 Antônio Joaquim de Macedo Soares, *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, ed. cit.*, vol. I, pág. 98.

388 Daniel Granada, *Vocabulário Rioplatense Razonado,*precedido dun juicio critico por D. A. Magariños Cervantes, 2ª edición corregida, considerablemente aumentada y à la que se añade un nuevo juicio critico pullicado por D. Juan Valera, Imprenta Rival, Montevideo, 1890, pág. 137.
Vicente Rossi, *Cosas de Negros*/Los origenes del tango y otros apartes al folklore rioplatense/ Rectificaciones historicos. Rio de La Plata, 1926, pág. 47.

realmente tiveram vida e se desenvolveram, realizavam-se em *ranchos*, "construídos pelos negros, por impossibilidade de disporem de outro recinto. Esses ranchos, informa Vicente Rossi, eram construídos por los mismos negros, en terrenos libres o cedidos por sus proprietarios a sus esclavos, por no tener ningun valor en ese tiempo. Sin embargo, valían cuando los negros disponían comprarlo para que no los echaron de ellos. E se era el objeto de las 'sociedades', reunir fondos con donativos y fiestas para rescatar a sus hermanos y comprar su pechajo de suelo. Delante del rancho se desarrolaba el candombe, y allí se veía al rey y su capa mesclado con los súbditos".[389]

Partindo do pressuposto de que o *candombe* era realizado dentro de casa e que era um folguedo profano, com interligações religiosas com o *candomblé*, como é o *afoxé*, pode-se muito bem estudar a possibilidade da origem híbrida do termo *candomblé*, derivado de *candombe*, mais o termo nagô *ilê*, casa, logo *candombe+ilê= candomblé*, significando prática religiosa dos negros africanos. Embora Artur Ramos[390] rejeite a hipótese de Vicente Rossi[391] de que o termo *candomblé* seja de origem rio-platense, através de *candombe*, tem procedência no que diz respeito à presença da palavra *candombe*, na formação do termo *candomblé*, porém fonética e semanticamente pouco convincente de como *candombe* passou a *candomblé*. Aparece na **cantiga número 20**.

- Cantá

v. Corrutela de *cantar*. Do latim *cantare*, frequentemente de *canere*, se espalhou pelas línguas românicas, dando o italiano, *cantare*; engadinês, *kanter*; logudorês, *cantare*; friaulano, *kantá*; provençal, *cantar*; francês, *chanter*; espanhol *cantar*; catalão, *cantar*; português, *cantar*[392] e romeno

389 Vicente Rossi, *op. cit.*, págs. 71-72.

390 Artur Ramos, *As culturas negras do Novo Mundo, ed. cit.*, pág. 261.

391 Vicente Rossi, *op. cit.*, pág. 84.

392 Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, *ed. cit.*, pág. 151.

cînta.[393] Há documentação antiga no *Cancioneiro de Colocci-Brancuti* ou *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, como é hoje chamado.[394] Nas cantigas de capoeira, aparece na de **número 1**.

▪ Cão

s.m. Do latim *canis* veio o romeno *câne*; italiano, *cane*; engadines, *kanu*; logudorês, *cane*; provençal, *ca*; francês, *chien* português, *cão*.[395] Aparece documentado na língua portuguesa, no ano de 1152, nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume dos *Leges et Consuetudines*, designando o animal.[396] Nas **cantigas de números 13, 27, 58 e 124**, aparece com a acepção de demônio. Cascudo[397] dedicou-lhe um verbete, onde lamenta não ter encontrado, como esperaria, tal acepção, tão comum no Brasil.

▪ Ca ô cabiesi

Corrutela de *Ka wo ká biyè sí*,[398] expressão com que os povos nagôs saúdam Xangô, deus do fogo e do trovão e que segundo Johnson foi o quarto rei lendário de Oyó, capital dos povos iorubás.[399] A saudação aparece na **cantiga número 21**.

▪ Capoêra

s.f. Corrutela de *capoeira*. Aparece na **cantiga de número 2**. Sobre este vocábulo ver o capítulo *O termo Capoeira*.

393 Academiei Republicii Populare Romîne, *Dictionarul Limbii, Romine Literare Contemporane*, Editura Academici Republicii Populare Romîne, 1955, vol. I, pág. 447.

394 Elza Paxeco Machado e José Pedro Machado, *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* / Antigo Colocci-Brancuti / Leitura, Comentários e Glossário. Edição da Revista de Portugal, Lisboa, 1950, vol. II, págs. 352-353.

395 Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, *ed. cit.*, pág. 149. Walther von Wartburg, *op. cit.*, vol. I, pág. 196.

396 *Portugaliae Monumenta Historica, ed. cit.*, volume das *Leges et Consuetudines*, pág. 380.

397 Luís da Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro, ed. cit.*, pág. 179.

398 R. C. Abraham, *op. cit.*, pág. 157.

399 Samuel Jonhson, *The History of the Yorubas*/From the Earliest Times to the Beginning of the British Protectorate. Edited by Dr. O. Johnson. C.M.S. (Nigéria) Bookshops, Lagos, 1956. págs. 34, 149.

▪ Carcunda

s.f. De origem duvidosa. Cortesão diz que "O étimo dêste vocábulo seria primitivamente um adjetivo formado do latim *cor* com o sufixo *-cundu* (c-un-do)?".[400] Adolfo Coelho faz uma comparação com *corcovado* e partiu para um tema *karko, korko,* com a acepção de *ser curvo*, com raiz *kar*, a mesma do latim *cir0cus, curvus*, sendo *carcundus* uma forma do latim vulgar, com sufixo idêntico ao que está em *secundus, rotundus*.[401] Entretanto, a maioria pende para uma origem africana. O próprio Adolfo Coelho, mais adiante, no *Suplemento*, já propõe uma origem africana, que é o angolês *karicunda, korkunda*, corcunda, de *rikunda*, costas.[402] Nessa mesma época, Macedo Soares também via o quimbundo *macunda* plural de *ricunda*, a costela.[403] Nascentes deriva do quimbundo *caricunda*, costinhas, o das costas. Admitindo também origem africana estão Gonçalves Viana,[404] Granada[405] e Ortiz.[406] Em oposição à tese africana, vem Carominas que a refuta argumentando ser uma tese supérflua.[407] Na Bahia, a forma mais corrente é *corcunda*, não obstante na **cantiga de número 99** aparecer a forma *carcunda* e existir a variante *cacunda* muito embora para designar o nome de uma rua no bairro do Retiro chamada *Cacunda de Yayá*.

▪ Carrapato

s.m. De origem incerta. Cortesão deriva do espanhol *garrapata*,[408] que a Academia Espanhola tira de *garra* e *pata*.[409] Proposta mais recente

400 A.A. Cortesão, *op. cit.*, vol. I, pág. 47.
401 Francisco Adolfo Coelho, *op. cit.*, pág. 308.
402 Francisco Adolfo Coelho, *op. cit.*, pág. 1.243.
403 Antônio Joaquim de Macedo Soares, *Estudos Lexicográficos do Dialeto Brasileiro*, *ed. cit.*, pág. 62.
404 A. R. Gonçalvez Viana, *Apostilas aos Dicionários Portugueses*, *ed. cit.*, vol. I, pág. 208.
405 Daniel Granada, *op. cit.*, pág. 125.
406 Fernando Ortiz, *Glosário de Afronegrismos*, *ed. cit.*, pág. 106.
407 J. Carominas, *op. cit.*, vol. I, pág. 693.
408 A.A. Cortesão, *op. cit.*, pág. 25 do Aditamento.
409 Real Academia Española, *Diccionario de la Lengua Española*, *ed. cit.*, pág. 634.

é de Carominas, que, estudando *garrapata*, admite "ser metatesis de garrapata, derivado con el sufijo *-ata*, que designa animales pequenos, de *caparra*, que es el nombre de la *garrapata* en vasco, mozárabe, aragonés, catalan ocidental, y debe ser vieja voz prerromanica, identica al vasco *gapar(ra)* o *kapar(ra)* zarza, cambron, porque la garrapata y la zorza se agarran fuertemente a la piel".[410] Prosseguindo na sua argumentação, procura pôr por terra o étimo apresentado pela Academia Espanhola. Num *Beihefte zur Zeitschrift für romanischen Philologie*, Rohlfs publicou interessante trabalho sobre o gascão, onde propõe o vasco *kaparra*.[411] O vocábulo se encontra documentado em Cardim[412] e na **cantiga de número 105**.

- Chamá

v. Corrutela de *chamar*. Do latim *clamare*, gritar, chamar em voz alta, veio o português, *chamar*; provençal, *clamar*; logudorês, *gamare*; catalão, *clamar*; engadinês, *clamar*; friaulano, *klamá*, antigo francês, *clamer*; espanhol, *llamar*;[413] romeno, *chemá, chiemá chiama*.[414] Em português há a variante *clamar*, vinda por via culta já documentada nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume dos *Scriptores*.[415] Aparece na **cantiga de número 56**.

- Chico Simão

s.m. Nome próprio. Aparece na **cantiga de número 83**.

---

410 J. Carominas, *op. cit.*, vol. I pág. 693.

411 Gerhard Rohlfs, *Le Gascon/Étude de Philologie pyrénéenne*. Max Niemeyer Verlag / Halle / Saale, 1955, pág. 20.

412 Fernão Cardim, *Tratado da Terra e da Gente do Brasil*/Introdução e notas de Batista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia. Editôres J. Leite & Cia., Rio de Janeiro, 1925, pág. 337.

413 Walther von Wartburg, *op. cit.*, vol. I, pág. 730.
____ Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, *ed. cit.*, pág. 185.
____ Friedrich Diez, *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen, ed. cit.*, pág. 97.

414 Theodor Gartner, *op. cit.*, pág. 209.
____ Walther von Wartburg, *op. cit.*, vol. I, pág. 402.

415 *Portugaliae Monumenta Historica, ed. cit.*, volume dos *Scriptores*, vol. I, pág. 236.

▪ Chique-Chique

s.m. Espécie de planta da família das leguminosas (*Crotalaria brachystachya*, Benth). De origem desconhecida. Teodoro Sampaio registra dizendo não parecer voz tupi.[416] Aparece na **cantiga de número 26**.

▪ Chita

s.f. Designa uma espécie de tecido. Dalgado deriva do neo-árico *chhit*[417] aceito por Nascentes e José Pedro Machado.[418] Aparece na de **número 55**.

▪ Chotão

s.m. Diz-se do burro que tem o passo incerto, saltitante. Derivado de *choutar* que Adolfo Coelho tira do latim hipotético *tolutare*, pelo hipotético *tlutare*, do tema de *tolutarius*, *tolutum*[419] aceito por Nunes e Gonçalves Viana.[420] João de Souza deriva do árabe *xauta*.[421] Cornu deriva do latim hipotético *clauditare* por *claudicare*.[422] Aparece na **cantiga de número 65**.

▪ Caiman

s.m. De origem incerta. Lokotisch e Diego derivam do taino *kaiman*.[423] Ureña e Carominas[424] vêem probabilidade de origem caribe, ao lado da Academia Espanhola que também admite a mesma procedência, porém

416 Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág.196.

417 Sebastião Rodolfo Dalgado, *op. cit.*, vol. I pág. 276.

418 Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, ed. cit.*, pág. 180.
_____ José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, ed. cit.*,vol. I, pág. 588.

419 Francisco Adolfo Coelho, *op. cit.*, pág. 351.

420 José Joaquim Nunes, "Fonética Histórica Portuguesa/Resumo das principais leis que presidirão à transformação lo latim ao português", *in Revista Lusitana*, vol. III, pág. 285.
_____ A. R. Gonçalvez Viana, *Apostilas aos Dicionários Portugueses*, *ed. cit.*, vol. I, pág. 297.

421 João de Souza, *op. cit.*, pág. 114.

422 Jules Cornu, *op. cit.*, págs. 936-974.

423 Karl Lokotisch, *Etymologisches Wörterbuch der Amerikanischen (Indianischen) Wörter im deutschen*. Carl Winters Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1926, pág.39.
_____ Vicente Garcia de Diego, *Diccionario Etimológico Español e Hispanico*, *ed. cit.*, pág. 139.

424 Pedro Henriquez Ureña, *El Español em Santo Domingo*, Buenos Aires, 1940, pág. 128.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. I pág. 576.

propondo o termo *acagoumán*.[425] Entretanto Friederici, que estudou com mais desenvoltura, diz não acreditar na procedência direta do caribe:– "Ich glaube nicht, dass das Wort der Sprache der Insel-Karaiben als ursprünglich und alteinheimisch angehört".[426] Depois de estudar, com vasta documentação, o seu trânsito na antiga literatura hispânica da conquista das Américas, propõe uma origem africana, sem contudo dar maiores explicações e documentação, limitando-se apenas a dizer: "– Dagegen weist manches darauf hin, dass das Wort *cayman* – änlich wie *almodía, banana, bacaba, macaco, papagayo* – ursprünglich aus Afrika stammt und durch die Portugiesen und Spanier und Wester bald durch die afrikanichen Negersklaven in die Neue Welt gebracht worden ist".[427]

O vocábulo está espalhado pelas Américas e já se incorporou ao léxico romeno. O dicionário da Academia Romena registra *caiman* e remete para o verbete *aligator* que define como – "Specie de crocodil care trãieste in fluviile Americii (*Aligator mississippiensis*)".[428] Está documentado na língua escrita desde 1530. Montoya e Restivo o registram traduzindo por *yacaré*.[429] Também se encontra em Piso,[430] Marcgrave[431] e Nieuhof.[432] Aparece na **cantiga de número 64**.

---

425 Real Academia Española, *Diccionario de la Lengua Española*, *ed. cit.*, pág. 216.

426 Georg Friederici, *op. cit.*, pág. 152.

427 Georg Friederici, *op. cit.*, pág. 153.

428 Academiei Republicii Populare Romîne, *Dictionarul Limbii Romîne Literare Contemporane*, *ed. cit.*, vol. I, págs. 62, 313.

429 Ruiz Montoya, *op. cit.*, pág. 130.
____ Paulo Restivo, *Lexicon Hispano-Guaranicum*/Vocabulario de la lengua Guarani inscriptum a Reverendo Patre Jesuita Paulo Restivo/secundum Vocabularium Autorii Ruiz de Montoya anno MDCCXXII in Civitate S. Mariae Majoris denuo editum et adauctum, sub auspiciis Augustissimi Domni Petri Secundi Brasiliae Imperatoris posthac curantibus Illustrissimis Ejusdem Haeredibus ex unico qui noscitur Imperatoris Beatissimi exempari redinpressum necnon prefatione notisque instructum opera et studii Christiani *Frederici Seybold*. Stutegardiae/In aedibus Guiliemi Kohlhamner MDCCCXCIII, pág. 147.

430 Guilherme Piso, *História Natural do Brasil, ed. cit.,* pág. 50.
____ Guilherme Piso, *História Natural e Médical da Índia Ocidental*/Em cinco livros/Traduzida e anotada por Mário Lobo Leal/Revista por Felisberto Carneiro e Eduardo Rodrigues/Escorço bibliográfico de José Honório Rodrigues. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1957, págs. 586-587.

431 George Marcgrave, *op. cit.*, pág. 242.

432 Joan Nieuhof, *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil*/Traduzido do inglês por Moacir N. Vasconcelos/Confronto com a edição holandesa de 1682, introdução, notas, crítica bibliográfica e bibliografia por José Honório Rodrigues, Livraria Martins Editôra, São Paulo 2ª edição, 1951, pág. 48.

▪ Cocorocô

Voz onomatopaica emitida pelos galos, já registrada por Júlio de Lemos.[433] Aparece na **cantiga número 85**.

▪ Coité

s.m. Nome próprio designativo de uma localidade no Estado da Paraíba. Martius registra juntamente com a variante *Cuité*, erva.[434] Aparece na **cantiga número 70**.

▪ Colongolô

Termo desconhecido na sua origem e na sua acepcão. Aparece na **cantiga número 111**.

▪ Comade

s.m. Corrutela de *comadre*. Do latim *comater* veio italiano, *comare*; logudorês, *comare*; espanhol, *comadre*; engadinês, *komer*; português, *comadre*; provençal, *comaire*; friaulano, *komari*; catalão, *comare* e francês, *comaire*. O romeno[435] não dispõe deste vocábulo, do mesmo modo que o masculino *compadre*, entretanto tem as formas populares *cumatra*, *cumetre* para o feminino e *cumatru*, *cumetri*, *cumetre* para o masculino, com a acepção de padrinho e madrinha extensiva às pessoas idosas, que desfrutam de certa intimidade na família, como ocorre no Brasil com as expressões *compadre* e *comadre*, funcionando como tratamento respeitoso. Mesmo assim a procedência dessas palavras não é latina:– "stamm aus dem Slav", como diz Meyer-Lübke.[436] Aparece na **cantiga número 38**.

---

433 Júlio de Lemos, *Pequeno Dicionário Luso-Brasileiro de Vozes de Animais* (onomatopeias e definições)/ Com uma Carta do Escritor e Filólogo Prof. Augusto Moreno. Edição da *Revista de Portugal*, Lisboa, 1946, pág. 58.

434 Carl Friedrich Philipe von Martius, *Glossaria Linguarum Brasiliensium* / Glossarios de diversas lingoas e dialectos, que fallão os indios no imperio do Brasil / Wörtersammlung brasilianischer Sprachen. Druck von Jungle & Sohn, Erlangen, 1863, pág. 496.

435 Academiei Republicii Populare Romîne, *Dictionarul Limbii Romîne Literare Contemporane*, *ed. cit.*, vol. I, pág. 601.

436 Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch, ed. cit.*, pág. 197.

▪ Convidô

v. Corrutela de *convidou*, do verbo *convidar*. Propõe Meyer-Lübke o latim hipotético *convitare*, derivado de *invitare* com troca do prefixo por influência de *convivium*, banquete,[437] aceito por Nunes,[438] Nascentes,[439] José Pedro Machado[440] e Carominas.[441] Wartburg também o aceita, porém dando alguns esclarecimentos sobre a sua história, dizendo que "Wohl aus dem mlt. der klöster übernomen hess. *convitieren*, *convitare* ist wohl schon in spatern lt. gebildet worden" . Mais adiante, comentando a explicação de Gröber e Meyer-Lübke, esclarece que "halten es für eine umbildung von *invitare* nach *convivium*. Es könnte sich auch sehr wohl einfach um einem wechsel des präfixes handeln, begründet in der speziellen bed. von *convitare*. Dieses wird nur gebraucht wenn mehrere personen eingeladen, "zusammen" geladen werden, *invitare* auch wenn es sich um eine einzige person handelt".[442] Aparece na **cantiga número 1**.

▪ Cortá

v. Corrutela de *cortar*. Do latim *cutare*, encurtar.[443] A seu respeito se expressou Wartburg: "Zum adj. *cŭrtus* bildete das spatere lt., neben dem schon klt. belegten *cŭrtare* ein verbum *cŭrtiare.."* [444] Aparece na **cantiga número 29** e se acha documentada em Afonso X.[444ª]

437 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 204.
____ Wilhelm Meyer-Lübke, *Grammaire des langues romanes, ed. cit.,* vol. II pág. 668.

438 José Joaquim Nunes, *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, *ed. cit*., pág. 135.

439 Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, ed. cit.*, pág. 210.

440 José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, ed. cit.,* vol. I, pág. 670.

441 J. Carominas, *op. cit.*, vol. II pág. 1.007.

442 Walther von Wartburg, *op. cit.,*vol. II, pág. 1.137.

443 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 222.
____ Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, ed. cit.*, pág. 216.
____ José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, ed. cit.,* vol. I, pág. 720.

444 Walther von Wartburg, *op. cit.,*vol. II, pág. 1.583.

444ª Afonso X, o Sábio, *Cantigas de Santa Maria*, editadas por Walter Metmann. Por Ordem da Universidade, Coimbra, 1959, vol. II, pág. 268.

▪ Cu

s.m. Com este vocábulo, o povo ora designa o orifício do intestino, comumente conhecido por ânus, ora as partes traseiras em que o homem ou animal se apoiam para sentarem, também chamadas *nádegas* ou *bunda*, termo africano tão popular quanto a palavra *cu*. Parece que a primeira acepção é a mais antiga e já no tempo de Catulo, segundo Walde / Hofmann, chamavam de *culus*, "die Mündung des Mastdarms, der Hintere".[445] O latim *culus* vive em todos os idiomas românicos, dando o português, *cu*; espanhol, *culo*; italiano, *culo*; francês, *cul*; logudorês, *kulu*; engadinês, *kul*; friaulano, *kul*; provençal, *cul*; catalão, *cul*; romeno, *cur*;[446] reto-romeno*cü*[447]e istro-romeno, *cur*.[448]

Em português o vocábulo já se acha documentado na *Crônica de D. João I* de Fernão Lopes[449] e no *Livro de Falcoaria* de Pero Menino.[450] Designa também o fundo de qualquer coisa, como panela, frasco, chaleira e outros objetos, não só em português, como em italiano,[451] francês[452] e espanhol.[453] Aparece na **cantiga número 109**.

445 A. Walde/J. B. Hofmann, *op. cit.*, vol. I, pág. 305.

446 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 220.

447 Theodor Gariner, *Handbuch der rätoromanischen Sprache und Literatur*. Verlag von Max Niemeyer, Halle A.S., 1910, pág. XLVI.

448 Josif Popovici, *Dialectele Romîne*/Dialectele Romine din Istria/Partea a 2ª Texte si Glosar. Editura Autoruluí, Halle A.d.s., 1904, pág. 104.

449 Fernão Lopes, *Crônica de D. João I*/Segundo o códice nº 352 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo/ Edição prefaciada por Antônio Sérgio, Livraria Civilização – Editôra, Pôrto, 1945, vol. I, pág. 294.

450 Pero Menino, *op. cit.*, págs. 27-29.

451 Nicolò Tommaseo e Bernardo Bellini, *Dizionario della Lingua Italiana* /Nuovo ristampa dell'edizione integra. Unione Tipografica Editrice Torinense, Torino, 1929, vol. I, pág. 766.

452 É. Littré, *Dictionnaire de la Langue Française*, Librairie Hachette et Cie, Paris, 1873, vol. I, pág. 928.

453 Real Academia Española, *Diccionario de la Lengua Española*, *ed. cit.*, pág. 385.

▪ Cum

prep. Corrutela de com. Do latim *cum*.[454] Na língua antiga aparece sob as formas *com* e *co*, documentadas no *Portugaliae Monumenta Historica*, sendo a primeira no ano 1051, no volume dos *Diplomata et Chartae*[455] e a segunda no volume dos *Scriptores*.[456] Aparece na **cantiga número 1**.

▪ Cumi

v. Corrutela de *comi* do verbo *comer*. Do latim *comedere.*[457] A seu respeito se expressou Wartburg: "Lt comĕdĕre tritt schon früh neben ĕdĕre auf und wind dann dessen ersatz in gebildeten kreisen, wahred *manducare* als vulgär empfunden wird. *Comĕdĕre* ist in sp. pg. *comer* geblieben".[458] Esta observação foi alhures mais desenvolvida.[459] O vocábulo é antigo na língua e está registrado nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume das *Leges et Consuetudines*.[460] Aparece na **cantiga número 22**.

▪ Cumpade

s.m. Corrutela de *compadre*. O latim *compater* espalhou pelas línguas românicas, à exceção do romeno, dando em italiano, *compare*; espanhol, *compadre*; engadinês, *kumper*; português, *compadre*; friaulano, *kopari*; catalão, *compar*; provençal, *compare*. Com referência à sua história, Wartburg que melhor o estudou, assim se expressou: – "Lt. *compater* ist

454 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 221.
_____ Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, ed. cit.*, pág. 201.
_____ José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, ed. cit.,* vol. I, pág. 638.

455 *Portugaliae Monumenta Historica, ed. cit.*, volume dos *Diplomatas et Chartae*, pág. 257.

456 *Portugaliae Monumenta Historica, ed. cit.*, volume dos *Scriptores*, pág. 30.

457 Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 441.
_____ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 196.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 202.
_____ José Pedro Machado, *op. cit.,* vol. I, pág. 642.

458 Walther von Wartburg, *op. cit.,*vol. II, pág. 940.

459 Walther von Wartburg, *Problemas y Metodos de la Lingüística*/Traducción de Damaso Alonso y Emilio Lorenzo/Anotado para lectores hispanicos por Damaso Alonso, Madrid, 1951, págs. 195-196.

460 *Portugaliæ Monumenta Historica, ed. cit.*, volume das *Leges et Consuetudines*, pág. 704.

als ausdruck der kirche entstanden; es drückt die mitverantwortung aus, die der pate übernimmt. Der erste beleg stammt von ca. 680, also ein jh. später als *commater*. Doch ist bei der spärlichkeit der belege gleichwohl möglich, dass beide wörter gleichzeitung, geschaffen worden sind".[461] Estudou-o também Meyer-Lübke,[462] Nascentes,[463] Carominas[464] e José Pedro Machado.[465] Aparece nas **cantigas de números 8 e 35**.

- Delegacia

s.f. Designa uma unidade da Secretaria de Segurança Pública. Também se emprega como sinônimo de Secretaria de Segurança, como é o caso da **cantiga número 127**.

O vocábulo deriva do latim *delegatus*, aquele a quem se delega uma missão ou autoridade,[466] mais o sufixo *ia*.

- Dendê

s.m. Planta da família das palmáceas (*Elaesis guineensis*, Linneu). Também conhecido por *dendêzeiro*, foi o *dendê* trazido para o Brasil pelos negros africanos, sem contudo se poder precisar a data exata. A origem da palavra ainda é desconhecida, apenas se podendo afirmar que a denominação é bem antiga e não recente como pensa Edison Carneiro.[467] Em 1808 Vilhena já escrevia que: "Dendezeiro he huma outra palmeira que se eleva bastante e engrossa e de que as palmas são em extremo compridas, no ôlho desta, junto a elle brotão grandes cachos, com bagos fechados como as uvas e do tamanho das nossas castanhas, muito agradáveis à vista: destes se pode extrair duas

461 Walther von Wartburg, *Französiches Etymologisches Wörterbuch, ed. cit.,* vol. II pág. 974.

462 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 198.

463 Antenor, Nascentes, *op. cit.*, pág. 203.

464 J. Carominas, *op cit.* vol. III, pág. 607.

465 José Pedro Machado, *op. cit.,* vol. II, pág. 1.651.

466 Real Academia Española, *Diccionario de la Lengua Española*, *ed. cit.*, pág. 416.
Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, pág. 216.

467 Edison Carneiro, *Ladinos e Crioulos*/Estudo sobre o negro no Brasil. Editôra Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1964, pág. 72.

qualidades de azeite chamado de Palma e aqui de Dendê, de que vem muitos barris da costa da Mina, por ser o tempero das viandas dos pretos e de muitos brancos alem do que he tão bem muito medicinal".[468]

Curioso é que no mesmo local onde Edison Carneiro presume ser recente a denominação *dendê*, faz uma citação de Vilhena, sem indicação de página, onde o autor das *Cartas Soteropolitanas* se refere à palavra no início do século passado. Anterior a Vilhena, no decorrer de 1700, Elias Alexandre da Silva Corrêa menciona o termo *dendê*, quando diz que "Os Côcos da palmeira a q̃ no Brasil chamão de Dendê, são pizados, e depois fervidos da mesma forma, q̃ o Amendoim. O azeite extraido hé amarello, de consistência de graxa, q̃ no tempo do Cassimbo quálha, e só ao fogo se desliga. Elle serve de tempero commum aos guizados do pais. Os Nascionaes comem os Côcos crúz, e os Negros certanejos se sustentão de bagaço, novamente pizado, e torrado ao fogo; comida mas ordinaria no certão de Benguella a Velha, e no Novo Redondo, de donde exportão maior quantidade de azeite. Os negros uzão delle para untar o corpo, q̃ lhes faz a pelle macia, e Lustoza. Nos combates escapão melhor as maons dos seus contrarios, adoptando por systema expôr se nuz, e ungidos, em todas as acçoens de guerra. Os Armadores de escravos o fazem embarcar com elles; assim para temperar-lhes a escabrozidade das sarnas, q̃ os presseguem em viagem. Hé medicinal, e faz prodigioso effeito aplicado a fleimoens malignos; misturando com fuba, ou farinha de milho. Hum barril de Azeite de palma de 4 em pipa custa sete ou oito mil reis. As Quitandeiras o distribuem a pequenas medidas, correspondentes athé o mais minimo dinheiro".[469] Aparece na **cantiga número 33**.

---

468 Luís dos Santos Vilhena, *Recopilação de Notícias Soteropolitanas e Brasílicas*/Contidas em XX Cartas/Que da Cidade do Salvador Bahia de Todos os Santos escreve hum a outro Amigo em Lisboa, debaixo de nomes alusivos, noticiando-o do Estado daquela Cidade, sua capitania, e algumas outras do Brasil: feita e ordenada para servir na parte que convier de Elementos para a História Brasílica/ Ornada de Plantas Geographicas, e Estampas Dividida em Trez Tomos. Anotados pelo prof. Braz do Amaral e mandados publicar pelo Exmo. Sr. Dr. J. Seabra, Governador do Estado da Bahia/No ano do 1º Centenário da Independência do Brasil. Imprensa Oficial do Estado, Bahia, 1922, vol. II pág. 757.

469 Elias Alexandre da Silva Corrêa, *História de Angola*/Com nota prévia pelo Dr. Manuel Múrias, Lisboa, 1932, vol. I, págs. 137-138.

▪ Dero

v. Corrutela de *deram,* do verbo *dar*. O latim *dare*, dar, outorgar deu o romeno, *da*; friaulano, *da*; italiano, *dare*; logudorês, *dare*; engadinês, *der*; provençal, *dar*; catalão, *dar*; espanhol, *dar*; português, *dar*.[470] Aparece em documento do ano 986, nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume dos *Diplomata et Chartae*.[471] Cortesão apresenta farta documentação.[472] Com referência às cantigas, encontra-se na de **número 54**.

▪ Digêro

adj. Corrutela de *ligeiro*. Nunes deriva diretamente de *leviariu*.[472a] Entretanto, Meyer-Lübke, Carominas e Magne,[473] encampando a tese do latim hipotético *leviarius*, proposta por Diez,[474] admitem que este tenha dado o francês *léger* e daí se espalhado pelas línguas românicas. Sobre a sua existência no românico, assim se manifestou Wartburg: – "Vorliegende Wortfamilie lebt in einheinischer gestalt nur in galloram. (oben I 1) und in kat. *lleuger*. Diese formen verlangen eine grundlage *levarius*, die offenbar von *levius* abgeleitet ist und dieses verdrängt hat. Von Frankreich aus ist das adj. in die andern rom. Sprachen eingedrungen, vielleicht, wegen seines psychologischen sinnes, mit der hofischen literatur".[475]

Na língua portuguesa aparece documentado em *A Demanda do Santo Graal*.[476] Com referência às cantigas está na de **número 80.**

---

470 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 230.

471 *Portugaliae Monumenta Historica, ed. cit.*, volume dos *Diplomatas et Chartae*, pág. 94.

472 A.A. Cortesão, *op. cit.*, vol. I, págs. 52-53.

472ª A.A. Cortesão, *op. cit.*, vol. I, págs. 52-53.

473 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 406.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 82.
_____ Augusto Magne, *A Demanda do Santo Graal*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1944, vol. III, pág. 238.

474 Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 193.

475 Walther von Wartburg, *op. cit.,*vol. V, pág. 289.

476 Augusto Magne, *A Demanda do Santo Graal*, Reprodução fac–similar e transcrição crítica do códice 1.594 da Biblioteca Nacional de Viena. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1955, vol. I, pág. 70.

▪ Diguidum

Termo de origem e acepção desconhecidas. Aparece na **cantiga de número 49**.

▪ Discipo

s.m. Corrutela de *discípulo*, do latim *discipulus*.[477] Aparece na **cantiga número 3**.

▪ Dois de Ôro

s.m. Nome próprio personativo (apelido). Corrutela de *Dois de Ouro*. Aparece nas **cantigas números 124 e 125**.

▪ Dois minréis

s.m. Corrutela de *dois mil réis*. A fusão dos numerais ao nome da moeda é fenômeno comuníssimo, não só no Brasil como em Portugal e nas áreas do creoulo português. Leite de Vasconcelos, que estudou os dialetos algárvios, assim se manifesta: – "O *m* nasala em vogais que se lhe seguem – em *menza* (– mesa) e *min-reis* (mi – réis = mil réis, onde o *l* se absorveu no *r*)".[478] Muito corrente na linguagem popular é também *derréis* (dez réis), sobretudo na expressão *derréis de mé cuada* (dez réis de mel coado). Diz-se geralmente quando alguém vai propor venda de algo e só quer pagar preço multo aquém do valor, então se diz que se quer comprar por *derréis de mé cuada*. *Derréis* em Portugal é comuníssimo. Ainda é o próprio Leite de Vasconcelos quem assim afirma: – "Esta expressão constitui já hoje uma palavra só. Em todo o país se pronuncia assim; só por afetação se diz *dez-réis* (como é vulgar ouvir dos empregados do correio em Lisboa, quando estão a vender estampilhas)".[479]

---

477 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 241.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 176.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 250.
_____ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. I, pág. 786.

478 José Leite de Vasconcelos, "Dialetos Algárvios", *in Revista Lusitana*, vol. IV, pág. 327.

479 José Leite de Vasconcelos, "Dialetos Algárvios", *in Revista Lusitana,* vol. IV, pág. 62.

▪ Dusôtro

Corrutela de *dos outros.* Aparece na **cantiga número 37**.

▪ Enricô

v. Corrutela de *enricou* do verbo *enricar*. Enricar vem de *rico* que por sua vez vem do gótico *reiks*, rico.[480] Gamillscheg que estudou o seu desenvolvimento nas línguas românicas deu o seguinte depoimento: – "Zu den ältesten Romanisierung dürfte auch die von gotisch reiks 'machtig' gehören; s. prov. *ric*, *rico*, kat. *rich*, *rico* 'mächtig, reich, ausgezeichnet', span., port. *rico* 'reich' u.ä.; ital. *ricco*, in dem wohl das ältere *rîcus* mit dem jüngeren langobardischen *rîhhi* zusammentrifft".[481] Na língua portuguesa aparece registrado em Moraes.[482] O verbo *enricar* está na **cantiga número 98**.

▪ Ensaminô

v. Corrutela de *examinou,* do verbo *examinar*, do latim *examĭnāre*.[483] Encontra-se documentado na *Crônica dos Frades Menores*.[484] Aparece na **cantiga de número 63**.

▪ Escramô

v. Corrutela de *exclamo,* do verbo *exclamar*, do latim *exclamare*.[485] Aparece na **cantiga número 63**.

---

480 F. Holthausen, *Gotisches etymologisches Wörterbuch*/Mit einschluss der Eigennamen und der gotischen Lehnwörter im Romanischen. Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1934, pág. 81.
_____ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.,* pág. 604.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. IV, pág. 13.
_____ Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 269.

481 Ernst Gamillscheg, *Romania Germanica*/Sprach – und Siedlungsgeschichte der germanen auf dem Boden des alten Römerreichs. Walter de Gruyter & Co., Berlin und Leipzig, vol. I, 1935, pág. 375.

482 Antônio Moraes Silva, *op. cit.*, vol. I pág. 704.

483 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 260.
_____ José Pedro Machado, *op. cit.,* vol. I, pág. 818.

484 José Joaquim Nunes, *Crônica da Ordem dos Frades Menores*, ed. cit., vol. II, pág. 268.

485 J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 155.

▪ Espece

s.f. Corrutela de *espécie* do latim *species*, vista, imagem, e dentre outras dão Walde/Hofmann a acepção de *aspecto* (Aussehen),[486] a mesma da **cantiga número 1**.

▪ Falô

v. Corrutela de *falou* do verbo *falar* do latim *fabulare*, falar, conversar. Admitem Serafim da Silva Neto, Huber, Cornu e Carominas que tenha havido um câmbio, ainda que pouco frequente, devido ao influxo do antônimo *falar*.[487] Sobre a sua história em latim e íbero-românico, vale a pena transcrever a seguinte observação de Carominas: – "La variante leonesa falar (*hoy* gall. - port. y ast. *falar*, V, R) se halla ya en Alex., 1.537, 2.310 (pero *favlar*, ibid. 761). *Fabulari* 'hablar' en latin aparece en las cronicas del S.II a.C. ('aqui Osce et Volsce *fabulantur*; nam Latine nesciunt', Titimio, 104); lo evitan los clasicos, pero seguió viviendo en una parte del Latin vulgar. En romance es palabra tipica del castellano y el gallegoportugués (una variante *fabellare* ha dejado descendientes sobre todo en Italia); los romances de Francia e Italia y el catalan han preferido *parabolare* (vid. *parlar*). Para construcciones y acs. especiales, vid. Aut. y demais diccionarios. Notese especialmente la construción de hablar empleada absolutamente con acusativo de persona, en el sentido de 'dirigir la palabra (a alguno)', que existia en la lengua medieval y hoy se ha hecho general en gran parte de America, mientras en España solo se emplea hablarle (a él o a ella): 'fuyme para la dueña, *fablóme* e *fabléla*' (J. Ruiz, 1.502c, rimando con *candela*; 1.495b), 'aquellas mismas labradoras que venian con ella, que *hablamos* a la salida del Toboso', 'en qué conoció a la señora nuestra ama, y si *la habló*, qué dixo' (Quijote II, XXIII, 89v, 90r), y muy comun en Lope (Cuervo, Rom. XXIV,

486 Alois Walde/J. B. Hofmann, *op. cit.*, vol. II, pág. 570.

487 Serafim da Silva Neto, Fontes do Latim Vulgar/O Appendix Probi, ed. cit., págs. 106-107.
_____ Joseph Huber, *op. cit.*, pág. 88.
_____ Jules Cornu, *op. cit.*, pág. 975.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. II, pág. 860.

112n.) hoy parece ser normal en toda la America de Sur y del Centro".[488] Na língua portuguesa aparece entre os anos de 1188 e 1230 nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume das *Leges et Consuetudines.*[489] Dentre as cantigas de capoeira, encontra-se na **cantiga número 136**.

▪ Fia

s.f. Corrutela de *filha*. Do latim *filius*,[490] o que se espalhou por todas as línguas românicas ou como diz Carominas: – "General en todas las épocas y comun a todos los romances".[491] Está documentado nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume das *Leges et Consuetudines*.[492] Aparece na **cantiga número 54**.

▪ Fô

v. Corrutela de *for* do verbo *ser* . *Ser* resulta da fusão de dois verbos latinos *esse*, ser e *sedere*, sentar.[493] Para a sua história na época medieval há o excelente estudo de Magne, no glossário de *A Demanda do Santo Graal*, quando trata do verbete *ser*.[494] Aparece na **cantiga de número 7**.

▪ Frêra

s.f. Corrutela de *freira*, derivado de *freire*. Leite de Vasconcelos, quem melhor explicou a história do termo, afirmou: – "Esta palavra, como várias outras, está ligada com a história das ordens religiosas entre nós. Não pode ter vindo diretamente do latim *fratre*, pois que *fratre* deu *frade*. A origem

488 J. Carominas, *op. cit.*, vol. II, pág. 860.

489 *Portugaliae Monumenta Historica, ed. cit.*, volume das *Leges et Consuetudines*, pág. 813.

490 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 648.

491 J. Carominas, *op. cit.*, vol. II, pág. 916.

492 *Portugaliae Monumenta Historica, ed. cit.*, volume das *Leges et Consuetudines*, pág. 380.

493 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 648.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. IV, pág. 194.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 723.

494 Augusto Magne, *op. cit.*, vol. III, págs. 355-362.

direta ou indireta está no provençal *fraire*; digo direta ou indireta, porque pode ter servido de intermédio o espanhol antigo *fraire* (mod. *fraile*). Os nossos documentos dos séculos XII e XIII apresentam *freire* (*freyre*), e com dissimilação do grupo *fr*, também *fleire*; o ditongo *ei* é evolução normal de ai; ainda porém no século XIV há *fraire*. Daqui vem o feminino *fraira* e *freira*. – Da França, relacionado com o monaquismo, passou para cá também o vocábulo *monje*, e (como creio) *granja*, ambos eles existentes em provençal; com *granja* cfr. também o fr. *grange*.– De *freire* fêz-se *frei* em próclise; de fato, *frei* só se usa antes do nome a que se refere. Síncope análoga se observa em *Castel-Branco*, *Fonseca* < Fonte seca, *Monsanto* < Monte santo.– No onomástico da Beira há *Casfreires* < Casa dos freires".[495] Aparece na **cantiga número 107**.

- Gaiamun

s.m. Espécie de crustáceo da mesma família dos caranguejos (*Cardisona guanhumi*, Lattreille). Teodoro Sampaio tira do tupi *guaia-m-un*, o caranguejo preto ou azulado.[495ª] Gabriel Soares se refere a ele, dizendo que os índios o denominavam de *goiarara*.[496] Marcgrave chama de *guanhumi*[497] e Piso do mesmo modo.[498] Frei Vicente do Salvador, além de chamar *gaiamu*, fornece detalhes sobre os seus hábitos dizendo que: – "Ha muitas castas de carangueijos, não só na agoa do mar, e nas praias entre os mangues; mas tambem em terra entre os mattos ha huns de cor azul chamados guaiamús os quaes em as primeiras agoas do inverno, que são em Fevereiro, quando estão mais gordos e as femeas cheias de ovas, se sahem das covas, e se andam vagando pelo campo, e estradas, e

495 José Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa, ed. cit.,* págs. 86-87.

495ª Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 204.

496 Gabriel Soares de Souza, *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*/Edição castigada pelo estudo e exame de muitos códices manuscritos existentes no Brasil, em Portugal, Espanha e França, e acrescentada de alguns comentários por Francisco Adolfo de Varnhagen. Terceira edição, Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 1938, pág. 348.

497 Jorge Marcgrave, *op. cit.*, págs. 185, LXII-LXIII.

498 Guilherme Piso*, História Natural e Médica das Índias Ocidentais, ed. cit.,* págs. 186-187.

metendo-se pelas casas para que os comão".[499] Dentre os viajantes que por aqui passaram, no século passado o príncipe Wied-Neuwied[500] observou essa casta de crustáceos. Aparece na **cantiga de número 14**.

▪ Gamelêra

s.f. Corrutela de *gameleira*, árvore da família das moráceas, pertencente ao gênero fícus (*Ficus doliaria*, Mart.) Árvore de grande porte e utilizada para fabricação de canoas, vasos e gamelas. Gameleira deriva de *gamela*, que por sua vez, é o latim *camella*, vaso para beber.[501] Meyer-Lübke admite o latim *camella* somente para o italiano que deu *gamella* e este gerou as demais línguas românicas.[502] Tese essa a que Carominas reage violentamente, argumentando que "Basta la documentación para probar el error de M-L (Rew 1543), a soponer que sea italianismo en los demás romances; M-L se desorientó por la no diptongación de la *e* tonica, mas puede asegurarse que el lat. *camella* tenia *e* como *querella* > *querella*. Camella aparece en latin desde Liberio (princ. S.I. a.C.) y es frecuente en el lexico popular del Satiricon; hay variante *gamella* em Terencio Scauro (princ. S. II d. C.), ALLG XI 331".[503] Aparece na **cantiga número 45**.

▪ Gamgambá

s.m. Corrutela de *mangangá.* Designa um inseto da classe dos dípteros chamado *besouro*. Teodoro Sampaio registra *mangangá* e deriva do tupi *mang-ã-caba*, contracto em *mang-ã-cá* a vespa de giro

499 Vicente do Salvador, *História do Brasil*/Escrita na Bahia a 20 de dezembro de 1627, *in Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, 1885–1886, Typ. G. Leuzinger & Filhos, Rio de Janeiro, 1889, vol. XIII, pág. 22.

500 Wied-Neuwied, *op. cit.*, pág. 72.

501 Walther von Wartburg, *op. cit.,*vol. II, pág. 128.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. II, pág. 648-649.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, págs. 364.
_____ José Joaquim Nunes, *op. cit.,* pág. 92.

502 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 143.

503 J. Carominas, *op. cit.*, vol. II, pág. 649.

alto.[504] Montoya apenas registra o termo *mangangá*.[505] Restivo vertendo o espanhol *abejon* para o tupi, fá-lo por *mamangá*.[506] Da mesma maneira que Restivo, registram a variante *mamangá* Stradelli,[507] Tastevin[508] e Batista Caetano.[509] Macedo Soares, em 1880, depois de citar o étimo de Montoya, tenta propor uma origem bunda, infelizmente não passando de fantasia a explicação que dá.[510] Entretanto, em 1889, ao publicar o seu dicionário, registra o vocábulo, insistindo na tese anterior, porém dando, paralela à mesma, uma origem tupi, vinda de *mamangaba*.[511] A palavra, além de designar o inseto, designa também *pessoa importante e poderosa*, acepção já registrada por Laudelino Freire[512] e Viotti.[513] É nessa acepção que está na **cantiga número 67**.

- Gereba

Nome próprio. Teodoro Sampaio registra como corrutela de *yereba*, o gigante, o que volteia, bem como o nome dado ao urubu-rei, grande voador.[514] Designa nome de aguardente na Bahia. Laudelino Freire[515] e Figueiredo[516] dão com a acepção de indivíduo desajeitado e gingão. Entretanto, na **cantiga número 94** está como apelido de tipos populares. Quando garoto, conheci um desses tipos com o apelido de Gereba, que a meninada sempre importunava, gritando: *Gereba!... Quebra Gereba!...*

504 Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 244.

505 Ruiz de Montoya, *op. cit.*, pág. 206.

506 Paulo Restivo, *op. cit.*, pág. 9.

507 E. Stradelli, *op. cit.*, pág. 511.

508 Constantino Tastevin, *Nomes de plantas e animais em lingua tupi*, *ed. cit.*, pág. 715.

509 Batista Caetano, *op. cit.*, pág. 215

510 Antônio Joaquim de Macedo Soares, *Estudos Lexicográficos do Dialeto Brasileiro ed. cit.*, pág. 66.

511 Antônio Joaquim de Macedo Soares, *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, ed. cit.*,vol. II, pág. 15.

512 Laudelino Freire, *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*/organizado por Laudelino Freire com a colaboracão técnica do Profesor J. L. de Campos, A Noite Editôra, Rio de Janeiro, 1943, vol. IV, pág. 3.298.

513 Manuel Viotti, *op. cit.*, pág.273.

514 Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 205.

515 Laudelino Freire, *op. cit.*, vol. IV, pág. 3.071.

516 Candido Figueiredo, *op. cit.*, vol. I, pág. 957.

▪ Güenta

v. Corrutela de *aguenta* do verbo *aguentar*. O italiano *agguantare*, agarrar, apanhar foi o responsável pelo português *aguentar* e os demais romances.[517] Adolfo Coelho[518] foi o primeiro a propor este étimo dizendo que o mesmo deriva do genovês *guanto*, como o faz hoje Battisti/ Alessio.[519] No caso do português diz Carominas que se deve à preferência do idioma pelo sufixo *entar*.[520] Ao lado deste étimo há outro proposto por Cortesão, que é o espanhol *aguantar* que prende, com dúvida, ao latim *ad* e *cunctari*, deter-se, parar.[521]

▪ Gunga

s.m. Berimbau. De origem bunda. Já Cannecattin derivava do quimbundo *ngunga*, sino.[522] Macedo Soares,[523] que vê a mesma origem, conta que quando estudante no Seminário de São José, juntamente com seus colegas, chamavam o porteiro do colégio de *Mateus Gunga*, devido à sua função de sineiro da portaria e que o apelido era tradicional. Atualmente o termo *gunga* designa o berimbau, instrumento musical usado na capoeira. Aparece nas **cantigas números 9 e 10.**

▪ Home

s.m. Corrutela de *homem*. O latim *homine*, homem, pessoa deu o romeno *om*; italiano, *uomo*; logudorês, *ómine*; engadinês, *um*; friaulano,

517 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 749.
_____ José Pedro Machado, *op.cit.*, vol. I, pág.121.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 20.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, pág. 59.

518 Francisco Adolfo Coelho, *op. cit.*, vol. I, pág. 56.

519 Carlo Battisti/Giovanni Alessio, *op. cit.*, vol. I, pág. 88.

520 J. Carominas, *op. cit.*, pág. 60.

521 A. A. Cortesão, *op. cit.*, vol. II, pág. 5 (Aditamento).

522 Bernardo Maria Cannecattim, *op. cit.*, pág. 8.

523 Antônio Joaquim de Macedo Soares, *Estudos Lexicográficos do Dialeto Brasileiro ed. cit.*, pág. 68.

om; francês, *homme;* provençal *ome*; espanhol, *hombre*; português, *homem*; antigo italiano *uomo*; antigo francês, *on* antigo provençal, *om*; antigo catalão, *om*; antigo espanhol, *homne*; antigo português, *ome*, *omee*, *omem*,[524] aparecendo nos mais antigos documentos da língua. Nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume da *Leges et Consuetudines* é visto em documento datado do ano 1152.[525] Nas cantigas, aparece nas de **números 26**, **29**, **83**.

▪ I

v. Corrutela de *ir* do verbo ir, do latim *ire*, andar, avançar, ir, espalhado pelas línguas românicas.[526] Sua conjugação, fortemente irregular, já desde o português antigo apresentava formas derivadas de *ire*, *uadere* e *esse*.[527] Aparece na língua portuguesa, em documento do ano 944, nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume dos *Diplomata et Chartae*.[528] Está nas **cantigas números 83, 88** e **138**.

524 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 349.
_____ Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 335.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. II, págs. 934-936.
_____ José Pedro Machado, *op.cit.*, vol. I, págs. 1.185-1.186.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 413.
_____ Joseph Huber, *op. cit.,* págs. 40, 42, 74, 78-79, 120, 177.

525 *Portugaliae Monumenta Historica, ed. cit.*, volume das *Leges et Consuetudines*, pág. 380.

526 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 371
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 434.
_____ José Pedro Machado, *op.cit.*, vol. I, págs. 1.238-1.239.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. II, págs. 1.008-1.009.

527 Celso Ferreira da Cunha, *O Cancioneiro Martim Codax*, Rio de Janeiro, 1936, págs. 128-129.
_____ Celso Ferreira da Cunha, *O Cancioneiro de João Zorro*/Aspectos linguisticos/Texto crítico/Glossário. Rio de Janeiro, 1949, pág. 79..
_____ Augusto Magne*, A Demanda do Santo Graal (Glossá*rio), ed. cit, vol. III págs. 226-227.
_____ Joseph Huber, *op. cit.*, pág. 201.
_____ J. B. Williams, *op. cit.*, pág. 223.
_____ Jean Bourciez, *op. cit.*, págs. 221-222.
_____ Wilhelm Meyer-Lübke, *Grammaire des langues romanes, ed. cit,* vol. I, págs. 291-296.

528 *Portugaliae Monumenta Historica, ed. cit.*, volume dos *Diplomata et Chartae,* pág.31.

▪ Idalina

s.f. Nome próprio personativo. De *Idalia,* "nome de uma cidade da ilha de Chipre, onde havia um templo de Vênus, pelo que os nossos poetas dizem frequentemente *Vênus Idalia*. Nos *Lusíadas*, IX, 25: *Idalios amantes"*.[529] Aparece nas **cantigas números 96 e 121.**

▪ Iê!

Interj. Corrutela de *ê!* Só tenho conhecimento de seu uso exclusivamente, nas cantigas de capoeira, como na de **número 2**.

▪ Ilha de Maré

Nome de uma ilha pertencente ao Estado da Bahia. Aparece nas **cantigas números 61** e **64**.

▪ Imbora

adv. Corrutela de *embora*, que por sua vez deriva da locução *em boa hora*,[530] que Leite de Vasconcelos[531] acha que não é outra coisa senão resquício da superstição antiquíssima das horas boas e más, a qual ainda hoje existe no Brasil. *Embora*, além de funcionar como advérbio, a exemplo da **cantiga número 2**, funciona também como conjunção, interjeição e substantivo como sinônimo de *parabéns*, *felicitações*.[532] O oposto a *embora* (em boa hora), dentro do ponto de vista das superstições,

529 José Leite de Vasconcelos, *Antroponímia Portuguesa, ed. cit,* pág. 79.

530 Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, 1935, *ed. cit.*, págs. 349-350.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 265.
_____ José Joaquim Nunes, *Digressões Lexicológicas*, Livraria Clássica Editôra de A. M. Teixeira (Filhos), Lisboa, 1928, págs. 221-222.
_____ Augusto Epifânio da Silva Dias, *Sintaxe Histórica Portuguesa*, Livraria Clássica Editôra de A. M. Teixeira, 1918, págs. 293-294.
_____ José Pedro Machado, *op.cit.*, vol. I, pág. 1.190.

531 José Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*/Filologia, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1928, vol. I, pág. 373.

532 Laudelino Freire, *op. cit.*, vol. III, pág. 2.061.

é *em ora má*, usadíssimo na língua antiga, especialmente em Gil Vicente, sob as variantes *eramá*, *eremá*, *aramá*, *ieramá*, *earamá* e *muitieramá*.[533]

▪ In

prep. Corrutela de *em*, do latim *in*. Aparece nas **cantigas números 15**, **118** e **126**.

▪ Inducação

s.m. Corrutela de educação, derivado do latim *educatione*, educação, instrução.[534] Aparece na **cantiga número 42**.

▪ Inganadó

adj. Corrutela de *enganador*, derivado de *enganar* que por sua vez vem do latim tardio *ingannare*.[535] Aparece na **cantiga de número 12**.

▪ Insinô

v. Corrutela de *ensinou* do verbo *ensinar*, que provém do latim hipotético *insignare*, que se espalhou por diversa línguas românicas.[536] Aparece na **cantiga número 2**.

▪ Intá

Contração de *onde está*. É usadíssima na linguagem do povo, principalmente com os verbos *ir* e *estar*. Diz-se muito: – *Fui intá fulano*.

---

533 José Joaquim Nunes, C*ompêndio de Gramática Histórica Portuguêsa. ed. cit.*, págs. 372-373.

534 José Pedro Machado, *op.cit.*, vol. I, pág. 808.

535 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 363.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 272.
_____ José Pedro Machado, *op.cit.*, vol. I, pág. 843.
_____ Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 183.
_____ Carlo Battisti/Giovanni Alessio, *op.cit.*, vol. III, pág. 2.026.

536 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 365.
_____ José Pedro Machado, *op.cit.*, vol. I, pág. 1.968.
_____ Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 189.

Vou intá beltrano. *Estive intá sicrano*. A seu lado, há *dintá*, que é a contração de *de onde está*, usada com o verbo vir, como em *Vim dintá fulano*. Aparece na **cantiga número 88**.

- Itabaianinha

Nome de uma cidade do Estado de Sergipe. Diminutivo de *Itabaiana*, que Martius propôs dois étimos – *ita*, pedra, rochedo, *aba*, homem, e *oane*, já, agora. O outro é *il taba oane*, sua (deserto homem) casa.[537]

- Itapa

s.m. Na **cantiga número 76** aparece como nome próprio, designativo de um navio. Diz Viotti que *Ita* é o designativo dos navios do Lloyd Brasileiro e que os nomes desses ditos começavam em geral por *ita*.[538]

- Iuna

s.f. Nome dado a um toque de berimbau, usado no jogo da capoeira. Aparece na **cantiga número 5**. De origem ainda desconhecida.

- Jaca dura

s.f. Fruta (*Artocarpus integrifolia*, Linneu). Na Bahia, de acordo com a consistência da porção carnosa, ela se distingue em *jaca dura* e *jaca mole*. O termo jaca, segundo Dalgado, vem do malaiala *chakka*,[539] aceito por Nascentes[540] e José Pedro Machado.[541]

537 Carl Friedrich Philip von Martius, *op. cit.*, pág. 152.
538 Manuel Vioti, *op. cit.*, pág. 245.
539 Sebastião Rodolfo Dalgado, *op. cit.*, vol. I, pág. 471.
540 Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 438
541 José Pedro Machado, *op.cit.*, vol. II, pág. 1.249.

▪ Jogá

v. Corrutela de *jogar*, verbo jogar. Meyer-Lübke,[542] Diez,[543] Carominas,[544] Pidal[545] e Wartburg[546] derivam de *jocari*, brincar, divertir-se. Pidal, estudando o *Cantar de Mio Cid*, encontrou uma vacilação entre *o* e *u* no verbo jogar, daí admitir uma base hipotética *jucare* junto a jocare.[547] Já Wartburg, depois de dizer que *jocari* aparece no latim tardio, lembra estar o mesmo em lugar de *lŭdĕre*. "Lt. *jŏcāri* 'scherzen' zu *jŏcus*, beginnt schon im spätern latein an die stelle von ludere 'spielen' zu treten".[548] *Jogar* se acha espalhado pela línguas românicas. No português antigo, aparece na variante *jogatar*, em Fernão Lopes Castanheda.[549] Aparece na **cantiga número 138**.

▪ Japão

s.m. Nome próprio de um país da Ásia. O vocábulo *Japão*, segundo Xavier Fernandes, é a transcrição fonética da pronúncia corrompida de *Nippon*,[550] que João Ribeiro deriva de *Nitus*, sol e *Hon*, nascer.[551] Aparece nas **cantigas números 76 e 78**.

542 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 374.

543 Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 521.

544 J. Carominas, *op.cit.*, vol. II, pág. 1.073.

545 Ramon Menendez Pidal, *Cantar de Mio Cid*/Texto, Gramatica y Vocabulario. Espasa–Calpe, Madrid,1945, vol. I, pág.153; vol. II, pág. 724.
____ Ramon Menendez Pidal, *Manual de Gramatica Histórica Española*. Octava ediccion, Espasa–Calpe, Madrid, 1949, pág. 72.

546 Walther von Wartburg, *op. cit.,* vol. V, pág. 40.

547 Ramon Menendez Pidal, *Cantar de Mio Cid*, ed. cit., vol. I, pág. 153.

548 Walther von Wartburg, *op. cit.*, vol. V, pág. 40.

549 Fernão Lopez Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*. Na Tipographia Rolandiana, Lisboa, 1833, vol. II, pág. 194.

550 L. Xavier Fernandes, *Topônimos e Gentílicos*. Editôra Educação Nacional Ltda., Porto, 1941, vol. I, pág. 113.

551 João Ribeiro, *Curiosidades Verbais*/Estudos aplicados à língua nacional. Companhia Melhoramentos de São Paulo, s/d., pág. 58.

▪ Ladeira de São Bento

s.f. Nome próprio designativo de uma rua da cidade do Salvador. Chama-se assim por ser uma pequena ladeira, que dá acesso ao Mosteiro de São Bento. Aparece na **cantiga número 100**.

▪ Ladeira da Misericórdia

s.f. Nome próprio designativo de uma rua da cidade do Salvador. Chama-se assim por ser uma ladeira situada no fundo da Santa Casa da Misericórdia. Aparece na **cantiga número 58**.

▪ Ladeira do Tengó

s.f. Nome próprio designativo de uma rua da cidade do Salvador. Não consegui localizá-la, nem muito menos a origem do seu nome. Aparece na **cantiga número 101**.

▪ Lambaio

s.m. Bajulador, adulador. Creio que o vocábulo se prende ao verbo *lamber*, derivado de *lambere*, lamber, lavar,[552] com representação nas línguas românicas. Carominas chama atenção para a grande popularidade do vocábulo, na América, passando a enumerar os vários derivados de *lamer* (lamber), dentre eles *lambrucio*, significando adulador.[553] Aparece na **cantiga número 91**.

▪ Lampião

s.m. Nome próprio do famoso cangaceiro do Nordeste do Brasil, Virgolino Ferreira da Silva, nascido na paróquia de Floresta de Navo, em Pernambuco, a 4 de junho de 1898 e morto a tiro de fuzil na cabeça, numa

552 Walther von Wartburg, *op. cit.*, vol. V, pág. 134.
_____ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 395.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 20.

553 J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 20.

gruta da Fazenda Angicos, Porto da Folha em Sergipe, na madrugada de 28 de julho de 1938.[554] A origem do nome é o italiano *lampione*, aumentativo de *lampa*, que se espalhou pelas línguas românicas.[555] Cascudo transcreve uma explicação da origem do nome do cangaceiro, pelo próprio, ao major Optato Gueiros, da Polícia Militar de Pernambuco, que combateu contra ele. "Perguntei por que lhe deram esse apelido de Lampião. – Isso foi no Ceará, disse, houve lá uns tiros, tempo de inverno, as noites eram muito escuras, um companheiro deixo cair um cigarro e, como não o achou, eu disse-lhe: – quando eu disparar, no clarão do tiro, procure o cigarro; e assim foi, quando eu detonava o rifle, dizia: *acende, lampião!*".[556] Aparece na **cantiga número 69**.

- Lemba

s.m. Corrutela de *Elégba*, o mesmo que *Elégbará*,[557] um dos designativos do deus nagô *Exu*. Aparece na **cantiga número 62.**

- Licuri

s.m. Palmeira silvestre que possui uns pequenos cocos (*Cocos coronata*, Mart.) Teodoro Sampaio diz ser a planta comuníssima, nas regiões secas do norte do Brasil, mas com a denominação mais frequente de *ouricury*, que ele deriva de *airi-curii*, o cacho amiudado, ou repetido e mais adiante dá as variantes *uricuri*, *aricuri*, *licuri*, *nicury*, *iriricury* e *mucury*.[558] Em 1587, quando escreveu o *Tratado Descritivo do Brasil*, Gabriel Soares de Souza já fazia o apanágio dos ouricuris: – "As principais palmeiras bravas

554 Luís Câmara Cascudo, *op. cit.*, pág. 416.

555 Carlo Battisti/Giovanni Alessio, *op. cit.*, vol. III, pág. 2.158.
_____ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 395.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 448.
_____ Walther von Wartburg, *op. cit.*, vol. V, pág. 145.
_____ J. Corominas, *op.cit.*, vol. III, pág. 22.

556 Luís da Câmara Cascudo, *op. cit.*, pág. 556.

557 R.C. Abraham, *op. cit.*, pág. 186.

558 Teodoro Sampaio, *op. cit.*, págs. 119, 256.

da Bahia são as que chamam ururucuri, que não são muito altas, e dão uns cachos de cocos muito miúdos do tamanho e cor dos abricoques por ser brando e de sofrível sabor; e quebrando-lhe o caroço, d'onde se lhe tira um miolo como das avelãs, que é alvo tenro e muito saboroso, os quais coquinhos são mui estimados de todos".[559] Também se referem à planta, Piso[560] e Marcgrave.[561] Aparece na **cantiga número 50**.

- Loiá

Contração de *lá oiá*, corrutela de *lá olhar*. Aparece na **cantiga número 74**.

- Luanda

s.f. Nome de uma cidade africana e capital de Angola. Anteriormente o nome da capital era somente São Paulo da Assunção, dado pelos portugueses. Chamaram de São Paulo em virtude de se terem apossado da cidade, no dia da conversão de São Paulo, e de Assunção por terem restaurado a mesma, no dia da Assunção da Virgem Maria.[561a] Mais tarde substituíram *da Assunção* por *de Luanda*, ficando *São Paulo de Luanda*, ou simplesmente *Luanda*, como é mais conhecida em nossos dias. *Luanda*, segundo Cannecattin, quer dizer tributo.[561b] A razão semântica para o nome da capital de Angola pode ser esclarecida através de algumas informações de Frei Luís de Souza a respeito. Conta o referido clérigo que por volta de 1607, quando reinava em Portugal el-Rei Dom Felipe II em Portugal e III na Espanha, chegaram a Lisboa dois embaixadores de Dom Alvaro, Rei do Congo, fazendo entre outras propostas a de que Sua Majestade mandasse religiosa do hábito de São Domingos para pregar a fé cristã no reino do Congo. Era Provincial o Padre Frei João da Cruz, eleito pela segunda vez

559 Gabriel Soares de Souza, *op. cit.*, pág. 222.

560 Guilherme Piso, *História Natural do Brasil, ed. cit.,* págs. 70-73.
____ Guilherme Piso, *História Natural e Médica das Índias Ocidentais, ed. cit.,* págs. 291-292.

561 Jorge Marcgrave, *op. cit.*, págs. 109, XLI.
561[a] Bernardo Maria Cannecattin, *op. cit.*, pág. XV.
561[b] Bernardo Maria Cannecattin, *op. cit.*, pág. XV.

em 1608, então el-Rei mandou levar-lhe proposta a fim de saber de sua decisão, antes porém aconselhando atendê-la. Aquiescendo, a 25 de março de 1610 mandou três sacerdotes pregadores e um irmão converso. Chegaram à cidade de São Paulo de Luanda a 3 de julho, seguindo por terra para o Congo. Como as primeiras terras que se passam, saindo de Angola para entrar no Congo, são as de Bamba, governada pelo Duque de Bamba e Capitão-Geral do Reino, Dom Antônio da Silva, o Provincial fez lhe saber de sua vinda, para cair-lhe nas graças e ser bem recebido, ao que o dito respondeu: – "Polla de Vossa Reverencia, que me fez charidade escrever, soube de sua boa chegada a essa Luanda de saude, com os mais Padres seus companheiros, de que me alegrei summamente na alma. Permita Deos Nosso Senhor conservalla sempre por mui largos annos, pera seu sancto serviço e pera consolação espiritual d'estes Reinos de Congo. Amen. Sua Alteza el-Rei meu senhor me fêz mercê avisar por carta sua, que mandasse a Vossa Reverencia alguns copos de zimbo que o dito Senhor lhe manda dar pera sua despeza, e erramba do caminho: os quais lhe mando agora a Vossa Reverencia por entender lhe não servem n'essa Loanda. Pollo que os tenho aqui guardados até saber o que Vossa Reverencia mandar sobre elles: o que peço me faça charidade mandarme logo aviso: porque com elle farei tudo o que Vossa Reverencia me ordenar. Novas minhas são ficar no presente de saude, Deos louvado pera sempre, com grandes desejos de querer ver a Vossa Reverencia com os mais reverendos Padres seus companheiros, a quem Deos Nosso Senhor traga todos com muita vida, e saude, como este seu filho d'alma deseja, etc. De Bamba a 20 de Agosto de 610 annos. De Vossa Reverencia filho d'alma o Duque de Bamba, Capitão-Geral, Dom Antonio da Silva".[561c] Em seguida dá a seguinte explicação do que seja o *zimbo*, sua aquisição e aplicação: – "O zimbo que esta Carta nomeia he hum genero de buzio muito meudo, e cres pinho e de boa vista, que se pesca no porto de Loanda em Angola; o qual passa por moeda corrente por estes Reinos de

561c Frei Luíz de Souza, *História de São Domingos*/Particular do Reino e Conquistas de Portugal/Segunda Parte, Typ. do Panorama. Terceira edição, Lisboa, 1866, vol. III, pág. 468.

Angola e Congo: val cada cento hum tostão. O copo he como medida, que leva dez milheiros, e val dez mil reis. D'esta pescaria he senhor el-Rei de Congo, e pera fazer, que eu de grande proveiro, tem hum Capitão na ilha, que fica defronte de Loanda, onde he a força da pesca, e da-lhe reputação não haver por toda esta costa semelhante buzio".[561d]

Ainda a propósito do zimbo, há uma informação valiosíssima dada por Elias Alexandre da Silva Correia, no século seguinte à vinda a lume, por Frei Luís de Souza e que passo a transcrever: – "Zimbo–Dinheiro do Certão. A pesca deste marisco hé tão necessaria quanto importante ao commercio da Conquista. O animalzinho, q̃ nelle se encerra hé mais disgraçado do q̃ os outros da mesma especie, pelo pouco tempo q̃ vive, sendo continuamente procurado. Este miudissimo marisco de figura piramidal, matizado de delicadas pintas pretas em ordem espiral, sobre huma superficie liza, brilhante, de côr de perola, hé pescado por meio de cestinhos sobre a Costa do mar graço. Em quanto os Negros vão à pesca do peixe em alto mar; as Negras se empenhão na pescaria do Zimbo arrastando os compridos cestinhos por cima da arêa, – altura d'agoa, q̃ ou alcancem os braços; ou rastejem o fundo a pequenos mergulhos. Escolhidos depois de entre outros mais grosseiros se expõem ao ár para q̃ o Marisquinho morra, e se consuma no seu galante tumulo".

> Para se conhecer a importancia deste Artigo; ou ganancia desta pescaria; exporei na Taboada seguinte a qualidades de moedas ou divizoens concernentes ao valor do Zimbo, reduzido ao nosso dinheiro.
>
> Os Negros do Certão, principalmente os do Congo amão estes marisquinhos, q̃ recebem bem contado com incrível paciencia; dividindo cada Funda em quantidades miudas, q̃ equivallão às moedas de vintem, vinte e cinco reis, dez reis, doze reis e meio, cinco reis; dinheiro provincial do

561d Frei Luíz de Souza, *op. cit.*, vol. III, pág. 468.

paiz, q̃ somente gira em Angola e Benguella. Sem a moeda do Zimbo não se faz negocio com os negros, mas ella não se limita somente a esta classe de marisco.

Por não deixar o Leitor na ignorancia de todo o comercio praticado com os Negros pela moeda do Marisco passo a inserir neste Artigo a diversidade dele, não obstante ser pescado fora da Conquista, e por consequencia alheio do objecto a que me proponho: com tudo: augmentado de valor entretem os Comerciantes Angolenses com o avanço do seu lucro.

Alem do puro Zimbo mencionado, q̃ os comerciantes comprão a 3.000 reis cada Boudo: ha mais 3 qualidades q̃ correm por moeda: a saber: O Zimbo Cascalho: O cascalho escolhido; e os Buzios, dinheiro de menor valor pescado na Bahia de todos os Santos. Cada alqueire do 1.° custa alli 18 tostoens, q̃ reduzido á medida deste paiz vem a ter 2 1/2 cazongueis, que se podem tomar por hum alqueire, e hua quarta; pois que 2/4as. do paiz fasem hum Cazonguel. Quando a estação hé fecunda em negocio se extrae este Zimbo para o Certão a 5.000 reis o Cazonguel vindo o comerciante a avançar 10.700 reis de lucro em cada alqueire da Bahia

O Zimbo Cascalho, escolhido em outro Zimbo igual, e mais miudo forma a 2ª qualidade, e sendo superior a da mistura, custa alqueire na Bahia a 2:200 reis; e ás vezes mais; porem os Negros, ainda q̃ o preferem ao 1°. o recebem em igual preço. A ganancia do commerciante consiste na preferencia do negocio a favor delle. O Zimbo de mistura quando baixa de preço se vende entre os negociantes angolenses a 2:200 reis o Cazonguel, e do cascalho a 3, e a 4.500 reis.

Cada arroba de Buzios vale na Bahia 4:000 reis; nesta Conquista 12$. Para os Negros, q̃ não se agradão de o

> receber a peso contão 10.000 buzios por hum Bouda e o dividem em Lifucos, e Fundas, dando-lhe o valor correspondente a cada divizão. Com estes Buzios, custumão no Brazil, enfeitar os arreios dos Cavallos, e Bêstas, q̃ transitão pelas estradas das Minas Geraes".[561e]

Como se vê, com o zimbo pescado nas praias de Luanda era com que se pagava o tributo ao rei do Congo,[561f] daí a razão semântica do nome da cidade e capital de Angola. Esses búzios, segundo depoimento de Vilhena, ainda em 1802 quando escreveu suas cartas, eram exportados daqui, para servir de moeda entre os negros das diferentes partes africanas.[561g] A palavra Luanda aparece nas **cantigas números 2, 30 e 31**.

- Má

s.m. Corrutela de *mar*, do latim *mare*[562] que se espalhou por todas as línguas românicas, divergindo apenas quanto ao gênero, que apesar do latim ser neutro, em alguns romances é masculino, em outros é feminino e os dois gêneros para outros tantos. Aparece na **cantiga número 81**.

- Maitá

Creio que seja corrutela de *Humaitá* devido à síncope da sílaba inicial. Em face dos episódios da guerra do Brasil com o Paraguai, justamente na época em que os capoeiras começaram a chegar ao auge em suas atividades, as cantigas se referem sempre a *Humaitá*, daí poder admitir-se a hipótese acima. Aparece na **cantiga número 37**.

561e Elias Alexandre da Silva Corrêa, *op. cit.*, vol. I págs. 135-137.
561f Bernardo Maria Cannecattin, *op. cit.*, pág. XV.
561g Luís dos Santos Vilhena, *op. cit.*, vol. I, pág. 53.
562 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 436.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 254.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 492.
_____ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, p. 1.428.

▪ Maracangalha

s.f. Nome próprio designativo de um lugarejo no Estado da Bahia. Famoso no mundo da capoeira, devido às inúmeras façanhas do temível capoeirista Besouro. Depois imortalizado pelo cancioneiro Dorival Caymmi, com o samba que foi o maior sucesso na época:

Eu vou pra Maracangalha
Eu vou
Eu vou de liforme branco
Eu vou
Eu vou de capéu de palha
Eu vou
Eu vou convidar Anália
Eu vou

Se Anália não quiser ir
Eu vou só
Eu vou só
Eu vou só
Se Anália não quiser ir
Eu vou só
Eu vou só
Eu vou só
Eu vou só sem Anália
Mais eu vou[562a]

Quanto à origem do nome ainda é desconhecida. Em interessante reportagem, Inácio de Alencar dá a seguinte explicação, dos habitantes do local : – "Em época remota, que ninguém sabe precisar, mas que deve ter aí seus 200 anos, nos primórdios dos antigos engenhos, bandos de

562ª Dorival Caymmi, *Cancioneiro da Bahia*/Prefácio de Jorge Amado-Ilustrações de Clóvis Graciniano, Livraria Martins Editôra, 3ª edição, São Paulo, s/d., pág. 173.

ciganos acampavam ali, constantemente, em suas andanças pelo sertão. Ao prepararem os animais para as viagens, gritavam uns para os outros 'Amarra a cangalha'. Os pretos escravos pegaram a coisa e passaram a repetir a palavra deturpada, para zombar dos ciganos." Com passar dos tempos, o uso se arraigou e Maracangalha entrou para a geografia do Brasil".[562b] **Aparece na cantiga 136.**

▪ Marimbondo

s.m. Tipo de inseto que faz casa nas árvores e ataca pessoas ou rebanhos de animais. Cannecatim[563] dá o quimbundo *marimbundo*, formigão e em suas pegadas, Macedo Soares,[564] Jacques Raimundo[565] e Renato Mendonça, que apresenta a composição da palavra como sendo de *ma*, prefixo plural da quarta classe e *rimbondo, vespa*.[566] Piso já se refere ao nome desses insetos, porém pela variante *maribundas*, dizendo que assim pronunciam os espanhóis[567] Aparece na **cantiga número 72**.

▪ Martelo

s.m. Nome dado pelo sertanejo a um verso de dez sílabas, com seis, sete, oito, nove ou dez linhas. Estudando os modelos do verso sertanejo, Cascudo explica o porquê da denominação de *martelo* para certo tipo de verso, dizendo que "Pedro Jaime (1665-1727), professor de literatura na Universidade de Bolonha, diplomata e político, inventou os versos "martelianos" ou simplesmente "martelos". Eram de doze sílabas, com rimas emparelhadas. Esse tipo de "alexandrino" nunca foi conhecido na poesia tradicional do Brasil. Ficou a denominação cuja origem erudita é viável em

562b Inácio de Alencar, "Afinal, que é Maracangalha ?", in Manchete/Revista semanal, Rio de Janeiro, nº 250, 2/2/57, pág. 42.

563 Bernardo Maria Cannecattin, *op. cit.*, pág. 98.

564 Antônio Joaquim Macedo de Soares, *Estudos Lexicográficos do dialeto brasileiro*, ed. cit., pág. 66.

565 Jacques Raimundo, *O Elemento Afronegro na Língua Portuguesa*. Renascença Editôra, Rio de Janeiro, 1933, págs. 141-142.

566 Renato Mendonça, *op. cit.*, pág. 238.

567 Guilherme Piso, *História Natural e Médica das Índias Ocidentais, ed. cit.,* pág. 97.

sua ligação clássica com os poetas portugueses do século XVII".[568] Aparece na **cantiga número 1**.

- Marvado

adj. Corrutela de *malvado*. Este vocábulo já preocupou por demais os filólogos, desde o século passado. Começou com Diez propondo *male levatus* para o espanhol *malvar, malvado* e o provençal *malvat*,[569] provocando reação imediata de Meyer-Lübke: "Prov. *malvat* ist nicht *male levatus*".[570] O provençal *malvat* tem sido apontado como responsável por algumas representações românicas, dentre as quais a portuguesa malvado proposta por Nascentes[571] e aceita por José Pedro Machado.[572] Entretanto, as investigações recentes de Carominas[573] fazem com que o mesmo admita a base latina *malifatius*, malvado, proposto em 1891 por Schuchardt,[574] para todo o romance, inclusive o provençal *malvat*, com suas variantes *malvatz, malvas, malvays*, correntíssimas entre os trovadores provençais e recolhidas por Raynouard.[575] Finalmente, e depois de apresentar farta documentação em torno de sua tese, afirma não ver como não aceitar tal étimo, vez que o trânsito fonético e semântico é regular.

Não obstante o esforço de Carominas, Diego, em 1943,[576] depois de passar em revista toda uma série de proposições, feitas no século passado e hoje totalmente refutadas, passa a admitir o hipotético *malefacens*

568 Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e Cantadores*/Folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Edição da Livraria Globo, Porto Alegre, 1939, pág. 13.

569 Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 465.

570 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 428.

571 Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 486.

572 José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.398.

573 J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 209.

574 *Zeitschrift für romanischen Philologie* / Begrundet von Prof. Dr. Gustav Gröber, Max Niemeyer Verlag, Halle (Saale), 1891, vol. XIV, pág. 183; 1907, vol. XXX, págs. 320-328.

575 M. Raynouard, *Lexique Roman ou dictionnaire de la langue des troubadours comparée avec les autres langues de l'Europe Latine*. Réimpression de l'original publié à Paris 1836–1845. Carl Winter Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, s/d, vol. IV, pág. 129 ; vol. V, pág. 473.

576 Vicente Garcia de Diego, *Contribución al Diccionario Hispanico-Etimologico*, Madri, 1943, págs. 113-114.

proposto por Nicholson,[577] étimo esse que é confirmado em 1954,[578] na mesma época em que Carominas publica a sua tese. Sem ter possibilidade de refutar a confirmação, pelo fator tempo, Carominas se opõe ao proposto anteriormente, denunciando e atacando a fonte de inspiração de Diego : – "El causante parece ser el libro, desencaminado de Nicholson, *Rech. de Philologie Romane*; el Sr. Garcia de Diego parece ser el unico que lo tomó en serio. En mi libro no analiso jamás los trabajos de aquel profesor, que además de estar plagados de errores, no aportan nunca información filológico e demuenstran un desconocimiento total de las normas de la linguistica".[579] Aparece na **cantiga número 35**.

- Mandacaru

s.m. Planta da família das cactáceas (*Cereus jamarecu*, De Candolle). Theodoro Sampaio deriva de *mandacaru*, o feixe ou molho pungente.[580] Igualmente Montoya[581], Batista Caetano[582] e Stradelli[583]. Encontra-se estudado por Marcgrave[584] e Piso[585]. Aparece na **cantiga número 26**.

- Mandinguêro

adj. Corrutela de *mandingueiro*. Deriva de *mandinga*, feitiço, bruxaria e nos países latino-americanos designa o diabo. Atribuem Renato Mendonça[586] e Jacques Raimundo[587] a origem do substantivo *mandinga*

577 G. G. Nicholson, *Recherches Philologiques Romanes*. Librairie Ancienne Honoré Champion, Paris, 1924, pág. 162.

578 Vicente Garcia de Diego, *Diccionario Etimologico Español e Hispanico*, ed. cit., 3, págs. 360-842.

579 J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 210.

580 Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 243.

581 Ruiz de Montoya, *op. cit.*, pág. 205.

582 Batista Caetano, *op. cit.*, pág. 216.

583 E. Stradelli, *op. cit.*, pág. 511.

584 Jorge Marcgrave, *op. cit.*, págs. 23-24, XXXIX.

585 Guilherme Piso, *História Natural e Médica das Índias Ocidentais, ed. cit.*, págs. 399-405.

586 Renato Mendonça, *op. cit.*, pág. 237.

587 Jacques Raimundo, *op. cit.*, pág. 140.

ao nome geográfico *Mandinga*, região da África Ocidental, habitada pelos povos banhados pelos rios Niger, Senegal e Gâmbia,[588]onde havia excelentes feiticeiros. Moraes[589] registra o substantivo e o adjetivo. Na América do Sul já foi registrado com as acepções acima por Carominas,[590] Lenz5[591] e Granada.[592] Aparece na **cantiga número 2**.

▪ Mandô

v. Corrutela de mandou do verbo mandar, do latim *mandare*,[593] com representação românica. A documentação na língua antiga data do ano 1064, registrada nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume do *Diplomata e Chartae*.[594] Aparece na **cantiga número 56**.

▪ Mangangá

s.m. o mesmo que *gamgambá*.

▪ Matô

v. Corrutela de *matou* do verbo *matar*. de origem controversa. Há uma maioria que deriva de *mactare*, imolar as vítimas sagradas, como Diez,[595] Cornu,[596] Adolfo Coelho[597] e Diego[598]. Por outro lado, existe a tese

588 I. Xavier Fernandes, *op. cit.*, vol. I, pág. 280; vol. II, pág. 14.

589 Antonio Moraes Silva, *op. cit.*, vol. II, pág. 257.

590 J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 221.

591 Rodolfo Lenz, *Diccionario Etimologico de las Voces Chilenas Derivadas de Lenguas Indijenas Americanas*, Imprenta Cervantes, Santiago de Chile, vol.II, 1910, págs. 473-474.

592 Daniel Granada, *op. cit.*, pág. 269.

593 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 431.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 487.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 220.
_____ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, págs. 1.409-1411.

594 *Portugaliae Monumenta Historica, ed. cit.*, volume dos *Diplomata et Chartae*, pág. 275.

595 Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 468.

596 Jules Cornu, *op. cit.*, pág. 993.

597 Francisco Adolfo Coelho, *op. cit.*, pág. 845.

598 Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 366, 840.

da origem perso-árabe derivado de *mat*, morto, proposto por Meyer-Lübke,[599] que Carolina Michaëlis ao aceitar explica dizendo que a meu ver provém do árabe *mate*, morto, empregado no jogo de xadrez, na fórmula xeque-mate (cheque-mate ou xamate) o rei esta morto".[600] Mais tarde, Lokotish também perfilhou a tese e ao fazê-lo refuta a possibilidade de se admitir *mactare*, pelo impasse fonético criado pelo grupo *ct*.[601] Voltando a tese latim, Bourciez, estudando o problema na península ibérica assim se manifestou: – "En Ibérie on a préféré *mactari*, devenu de bonne heure *mattare* (esp. ptg. *matar* sans doute sous l'influence d'un terme vulgaire *matteare* 'assommer le bétail' ".[602] Finalmente, a tese mais recente é de Carominas, que propõe o hipotético *mattare* derivado de *mattus*,[603] que, infelizmente, não corre com livre trânsito nas línguas românicas, daí José Pedro Machado lamentar continuar sem solução o problema do étimo *matar*, não só em português, como nas línguas irmãs.[604] A documentação mais antiga é do ano 1055-1665, registrada nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume das *Leges et Consuetudines*.[605] Também no *Cancioneiro da Ajuda* é visto com bastante frequência.[606] Aparece nas **cantigas de números 83 e 136**.

- Melado

s.m. Em lugar de *melaço*, espécie de guloseima feita com rapadura, especialmente *rapadura puxa*. É servido com colher, puro ou então com um pouco de *farinha copioba*, espécie de *farinha de guerra*, também chamada

599 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 442.

600 Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Glossário do Cancioneiro da Ajuda*, *ed. cit.*, pág. 53.

601 Karl Lokotisch, *op. cit.*, pág. 115.

602 Jean Bourciez, *op. cit.*, pág. 181.

603 J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 290.

604 José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, págs. 1.446.

605 *Portugaliae Monumenta Historica, ed. cit.*, volume das *Leges et Consuetudines*, pág. 347.

606 Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Glossário do Cancioneiro da Ajuda*, *ed. cit.*, vol. I, págs. 35, 53, 95, 133, 145, 168, 169, 223.

de *mandioca*, bem fina e torrada. Ambos são derivados de *mel*, que por sua vez é o latim *mel*.[607] Aparece na **cantiga número 104.**

▪ Meste

*s.m. C*orrutela de *mestre* , do latim *magister*.[608] Já vem documentado no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*.[609] Aparece na **cantiga número 51**.

▪ Milhó

adv. Corrutela de melhor, do latim *meliōre,* melhor.[610] Está documentado no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional.*[611] Aparece na **cantiga número 66**.

▪ Minino

s.m. Corrutela de *menino*. É um dos vocábulos da língua portuguesa de origem mais controvertida. Com ele se preocuparam Diez,[612] Meyer-Lübke,[613] Cornu,[614] Nascentes,[615] Carominas,[616] José Pedro Machado.[617] Aparece na **cantiga número 3**.

607 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 449.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 367.
_____ Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 376, 854.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 504.
_____ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.459.

608 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 425.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 186.
_____ Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 358, 841.

609 Elza Paxeco Machado e José Pedro Machado, *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, ed. cit., vol. VI, pág. 350.

610 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 450.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 506.
_____ José Pedro Machado, *op. cit.*, pág. 1.465.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 323.
_____ Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 368, 855.

611 Elza Paxeco Machado e José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 220.

612 Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 214.

613 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, págs. 457-458

614 Jules Cornu, *op. cit.*, pág. 967.

615 Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 508.

616 J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, págs. 346-348.

617 José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.469.

▪ Misquinho

adj. Corrutela de *mesquinho*. Deriva do Arabe *miskinu*, pobre, desgraçado, infeliz.[618] Aparece na **cantiga de número 12.**

▪ Mocambira

s.m. Planta da família das cactáceas (*Agallostachys laciniosa*, Koch). Teodoro Sampaio deriva de *mã-cambira*, o monojo ou molho pungente, cheio de espinho.[619] É planta da zona da seca do Nordeste do Brasil, conhecida também em suas modalidades chamadas *macambira de branco*, *macambira de cachorro* e *macambira de flexa*. Aparece nas **cantigas de números 26 e 80**.

▪ Môrão

s.m. Corrutela de *mourão*. De origem ainda controvertida. Dentre as acepções que lhe dão os lexicógrafos, estão as de coisas duras, resistentes, justamente a que está na **cantiga número 58**, quando se diz que *Dente de onça é môrão.*

▪ Muchile

s.f. Corrutela de *mochila*, espécie de pequeno saco, onde geralmente se guarda dinheiro, como é o caso da acepção da **cantiga número 63**. Adolfo Coelho[620] deriva do espanhol *mochila* que Carominas[621] prende a *mochil*, *môço* de recado, do latim *mutilus*, mutilado.[622]

---

618 Arnald Steiger, *op. cit.*, pág. 344.
_____ Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 212.
_____ Karl Lokotisch, *op. cit.*, pág. 118.
_____ P. Leopoldo de Eguilaz y Yanguas, *op. cit.*, págs. 450-451.
_____ R. Dozy et W. H. Engelmann, *op. cit.*, pág. 314.
_____ Eero K. Neuvonen, *op. cit.*, pág. 43.

619 Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 241.

620 Francisco Adolfo Coelho, *op. cit.*, pág. 867.

621 J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 392.

622 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 478.

▪ Mulato

s.m. Designa o ser humano resultante do cruzamento de um homem branco com uma mulher negra e vice-versa. Paralela a esta acepção também havia outrora, registrada por Viterbo, uma outra com seguinte teor: – "Macho asneiro, filho de cavalo, e burra. Por uma lei de 1538 se determinava, que nenhuma pessoa d'Entre Douro, e Minho podesse criar mais que *hum mulato para seu serviço*; sob pena de um anno de degredo para um dos cantos fora da dita comarca, e de perdimento dos *mulatos*, que criasse, metade para quem o acusasse, e a outra para a Camara de Sua Magestade".[623] A maioria dos linguistas derivam a palavra de *mulo+ato.*[624] Vem documentado em Gil Vicente, no *Auto da Cananeia*.[625]Aparece na **cantiga número 28.**

▪ Mulé

s.f. Corrutela de *mulher* do latim *muliere*, mulher.[626] O comportamento fonético do vocábulo, tanto no processo de transição do latim para o português, como no português propriamente dito, foi estudado por Duarte

623 Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, *Elucidário das Palavras, Termos e Frases que em Portugal Antigamente se Usaram e que Hoje Regularmente se Ignoram*, 2ª edição, Em casa do Editor A.J. Femandes Lopes, Lisboa, 1865, vol. II, pág. 115.

624 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 473.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 538.
_____ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.552.
_____ George Friedrich, *op. cit.*, pág. 436.
_____ A. R. Gonçalvez Viana, *op. cit.*, vol. II, págs. 170-171.
_____ Sebastião Rodolfo Dalgado, *op. cit.*, vol. II, pág. 78.
_____ J. Corominas, *op. cit.*, vol. III, págs. 475-476.
_____ João Ribeiro, *Frases Feitas*/Estudo conjectural de locucões, ditados, provérbios. Livraria Francisco, Alves, Rio de Janeiro, vol. I, págs. 95-96.

625 Gil Vicente, *Auto da Cananeia, in ed. cit.*, vol. II, pág. 242.

626 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 472.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, págs. 538-539.
_____ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.552.
_____ J. Corominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 474.

Nunes de Leão,[627] Gonçalves Viana,[628] Leite de Vasconcelos,[629] Cornu,[630] Meyer- Lübke,[631] Nunes,[632] e Pidal.[633] Na língua antiga, aparece no ano 927 nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume dos *Diplomata et Chartae*.[634] Encontra-se na **cantiga número 14**.

- Muleque

s.m. Cannecattim deriva do quimbundo *muleque*, menino.[635] Entrou no Brasil com essa acepção, para depois sofrer alteração semântica. Deixou de ter aquele sentido puro e simples de menino, para designar o menino de rua, o capadócio, roubando as coisas e atirando pedra nas vidraças dos respeitáveis sobrados. O termo ficou para designar o adulto, com as atitudes de menino, asssim como o homem pataco, bastando para isso que fosse negro e escravo. Basta que se folheie os jornais da época do cativeiro para lá se ver: – "Quem tiver um moleque maior de 18 anos que queira alugar para carregar coisa de comida, fale com o Barateiro, que só quer escravo e paga bem se agradar".[636] Hoje em dia, a palavra tem maior elasticidade – não importa a idade, casta, classe ou cor a que pertença o homem, basta que proceda mal, para se lhe chamar de moleque. Aparece nas **cantigas números 29 e 110.**

---

627 Duarte Nunes de Leão, *op. cit.*, pág. 204.

628 A. R. Gonçalvez Viana, *Ortografia Nacional, ed. cit.*, pág. 93.

629 José Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa*/Terceira edição comemorativa do centenário de nascimento do autor/ Enriquecida e anotada por Serafim da Silva Neto, Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1959, pág. 69.

630 Jules Cornu, *op. cit.*, pág. 971.

631 Wilhelm Meyer-Lübke, *Grammaire des langues romanes*, *ed. cit.*, vol. I, pág. 522
Wilhelm Meyer-Lübke, *Einführung in das Studium der romanische Sprachwissenschaft*, Dritte neuarbeitet Auflage, Carl Winter's Universitätbuchhandlung, Heidelberg, 1920, pág. 137.

632 José Joaquim Nunes, *op. cit.*, pág. 33.

633 Ramon Menendez Pidal, *Manual de Gramatica Historica Española, ed. cit.*, pág. 39.

634 *Portugaliae Monumenta Historica, ed. cit.,* volume dos Diplomata et Chartaes, pág. 67.

635 Bernardo Maria Cannecattin, *op. cit.*, pág. 150.

636 *Jornal de Notícias*, Salvador, 4/5/1880, pág. 2.

▪ Mungunjê

Termo de origem e acepção desconhecidas. Aparece na **cantiga número 31**.

▪ Munheca

s.f. Designa a articulação da mão com o braço. De origem ainda controvertida. Adolfo Coelho tira do espanhol *muñeca*,[637] punho, aceita por Jose Pedro Machado.[638] Meyer-Lübke[639] deriva do latim hipotético *mundiare*, limpar. Diez vê a atuação de um sufixo *eca*.[640] Aparece na **cantiga número 11**.

▪ Mutá

s.f. Nome próprio designativo de um lugarejo, situado próximo a ilha de Itaparica, no Estado da Bahia. Teodoro Sampaio[641] deriva do tupi *myta,* corrutela de *mby-ta,* o pé suspende, sobrado, a ponta. Batista Caetano,[642] Restivo,[643] Montoya[644] e Tastevin[644a] traduzem *mbyta* por *andaime* e Stradelli por *jirau*, com a seguinte explicação: –"Estrado feito a certa altura da terra e dissimulado com folhagem, onde o caçador se posta à espera da caça que deve vir beber água nalguma fonte ou poça próxima, comer frutas caídas ou lamber a terra, nos lugares onde há afloramento de sais".[645] Aparece na **cantiga de número 47**.

637 Francisco Adolfo Coelho, *op. cit.*, pág. 883.
638 José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.554.
639 Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, *ed. cit.*, pág. 473.
640 Friedrich Diez, *Grammatik der Romanischen Sprachen*, *ed. cit.*, vol. II, pág. 627.
641 Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 253.
642 Batista Caetano, *op. cit.*, pág. 234.
643 Paulo Restivo, *op. cit.*, pág. 76.
644 Ruiz de Montoya, *op. cit.*, pág. 214.
644ª Constantino Tastevin, *Vocabulário da Língua Tupi, ed. cit.*, pág. 632.
645 E. Stradelli, *op. cit.*, pág. 562.

▪ Naci

v. Corrutela de *nasci*, do verbo *nascer*, do latim *nascere*,[646] de uso antigo e divulgado em todas as línguas românicas. Na língua portuguesa antiga aparece no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*.[647] Acha-se documentado na **cantiga de número 4**.

▪ Nêgo

s.m. Corrutela de *negro*. Designa a cor preta e o homem portador deste pigmento. A depender da entoação que se dê a esta palavra ela passa a ser um tratamento ofensivo. Na variante popular nêgo, ela assume acepção carinhosa e é empregada tanto para o homem de pele negra, como de outra coloração. O tratamento motivado pela cor da pele no Brasil foi motivo de estudo recentíssimo do lusófilo tcheco Zdenek Hampl, no monumental *Omagiu lui Alexandru Rosetti la 70 de ani*. [647ª] Na **cantiga número 1** está designando o homem de pele negra. *Negro* deriva do latim *nigru*, preto, negro.[648] Na língua antiga aparece no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*.[649]

▪ Negocea

v. Corrutela de *negocia*, do verbo *negociar*, do latim *negotiare*, por *negotiari*, fazer negócio.[650] Aparece na **cantiga número 65**.

---

646 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 481.
_____ José Pedro Machado, *op. cit.*, pág. 544.
_____ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.567.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 489.

647 Elza Paxeco Machado e José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. III, pág. 50.

647ª Zdenek Hampl, "Tratamento motivado pela cor da pele do interlocutor, no português do Brasil", in *Omagiu lui Alexandru Rosetti la 70 de ani.* Editura Academiei Republicii Socialiste România, Bucareste, 1965, págs. 347-348.

648 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 488.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 547.
_____ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.577.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 508.

649 Elza Paxeco Machado e José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 340.

650 José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.576.
_____ Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, pág. 392.

▪ Nhem, nhem, nhem

Voz onomatopaica, representativa do chôro de criança. Aparece na **cantiga número 6.**

▪ Ni

Metátese de *in*, corrutela de *em*. Ver o verbete **in**. Aparece na **cantiga número 66.**

▪ Oi

v. Corrutela de *olhe*, do verbo *olhar*. Meyer-Lubke derivou do latim hipotético *adoculare*,[651] aceito por Wartburg,[652] Nascentes[653] e José Pedro Machado.[654] Ao lado dessa proposição, há outras como *oculare*, apresentada por Cortesão e Diego.[655] Na linguagem antiga, dentre outros documentos aparece no *Livro de Falcoaria*, de Pero Menino.[656] Aparece na **cantiga número 81** e nas de números **14** e **69**, no imperativo *oia*, corrutela de *olha*.

▪ Ôi

Interj. Aparece nas cantigas números **8** e **35**.

▪ Orubu

s.m. Corrutela de *urubu*, designativo de certa ave, *Cathartes pepa*, Linneu. Explicando a composição da palavra, Martius diz que "Urubu compositum est ex *Uru*, avis, et *uú,vú* comedere, i.e. avis vorax".[657] Teodoro

651 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 15.
652 Walther von Wartburg, *op. cit.*, vol. I, pág. 37.
653 Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 564.
654 José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.619.
655 A. A. Cortesão, *op. cit.*, vol. I, págs. 52-53.
_____ Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 398, 881.
656 Pedro Menino, op. cit., págs. 14 -15 e 18.
657 Carl Friedrich Philip von Martius, *op. cit.*, pág. 485.

Sampaio dá como corrutela de *urú-bú*, a galinha preta, a ave negra.[658] Batista Caetano alega que também se diz *iribu*, daí derivar de *y re bur* ou *y nê bur*, o que exala fétido.[659] Também se preocuparam com o vocábulo Tastevin,[660] Montoya[661] e Restivo.[662]

Barbosa Rodrigues recolheu, no Rio Negro, uma lenda em que o *urubu* e a personagem principal, denominada *Urubu taira etá mena irumo* (o urubu e as filhas casadas), bem como outra, em que a ave aparece de relance – *Cyiucé Yperungaua* (A origem das Pleiades), recolhida em Vila Bela.[663] Também Couto de Magalhães colheu duas com o referido animal – *Cunhã Mucu urubu* (A moça e o urubu) e *Cunnã Mucu inaie* (A moça e o gavião).[664]

Em 1587, Gabriel Soares fala-nos deles: – "São uns pássaros pretos, tamanhos como corvos, mas tem o bico mais grosso, e a cabeça como galinha cucurutada, e as pernas pretas, mas tão sujas que fazem seu feitio pelas pernas abaixo, e tornam-no logo a comer. Estas aves tem grande faro de cousas mortas que é o que andam sempre buscando para sua mantença, as quais criam em árvores altas: algumas ha manças em poder dos indios que tomaram nos ninhos".[665] Mais tarde, o *Diálogo das Grandezas do Brasil*,[666] Marcgrave,[667] Aires de Casal,[668] Wied-Neuwied.[669]. Aparece na **cantiga número 1**.

658 Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 299.

659 Batista Caetano, *op. cit.*, pág. 558.

660 Constantino Tastevin, *op. cit.*, pág. 746.

661 Ruiz de Montoya, *op. cit.*, pág. 406.

662 Paulo Restivo, *op. cit.*, pág. 200.

663 Barbosa Rodrigues, *op. cit.*, págs. 179, 258.

664 Conto de Magalhães, *O Selvagem*, Tipografia da Reforma, Rio de Janeiro, 1876, págs. 232-236.

665 Gabriel Soares de Souza, *op. cit.*, pág. 270.

666 *Diálogo das Grandezas do Brasil*/Introdução de Capistrano de Abreu/Notas de Rodolfo Garcia. Livraria Progresso Editôra, Bahia 1956, pág. 268.

667 Jorge Marcgrave, *op. cit.*, págs. 207-208.

668 Aires de Casal, *op. cit.*, vol. I, págs. 59,154; vol. II, pág. 247.

669 Wied-Neuwied, *op. cit.*, págs. 46, 86, 228 ,244, 372.

▪ Panhe

v. Corrutela de *apanhe*, do verbo *apanhar*, recolher algo do chão, que é a acepção da **cantiga número 9**. *Apanhar* vem do espanhol *apañar* e este do latim *pannus*, pano.[670] Na língua antiga esta documentado no *Livro de Falcoaria* de Pero Menino.[671]

▪ Paraguai

s.m. Nome próprio designativo de um país da América do Sul. A palavra é de origem tupi e quer dizer *Rio dos Papagaios*, registrada por Montoya,[672] Batista Caetano,[673] Xavier Fernandes,[674] Tastevin,[675] Teodoro Sampaio,[676] Restivo[677], Friederici,[678] Martius,[679] Stradelli[680] e Lokotisch que assim explica a sua composição: – "Dieser wird als Wasser des Papageis' oder einfach als 'vielfarbiger Kranz' gedeutet; in der Guaraní (tupischen) Sprache heisst *pará* 'vielfarbig, bunt', *kua* oder *gua* 'Kranz, Schweif'; *paragoá* 'Papagei'> *hi* 'Wasser', woraus paragoá-hy und schliesslich Paraguay wurde".[681] Aparece na **cantiga número 103**.

670 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, págs. 509-510.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 58.
_____ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. I, pág. 218.
_____ J. Corominas, *op. cit.*, vol. I, págs. 231-233.
_____ Vicente de Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 63, 888.
671 Pero Menino, *op. cit.*, pág. 62.
672 Ruiz de Montoya, *op. cit.*, pág. 263.
673 Batista Caetano, *op. cit.*, pág. 361.
674 I. Xavier Fernandes, *op. cit.*, vol. II, pág. 67.
675 Constantino Tastevin, *Nomes de Plantas e Animais em Língua Tupi, ed. cit.*, pág. 724.
676 Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 258-259.
677 Paulo Restivo, *op. cit.*, pág. 415.
678 Georg Friederici, *op. cit.*, págs. 480-481.
679 Carl Friedrich Philip von Martius, *op. cit.*, pág. 518.
680 E. Stradelli, op. cit., pág. 280.
681 Karl Lokotisch, *op. cit.*, págs. 51-52.

▪ Paraná

s.m. Nome próprio designativo de um estado da federação brasileira. Vem do tupi *paraná* de *pará*, mar e *na*, semelhante, logo semelhante ao mar.[682] Aparece nas **cantigas números 80 e 83.**

▪ Parmatoria

s.f. Corrutela de palmatória, espécie de objeto de madeira, com que se aplicam castigos às crianças nas escolas. Na **cantiga número 26** está designando planta, *Opuntia bahiense*, Mill, com formato idêntico ao objeto, a qual é conhecida como *Palmatória do Diabo*. *Palmatória* vem do latim *palmatoria*, férula,[683] com documentação bem antiga, não só em português, como em espanhol.

▪ Patuá

s.m. Batista Caetano deriva de *patigua*, contraído em *patuá* de *patauá*, designando o cesto que as mulheres traziam as costas, amarrado à cabeça, com os pertences da rede.[684] Há documentação bem antiga. Simão de Vasconcelos, falando do estado de miséria em que viviam os índios, ao comentar o seu enxoval diz que "vem a ser uma rede, um potiguá (que

682 Batista Caetano, *op. cit.*, pág. 362.
_____ Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 259.
_____ Ruiz de Montoya, *op. cit.*, pág. 262.
_____ Carl Friedrich Philip von Martius, *op. cit.*, pág. 79.
_____ Constantino Tastevin, *Vocabulário da Língua Tupi*, *ed. cit.*, pág. 649.
_____ Paulo Restivo, *op. cit.*, pág. 377.
_____ George Friedrich, *op. cit.*, pág. 480.
_____ E. Stradelli, *op. cit.*, pág. 587.
_____ Karl Lokotisch, *op. cit.*, pág. 52.

683 J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 625.
_____ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 659.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 585.
_____ Vicente de Garcia de Diego, *op. cit.*, pág. 406.

684 Batista Caetano, *op. cit.*, págs. 362-363.
_____ Clóvis Monteiro, *Português da Europa e Português da América*/Aspectos da Evolução do Nosso Idioma, 3ª edição, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1959, pág. 126.

é como caixa de palhas) para guardar pouco mais que a rede, cabaço, e cuya: o pote, que chamam igacaba, para os seus vinhos: o cabaço para suas farinhas, mantimentos, seu ordinario: a cuya para beber por ella: e o cão para descobridor das feras quando vão caçar. Estes somente vem a ser seus bens moveis, e estes levam consigo aonde quer que vão: e todos a mulher leva ás costas, que o marido só leva o arco".[685] Por analogia, *patuá* hoje em dia passou a designar um pequeno saquinho contendo *axé* (coisas de alto poder mágico) e que dentro do preceito, quem o carrega, tem que usá-lo em contacto com o corpo. É nesta acepção que aparece na **cantiga número 60**. Também se preocuparam com a palavra, Martius,[686] Couto de Magalhães,[687] Tastevin,[688] Friederici[689] e Marcgrave.[690]

- Pau

s.m. Do latim *palus*, poste.[691] Acha-se representado em todas as línguas românicas, com aparição bem antiga. No Brasil, mui especial no sertão nordestino, o vocábulo tem acepção de árvore. Ouve-se com bastante frequência *pé de pau*, em lugar de *pé de árvore*. Quando se quer chamar alguém de bastardo, mas substituindo a expressão *filho da puta*, diz-se que esse alguém é *filho do oco do pau*, isto é *filho do oco da árvore*. Carominas[692] afirma que esse sentido é comum em toda a América latina. Nesta acepção é que a palavra *pau* está na **cantiga número 75**.

---

685 Simão de Vasconcelos, *op. cit.*, pág. 52.

686 Carl Friedrich Philip von Martius, *op. cit.*, pág. 79.

687 Couto de Magalhães, *op. cit.*, págs. 209-210.

688 Constantino Tastevin, *Vocabulário da Língua Tupi*, *ed. cit.*, pág. 649.

689 Georg Friederici, *op. cit.*, págs. 483-484.

690 Jorge Marcgrave, *op. cit.*, pág. 272.

691 Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 600.
_____ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.697.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 626.

692 J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 626.

▪ Pau furado

s.m. Fuzil. Devido à sua composição à base de madeira e o seu aspecto, de um longo pedaço de pau, cavado interiormente e com abertura, por analogia o povo designou assim o fuzil, instrumento de guerra dos exércitos, hoje no domínio dos museus. Aparece na **cantiga número 78**.

▪ Paulo Barroquinha

s.m. Nome próprio designativo de um capoeirista famoso da Bahia. O apelido *Barroquinha* provém do nome da rua, que assim se chama devido à série de pequenas *barrocas* (buracos, sulcos produzidos na terra, devido às enxurradas), do terreno acidentado, daí *barroquinha*, pequena barroca. Aparece na **cantiga número 123**.

▪ Pedrito

s.m. Diminutivo de *Pedro*, nome próprio designativo de um chefe de polícia da Bahia (Pedro de Azevedo Gordilho), famoso pela perseguição aos capoeiristas e aos candomblés. Aparece nas cantigas números **19** e **20**.

▪ Pedro Minêro

s.m. Corrutela de *Pedro Mineiro*. Nome próprio designativo de um antigo capoeira famoso da Bahia. Aparece nas **cantigas números 126, 127 e 128**.

▪ Pegá.

v. Corrutela de *pegar*, do latim *pegare*, untar de pez.[693] Aparece nas cantigas números **29** e **137** na acepção de *agarrar.*

693 Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 604.
_____ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 534.
_____ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.730.
_____ Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 240.
_____ Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 417, 904.

▪ Percevejo

s.m. Inseto parasita. De origem obscura. Documenta-se em Fernão Mendes Pinto nesta passagem: – "Mais pobre q̃ todos os pobres, piolhoso, & q̃ comia perçobejos, & carne humana da gente morta q̃ desenterrava de noite".[694] Aparece na **cantiga número 105**.

▪ Peréré

Termo de origem e acepção desconhecidas. Aparece na **cantiga número 49**.

▪ Pernambuco

s.m. Nome próprio designativo de um Estado da federação brasileira. Teodoro Sampaio deriva de *paranã-mbuca*, o furo ou entrada da laguna, em alusão à sua situação geográfica.[695] Entretanto, ao lado da explicação de Teodoro Sampaio, há uma outra de Lokotisch, que vale a pena ser transcrita: – "Der brasilienische Hafenort Pernambuco am Atlantischen Ozean wird durch zwei Küstenflüsse, die hier in einer havernartigen Mündung zusammenfliessen, in drei Stadtteile geteilt. Nach dem naturalichen Hafen hat die Stadt ihren Namen, der Wortlich 'Meer, das die Felsen benagt', d, h. 'Meeresarm, Hafen' bedeutet. Die zugrundeliegenden Wörter sind tupisch *paraná* 'Meer' und *mbokoa* 'aushöhlen'. Nach einem dem Hafen vorgelagerten Felsenriff heisst die auf, einer Halbinsel liegende Hafenvorstadt *Bairro do Recife* 'Stadteil am Riff'; sie hat diesen Namen der ganzen Stadt gegeben, die jetzt vollständig *Recife de Pernambuco* genannt wird. Das nach dieser Stadt als Ausfuhrhafen benannte *Pernambuk* oder *Fernanbukholz* war, seitdem die Portugiesen es in den südamerikanischen Waldern in grossen Mengen fanden, auch unter der Bezeichnung *Brasilholz* unser gebräuchlichstes Rotfarbehölz".[696] Aparece na **cantiga número 83**.

694 Fernão Mendes Pinto, *op. cit.*, vol. VI, pág. 186.

695 Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 262.

696 Karl Lokotisch, *op. cit.*, pág. 53.

▪ Pimentêra

s.f. Corrutela de *Pimenteira*. Nome próprio locativo, derivado de *pimenta* e este do latim *pigmenta*, plural de *pigmentu*, cor para pintar.[697] Vem documentado como nome comum em 1058, nos *PortugaliaeMonumenta Historica*, no volume dos *Diplomata et Chartae*.[698] Aparece na **cantiga de número 70**.

▪ Pindombê

s.f. Corrutela de *pindomba* mais a interjeição *ê!*. *Pindomba* é corrutela de *pindoba*, espécie de palmeira (*Palma Altalea compta*, Mart.). Teodoro Sampaio deriva de *pindoba*, a folha de anzol.[699] Batista Caetano apresenta uma série de propostas, sem contudo se fixar em nenhuma, como se vê em sua explanação: – "Nome também da mesma palmeira, e então veja-se os diversos signif. de *pi*; como também se diz *mindob*, parece que a derivação deve ser de *mi*, esconder, porque as folhas de palmeira se serviam para cobrir as casas (*mi-tob*, folha de cobrir); porém pode ser também *min-tob*, folhas de lança ou pua, e *pin-tob*, folha de raspar ou alisar, porque para isso serviam; note-se também que *min-dob* pode ser part. pass. de *tob*, tapar, assim como *mindog* o é de *cog*".[700] Também registram Montoya,[701] Restivo[702] e Friederici.[703] Léry se refere à palmeira, porém na variante *pindo*: – "Sur quoy faut noter (ce qui est aussi estrange en ce peuple) que les Bresiliens ne demeurans ordinairement que cinq ou six mois en vn lieu emportans puis après les grosses pieces de bois & grandes herbes de Pindo, de quoy leurs maisons sont faites & couuertes".[704] Depois, em 1587, Gabriel Soares cuidou

697 José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.734.
698 *Portugaliae Monumenta Historica, ed. cit.,* volume dos *Diplomata et Chartae,* pág. 250.
699 Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 264.
700 Batista Caetano, *op. cit.*, pág. 277.
701 Ruiz de Montoya, *op. cit.*, pág. 295.
702 Paulo Restivo, *op. cit.*, pág. 414.
703 Georg Friederici, *op. cit.*, pág. 503.
704 Jean de Léry, *op. cit.*, págs. 273, 305.

dela: – "Como há tanta diversidade de palmeiras que dão fruto na terra da Bahia, convem que as arrumemos todas neste capitulo começando logo em umas a que os indios chamam pindoba, que são muito altas e grossas, que dão flor como as tamareiras, e o fruto em cachos grandes como os coqueiros, cada um dos quaes é tamanho que não pode um negro mais fazer que levalo ás costas; em os quaes cachos teem os cocos tamanhos como peras pardas grandes, e tem a casca de fora como coco e outra dentro de um dedo de grosso, muito dura, e dentro della um miolo massiço com esta casca, donde se tira com trabalho, o qual é tamanho como uma bolota, e mui alvo e duro para quem tem ruins dentes; e se não é de vez, é muito tenro e saboroso; e de uma maneira e outra é bom mantimento para o gentio quando não tem mandioca, o qual faz destes cocos azeite para as suas mesinhas".[705] Daí em diante seguem-se normalmente os diversos registros como no *Diálogo das Grandezas do Brasil*,[706] Piso,[707] Marcgrave,[708] Wied-Neuwied,[709] dentre outros. Aparece na **cantiga número 75**.

- Poliça

s.f. Corrutela de *polícia,* do grego *politeia*, pelo latim *polititia*, administração de uma cidade,[710] documentada nas *Ordenações Afonsinas*, que datam de 1443,[711] e no *Cancioneiro Geral*.[712] Entretanto, o sentido atual de conservação da ordem pública, segundo José Pedro Machado, vem do francês *police*.[713] Aparece na **cantiga número 123**.

---

705 Gabriel Soares de Souza, *op. cit.*, pág. 220.

706 *Diálogo das Grandezas do Brasil, ed. cit.*, pág. 232.

707 Guilherme Piso, *op. cit.*, págs. 70-71.

708 Jorge Marcgrave, *op. cit.*, págs. 133-134.

709 Wied-Neuwied, *op. cit.*, pág. 204.

710 Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 635.
____ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, págs. 1.759-1.760.
____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 838.

711 *Ordenações do Senhor Rey D. Affonso V. Na Real Imprensa da Universidade*, Coimbra, 1.786, Livro IV, Título II, Parágrafo I, pág. 31.

712 Garcia Resende, *Cancioneiro Geral, ed. cit.*, vol. I, pág. 221.

713 José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág., 1.760.

▪ Prantando

v. Corrutela de *plantando*, do verbo *plantar*. Do latim *plantare*, com representação em todas as línguas românicas.[714] Aparece na **cantiga número 76**, na acepção de *praticar*, *fazer*.

▪ Prêto Limão

s.m. Nome próprio personativo de um famoso violeiro. Aparece na **cantiga número 71**.

▪ Procópio

s.m. nome próprio personativo de um famoso babalorixá da Bahia, *Procópio Xavier de Souza*. Leite de Vasconcelos deriva do grego *Prokópios* de *Prokoté* progresso, portanto aquele que ganha ou progride.[715]

▪ Professô

s.m. Corrutela de *professor*, do latim *professore*, o que faz profissão de.[716] Aparece na **cantiga número 129**.

▪ Qué

v. Corrutela de *quer*, do verbo *querer*, do latim *quærere*, procurar.[717] A terceira pessoa do indicativo presente sofre alteração, não só na linguagem popular que passa de *quer* para *qué*, como na língua culta, que possui a variante *quere* que os filólogos dizem que "ist eine Analogiebildung wie

714 Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 628.
_____ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. I, pág. 570.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 815.

715 José Leite de Vasconcelos, *Antroponímia Portuguesa, ed. cit.*, pág. 346.

716 José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.803.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. I, pág. 882.
_____ Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, pág. 448.

717 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 572.
_____ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.832.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 665.
_____ Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 456, 924.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 944.

faze".[718] Encontra-se em documento do ano 999, publicado nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume dos *Diplomata et Chartae*.[719] Aparece na **cantiga número 6**.

Como conjunção causal, Meyer-Lübke deriva do latim *quia*.[720]

▪ Qui

pron.rel. Corrutela de *que*, do latim *que*,[721] já documentado no ano 870 nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume dos *Diplomata et Chartae*.[722] Aparece na **cantiga número 136**. Como conjunção causal, Meyer-Lübke deriva do latim *quia*, porque.[723] Nascentes,[724] José Pedro Machado,[725] Huber[726] do latim *quia*, através do arcaico *ca*, com redução vocálica. Como tal aparece na **cantiga número 83.**

▪ Rês

s.m. Corrutela de *reis*, plural de *rei*. Do latim *reges, rei*, soberano.[727] Aparece na **cantiga número 70**.

718 Joseph Huber, *op. cit.*, pág. 198.
_____ J. B. Williams, *op. cit.*, pág. 229.

719 *Portugaliae Monumenta Historica, ed. cit.,* volume dos *Diplomata et Chartae,* pág. 112.

720 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 575.
_____ Wilhelm Meyer-Lübke, *Grammaire des Langues romanes, ed. cit.*, vol. III, pág. 632.

721 José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.829.
_____ Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologishes Wörterbuch, ed. cit.*, pág. 575.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 931.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 663.
_____ José Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa, ed.. cit.*, pág. 59.

722 *Portugaliae Monumenta Historica, ed. cit.,* volume dos *Diplomata et Chartae,* pág. 3.

723 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 575.
_____Wilhelm Meyer-Lübke, *Einführung in das Studium der romanische Sprachwissenschaft, ed. cit.*, pág. 151.

724 Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 663.

725 José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.829.

726 Joseph Huber, *op. cit.*, pág. 53.

727 Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologishes Wörterbuch, ed. cit.*, pág. 602.
_____ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.872.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 683.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. III, pág. 1.111.

▪ Riachão

s.m. Nome próprio designativo do cantador Manoel Riachão de Lima. Aparece na **cantiga número 70**.

▪ Rio de Janêro

s.m. Corrutela de *Rio de Janeiro*, nome próprio designativo de um Estado da federação brasileira. A origem do nome foi devido aos navegadores portugueses, quando descobriram a baía da Guanabara, a 1.º de janeiro de 1502 pensarem tratar-se do estuário de um grande rio. Essa explicação já foi dada, pouco depois de descoberto do Brasil, pelo viajante francês Jean de Léry, neste lance: – "Comme ainsi fort que ce bras de mer & riuiere de *Ganabara*, ainsi appelee par les sauuages & par les Portugallois Geneure (parce que comme on dit, ils la descouurirent le premier iour de Ianuier, qu'ils nomment ainsi".[728] Aparece nas **cantigas números 54 e 66.**

▪ Rimpimpão

adj. Corrutela de *repimpão*, valentão, que alardeia força, prepotência, pessoa poderosa. Daí se ouvir dizer que *é preciso baixar o pimpão de fulano*, ou então eu vou *cortar o pimpão de beltrano*. O vocábulo resulta da composição do prefixo *re* mais o adjetivo *pimpão*, que por sua vez Meyer-Lübke deriva do francês *pimpant*[729] aceito, com dúvida, por José Pedro Machado.[730] Aparece na **cantiga número 28**.

▪ Rodía

s.f. Corrutela de *rodilha*. Nascentes derivou do substantivo roda mais o sufixo ilha.[731] Aparece na **cantiga número 126**.

▪ Sabiá

728 Jean de Léry, *op. cit.*, vol. III, pág. 85.
729 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 540.
730 José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.737.
731 Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 694.

s.m. Espécie de pássaro canoro (*Turdus rufiventris*, Lichtst.) Teodoro Sampaio deriva de *coó-biã*, o animal aprazível.[732] Batista Caetano de *haã-pîi-har*, aquele que reza muito.[733] Registram o vocábulo Tastevin,[734] Martius[735] e Friederici.[736] Do sabiá com a beleza de seu canto e sua plumagem, disse Gabriel Soares em 1587: – "Criam-se em árvores baixas em ninhos outros passaros, a que o gentio chama sabiá poca, que são todos aleonados muito formosos, os quaes cantam muito bem".[737] A ele referem-se também o príncipe Wied-Neuwied,[738] Aires de Casal,[739] dentre outros. Aparece na **cantiga número 78**.

▪ Sabo

s.m. Corrutela de *sábado*, nome de um dia da semana. Vem do latim *sabbatu*.[740] Aparece na **cantiga número 4**.

▪ Salomão

s.m. Nome próprio personativo. Leite de Vasconcelos tirou do hebraico *xelomóh*, derivado de *xalóm*, paz.[741] Aparece na **cantiga número 70**, como designativo de Salomão, rei de Israel.

---

732 Teodoro Sampaio, *op. cit.,* pág. 273.

733 Batista Caetano, *op. cit*., pág. 147.

734 Constantino Tastevin, *Nomes de Plantas e Animais em Língua Tupi, ed. cit,* pág. 730.

735 Carl Friedrich Philipe von Martius, *op. cit*., pág. 472.

736 Georg Friederici, , *op. cit*., pág. 548.

737 Gabriel Soares de Souza, *op. cit*., pág. 275.

738 Wied-Neuwied, *op. cit*., págs. 53, 88, 198, 210.

739 Manuel Aires de Casal, *op. cit*., vol.I, pág. 56

740 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. ci*t., pág. 618.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit*., pág. 703.
_____ José Pedro Machado, *op. cit*., vol. II, pág. 1.921.
_____ Karl Lokotisch, *op. cit*., pág. 138.
_____ Francisco Adolfo, *op. cit*., pág. 1.074.
_____ A. R. Gonçalves Viana, *op. cit*., vol. II, págs. 392, 393.

741 José Leite de Vasconcelos, *Antroponímia Portuguesa, ed. cit*., pág. 532.
_____ José Leite de Vasconcelos, *Opúsculos, ed. cit*., vol. III, pág. 127.

▪ Sambambaia

s.f. Corrutela de *samambaia*, espécie de planta (*Pterium aquidinum*, Linneu). Teodoro Sampaio derivou de *çama-mbai*, o trançado de cordas.[742] Registraram-no Stradelli[743] e Tastevin.[744] Aparece na **cantiga número 16**.

▪ Santo

s.m. Do latim *sanctu*, sagrado.[745] Com esta acepção é que está na **cantiga número 21**, porém como tradução do vocábulo nagô *orixá*, que também significa *sagrado*, *deus*, *santo*.

▪ São Bento

s.m. Nome próprio designativo de um santo da Igreja Católica, patriarca fundador da Ordem dos Beneditinos criador do mosteiro em Monte Cássio. Aparece na **cantiga número 138**.

▪ São Paulo

s.m. Nome próprio designativo de um Estado da federação brasileira, fundado pelos jesuítas a 25 de janeiro de 1554, dia da conversão de São Paulo, daí o nome da cidade. Aparece na **cantiga número 82**.

▪ São Pedro

s.m. Nome próprio designativo de um dos doze apóstolos. Aparece na **cantiga número 70**.

742 Teodoro Sampaio, *op.cit.*, pág. 273.

743 E. Stradelli, *op. cit.*, pág. 638.

744 Constantino Tastevin, *Nomes de Plantas e Animais em Língua Tupi, ed. cit,* pág. 730.

745 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 628.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 711.
_____ J. Caromінas, *op. cit.*, vol. IV, pág.142.
_____ Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, pág. 492, 962.
_____ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.945.

▪ Sarna

s.f. Espécie de moléstia de pele, que consiste em erupções cutâneas, causada por aracnídeos microscópicos. Spitzer incluiu entre os substantivos epicenos, designando pessoa importante.[746] Opinam pela origem ibérica Nascentes,[747] Diez,[748] Serafim da Silva Neto,[749] Diego,[750] Meyer-Lübke,[751] Carominas,[752] Harri Meier[753] e Gerland.[754] Dos viajantes que estiveram no Brasil, Piso[755] se refere à doença. Aparece na **cantiga número 17**.

▪ Sê

v. Corrutela de *ser*. Esse verbo vem do latim sedere, assentar-se, misturado com *esse*.[756] Encontra se documentado no ano 938 nos *Portugaliae Monumenta Historica* no volume dos *Diplomata et Chartae.*[757] Aparece na **cantiga número 1**.

---

746 E. Gamillscheg und L. Spitzer, *Beiträge zur romanishen Wortbildungslehre*. Leo S. Olschki – Editeur, Genéve, 1921, pág. 142.

747 Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 715.

748 Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 486.

749 Serafim da Silva Neto, *História da Língua Portuguêsa*. Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1952, pág. 304.

750 Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 493, 965.

751 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 630.

752 J. Carominas, *op. cit.*, vol. IV, pág. 151.

753 Harri Meier, *Erwägungen zu iberoromanischen Substratetymologien* in Festgab Ernst Gamillscheg zu seimem fünfundsechzigsten Geburstag am 28 Oktober 1952 von Freudem und Schülern überreicht. Max Niemeyer Verlag, Tübingen, 1952, pág. 135.

754 Georg Gerland, *Die basken und die Iberer, in* Gustav Gröber, *op. cit.*, vol. I, págs. 425-426.

755 Guilherme Piso, *História Natural do Brasil, ed. cit.*, pág. 41.
_____ Guilherme Piso, *História Natural e Médical da Índia Ocidental*, ed. cit., pág. 124.

756 Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, vol. II, págs. 276-286.
_____ Wilhelm Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, pág. 642.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 723.
_____ José Pedro Machado *op. cit.*, vol. II, pág. 1.974.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. IV, pág. 194.
_____ Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 498, 972.
_____ Jean Bourciez, *op. cit.*, pág. 218.
_____ C.H. Grandgent, *op. cit.*, págs. 255-257.
_____ Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Glossário do Cancioneiro da Ajuda, ed. cit.*, págs. 82- 83.

757 *Portugaliae Monumenta Historica*, *ed. cit.*, volume dos *Diplomata et Chartae*, pág. 28.

▪ Secretaria

s.f. Designa o local onde funciona o expediente de uma associação ou serviço público. Vem de *secreto*, mais o sufixo *aria*. *Secreto* é o latim *secretus*, separado, isolado.[758] Na linguagem da malandragem *secretaria* é sinônimo de Secretaria de Segurança Pública, de Polícia. Nesta acepção é que está na **cantiga número 126**.

▪ Senzala

s.f. Na Bahia, designava o local onde morava a escravaria, sob o comando de um senhor. Também significava e ainda hoje significa algazarra, muita gente falando alto, por analogia à maneira de gritar da escravaria dentro da senzala. Atualmente, quando se faz muita algazarra, pergunta se *que senzala é essa aí?* Senzala com o sentido de algazarra, barulho. *Senzala* vem do quimbundo *sanzala*, que em 1680 Cadornega em nota marginal ao seu livro explicou como sendo "Cazas, em que cada hum tem sua gente separada".[759] No correr do referido livro há esta passagem em que aparece o vocábulo: – "...Estes taes levarão os Mensageiros á Cidade e entrarão com elles na Samzala do Van Dum, o que não foi tão em segredo que logo não fosse publico; e avizado o Director de como tinhão entrado Negros dos Portuguezes na Cidade e Samzala de que ficou alterado, e deo logo ordem ao major que governava as armas..."[760] Em nossos dias, Quintão traduz *senzala* por *povoação*[761] e José Matias Delgado, anotando Cadornegas, dá como sendo o conjunto de casas de um morador rico com toda a sua escravaria.[762] Também registram o vocábulo Renato Mendonça[763] e Jacques Raimundo.[764] Aparece na **cantiga número 105.**

758 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 641.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 719.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. I, pág. 777.

759 Antônio de Oliveira Cadornega, *op. cit.*, vol. I, pág. 335.

760 Antônio de Oliveira Cadornega, *op. cit.*, vol. I, págs. 334-335.

761 José L. Quintão, *op. cit.*, pág. 215.

762 José Mathias Delgado, *in Antônio de Oliveira Cadornega*, *op. cit.*, vol. I, pág. 621.

763 Renato Mendonça, *op. cit.*, pág. 265.

764 Jacques Raimundo, *op. cit.*, págs. 156-157.

▪ Sinhá

s.f. Corrutela de *senhora.* Ver o verbete *senhô*.

▪ Sinhô

s.m. Corrutela de *senhor*. Vem do latim *seniore*, mais *velho*.[765] Na linguagem popular, *senhor* como pronome de tratamento foi adulterado em *sinhô* assim como *senhora* em *sinhá*, ao lado de outra forma simplificada, *seu*, derivado de *sinhô*, e *sá*, derivado de *sinhá*. Essas nuances têm preocupado os linguistas. Carolina Michaëlis, estudando a significação das palavras hispânicas, assim se manifestou: – "Nach den Geset zen der Satzphonetik wurden auch *senhor*, *senhora* in den hispanischen Sprachen behandelt, da wo sie in der Anrede als Vocative, in Begleitung eines anderen Wortes auftreten, welches den Ton trägt. In der familiären port. Sprach hört man oft: *oh seu marroto! (oh sua marota!)* und *ähnliches*. *Séu, seo* für *séó seió* aus *senyó senhor*. Der Andalusier sagt *só*, der Bogotaner *sió* (das and. Fem. kenne ich nicht, bog. lautet es *siá* und *señá ñá*)".[766] Matéria substanciosa a respeito, publicou Leo Spitzer, nos *Aufsätzes zur romanischen Syntax und Stilistik*.[767] Também Meyer-Lübke[768] registrou o fenômeno.

Os vocábulos *sinhô* e *sinhá* possuem os diminutivos *yoyô* para o primeiro e *yayá* para o segundo, já registrados por Macedo Soares.[769] Spitzer, ao estudar esses diminutivos no Brasil e na América Latina,

765 Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 722.
_____ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 1.970.
_____ Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 645.
_____ Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 294.
_____ Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 498, 974.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. IV, pág. 193.

766 Carolina Michaëlis de Vasconcelos, "Studien zur hispanichen Wörtdeutung, *Miscellanea di Filologia e Linguistica*/in Memoria di Napoleone Caix e Ugo Angelo Canello. Sucessori de Mounier, Firenze, 1886, págs.113-116

767 Leo Spitzer, *Aufsatzes zur romanischen Syntax und Stilistik*, Verlag von Max Niemeyer, Halle A.S., 1918, págs.10-12.

768 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 645.

769 Antônio Joaquim de Macedo Soares, *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, ed. cit.*, vol.II, pág. 200.

batizou-os de "familiäre" Ansprache von Kindern.[770] Aparecem nas **cantigas números 8**, **22, 23**, **25**, **29**, **137 e 138**.

▪ Siri

s.m. Corrutela de crustáceo (*Callinectes danai*, Smith). Deriva do tupi *ciri*, o que corre, ou desliza, Montoya,[771] Batista Caetano[772] Teodoro Sampaio[773] e Tastevin.[774] Vem registrado em Marcgrave,[775] Piso,[776] Wied-Neuwied,[777] *Diálogo das Grandezas do Brasil*.[778] Aparece na **cantiga número 14**.

▪ Subordinado

adj. Corrutela de *insubordinado*. Aparece na **cantiga número 76** na acepção de *desordem.*

▪ Tá

v. Corrutela de *está*, do verbo *estar*. Deriva do latim *stare*, estar de pé.[779] Aparece nas **cantigas números 1**, **29 e 68** em suas nuances dialetais. Nos dialetos crioulos portugueses se encontra fenômeno idêntico ao nosso

770 E. Gamillscheg, und L. Spitzer, *op. cit.*, pág. 177.
771 Ruiz de Montoya, *op. cit.*, pág. 115.
772 Batista Caetano, *op. cit.*, pág. 94.
773 Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 277.
774 Constantino Tastevin, *Nomes de Plantas e Animais em Língua Tupi*, *ed. cit.*, pág. 732.
775 Jorge Marcgrave, *op. cit.*, pág. 183, 184.
776 Guilherme Piso, *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, *ed. cit.*, pág. 183, 184.
777 Wied–Neuwied, *op. cit.*, pág. 72, 230.
778 *Diálogo das Grandezas do Brasil, ed. cit.,* pág. 281.
779 Wilhelm Meyer-Lübke, *op. cit.*, pág. 679.
_____ J. Carominas, , op. cit., vol. II, pág. 420.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 305.
_____ Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, pág. 278, 992.
_____ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. I, pág. 904.

falar, estudado por Joaquim Vieira da Costa e Custódio José Duarte.[780] Na língua arcaica, a documentação mais antiga de que se tem notícia data de 1044, publicada nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume dos *Diplomata et Chartae*.[781]

▪ Tabulêro

s.m. Corrutela de *tabuleiro*, aparecendo na **cantiga 137**, no sentido de recipiente de madeira onde se põem comestíveis para serem vendidos. Deriva de *tábua* e este de *tabula*, ripa, mesa de jogo, prancha.[782]

▪ Tandirerê

Palavra de origem e acepção desconhecidas. Aparece na **cantiga número 92**.

▪ Tê

v. Corrutela de *ter*, verbo *ter*. Deriva do latim *tenere*.[783] Aparece na **cantiga número 83**. Na **cantiga número 16** o verbo *ter* está empregado em lugar de *haver*, fenômeno linguístico comuníssimo nos falares do Brasil. Esse emprego existe de há muito em ibero-românico, já notado por Meyer-Lübke[784] e estudado por outros linguistas, dentre os quais Carominas, que assim discorre: – "El hecho capital en la historia de esta palabra es su invasión del terreno semantico del lat. *habere*, con el sentido de posesión pura y simples. Se trata de una innovación propria de

780 Joaquim Viera Botelho da Costa e Custódio José Duarte, *op. cit.*, pág. 350, 351.

781 *Portugaliae Monumenta Historica, ed. cit.*, volume dos *Diplomatas et Chartae,* pág. 204.

782 José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 2.035.
_____ Wilhelm Meyer–Lübke, *op. cit.*, pág. 702.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. IV, pág. 327.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 749.

783 Wilhelm Meyer–Lübke, *op. cit.*, pág. 715.
_____ J. Carominas, *op. cit.,* vol. IV, pág. 420.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.,* pág. 763.

784 Wilhelm Meyer–Lübke, *op. cit.*, pág. 715.

los tres romances ibericos, que en los tres aparece ya en la Edad Media, pero que además se encuentra en Cerdeña, y en el it. dialectal del Lacio, Abruzo, Pulla y alguna otra zona del Sur de Italia (Seifert, A *Rom. XVIII*, 411-3; Rohlfs, Romanica *Helv. IV.* 74). En cast. *aver* conserva este valor más o menos en toda la Edad Media, pero *tener* ya aparece algunas veces con el nuevo desde los origenes (Cid 113, etc., Berceo, Mil., 320a; Apol., 154b y aun quizá ya una vez en las Glosas Emilianenses, n.º 89). Para el progreso de esta sustatución, vid. E. Seifert, RFE XVII, 233-76, 34-89. Por lo demás las ultimas raices de esta tendencia parecen encontrarse muy atrás pues ya hay ej. de *tenere* con valor casi identico a *habere* en los españoles Orencio (S.V.), y Aetheria (S.VI), aunque es cierto que estos usos en latin no parece estuvieran enteramente confinados a autores hispanicos (ALLG XV, 233-52; KJR PL. VII, 59; XI, 86).[785]

- Tico-tico

s.m. Pássaro da família dos fringilídeos (*Zonotrichia capensis matutína* Linneu). Aparece na **cantiga número 89**. Fizeram-lhe referências Aires de Casal,[786] Wied-Neuwied,[787] dentre outros.

- Tinha

s.f. Define Fernando São Paulo como sendo uma "designação que abrange, indistintamente, o grupo das dermatomicoses nomeadas *tinhas* na medicina culta, e outras afeções da pele".[788] Deriva do latim *tinea*, traça.[789] Na língua antiga está registrado nos *Livros de Falcoaria* como

785 J. Carominas, *op. cit.*, vol. IV, pág. 420.

786 Manuel Aires de Casal, *op. cit.*, vol. I, pág. 59.

787 Wied–Neuwied, *op. cit.*, pág. 390, 394.

788 Fernando de São Paulo, *Linguagem Médica Popular no Brasil*. Barreto & Cia. Livraria A Capital dos Livros, Rio de Janeiro, 1936, vol.II, pág. 320.

789 José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 2.084.
_____ Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, pág. 526, 1018.
_____ Wilhelm Meyer–Lübke, *op. cit.*, pág. 724.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. IV, pág. 435.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 769.

doença de aves: – "Muytas veces acode ás aves huma doença a que os caçadores chamão tinha; e he huma comichão e ysto he quando estão na muda, por caso de mudar-e mal;…".[790] Aparece na **cantiga número 17**.

▪ Tiririca

s.f. Espécie de planta rasteira de bordas cortantes (*Cyperus radiatus*, Vohl). Batista Caetano e Teodoro Sampaio derivam do gerúndio-supino de *tiriri*, vibrante, cortante.[791] Registram o vocábulo Tastevin,[792] Stradelli[793] e Montoya.[794] Aparece na **cantiga número 23**.

▪ Trabaiá

v. Corrutela de trabalhar, verbo *trabalhar*. A proposição mais aceita é a do latim hipotético *tripaliare*, torturar, derivado de *tripaium*, espécie de instrumento de tortura. Este étimo que vem desde 1888 com Paul Meyer, é aceito por Corominas,[795] Diego,[796] Carolina Michaëlis,[797] Nascentes,[798] José Pedro Machado,[799] Elise Richter,[800] Cornu,[801] Leite de Vasconcelos,[802]

790 Manuel Rodrigues Lapa, Livros de Falcoaria, *Boletim de Filologia*, *ed. cit.*, tomo I, 1933, pág. 234.

791 Batista Caetano, *op. cit.*, pág. 530.
_____ Teodoro Sampaio, *op. cit.*, pág. 291.

792 Constantino Tastevin, Nomes de plantas e animais em língua tupi, *Revista do Museu Paulista*, *ed. cit.*, pág. 742.

793 E. Stradelli, *op. cit.*, pág. 677.

794 Ruiz de Montoya, *op. cit.*, pág. 392.

795 J. Corominas, *op. cit.*, vol. IV, págs. 520,521.

796 Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 531, 1029.

797 Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Glossário do Cancioneiro da Ajuda, ed. cit.*, pág. 89.

798 Antenor Nascentes, *op. cit.*, vol.II, pág. 2.098.

799 José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 2.098

800 Elise Richter, *Beitrage zur Geschichte der romanismen* / Chronologische Phonetik des franzosischen bis zum Ende des 8. Jahrhunderts, Max Niemeyer Verlag, Halle (Saale), 1934, pág. 99.

801 Jules Cornu, *op. cit.*, pág. 985.

802 José Leite de Vasconcelos, *Estudos de Filologia Portuguesa*, *ed. cit.*, pág. 396.

Meyer-Lübke,[803] Cortesão,[804] Nunes.[805] Ao lado desse há outro étimo, o primeiro em ordem cronológica, que é o substantivo *trabs*, proposto por Diez.[806] A palavra aparece na **cantiga número 98**.

▪ Treição

s.f. Corrutela de *traição*, do latim *traditione*, entrega.[807] Encontra-se documentado já em 1152 nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume das *Leges et Consuetudines*[808] A forma hoje popular *treição*, existiu na língua antiga[809] e foi usada por Camões.[810] Aparece na **cantiga número 124**.

▪ Trivissia

s.f. Corrutela de *travessia*, que é termo náutico, designativo do vento de través, isto é contrário à rota que segue um navio.[811] Consequentemente, vocábulo derivado de *través*, do latim *transverse*.[812] Entretanto, na **cantiga número 66** está no lugar do vocábulo *travessura*.

▪ Tupedêra

s.f. Corrutela de *torpedeira*, vaso de guerra. Deriva do substantivo *torpedo*, arma de guerra, mais o sufixo *eira*. Aparece na **cantiga número 76**.

---

803 Wilhelm Meyer–Lübke, *op. cit.*, pág. 741.

804 A. A. Cortesão, *op. cit.*, vol.II, pág. 141.

805 José Joaquim Nunes, *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, *ed. cit.*, pág. 60.

806 Friedrich Diez, *op. cit.*, pág. 326.

807 Wilhelm Meyer–Lübke, *op. cit.*, pág. 733.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, vol.II, pág. 778.
_____ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 2.099.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. II, pág.110.
_____ Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 531, 1024.

808 *Portugaliae Monumenta Historica, ed. cit.*, volume das *Leges et Consuedines,* pág. 380.

809 Joseph Huber, *op. cit.*, pág. 58.

810 Luís de Camões, *op. cit.*, canto II, estância 17.

811 Barão de Angra, *op. cit.*, pág. 195.

812 José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 2.105.

▪ Tustão

s.m. Corrutela de *tostão*. Não obstante circular no Brasil o tostão português, esta moeda só passou a ser cunhada entre nós em 1833, por uma determinação da Regência, sendo retirada da circulação com a reforma monetária de 5 de outubro de 1942, que instituiu o *Cruzeiro*,[813] hoje reformado, com a denominação de *Cruzeiro Novo*. Com referência à origem da moeda e sua denominação, há a seguinte explicação de Viterbo: –"Moeda de ouro e prata, e que propriamente se devia chamar testão, da palavra francesa antiga *teste*, ou *teston*, nome de certas moedas daquela nação nas quais se viam as cabeças dos Reis, que as mandavam cunhar, e que tinha o mesmo valor dos nossos *tostoens*. Assim de ouro, como de prata os mandou lavrar pela primeira vez El-Rei D. Manuel: os de ouro com valor de 1.200 reis, os de prata com valor de 100 reis; e da mesma sorte os *meios tostoens;* posto que a cabeça do Principe em nenhum delles se veja cunhada".[814] Aparece na **cantiga de número 54.**

▪ Vê

v. Corrutela de *ver*, verbo *ver*. Deriva do latim *videre*, responsável pelo romeno *vadeá*; português, *ver*; italiano, *videre*, logudorês, *bidere*; engadinês, *vair*; friaulano, *vyodi*; francês, *voir*; provençal, *vezer*; catalão, *venire*; espanhol, *ver*.[815] Na língua antiga, encontra-se no *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*.[816] Aparece na **cantiga número 139**.

_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 782.

813 Yolanda Marcondes Portugal, A moeda na voz do povo, *Anais do Museu Histórico Nacional*, vol. VI, 1950, págs. 218-221.

814 Viterbo, Joaquim de Santa Rosa de, *op. cit.*, vol. II, pág. 257.

815 Wilhelm Meyer–Lübke, *op. cit.*, pág. 777.
_____ Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 811.
_____ J. Carominas, *op. cit.*, vol. IV, pág. 701.
_____ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. II, pág. 2.156.
_____ Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 548, 1.049.

816 Elza Paxeco Machado e José Pedro Machado, *op. cit.*, vol.II, pág. 191.

▪ Vorta

s.f. Corrutela de *volta*. Origem oscilante entre *voltar*,[817] o hipotético *volvita*[818] ou então como estabelece Grandgent, a evolução do latim hipotético *vultus* ou *volvitus*, ao lado de *volutus*.[819] Aparece na **cantiga número 2**.

▪ Yayá

s.f. Diminutivo de *sinhá*, corrutela de *senhora*. Ver o verbête *sinhô*. Aparece nas **cantigas números 24, 25 e 137**.

▪ Yoyô

s.m. Diminutivo de *sinhô*, corrutela de *senhor*. Ver o verbete *sinhô*. Aparece na **cantiga número 22**.

▪ Zoa

v. Zoar. Adolfo Coelho deriva, com dúvida, de *soar*.[820] Cornu[821] e Nunes[822] admitem que *zoar* existe ao lado de *soar*, acreditando que o *z* seja onomatopaico. Aparece na **cantiga número 73**.

▪ Zóio

Assimilação do *s* final do artigo plural *os* ao substantivo *óio*, corrutela de *olho*. Portanto, a expressão *os olhos* passou, na língua popular, para *o zóio*. Aparece na **cantiga número 109**.

---

817 Antenor Nascentes, *op. cit.*, pág. 820.
____ José Pedro Machado, *op. cit.*, vol. I, pág. 836.

818 Vicente Garcia de Diego, *op. cit.*, págs. 556, 1056.

819 C. H. Grandgent, *op. cit.* pág. 267.

820 Francisco Adolfo Coelho, *op. cit.*, pág. 1.238.

821 Jules Cornu, *op. cit.*, pág. 985.

822 José Joaquim Nunes, *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa, ed. cit.*, pág. 95.

Aspecto folclórico

Nas cantigas de capoeira, o elemento folclórico é algo marcante e em todas elas soa freneticamente, aos ouvidos de quem as escuta. A incidência sobre temas esparsos do nosso folclore não permitiu um agrupamento geral em blocos, para melhor apreciação, entretanto isso foi possível com a maioria, surgindo daí o agrupamento em Cantigas geográficas, Cantigas agiológicas, Cantigas de louvação, Cantigas de sotaque e desafio, Cantigas de roda e Cantigas de peditório.

Dentre as cantigas de temas esparsos, estão as que se referem ao jogo da capoeira e ao capoeira, cujo tema já foi estudado anteriormente. São as de números **5, 41, 46, 51, 52** e **113**. A de **número 5** se refere à *iuna*, toque de capoeira e ao capoeira, em sua ação delinquente, ação essa relatada nas cantigas de números **41** e **66**. As de números **51** e **52** são louvação ao mestre de capoeira. Finalmente a de **número 113** se refere aos golpes chamados *jogo de baixo* e *jogo de cima*. Ainda dentro do tema capoeira, está o berimbau nas cantigas de números **9, 10, 54, 55, 56** e **66**. Nas de **números 9** e **10** é invocado sob o nome de *gunga*. Nas restantes, o instrumento aparece como peça importante, mas agora com o nome mais vulgar que é *Berimbau*. O berimbau não esta somente nas cantigas de capoeira, pelo contrário sua presença se faz mais frequente entre os violeiros, nas cantigas de desafios. Do cego Sinfrônio Pedro Martins, Leonardo Mota colheu esta sextilha:

Eu, atrás do cantadô,
Sou como ábêia por pau,
Como linha por agúia,
Como dedo por dedal
Como chapéu por cabeça,
E nêgo por berimbau.[823]

823 Leonardo Mota, *Vaqueiros e Cantadores*, *ed. cit.*, pág. 36.

Ainda Leonardo Mota, em *Violeiros do Norte*, registra outra sextilha, onde aparece o berimbau:

Há uns cem anos atrás,
O tempo não era mau:
Lavavam roupa com cinza,
Guardavam louça em jirau,
Gaita era um bom instrumento,
Tinha valor berimbau.[824]

No Auto do Bumba Meu Boi ou Boi Surubi, recolhido por Gustavo Barroso, há a seguinte quadra:

Mané Gostoso,
Perna de pau,
Que dança e toca
No berimbau![825]

Finalmente, Sílvio Romero registra uma quadra popular onde ele aparece:

Escutou e fez sentido,
Atrepou depois num pau,
E toca a sericoria,
Parecendo berimbau![826]

824 Leonardo Mota, *Violeiros do Norte*, *ed. cit*., pág. 140.
825 Gustavo Barroso, *Ao som da viola*, *ed. cit*., pág. 231
826 Sílvio Romero, *Cantos populares do Brasil*, *ed. ci*t., vol. I, pág. 259.

Bem como no estribilho do Reisado da Borboleta, do Maracujá e do Pica-Pau, recolhido em Sergipe:

Sinhá Maninha
De Campos de Minas,
Sinhô Mané, Corta-Pau,
Berimbau.[827]

Do berimbau com o nome de gunga, só encontrei, no *Moçambique* recolhido por José A. Teixeira, em Goiás, mesmo assim no gênero feminino:

Piou na ponte
A ponte teremeu
Dibaixo da ponti
O Canguçu gemeu.
Tempera a língua
Língua de mamãi
Esta gunga
Papai é qui mandô.[828]

A superstição, mui característica do nosso povo, não podia deixar de estar presente nas cantigas de capoeira. Assim, nas de números **72** e **113** aparece o hábito de se ter de benzer ou fazer o *pelo sinal*, quando se está diante de qualquer coisa, má ou escabrosa. No caso da de **número 72** é o marimbondo, na de **número 13** é a presença do famoso e perigoso capoeirista *Besouro*.

Personagem que anda na boca do povo brasileiro, mui especialmente o baiano, é Pedro Cem, cuja vida é cantada em prosa e verso. É visto pela imaginação popular como pessoa prepotente e mais que isso a

827 Sílvio Romero*, Cantos populares do Brasil, ed. cit.*, vol. I, págs. 336-337.

828 José A. Teixeira*, Folclore Goiano, ed. cit.*, pág. 70.

representação humana da sovinice. Cascudo, além de publicar uma foto da Torre de Pedro Cem, dá uma ligeira notícia do famigerado sovina, informando que nasceu no Porto lá mesmo falecendo a 9 de fevereiro de 1775. "Pedro Sem da Silva, o Pedro Cem, residia na Rabaleira perto da cidade. Era riquíssimo mas empobreceu, relativamente, sem que jamais chegasse à miséria. Viveu e morreu abastado. Seus três filhos herdaram e morreram ricos, especialmente Vicente Pedro Sem, grande proprietário no Douro".[829] A **cantiga número 63** é um resumo de sua vida. Cascudo recolheu uma enorme e importantíssima estória de Pedro Cem, da qual há inúmeros resumos espalhados por toda parte, mui especialmente nos cantos de capoeira, a qual vai transcrita adiante:

Vou narrar agora um fato
Que há cinco séculos se deu
De um grande capitalista
Do continente europeu,
Fortuna que como aquela,
Ainda não apareceu.

Pedro Cem era o mais rico,
Que nasceu em Portugal,
Sua fama enchia o mundo
Seu nome anda em geral,
Não casou-se com rainha
Por não ter sangue real.

Em cada país do mundo
Possuía cem sobrados,
Em cada banco ele tinha
Cem contos depositados,
Ocupava mensalmente,
Dezesseis mil empregados.

Em prédios, dinheiro e bens
Era o mais que havia,
Nunca deveu a ninguém
Todo mundo lhe devia,
Balanço em sua fortuna
Querendo dar não podia.

Em cada rua ele tinha
Cem casas para alugar,
Tinha cem botes no porto
E cem navios no mar,
Cem lanchas e cem barcaças,
Tudo isto a navegar.

Tinha cem fábricas de vinho
E cem alfaiatarias,
Cem depósitos de fazendas
Cem moinhos e cem padarias
E tinha dentro do mar,
Cem currais de pescarias.

829 Luís da Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro, ed. cit.*, pág. 691.

Diz a história aonde eu li
O todo desse passado,
Que Pedro Cem nunca deu
Uma esmola a um desgraçado
Não olhava para um pobre,
Nem falava com criado.

Uma noite teve um sonho
Um rapaz o avisava
Que aquele orgulho dele
Era quem o castigava
Aquela grande fortuna
Assim como veio voltava.

Ele acordou agitado
Pelo sonho que tinha tido,
Que rapaz seria aquele?
Que lhe tinha aparecido.
Depois pensou, ora! sonho,
É devaneio do sentido.

Um dia, no meio da praça
Ele a uma moça encontrou,
Essa vinha quase nua,
Aos pés se ajoelhou
Dizendo: senhor? olhai!
O estado em que estou.

Ele torceu para um lado
E disse: minha senhora?
Olhe sua posição!
E veja o que faz agora
Reconheça seu lugar,
Levante-se e vá embora.

Oh! senhor por esse sol
Que de tão alto flutua,
Lembrai-vos que tenho fome
Estou aqui quase nua,
Sou obrigada a passar,
Nesse estado em plena rua.

Ele repleto de orgulho
Não deu ouvido, saiu,
A pobre ergue-se chorando
Chegou adiante caiu,
Vinha passando uma dama
Que com o manto a cobriu.

Era a marquesa de Evora
Uma alma lapidada,
Tirando o seu rico manto
Cobriu essa desgraçada,
Ali conheceu que a pobre,
Foi pela fome prostada.

Levante-se minha filha
E pegando-lhe pela mão,
Dizendo a criada a ela:
Vá ali comprar um pão
Que a essa pobre infeliz,
Falta alimentação.

Entregando-lhe uma bolsa
Com quarenta e dois mil réis.
Apenas tirou dali
Um diploma e uns papéis
Não consentindo que a moça
Se ajoelhasse aos seus pés:

E com aquela quantia
Ela comprou um tear,
Tinha mais duas irmãs
Foram as três trabalhar
Dali em diante mais nunca,
Faltou-lhe com que passar.

Vamos agora tratar
Pedro Cem como ficou
E o nervoso que sentiu
Uma noite que sonhou
Que um homem lhe apareceu
E disse olhe bem quem eu sou.

Que tens feito do dinheiro
Que tomaste emprestado?
Meu senhor mandou saber
Em que o tens empregado?
E por qual razão cumpriu
As ordens que ele tem dado?

Ele perguntou no sonho
Mas que dinheiro eu tomei,
Até aos próprios monarcas
Dinheiro muito emprestei,
O vulto zombando dele,
Disse: quem tu és eu sei.

Que capital tinhas tu
Quando chegastes ao mundo?
Chegastes nu e descalço
Como o bicho mais imundo
Hoje queres ser tão nobre,
Sendo um simples vagabundo.

E metendo a mão no bolso
Tirou dele uma mochila,
Dizendo é esta a fortuna
Que tu hás de possuí-la,
Farás dela profissão,
Pedindo de vila em vila.

Pedro Cem sonhando disse:
Ave agoureira te some
Tua presença me perturba
Tua frase me consome
De qual mundo tu vieste?
Diz-me por favor teu nome.

Meu nome, disse-lhe o vulto
És indigno de saber",
Meu grande superior
Proibiu-me de dizer
Apenas faço o serviço
Que ele me manda fazer.

Despertando Pedro Cem
Daquilo contrariado,
Ter dois sonhos quase iguais
Ficou impressionado,
Resolveu contrafazer,
E ficar reconcentrado.

Pensou em tirar por ano
Daquela grande riqueza
Sessenta contos de réis
E dar de esmola à pobreza
Depois refletindo, disse:
Não me dá maior franqueza.

Porque ainda mesmo Deus
Querendo me castigar,
Não afundará num dia
Meus cem navios no mar,
As cem fazendas de gado,
Custarão a se acabar.

As cem fábricas de tecidos
Que tenho funcionando,
Os parreirais de uvas
Que estão todos safregando,
Cem botes que tenho no porto
Todo dia trabalhando.

Cem armazéns de fazendas
As cem alfaiatarias,
As cem fundições de ferro
Cem currais de pescarias
Os cem moinhos, cem padarias.

E as centenas de contos
Nos bancos depositados,
E tudo isso em poder
De homens acreditados
Ainda Deus querendo isso
Seus planos eram errados.

Pedro Cem naquela hora
Estava impressionado,
Quando aproximou-se dele
O seu primo criado,
E disse aí tem um homem,
Diz vos trazer um recado.

Manda que entre a pessoa
Ele ao criado ordenou:
Era um marinheiro velho
Chegando ali o saudou,
Que novas traz, meu amigo?
Pedro Cem lhe perguntou.

Disse o velho marinheiro:
Venho-vos, participar,
Que dez navios dos vossos
Ontem afundaram no mar
Morreram as tripulações,
Só eu me pude salvar.

Que navios foram esses?
Perguntou-lhe Pedro Cem,
Respondeu o marinheiro:
Foi "Tejo" e "Jerusalém"
E "Douro" e "Penafiel"
Os outros eu não sei bem.

Aquele inda estava ali
Outro portador bateu,
O empregado das vacas
Contou o que sucedeu;
Incendiaram os cercados
E todo o gado morreu.

Pedro Cem nada dizia
Ficando silencioso,
Apenas disse: na terra
Não há homem venturoso,
Quem se julga mais feliz
É pior que cão leproso.

Chegou outro portador
O empregado da vinha,
Disse o depósito estourou
Vazou o vinho que tinha
Pedro Cem disse: meu Deus!…
Que sorte triste esta minha.

Saiu aquele entrou outro
Era um coronel norueguês,
Disse nos mares do norte
Andava um pirata inglês,
Noventa navios vossos
Tomou ele de uma vez.

Meu Deus!… Meu Deus!… que fiz eu
Exclamava Pedro Cem
Não há homem nesse mundo
Que possa dizer vou bem,
Quando menos ele espera
A negra desgraça vem.

Dos cem navios que tinha
Alguns foram afundados
E outros pelos piratas
Nos mares foram tomados
Acrescentou a pessoa:
Vinham todos carregados.

Ali mesmo veio o mestre
Da barca "Flor do Mundo"
Esse fitou Pedro Cem
Com silêncio profundo
Depois disse: senhor marquês?
Dez barcaças foram ao fundo.

Quatro vinham carregadas
Com bacalhau e azeite,
Duas vinham da Suécia
Com queijo, manteiga e leite,
De todas as mercadorias
Não tem uma que se aproveite.

Quatro das dez que afundaram
Traziam pérola e metal,
Só da Ilha da Madeira
Vinha um milhão em coral
Topázio, rubi, brilhante,
Ouro, esmeralda e cristal.

Pedro Cem baixou a vista
Nada pôde refletir,
Exclamou que faço eu?
Devo deixar de existir,
Mas matando-me não vejo,
Isso até onde pode ir.

Chegou o moço de campo
Tremendo e muito assustado
E disse: senhor marquês
Venho aqui horrorizado
Deu murrinha nas ovelhas
E mal triste em todo gado.

Naquele momento entrou
Um rapaz auxiliar,
Esse puxando um papel
Disse: venho procurar,
Tudo quanto se perdeu
Na barca "Ares de Mar".

Pedro Cem perguntou quanto
Tirou o moço uns papéis
Que se lia entre brilhantes
Pulseiras, colares, anéis,
Um milhão e quatrocentos
E vinte contos de réis.

Entrou outro auxiliar
Disse eu quero pagamento,
Por tudo que se perdeu
No navio "Chave do Vento"
Que vinha da América do Norte
Com grande carregamento.

Chegou um tabelião
Dá licença sr. Marquês?
Venho lhe participar
Que o grande Banco Francês,
Dois Alemães, três Suíços,
Quebraram todos de vez.

Lá se foi minha fortuna
Exclamava Pedro Cem,
Ontem fui milionário
Hoje não tenho um vintém
Só mesmo na campa fria,
Eu hoje estaria bem.

Dando balanço nos bens
Que até desesperam.
Tudo quanto possuía
Não dava para pagar
Nem pela décima parte
Os prejuízos do mar.

Exclamava: oh! Pedro Cem
Que será de ti agora!
No pouco que me restava
A justiça fez penhora,
Pedro Cem de agora em diante
Vai errar de mundo afora.

Carpir esta sorte dura
Que a desventura me deu,
Talvez muitas vezes vendo
Aquilo que já foi meu.
Em lugar que não se saiba
Quem neste mundo fui eu.

Ali no terraço mesmo
Forrando o chão se deitou
As onze e meia da noite
O sono conciliou
No sono sonhando viu,
O rapaz que lhe falou.

Aquele perguntou, Pedro
Como te foste de empresa,
Já estás conhecendo agora
Quanto é grande a natureza?
Conheceste que teu orgulho
Foi quem te fez a surpresa?

Metendo a mão na algibeira
Dali um quadro tirou
Onde havia dois retratos
Que a Pedro Cem os mostrou
Conheces esses retratos?
O rapaz lhe perguntou.

Via-se naquele quadro
Uma dama bem vestida
Pedro Cem disse por sonho:
Essa é minha conhecida
A outra uma moça pobre
Com fome no chão caída.

Perguntava-lhe o rapaz:
Quem é esta conhecida?
E a marquesa de Evora
E esta que está caída?
Essa? é uma miseravel,
Dessa classe desvalida.

O rapaz puxa outro quadro
Verde cor de esperança,
Onde via-se uma monarca
Suspendendo uma balança
Estava pesando nela
Caridade e esperança.

Mostrou-lhe mais quatro quadros
Que Pedro Cem conheceu,
Tinha a marquesa de Evora
Quando a bolsa à pobre deu
Que estirou a mão dizendo:
Toma este dinheiro que é teu.

No quadro via-se um anjo
Assim nos diz a história,
Com uma flor onde se lia:
Jardim da eterna glória,
Presenteado por Deus,
Esta palma de vitória.

Quem planta flores tem flores
Quem planta espinho tem espinho
Deus mostra ao espírito fraco
O que nega ao mesquinho,
A virtude é um negócio
A boa ação um pergaminho.

Depois que ele acordou
Triste impressionado,
Interrogava a si próprio
Por que sou tão desgraçado?
Achou na cama a mochila,
Com que tinha sonhado.

Será esta a tal mochila
Que o fantasma me mostrou;
É esta que o homem em sonho
Em desespero exclamou:
Na noite em que a cruel sina,
Por sonho me visitou.

De tudo restava apenas
A casa de moradia,
Essa mesmo embargaram
Antes de findar-se o dia
Então disse Pedro Cem,
Cumpriu-se a profecia.

Lançando a mão na mochila
Saiu no mundo a vagar
Implorando a caridade
Sem alguém nada lhe dar,
Por umas cinco ou seis vezes
Tentou se suicidar.

Ele dizia nas portas:
Uma esmola a Pedro Cem,
Que já foi capitalista
Ontem teve, hoje não tem
A quem já neguei esmola
Hoje a mim nega também.

Foi ele cair com fome
Em casa daquela moça,
Quando foi à porta dele
Com fome, frio e sem força,
Que ele não quis olhá-la
A marquesa deu-lhe a bolsa.

A criada o viu cair
Exclamou: minha senhora!
Ande ver um miserável
Que caiu de fome agora,
Onde? perguntou a moça
Ama disse: ali fora.

A moça disse à criada:
Que trouxesse leite e pão
Aproximando-se dele
Disse: o que tens meu irmão
Bateste em todas as portas
Não encontraste cristão.

Senhora! se vós soubésseis
Quem é esse desgraçado,
Não abrirás a porta
Nem me davas esse bocado.
Respondeu ela: conheço,
Mas eu esqueço o passado.

Me recordo que a marquesa
Fez minha felicidade,
Viu-me caída com fome
Teve de mim piedade,
Deu-me com que comprar pão
E esta propriedade.

Pedro Cem se levantou
Disse obrigado e saiu,
Andando duzentos passos
Tombou por terra, caiu
E umas frases tocantes,
Em alta voz proferiu:

"Vai unir-se à terra fria
O que não soube viver
Soube ganhar a fortuna
Mas não soube perder
Se tenho estudado a vida
Tinha aprendido a morrer.

Foi como a corrente d'água
Que pela serra desceu,
Chegou o verão e secou
Ela desapareceu,
Ficando só os escombros
Por onde a água correu.

Eu tive tanta fortuna
Não socorria a ninguém,
A todos que me pediram
Eu nunca dei vintém,
Hoje preciso pedir,
Não há quem me dê também.

Não desespero, pois sei
Que grandes rimas hoje expio,
Nasci em berços dourados
Dormi em colchão macio
Hoje morro como os brutos
Neste chão sujo e frio.

Foram as últimas palavras
Que ele ali pronunciou,
Margarida aquela moça,
Que a marquesa embrulhou
Botou-lhe a vela na mão
Ele ali mesmo expirou.

A justiça examinando
Os bolsos de Pedro Cem,
Encontrou uma mochila
E dentro dela um vintém
E um letreiro que dizia:
Ontem teve e hoje não tem.[830]

Cantigas de escárnio e de mal dizer

As cantigas de escárnio e de mal dizer, correntes nos cantos de capoeira, povoam os cancioneiros medievais portugueses, infelizmente trancafiadas, em parte, a sete chaves nos arquivos, sob o pretexto de obscenas. No período que vai de 1896 a 1905, a grande Carolina Michaëlis de Vasconcelos escreveu cerca de 15 artigos na *Zeitschrift für Romanischen Philologie*, sob o título de *Randglossen zumaltportugiesischen Liederbuch* onde publica e comenta algumas dessas cantigas proíbidas. Mais tarde, em 1904, quando editou o *Cancioneiro da Ajuda*, incluiu inúmeras delas. Mas, para alegria de todos e maior esclarecimento de nossa lírica medieval, mestre Rodrigues Lapa vem de publicar *Cantigas D'escarnho e de mal dizer*

830 Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e Cantadores, ed.cit.,* págs. 206-211.

dos cancioneiros medievais galego-portugueses,[831] em edição crítica, onde essas cantigas malditas vêm a lume, sem a preocupação de ferir o pudor, o que não causou senão prejuízo à nossa literatura medieval. Esse tipo de cantiga, na capoeira, está representada pelas de números **13**, **17**, **26, 27 28, 29**, **33**, **38**, **43**, **57**, **65**, **68**, **83**, **91**, **109**, **110 e 131**.

As de números **13**, **27, 28**, **110 e 131** se referem a cor negra, como símbolo do desprezível, do malefício, do diabo, partindo dessa premissa para toda espécie de escárnio. Em Portugal o fenômeno é muito comum. Leite de Vasconcelos chama atenção disso ao comentar a cantiga de regaço e de berço:

Vai-te embora Papão negro,
Deixa o menino dormir:
Venham os Anjinhos do Céu
Ajudá-lo a cobrir.[832]

Fazendo alusão ao hábito existente também na Alemanha, com certos animais, como o cão pastor e as ovelhas. Com referência às ovelhas existe caso idêntico no Brasil, onde se fala da *ovelha negra* do rebanho, que na Alemanha se usa para aterrar as crianças. Para ilustrar suas observações, Carolina Michaelis, conforme afirma, cantou para ele esta cantiga de berço, onde a ovelha negra vem como elemento aterrador:

Schlaf, Kindchen, schlaf!
Da draussen stehn zwei Schaf(e),
Ein schwarzes und ein Weisses
Und wenn das Kind nicht artig ist,
So kommt das schwarzes und beisst es.[833]

---

831 Manuel Rodrigues Lapa, *Cantigas D'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. Edição crítica pelo Prof. M. Rodrigues Lapa. Editorial Galáxia, Colección Filoxica, Coimbra, 1965.

832 José Leite de Vasconcelos, *"Canção de Berço / Segundo a tradição popular portuguêsa", in Revista Lusitana, ed. cit*., vol.X, 1907, pág. 36.
_____ José Leite de Vasconcelos, idem*, in Opúsculos/ Etnologia* (parte II) vol.VII, *ed. cit*., pág. 840.

833 José Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, ed. cit., vol. VII, pág. 896.

No Brasil, de um modo geral, o bicho preto tirado para a superstição foi o bode, que se faz associação a uma deidade periculosa africana chamada Exu e o galo preto que é o animal consagrado a esse deus. Inclusive essa deidade é concebida em cor negra.

A de **número 17** é uma cantiga de escárnio, onde se maltrata alguém desejando as piores doenças, como *tinha*, *doença do ar*, *sarna* e *praga de galinha*. Nos cancioneiros medievais portugueses, há uma cantiga de autoria de Pero Viviaez, onde se escarnece um pobre homem pelas doenças que tinha, semelhante a da **cantiga número 17**, devido às suas práticas homossexuais:

Vós, que por Pero Tinhoso preguntardes
dele saber novas certas per mim, poi-las non sabedes,
achar-lh'-edes tres sinaes per que o conhoscerdes;
mais esto que vos eu digo non vo-lo sabia nengũu:
aquel é Pero Tinhoso que traz o toutiço nũu
e traz o cancer no pisso e o alvarez no cuu.

Ja me por Pero Tinhoso perguntastes noutro dia
que vos dissess'eu d'el novas, e enton as sabia,
mais por estes tres sinaes quen-quer o conhesceria;
mais esto que vos en digo non vo-lo sabia nengũu:
aquel é Pero Tinhoso que traz o toutiço nũu
e traz o cancer no pisso e o alvarez no cuu.

Vós, que por Pero Tinhoso mi ora íades perguntando
que vos dissess'end'el novas, ir-vo-las quer'eu escançando
achar-lh'-edes tres sinaes, se lhe ben fordes catando,
mais esto que vos eu digo non vo-lo sabia nengũu:
aquel é Pero Tinhoso que traz o toutico nũu
e traz o cancer no pisso e o alvarez no cuu.[834]

834 Manuel Rodrigues Lapa, *op. cit.*, pág. 588.

Este problema de praga com moléstia é também comum entre os cantadores. Em Leonardo Mota, no desafio que editou de Rodrigues de Carvalho e Maria Tebana, há uma sextilha dessa espécie:

Eu cumo ja tou com raiva,
Te rogo uma praga ruim:
Deus primita que te nasça
Bouba, sarampo e lubim,
Procotó, bicho de pé,
Inchaço e molestia ruim.[835]

Ainda nesta cantiga há referência à *praga de galinha*, que é uma espécie de parasita dos galináceos, de percepção invisível e que incomoda terrivelmente, passeando pelo corpo humano, deixando uma sensação desagradável, fazendo com que as pessoas fiquem irritadas. Quanto à *doença do ar*, que é uma espécie de congestão cerebral, está bastante espalhada no folclore, com uma infinidade de rezas e benzeduras, sobre a qual há uma síntese feita por Fernando São Paulo.[836] Piso a ela se refere.[837] O processo folclórico de cura já vem de longe. Dele há notícia nas *Denunciações da Bahia de 1591 a 1593*, quando da denúncia contra *Mecia Roiz* a 4 de novembro de 1591.[838]

As cantigas de números **26**, **65 e 68** falam da mulher, quer no seu comportamento moral para com o marido, quer no seu ciúme doentio de mulher. O tema é objeto de canto também dos violeiros. Anísio Melhor recolheu do famoso cantador Zé Gamela esta quadra:

835 Leonardo Mota, *Cantadores*, *ed. cit.*, pág. 172.

836 Fernando de São Paulo, *op.cit.*, vol. I, págs. 99-106.

837 Guilherme Piso, *História Natural do Brasil, ed. cit.,* pág. 23.

838 *Primeira Visitacão do Santo Ofício às Partes do Brasil*, pelo Licenciado Heitor Furtado de Mendonça – Denunciação da Bahia 1591/1593, São Paulo, 1925. pág. 553.

Quem ama a mulhé casada
Não tem a vida segura:
Ou mata, ou morre, ou se some,
Se engorda perde a gordura.[839]

Em Portugal, Leite de Vasconcelos recolheu na Granja Nova, concelho de Mondim da Beira, em março de 1877, o romance *A Mulher Falsa ao Homem*, cujo texto é o seguinte :

Indo eu para a campanha,
Esqueceu-me a espingarda;
Tornei para atrás por ela,
Achei a porta fechada.
– Ó mulher abra lá a porta,
Que me esqueceu a espingarda.
(Ninguém responde)
Arrombei-a co'o ombro esquerdo,
Atirei co'ela ao meio da casa.

– Que é isto, ó mulher?
Que vai cá por nossa casa?
– Cala-te lá, ó marido,
Temos a vida arranjada,
Que um senhor religioso
Prometeu capote e saia.
– Mulher que tal fala dá
Merece ser queimada
Em trinta carros de palha,
E outros tantos de ramalha.
(O homem matou a mulher).[840]

839 Anísio Melhor, *Violas* /Contribuições ao estudo do folclore Baiano, Imprensa Vitória, Bahia, 1935.

840 José Leite de Vasconcelos, "Romances populares portuguêses coligidos de tradição oral (1880)", *in Opúsculos / Etnologia* (Parte II) vol. VII, *ed. cit.*, pág. 952.

A **cantiga número 65** encontra-se entre os cantadores. Leonardo Mota recolheu em Quixadá, da boca de um negro chamado Severino, as seguintes sextilhas, como sendo as únicas coisas de sua autoria:

Ha quatro coisa no mundo
Que afragela um cristão:
É uma muié ciumenta,
É um menino chorão,
É uma casa que goteja
E é um burro topão.
O menino se acalenta,
A casa a gente reteia,
O burro se apara os casco,
Tudo isso se arremedeia:
Mas o diabo da muié
Só se indo com ela à peia![841]

Falando mal, de um modo geral, das pessoas ou duvidando da masculinidade, atribuindo alcoolismo a alguém, é o que se vê nas cantigas números **33**, **38**, **43**, **57**, **83 e 91**. Finalmente a **cantiga número 109**, além de ser terrivelmente escarnosa é, ao mesmo tempo, pornográfica, encontrando paralelo nos cancioneiros medievais portugueses, nesta cantiga de Afonso Eanes do Coton:

Marinha, en tanto folegares
tenho eu por desaguisado;
e sõo mui maravilhado
de ti, por non (ar) rebentares:
ca che tapo eu (d) aquesta minha
boca a ta boca, Marinha;
e con estes narizes meus
tapo eu, Marinha, os teus;
e co'as mãos as orelha,
tapo-t'ao primeiro sono
da mia pissa o teu cono,
como me non vej'a nengũu,
e dos colhões esse cuu.
Como non rebentas, Marinha?[842]

841 Leonardo Mota, *Violeiros do Norte*, *ed. cit.*, pág. 252.
842 Manuel Rodrigues Lapa, *op. cit.*, pág. 88.

Cantigas de berço

No Brasil, as cantigas de berço, regaço e acalentar são inúmeras não só as trazidas pelos portugueses, como as modificadas pela boca africana. Lembro-me bem, quando criança, ouvir várias delas como:

Sussu cambê
Bê ê, bê ê, bê
Vem pegá esse minino
Bê ê, bê ê, bê

Qui não qué durmí
Bê ê, bê ê, bê
E só qué chorá
Bê ê, bê ê, bê.

Su, su, sussu
Minino Mandu
Cara de gato
Nariz de piru.

Esse minino
É do ceu não se cria
Tem um buraco
No cu qu'ele assuvia.

Esse minino
Não dorme na cama
Dorme no regaço
De Senhora Santana.

Chuvê, chuvê,
Ventá, ventá
Quem te pariu
Que te dê o qui mamá.

Da penúltima dessas cantigas existe semelhante em Valpaços, em Portugal:

Minino bonito
Não dorme na cama
Dorme no regaço
Da Virgem Santana.[843]

Da última, Sílvio Romero colheu, aqui na Bahia, a seguinte variante:

Chover, chover,
Ventar, ventar...
é nos braços de Maria
Qu'eu me quero acalentar.[844]

Dentre as cantigas de capoeira assim enquadradas, está a de **número 6.**

Cantigas de devoção

As cantigas de devoção existentes na capoeira são um gênero comuníssimo em Portugal. Excelente coleta fez J. Osório da Gama e Castro, sobressaindo-se como as mais curiosas as de *A Senhora de Couto*, *A Senhora da Lomba* e *O Senhor do Calvário*.[845]

Nas de capoeira, as de números **3** e **53** tem como invocação *São Cosme* e *São Damião*, santos popularíssimos na Bahia, sincretizados com o deus gêgê-nagô *Ibeji*, o qual tem ritual no Candomblé fundado pela finada Flaviana Maria da Conceição Bianchi, chamado *Corda de Beji*. É festejado, sincreticamente, a 25 de setembro havendo antes a famosa *Missa Pedida*, que a verve popular aproveita para se divertir, dizendo:

843 José Leite de Vasconcelos, *Canção de Berço*, *ed. cit*., pág. 844.

844 Sílvio Romero, *ed. cit*., vol. II, pág. 499.

845 J.C. (J.Osório da Gama e Castro), "Cantigas Devotas", *in Revista Lusitana*, 1900–1901, vol. VI, págs. 255-261.

Missa Pedida,
São Cosme, São Damião:
Um é corno, outro é ladrão.

Nas residências familiares, há o célebre *caruru de São Cosme*, que em algumas casas se dá um tom meio ritualístico, dentro do espírito africano. Assim, antes de tirar a comida para colocar no alguidar dos santos, tira-se um pouco de cada coisa, embrulha-se em folhas de bananeira e se joga numa encruzilhada para Exu. Após então é que se tira a do santo e a dos *sete meninos*, que é colocada numa bacia de alumínio no chão, vindo os referidos meninos, levantando e arriando três vezes com o seguinte canto:

Vamos levantá
O Cruzêro de Jesus
Aê, aê
Aos pés da Santa Cruz.

Findo isso, servem-se do que há na bacia, ao som das seguintes cantigas:

Dois dois
É minino vadio
Dois dois
Ele qué vadiá.

Quando eu vim
De lá de cima
Encontrei São Damião
Carregadinho de cabaça
Com as cabaças na mão
Underê Damião
Com as cabaças na mão
Underê Damião
Com as cabaças na mão.

Cosme Damião
Doú e Alabá
Ajude a vencê
Essa batalha riá.

Há uma série de fatos inéditos referentes à dupla São Cosme e São Damião, mas que, infelizmente, não cabe aqui desenvolver. Há também uma extensa bibliografia sobre o assunto.

As cantigas de números **8**, **11**, **35**, **114**, **122 e 138** são invocativas da proteção de *São Bento*, contra mordedura de cobra, tradição essa espalhada por todo o território nacional. Lembro-me bem, quando garoto, ouvir sempre se dizer, *está preso pelos cordões de São Bento*, três vezes, quando se via passar um bicho peçonhento, a fim de que ficasse imóvel e se pudesse matá-lo. Oswaldo Cabral traz uma série de orações de São Bento, contra cobras e animais venenosos, as quais são de caráter preventivo e curativo.

Nas cantigas de capoeira, as invocações a São Bento são de caráter preventivo. Dentre as de caráter preventivo publicadas por Oswaldo Cabral está a que se segue:

Meu glorioso São Bento,
que subiste ao altar,
desce de lá,com tua água benta e
benze os lugares por onde eu andar,
afugenta as cobras e bichos peçonhentos:
que não tenham dentes para me morder nem olhos para me olhar.
Valha-me, São Bento, Filho,
valha-me meu Anjo da Guarda e
valha-me a Virgem Maria. Amém.[846]

As de números **28 e 40** são invocação a Nossa Senhora e Santa Maria, a mais frequente e a mais antiga de todas as invocações, datando dos primórdios da colonização. Finalmente, a **cantiga número 102** fala da *oração de São Mateus*. Nunca ouvi nenhuma oração ou crendice ligada a

846 Oswaldo Cabral, *A Medicina Teológica e as Benzeduras* / suas raízes na história e sua persistência no folclore / Separata da *Revista do Arquivo*, n° CLX, Departamento de Cultura, São Paulo, 1958, pág. 165.

esse apóstolo, na Bahia. Entretanto, Oswaldo Cabral, na série de orações para cessar hemorragias, dá uma dezena de orações de São Mateus, com tal finalidade, como a que se segue:

Estavam São Lucas e São Mateus,
Sevando ervas em campos seus;
Cortou-se Lucas, disse Mateus:
– Que tanto sangue!
Sangue, põe te em ti
Como Jesus Cristo se põe em si;
Sangue, põe te nas veias,
Como Jesus Cristo se pôs na sua Santa Ceia com seus doze apóstolos;
Sangue, põe-te no corpo, como Jesus se pôs na hora da sua morte;
Em nome das Três Pessoas da Santíssima Trindade,
Que é Deus Pai, Filho e Espírito Santo.[847]

Cantigas agiológicas

Agrupei sob a denominação de *Cantigas agiológicas* todas as cantigas que se referem a santos católicos ou personagens bíblicas, em que detalhes ou toda história de suas vidas são mencionadas direta ou indiretamente, nessas cantigas.

A personagem bíblica *rei Salomão* é mencionada nas cantigas números **3**, **53**, **60** e **70**, pela sua lendária sabedoria. São Bento, abade falecido no ano 543, é invocado pela crença que se tem de que advoga contra as cobras e bichos peçonhentos, nas cantigas números **8**, **35**, **111**, **114**, **122 e 138**. *Nossa Senhora* e *Santa Maria* são invocadas, tendo em vista o instinto materno de que pode interferir junto a Deus, seu filho, como se vê nas cantigas números **28 e 40**. *Adão* e *Salomé*, personagens bíblicas, estão presentes na **cantiga número 61**, sem qualquer exploração, a não ser da

847 Oswaldo Cabral, *op.cit.*, pág. 131.

sua grande presença no fabulário do povo baiano. Finalmente, o apóstolo *São Pedro*, como soldado de Cristo que foi, é assim mencionado na **cantiga número 70**.

Cantigas geográficas

Cantigas focalizando vilas, cidades, estados e países estão não só nas cantigas de capoeira, como em cantos outros do folclore. Anísio Melhor coletou as seguintes quadras, em que falam de várias localidades da Bahia e do Brasil:

Caixa-Pregos tem baleia,
S. Amaro tem xangó
Jaguaripe petitinga,
Nazaré tem mocotó.

No Mundo Novo tem bota,
No Camisão tem jabá,
Capote na Fortaleza
Relógio no Pindobá.

Piauí pra criá boi,
Pajeú pra valentão
Mata do Sul pra cacau
S. Estevam pra ladrão.

Nova Lage pra canário,
Amargosa pra café,
Pra sabiá Água-Branca
S. Felipe pra muié.[848]

As cantigas de capoeira de números **2 e 66** mencionam o *Rio de Janeiro*, o qual é também muito cantado em Portugal nas seguintes cantigas:

848 Anísio Melhor, *op. cit.*, pág. 44.

Já não há papel em Braga,
Nem tinta no tinteiro,
P'ra escrever ao meu amor
Para o Rio de Janeiro.

Aquele navio novo,
Que se fez no estaleiro,
E que me há de a mim levar
Para o Rio de Janeiro.

Tu dizes que não há rosas
Lá no Rio de Janeiro?
Inda ontem tirei uma
Do peito dum marinheiro.

Vila Nova já foi vila
Agora e um chiqueiro:
Quem quiser moças bonitas
Vá ao Rio de Janeiro.[849]

Luanda, cuja aparição é na **cantiga número 2**, está fartamente representada em nosso folclore:

Ó lelê! Ó lelê
Ó pretinhos de Luanda!

Filho do Rei Catroquês
Afilhado de Maria,
Almirante de Luanda,
Embaixador da Turquia![850]

849 J.C. (J. Osório da Gama e Castro), *op. cit.*, vol. VI, págs. 271-331; Vol. VII, pág. 58.

850 Gustavo Barroso, *op. cit.*, págs. 202, 207, 217.

A *ilha de Maré*, que vem mencionada nas **cantigas números 61 e 64**, já vem sendo cantada de há muito, haja vista Botelho de Oliveira, o primeiro poeta brasileiro cronologicamente, nascido na Bahia em 1636, na referida ilha. O *Japão* aparece nas **cantigas números 76 e 78**, por influência dos comentários da imprensa, no que tange à eterna rusga em que viviam a China e o Japão e também pelo fato de na Segunda Guerra Mundial esse país estar em posição contrária ao Brasil. A *Bahia*, cidade e estado, das **cantigas números 76**, **82 e 126**, está cantada em todo o folclore nacional e também no português nestas quadras:

As mulatas da Bahia
Já comem bacalhau:
Comem bolo de arroz-doce
Bela farinha de pau

Quem me dera dar um ai
Que se ouvisse na Bahia;
Que dissesse o meu amor
Aquele ai… de quem seria?[851]

O Estado do Piauí aparece nas **cantigas números 76 e 126** : um estado visado pela imaginação popular, devido à sua importancia na alimentação do Brasil, no que tange ao gado, daí se cantar até hoje:

O meu boi morreu
Qui será de mim
Vô mandá buscá ôtro
Meu bem, lá no Piauí.

851 J.C. (J. Osório da Gama e Castro), *op. cit.*, vol. VI, pág. 270.

O *Paraguai* vem na **cantiga número 103**, devido ao fato histórico da *Guerra do Paraguai*. Há uma passagem disso no ABC de João Mendes de Oliveira;

Na Alemanha o rei Guilherme
Há muito se preparou,
Tem muitos vaso de guerra,
Ninguém sabe onde arranjou…
O Lope do Paraguai
Tambem assim se enrascou.[852]

Gustavo Barroso recolheu a seguinte *embolada*:

Foi o Marquês de Caxias
Que já me mandou chamar,
Para ir ao Paraguai,
Para aprender a brigar.
Vou-me, vou-me embora,
Vou-me embora para o mar![853]

O *Brasil* que aparece nas **cantigas números 78 e 82** é também cantado em Portugal nestas quadras:

Eu quero ir ao Brasil,
Mas não é p'ra ter dinheiro;
E só pra ter fama
De me chamar brasileiro.

Marinheiro d'água doce,
Pra que parte navegais?
– Para as partes do Brasil:
– Boa viagem ficais!

Se eu quisesse árvores
Tinha mais de cem mil
Rapazinhos ricos
Vindos do Brasil.

Adeus, que me vou embora
Adeus, que me quero ir
Numa lancha p'ra Lisboa,
Numa nau para o Brasil.[854]

852 Leonardo Mota, *Cantadores, ed. cit.*, pág. 155.
853 Gustavo Barroso, *op. cit.*, pág. 503.
854 J.C. (J. Osório da Gama e Castro), *op. cit.*, vol. VI, pág. 318.

Finalmente, *Itabaianinha* que vem na **cantiga número 107** está nos versos do cantador alagoano Manuel Moreira, de Atalaia, que cantou em Canindé durante os festejos de São Francisco das Chagas:

Fui nas Areia
Ver a riqueza da cana,
Depois fui a Itabaianinha
Mode ver gado comprá...
Tive no Ingá,
Pedra de Fogo, Espírito Santo
Que já fica num recanto
Entre o sertão e o mar![855]

Cantigas de Louvação

São cantigas louvando as habilidades e bravuras dos famosos capoeiristas *Paulo Barroquinha*, **cantiga 123**; *Dois de Ouro*, **cantigas 124 e 125**; *Pedro Mineiro*, **cantigas 126, 127 e 128**, finalmente *Besouro Cordão de Ouro*, **cantigas 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135 e 136**.

Cantigas de sotaque e de desafio

O sotaque e o desafio é muito do negro, não só entre cantadores, capoeiristas e mesmo entre o pessoal do candomblé, que o faz em pleno ritual, cantando para este ou aquele orixá. Nessa questão de sotaque e desafio o negro é a grande vítima, sendo ridicularizado ao máximo, sobretudo quando o compara ao *macaco* ou ao *anum*, pássaro preto com um bico grande e grosso, daí se dizer que o negro tem *bico de anum*, isto é, tem os labios grossos à semelhança do pássaro:

O anu é pássaro preto,
Pássaro de bico rombudo,
Foi praga que Deus deixou
Todo negro ser beiçudo.[856]

855 Leonardo Mota, *Sertão Alegre, ed. cit.*, pág. 125.
856 Sílvio Romero, *ed. cit.*, vol. II, pág. 578.

Entre os cantadores, houve uma contenda célebre entre Manuel Macedo Xavier (Manuel Ninò) e Daniel Ribeiro, no povoado de Barcelona, município de São Tomé, no Rio Grande do Norte recolhido por Cascudo, que vale a pena ser transcrita devido à importancia do material nela cantado:

M–Negro feio do quengo de cupim
Nefasto da perna de tição
Babeco da bôca de furão
Tu viestes enganado para mim
Que mata na terra todo vivo
Me acho bastante pensativo
Em ver-me com ele aliás
Dou-te figa nojento satanaz
Nefário moleque incompassivo.

D – Capanga do beiço arrebitado
Fateiro, bode da mão torta
Maldizente, machado que não corta
Preguiçoso, cachorro arrepiado
Negligente, luzório, acanalhado
Lambareiro, frei-sabugo, péla-bucho
Língua preta, bigode de capuxo,
Barulhento, sufocante e abafado
Sem vexame, pateta debochado
Sapo-sunga, faminto, rosto murcho.

M – Pedante, cambado, mentiroso
Gatullo, nojento, feiticeiro
Gabola, ridículo, desordeiro
Bandido, fiota, vaidoso
Sambista, pilhérico, audacioso.

D – Todo cabra amarelo é traiçoeiro
E você com especialidade
Que vive fazendo falsidade
Com teu pai um amigo verdadeiro
Tenho brio, maroto galhofeiro
Tramela, prestimanio, parolento,
Refratário, rabioso, peçonhento
Solfeiro, nefando, presunçoso
Surumbático, tristonho, caviloso
Poeta interillo, rabugento.

Soberbo, pezunho e traidor
Abuzo, bichão, conspirador
Amarelo, sumítico, desvalido
Babaquara, cavalo entrometido,
Infame, infeliz conquistador

D - Malfazejo, sujeito falador
Amarelo da cara de pandeiro
Ovo choco fedorento, estradeiro
Encrédulo, papía, roubador
De mentir esse bicho muda a cor

Quando abre o bicão na sala alheia
Estronda igualmente uma baleia
Cantador de gesto aborrecido
O teu nome aqui 'stá conhecido
Por alpercata furada sem correia.

M – Quisília, relaxo, sem futuro
Pisunho, chibante caraolho
Te retira daqui zarolho
Beiço murcho, recanto de monturo
Zumbido, sujeito de pé duro

Ladrão massilento, flagelado
Maluco, cachimbo desbocado
Lambe-olho, aleijo cabeçudo
Remelento, cavalo barrigudo
Te descreio, maldito escomungado

M – Carola, falsário, espraguejado
Bandido, safado, paspalhão
Tipo devasso sem ação
Polia de couro maltratado
Corpo seco, fastio acovardado
Em Deus você nunca teve crença
Com cristão você não tem parença
Quando canta só solta termo imundo
Maluco, visão do outro mundo
Papa molho, cachorro da doença

O mel por ser bom de mais,
As abelhas dão lhe fim…
Você não pode negar
Que a sua raça é ruim,
Pois é amaldiçoada
Desde o tempo de Caim.

Você falou em Caim?
Já me subiu um calor!
Nesta nossa raça preta
Nunca teve um traidor…
Judas, sendo um homem branco,
Foi quem traiu Nosso Senhor!…[857]

857 Luís da Câmara Cascudo, *Vaqueiros e cantadores, ed. cit.*, págs. 111,112.

A **cantiga número 13** é uma dessas que satirizam o negro. As cantigas números **14**, **45**, **56**, **66, 67**, **77**, **94**, **106, 107, 108** e **118** são sotaques advertindo, sob várias maneiras, às pessoas que não se envolvam onde não podem, sobretudo mostrando que o tamanho e a fôrça não funcionam muito, valendo apenas a inteligência, a habilidade, daí a **cantiga 45** referindo-se ao *siri* que derrubou uma gameleira; a **número 77** chamando atenção para a *baraúna* que caiu, quanto mais gente. A de **número 66** invoca o cachorro que engole osso, argumentando que em alguma coisa ele se fia. Essa cantiga é comuníssima entre os violeiros. Leonardo Mota registra uma oitava falando disso:

Cachorro que engole osso
Nalguma coisa se fia!
O casamento civi
É lei da maçonaria...
É pecado muié-dama
Ter nome de Maria,
E home até mesmo Padre,
Ter nome de Messia! [858]

Toda a primeira parte da **cantiga 66** foi recolhida por Anísio Melhor, sem nenhuma alteração.[859] A **cantiga número 67** se refere à história da *Donzela Teodora*, romance popularíssimo no Brasil e com centenas de variantes. Cascudo,[860] que estudou e publicou o romance, cita a mais antiga edição da novela, a de 1498, publicada em Toledo por Pedro Hagembach.

858 Leonardo Mota, *Sertão Alegre, ed. ci*t., pág. 75.

859 Anísio Melhor, *op. cit*., pág. 96.

860 Luís da Câmara Cascudo, *Cinco Livros do Povo* / Introdução ao Estudo da Novelística no Brasil/Pesquisas e Notas /Texto das cinco tradicionais novelas populares / Donzela Teodora, Roberto do Diabo, Princesa Magelona, Imperatriz Porcina, João de Cais / Informação sobre a História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França, Livraria José Olímpio Editôra, Rio de Janeiro, 1953. pág. 37.

Das edições portuguesas, Inocêncio[861] dá como mais antiga uma impressa em Lisboa por Pedro Ferreira, datando de 1735, entretanto Cascudo, pesquisando na Biblioteca Nacional de Lisboa, descobriu uma edição anterior à que se refere Inocêncio–*Historia da Donzella Teodora, Em que trata da sua grande formosura, e sahedoria / Traduzida do Castelhano em Portuguez, Por Carlos Ferreira; Lisbonense, Lisboa Occidental, Na Officina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galrão. M.DCC.XII. Com todas as licenças necessarias, e Privilegio Real. A casa de Miguel de Almeida e Vasconcelos, Mercador de Livros na Rua Nova.*[862] Mas o importante da cantiga é que o romance da Donzela Teodora é em prosa, quando a dita é um trecho em verso, surgindo como variante de um único exemplar em verso conhecido e recolhido por Gustavo Barroso:

Eram doze cavaleiros
Da donzela Teodora,
Cada cavalo uma sela,
Cada sela uma senhora,
Cada senhora dez dedos,
Cada dedo uma memória…[863]

Cantigas de roda

Das cantigas de roda infantis do nosso folclore, só chegou ao meu conhecimento uma, a de **número 89**, que é cantada em todo o Brasil por crianças, capoeiristas e cantores profissionais de rádio e televisão. Gustavo Barroso, na edição que deu do *Auto dos Congos*, apresenta uma variante da referida roda, cantada por uma personagem do auto:

861 Inocêncio Francisco da Silva, *Dicionário Bibliographico Portuguez* / Estudos de Innocencio Francisco da Silva, applicados a Portugal e ao Brasil, 2ª edição, Imprensa Nacional, Lisboa, 1925, vol. II, pág. 30.

862 Luís da Câmara Cascudo, *Cinco Livros do Povo*, *ed. cit*., págs. 38, 39.

863 Gustavo Barroso, *Tição do Inferno* (Romance bárbaro), Benjamin Costallat & Miccolis, Editôres, Rio de Janeiro, 1926, pág. 44.

O Secretário:
Panha laranja no chão
Tico-tico, tico-tico!

Côro:
Voa, pavão,
Deixa voar!

O Secretário:
Quando meu bem for embora,
Eu não fico, eu não fico! [864]

Cantigas de peditório

As cantigas de peditório constituem uma característica dos violeiros cegos, havendo muitas delas já sido recolhidas dentre as quais esta por Anísio Melhor:

Quando Deus andou no mundo
A São Pedro disse assim:
Quem não quer pobre na porta
Também não me quer a mim

Meus irmãos me dê uma esmola
Peço por Nosso Sinhô,
Pelo cálix, pela hóstia
Que hoje se alevantou!

Ai de quem perdeu a vista,
A luz que mais alumeia
Meus irmãos me dê uma esmola
Pela mãe de Deus das Candeias

Quem me deu a santa esmola,
Me deu de bom coração.
Nossa Senhora Ihe pague
No céu dê a salvação.

Quando um cego pede esmola
E recebe incontinente;
A porta do céu se abre
Deixa entrar um penitente. [865]

864 Gustavo Barroso, *Ao Som da Viola, ed. cit.*, pág. 192.
865 Anísio Melhor, *op. cit.*, págs. 144-145.

Dentre as de capoeira, aparece apenas na de **número 11**, quando o mestre canta pedindo uma contribuição monetária aos presentes.

Aspecto etnográfico

O capoeirista de hoje narra durante o *jogo da capoeira*, através do canto, toda uma epopeia do passado de seus ancestrais. Nas **cantigas de números 1 e 2** procura mostrar a sua condição de escravo e o consequente estado de inferioridade perante os demais. Luanda, cantada e recantada pelo negro, a ponto de Cascudo dizer que "Não acredita que nenhuma cidade neste mundo esteja nas cantigas brasileiras como Luanda",[866] é lembrada nos cantos de **números 30 e 32**, fixando, assim, um dos pontos de procedência do negro escravo. A terrível habitação conhecida por *senzala*, onde ficavam todos, amontoados feito animais, aparece na **cantiga número 105**. O tratamento que durante o período patriarcal era algo rigoroso, tratando as esposas aos seus maridos por *senhor*, e os filhos, *senhor pai* e *senhora mãe* a seus pais, o negro adoçou o tratamento do senhor todo-poderoso patriarca e sua respectiva esposa em *sinhô* e *sinhá, yoyó* e *yaya*.[867] Esse vestígio ainda existente no falar cotidiano do negro, está nas **cantigas números 22, 23, 24, 25, 26**, **29 e 137**. Da alimentação, canta detalhes nas **cantigas números 33**, **50 e 115** quando se refere ao *dendê*, que tanto serve para condimentar a moqueca, invenção africana, como é utilizado nos *ebós* e outros rituais do culto afro-brasileiro.

O *melado*, ou *melaço* como é mais geral, é uma deliciosa guloseima referida na **cantiga número 104** e já estudado anteriormente. Por fim o problema religioso não poderia escapar a qualquer manifestação em que o negro se faça presente. Nas **cantigas números 5**, **60 e 67** há

866 Luís da Câmara Cascudo, *Made in África*/Pesquisas e Notas. Editôra Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1965, pág. 90.

867 Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala*, *ed. cit*., vol. II, pág. 686.

referência à *mandinga* que está como sinônimo de *ebó* e *ebó* maléfico. Entre os capoeiras é costume chamar um ao outro de *mandingueiro* ou dizer que o outro faz *mandinga*, é pelo fato de andarem sempre com o *corpo fechado*, isto é, imunizado contra qualquer malefício, ou então alguns mestres de capoeira, antes de começar o jogo *limpar o terreiro*, isto é, *despachar Exu*, a fim de não haver perturbação durante a *brincadeira*, que é como chamam o jogo da capoeira. As cantigas de candomblé, **números 19, 20 e 21** estão acidentalmente no texto.

Aspecto sócio-histórico

Dentro do aspecto histórico, o acontecimento de maior relevância na vida funcional do capoeirista foi a guerra do Paraguai que vem mencionada nas **cantigas números 60 e 103**. A guerra se deu na época em que os capoeiristas estavam em pleno auge de suas atividades, em verdadeiro conflito com a força pública e a sociedade. Com referência à participação dos capoeiristas na referida guerra e as bravatas que lá fizeram, há um sem-número de notícias, mas que dormem o sono da lenda, em virtude de não se conhecer documentação concreta sobre o informe. Manuel Querino,[868] por exemplo, conta coisas do arco-da-velha, mas a fonte de informação que é bom, não dá, portanto, como separar a imaginação da realidade, não sabemos. Tentei localizar a fonte através de alguns historiadores amigos, em Salvador, que estudam a guerra do Paraguai e infelizmente todos disseram desconhecê-la. Como Raimundo Magalhães Júnior abordou o assunto capoeira[869] e tratou do negro brasileiro na guerra do Paraguai,[870] indaguei-lhe se sabia algo sobre as informações de Manuel Querino. Então, por carta de primeiro de

868 Manuel Querino,*A Bahia de Outrora*, *ed. cit*., págs. 70-80.

869 R. Magalhães Júnior, *Deodoro* / A Espada contra o Império. Vol. II: O Galo na Torre / Do desterro em Mato Grosso à Fundação da República. Edição ilustrada. Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 1957, págs. 182-192.

870 R. Magalhães Júnior, "O negro brasileiro na guerra do Paraguai", *Enciclopédia Fatos & Fotos*, n.º 29, de 11 de junho de 1966, págs. 12-15.

julho de 1966, respondeu-me:– "Prezado confrade: não posso atinar com a fonte de Manuel Querino. É provável que negros capoeiristas tenham tomado parte na guerra do Paraguai, naturalmente sem servir-se dessa arte mas como atiradores, lanceiros, etc".[871]

Dentro do aspecto social, notam-se detalhes do comportamento não só nas boas maneiras, como é o caso da sua saudação e cumprimento característicos: *como vai? como stá? Como passô? Como vai vosmicê?*, existentes nas **cantigas números 7**, **42**, **92**, **95**, **112, 113 e 117**. Por outro lado vem o tom desordeiro do seu comportamento, resultante da revolta à sua condição social de extremo abandono e esquecimento, daí praticar uma série de estrepolias, nos botecos de cachaça ou mesmo nas rodas de capoeira, gerando uma série de delitos, como se pode aperceber das **cantigas números 3**, **23 e 30**. A **cantiga número 3**, por exemplo, se refere ao Engenho da Conceição, local onde até pouco tempo os delinquentes iam cumprir pena.

Outro detalhe importante na vida social patriarcal do Brasil é a indumentária e a moda em geral, em todas as camadas sociais, o que Gilberto Freyre observou com bastante maestria.[872] Na última camada social, a de escassíssimo recurso monetário, não poderia haver preocupação com os requintes da moda, o principal era conseguir um tecido à altura do seu poder aquisitivo, que era o *zefir*, a *bulgariana* e a *chita*, tecidos ordinários, sendo que o chitão era mais preferido devido à exuberância de cores alegres da estamparia. Quando essa, sobretudo, era de flores chamava-se *chitão*, como ainda hoje. A chita para o pessoal pobre foi tão usada quanto os famosos *crepes da China*, as *sedas de Tiro* e *Gaza* e os *tecidos de Damasco*, para a nobreza e a aristocracia rural e urbana. Daí a chita existir nos cantos populares, não só da capoeira como dos violeiros, como os recolhidos por Leonardo Mota:

---

871 R. Magalhães Júnior, Carta ao autor de 1/7/66 – Guanabara.

872 Gilberto Freyre, *op. cit.*, vol.I, p. 236. vol. II, págs. 534, 581, 586.
____ Gilberto Freyre, *Sobrados e Mucambos*, *ed. cit.*, vol. I, págs. 261, 264, 318; vol. II, págs. 579, 685, 693.

Com dez covados de chita
Mulher fazia um vestido
E, ao depois de o mesmo feito,
Inda dizia ao marido
Ou mesmo a qualquer pessoa:
– Home, esta chita era boa
Que ficou largo e comprido![873]

Não há ninguém como a morte
Pra acabar com a presunção;
Com quatro metro de chita
E sete palmo de chão...[874]

A chita aparece no canto dos capoeiristas na **cantiga número 55**.

873 Leonardo Mota, *Cantadores, ed. cit.,* pág. 123.
874 Leonardo Mota, *Violeiros do Norte, ed. cit.,* pág. 25.

10. Capoeiras famosos e seu comportamento na comunidade social

No Brasil, os grandes focos de capoeiristas sempre estiveram em Pernambuco, no Rio de Janeiro e na Bahia. Em Pernambuco, como nos demais estados da federação, a imprensa da época gastou colunas e mais colunas em torno das atividades delinquentes dos que faziam uso do jogo da capoeira. De todos esses, o que mais terror causou a tantos que o conheceram foi o famoso *Nascimento Grande*, de quem infelizmente não disponho de maiores notícias, a não ser as de Odorico Tavares, em livro publicado[875] e em conversa pessoal, afirmando ser muito garoto quando o conheceu, sabendo apenas de suas façanhas pelas crônicas e pelo ouvir dizer das pessoas idosas, que viram e lidaram com o capoeira. Entretanto, Gilberto Amado conheceu-o na vida boêmia de rapaz estudante no Recife. No seu livro *Minha Formação no Recife*[876] há um capítulo em que narra o diálogo e insulto que fez a Nascimento Grande sem saber e depois o trauma em que ficou quando o mesmo se identificou como o temível capoeira. Infelizmente, não pude avistar-me com Gilberto Amado para saber algo de concreto sobre o famigerado capoeira de Pernambuco.

No Rio de Janeiro é que a coisa foi mais do que em qualquer outra parte do território nacional. Capoeirista, foi desde a nobreza com o Barão do Rio Branco, dentre outros, até ao negro escravo. A imprensa local da época, livros de contos, romances, crônicas e história estão cheios das façanhas dos capoeiras da segunda capital do Brasil. Melo Morais, que viveu na época dos grandes capoeiras, se refere a Mamede, Chico Carne-seca, Quebra Coco, Fernandinho,

875 Odorico Tavares, *Bahia/Imagens da terra e do Povo.* Terceira edição resvista, atualizada e acrescida de nove capítulos. Editôra Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1961, págs. 183-184.

876 Gilberto Amado, *Minha Formação no Recife*, Livararia José Olímpio Editôra, Rio de Janeiro, 1955, págs. 239-242.

Natividade, Maneta, Bonaparte, Leandro, Aleixo Açougueiro, Bentivi, Pedro Cobra e o terribilíssimo Manduca da Praia, por todos comentado. Sobre esse capoeira, a quem conheceu pessoalmente, diz Melo Morais: – "Conhecido por toda a população fluminense, considerado como homem de negócio, temido como capoeira célebre, eleitor crônico da freguesia de São José, apenas respondeu a 27 processos por ferimentos leves e graves, saindo absolvido em todos eles pela sua influência pessoal e dos seus amigos".

> O Manduca da Praia era um pardo claro, alto, reforçado, gibento, e quando o vimos usava barba crescida e em ponta grisalha e côr de cobre.
>
> De chapéu de castor branco ou de palha ao alto da cabeça, de olhos injetados e grandes, de andar compassado e resoluto, a sua figura tinha alguma coisa que infudia temor e confiança.
>
> Trajando com decência, nunca dispensava o casaco grosso e comprido, grande corrente de ouro de que pendia o relógio, sapatos de bico revirado, gravata de côr com um anel corrediço, trazendo sòmente como arma uma bengala fina de cana da Índia.
>
> O Manduca tinha banca de peixe na praça do Mercado, era liso em seus negócios, ganhava bastante e tratava-se com regalo.
>
> Constante morador da Cidade Nova, não recebia influências da capoeiragem local nem de outras freguesias, fazendo vida à parte, sendo capoeira por sua conta e risco.
>
> Destro como uma sombra, foi no curro da rua do Lavradio, canto da do Senado, onde é hoje uma cocheira de andorinhas, que êle iniciou a sua carreira de rapaz destemido e valentão, agredindo touros bravos sôbre o quais saltava, livrando-se.
>
> Nas eleições de São José dava cartas, pintava o diabo com as cédulas.

> Nos esfaqueamentos e nos sarilhos próprios do momento, ninguém lhe disputava a competência.
>
> Um dia, na festa da Penha, o Manduca da Praia bateu-se com tanta vantagem contra um grupo de romeiros armados de pau que alguns ficaram estendidos e os mais inutilizados na luta.
>
> O fato que mais o celebrizou nesta cidade remonta à chegada do deputado português Santana, cavalheiro distintíssimo e invencível jogador de pau, dotado de um fôrça muscular prodigiosa.
>
> Santana, que gostava de brigas, que não recuava diante de quem quer que fôsse, tendo notícia do Manduca, procurou-o.
>
> Encontrando-se os dois, houve desafio, acontecendo àquele soltar nos ares ao primeiro *camelo* do nosso capoeira, depois do que bebêram champagne ambos, e continuaram amigos.[877]

Coelho Neto, que também foi capoeira, convivendo com muitos deles, pertencentes às diversas camadas sociais, fala em Augusto Melo, conhecido por *cabeça de ferro*, Zé Caetano Braga Doutor, Caixeirinho, Ali Babá, Boca Queimada, Trinca Espinho, Trindade, Duque Estrada Teixeira, capitão Ataliba Nogueira, tenente Lapa e Leite Ribeiro, Antonico Sampaio, aspirante da Marinha, e Plácido de Abreu, que dentre esses últimos citados era o mais valente, conforme diz, além de poeta, comediógrafo, jornalista, amigo de Lopes Trovão e companheiro de Pardal Mallet e Olavo Bilac no jornal *O Combate*. Teve uma morte trágica, por traído, porém heroica, com resistência que fez no túnel de Copacabana.[878]

877 Melo Morais Filho, *op. cit*., págs. 452-455.

878 Coelho Neto, *Bazar*. Livraria Chardron, de Lello & Irmãos, Ltda. Editôres Pôrto, 1928, pág. 136.

Valente também foi um negro capoeirista conhecido por Ciríaco (Francisco da Silva Ciríaco), falecido no Rio de Janeiro a 19 de maio de 1912, que de certa feita no Pavilhão Pascoal Secreto, batendo-se com o campeão japonês de jiu-jitsu, Sada Miako, de um só golpe de capoeira, derrotou-o por completo, ficando como um ídolo na memória do povo a ponto de se lhe comporem uma quadra de louvação:

O meu amigo Ciríaco
Se acaso fosse estrangeiro
Naturalmente seria
Conhecido no mundo inteiro.[879]

Exímio capoeirista foi o famigerado major Vidigal (Miguel Nunes Vidigal), nomeado comandante da polícia em 1821, quando era Intendente-Geral de Polícia, José Inicio da Cunha, Visconde de Alcântara, no primeiro Império. Vidigal, conhecendo a *mandinga* da capoeira, fez miséria com os capoeiristas e foi o responsável pela criação da *Ceia dos Camarões*, de que falarei em lugar oportuno, juntamente com a atuação detalhada do referido major.

Na Bahia, a história dos grandes capoeiras vive na imaginação popular e nas cantigas cantadas por eles, narrando as suas façanhas.

Dentre todos, o que ainda permanece na memória dos capoeiristas, em virtude das suas atitudes periculosas é *Besouro* (Manuel Henrique), também conhecido por *Besouro Cordão de Ouro*, *Besouro Mangangá*. Um dos seus discípulos aqui em Salvador, *Cobrinha Verde* (Rafael Alves França) informa ter sido ele filho de João Grosso e Maria Haifa, bem como discípulo do capoeirista escravo chamado Tio Alípio.[880] Entre as cantigas recolhidas neste ensaio há cerca de oito, narrando suas

879 Roberto Macedo, *Notas Históricas*/Primeira Série, Rio de Janeiro, 1944, pág. 137.

880 Rafael Alves França, (Cobrinha Verde) *Centro Esportivo de Capoeira Angola 2 de Julho*/Narrado por Rafael Alves França (Cobrinha Verde) e escrito por José Alexandre. Salvador, 9 de fevereiro de 1963, pág. 5.

estripulias e sua personalidade. Para maior detalhe a seu respeito, passo a palavra a seu discípulo, *Cobrinha Verde*: – "Agora, quero contar algumas aventuras de meu mestre Besouro. O nome lhe veio da crença, de muitos que diziam que quando ele entrava em alguma embrulhada e o número de inimigos era grande demais, sendo impossível vencê-los, então ele se transformava em besouro e saía voando. Certa vez estava sem trabalho e foi procurar um ganha-pão. Foi à usina Colônia, hoje Santa Elisa. Deram-lhe trabalho. Trabalhou uma semana. Quando foi no dia do pagamento ele sabia que o patrão tinha o hábito de chamar o trabalhador uma vez, e na segunda dizia: "quebrou para São Caetano", que quer dizer: não recebe mais; e se o fulano reclamasse era chicoteado e ficava preso no tronco de madeira com o pescoço, os braço e as pernas no tronco, por um dia e depois era mandado embora; – na hora do pagamento, Besouro deixou que o patrão o chamasse duas vezes sem responder. O patrão disse o seu "quebrou para São Caetano". Todos receberam o dinheiro menos Besouro.

Besouro invadiu então a casa do homem, pegou-lhe no cavanhaque e gritou: – "Pague o dinheiro de Besouro Cordão de Ouro! Paga ou não paga?!" O patrão, com a voz tremula, mandou que pagassem o dinheiro daquele homem e o mandassem embora. Besouro tomou o dinheiro e caminhou.

Besouro também não gostava de polícia. Muitas vezes encontrava companheiros que iam presos e os tomava da mão de qualquer soldado e Besouro batia em todos, tomava-lhes as armas, levava-as até o quartel e dizia: "Tá aqui, seus morcegos" e jogava as armas. Um dia ele estava em frente ao Largo da Cruz, e ia passando um soldado: Besouro o fêz tomar uma cachaça a muque. O soldado saiu dali para o quartel e fez queixa ao tenente que mandou dez soldados, sob o comando do cabo José Costa para prender Besouro vivo ou morto. Chegando lá deram voz de prisão. Besouro saiu do botequim, de costas, foi para a Cruz, encostou-se nela, abriu os braços e disse que não se entregava. Os soldados começaram a atirar. Besouro fingiu estar baleado e caiu. O cabo José Costa achegou-se e

disse: o homem está morto. Besouro levantou-se, mandou que os soldados fossem na frente e saiu cantando:

Lá atiraram na Cruz,
Eu de mim não sei quem foi,
Se acaso foi eu mesmo,
Ela mesmo me perdoe!

Besouro caiu no chão
Fez que estava deitado,
A polícia entrou
Ele atirou num soldado.

Vão brigar com caranguejo
Que é bicho que não tem sangue
Polícia se briga,
Vamos para dentro do mangue.

Passados uns tempos, depois de muitas brigas, Besouro foi empregar-se de vaqueiro na fazenda de um senhor de nome Dr. Zeca. Este homem tinha um filho de nome Memeu que era muito genioso. Ele teve uma discussão com Besouro. O fazendeiro tinha um amigo que era administrador da Usina Maracangalha, de nome Baltazar. Mandaram então uma carta, para Baltazar, pelo próprio Besouro, pedindo ao administrador que desse fim do Besouro por lá mesmo. Baltazar recebeu a carta, leu, e disse a Besouro que aguardasse a resposta até o dia seguinte. Besouro passou a noite na casa de uma mulher da vida; no outro dia foi buscar a resposta. Quando chegou na porta foi cercado por uns 40 homens, que o iam matar. As balas nada lhe fizeram; um homem o feriu à traição, com uma faca. Foi como o conseguiram matar".[881]

881 Rafael Alves França (Cobrinha Verde), *op cit.*, págs. 6-8.

Há uma cantiga que colhi da boca do mestre de capoeira Augusto de São Pedro, que neste ensaio leva o número 136, referindo-se aos acontecimentos de Maracangalha:

Besouro quando morreu,
Abriu a boca e falô
Adeus Maracangalha,
Qui é terra de matadô.

Além de Besouro, houve também *Paulo Barroquinho*, louvado na **cantiga número 123**. *Dois de Ouro* foi outro capoeirista famoso, sobre o qual recolhi as **cantigas números 124 e 125**. Muito conhecido dos capoeiristas atuais foi *Pedro Mineiro*, enaltecido nas **cantigas números 126,127 e 128**. Também deixaram fama, na Bahia, Chico da Barra, Ajé, Chico Cazumbá, Ricardo das Docas, Antônio Maré, Zé Bom Pé, Vitorino Braço Torto, Raimundo Cachoeira, Zacaria Grande, Nôzinho, Bilusca, Piroca Peixoto, Zé do Saco, Samuel da Calçada, Sete Mortes, Aberrê, Patu das Pedeiras, Hilário Chapeleiro, Cassiano Balão, Bigode de Seda, Doze Homens, Tiburcinho de Jaguaripe, Zeca Cidade de Palha, Nô da Empresa de Carruagem, Pacífico do Rio Vermelho, Bichiguinha, Chico Me Dá, Edgar Chicharro, Inimigo Sem Tripa, Goite, Neco Canário Pardo, Boca de Porco, Dendê, Gazolina, Espinho, Dadá e Siri de Mangue. *Pedro Porreta* ficou com símbolo da desordem, da valentia. Quando garoto, ouvi muito as pessoas idosas falarem desse capoeira e quando a criança era traquina e gostava de bater nas demais, ao repreendê-la, perguntava se era Pedro Porreta. De *Chico Três Pedaços* contou-me o capoeira Canjiquinha (Washington Bruno da Silva) que era um negrão inimigo de outro capoeirista chamado *Matatu*. De certa feita, armou uma emboscada para seu inimigo. Escondeu-se na esquina da rua do Engenho Velho, bem na entrada para quem vai para o solar Boa Vista, hoje asilo São João de Deus e quando Matatu se aproximou distraído, deu-lhe uma facada no peito, mas a faca entrou pela clavícula adentro,

partindo-se em três pedaços. Escapou à morte, ficando conhecido por *Chico Três Pedaços*.

Samuel Querido de Deus foi um grande capoeira, cuja lembrança permanece na memória de todos os baianos. Edison Carneiro, que o conheceu e publicou uma foto sua, em pleno jogo, em *Negros Bantos*, diz que "O maior capoeirista da Bahia, afirmam-me os negros ser Samuel Querido de Deus, um pescador de notável ligeireza de corpo".[882] Em 1944, quando ainda vivia, Jorge Amado publicou o seu perfil hoje reproduzido em *Bahia de Todos os Santos*, com o seguite teor: – "Já começam os fios de cabelo branco na carapinha de Samuel Querido de Deus. Sua cor é indefinida. Mulato, com certeza. Mas mulato claro ou mulato escuro, bronzeado pelo sangue indígena ou com traços de italiano no rosto anguloso? Quem sabe? Os ventos do mar nas pescarias deram ao rosto de Querido de Deus essa cor que não é igual a nenhuma cor conhecida, nova para todos os pintores. Ele parte com o seu barco para os mares do Sul do Estado onde é farto de peixe. Quantos anos terá? É impossível saber nesse cais da Bahia, pois de há muitos anos que o saveiro de Samuel atravessa o quebra-mar para voltar, dias depois, com peixe para a banca do Mercado Modelo. Mas os velhos canoeiros poderão informar que mais de sessenta invernos já passaram desde que Samuel nasceu. Pois sua cabeça já não tem fios brancos na carapinha que parece eternamente molhada de água do mar?

Mais de sessenta anos. Com certeza. Porém, ainda assim, não há melhor jogador de capoeira, pelas festas de Nossa Senhora da Conceição da Praia, na primeira semana de dezembro, que o Querido de Deus. Que venha Juvenal, jovem de vinte anos, que venha o mais célebre de todos, o mais ousado, o mais ágil, o mais técnico, que venha qualquer um, Samuel, o Querido de Deus, mostra que ainda é o rei da capoeira da Bahia de Todos os Santos. Os demais são seus discípulos e ainda olham espantados quando ele se atira no rabo de arraia porque elegância assim nunca se viu... E já sua carapinha tem cabelos brancos…

882 Edison Carneiro, Negros Bantos, *ed. cit.,* pág. 159.

Existem muitas histórias a respeito de Samuel Querido de Deus. Muitas histórias que são contadas no Mercado e no cais. Americanos do Norte já vieram para vê-lo lutar. E pagaram muito caro por uma exibição do velho lutador.

Certa vez seu amigo escritor foi procurá-lo. Dois cinematografistas queriam filmar uma luta de capoeira. Samuel chegara da pescaria, dez dias no mar e trazia ainda nos olhos um resto de azul e no rosto um resto de vento sul. Prontificou-se. Fomos em busca de Juvenal. E, com as máquinas de som e de filmagem, dirigimo-nos todos para a Feira de Água dos Meninos. A luta começou e foi soberba. Os cinematografistas rodavam suas máquinas. Quando tudo terminou, Juvenal estendido na areia, Samuel sorrindo, o mais velho dos operadores perguntou quanto era. Samuel disse uma soma absurda na sua língua atrapalhada. Fora quanto os americanos haviam pago para vê-lo lutar. O escritor explicou então que aqueles eram cinematografistas brasileiros, gente pobre. Samuel Querido de Deus abriu os dentes num sorriso compreensivo. Disse que não era nada e convidou todo mundo para comer sarapatel no botequim em frente.

Podeis vê-lo de quando em quando no cais. De volta de uma pescaria com seu saveiro. Mas com certeza o vereis na festa de Conceição da Praia derrotando os capoeiristas, pois ele é o maior de todos. Seu nome é Samuel Querido de Deus".[882a]

Najé foi outro capoeirista famoso de Coqueiro de Paraguaçu, mas como gostasse muito de ficar na cidade de Najé, ficou conhecido pelo topônimo. Muito ligado ao pessoal de candomblé, de modo que, ao vê-lo, costumava pilheiriar com ele cantando:

Najé
Najé, Najé
Ogun Já orô!

882ª Jorge Amado, *Bahia de Todos os Santos*, *ed. cit.*, págs. 158-159.

Cantiga chamando atenção para o orô (ritual) de *Ogun Já*, espécie de Ogun cuja característica principal é o sacrifício de cachorro que se lhe faz, sacrifício esse que é feito raramente e o seu processo e cantigas durante o mesmo diferem dos demais, não cabendo aqui maiores detalhes sobre o assunto.

Dos vivos que ainda militam na capoeira, o mais antigo é Mestre Bimba (Manoel dos Reis Machado). Nascido em Salvador a 23 de novembro de 1900, na rua do Engenho Velho, freguesia de Brotas. Era filho de Luís Cândido Machado, batuqueiro famoso no bairro. Começou a aprender capoeira na antiga Estrada das Boiadas, hoje Estrada da Liberdade, com um africano chamado Bentinho, capitão da Companhia de Navegação Baiana. A capoeira em que aprendeu e militou durante muito tempo foi a Capoeira Angola, depois então foi que introduziu elementos outros, resultando no que chamou Capoeira Regional, cuja apreciação já fiz anteriormente. O aprendizado dos elementos a serem introduzidos na Capoeira Angola se deu em 1927 e a primeira exibição da sua inovação foi no Campo do Machado em 1936. A sua fama tem ido longe. Edison Carneiro referindo-se a ele diz: – "O capoeira Bimba tornou-se famoso por haver criado uma escola, à rua das Larangeiras, em que treina atletas no que apelidou de *luta regional baiana*, mistura de capoeira com *jiu-jtsu*, *boxe* e *catch*. A capoiera popular, folclórica, legado do Angola, nada tem a ver com a escola de Bimba".[883] É uma afirmação apressada de Edison Carneiro e uma prova de nunca ter assistido ou estudado a capoeira de Mestre Bimba. Mesmo a capoeira estilizada, encenada nos palcos de teatro, televisão e dançada nas Escolas de Samba da Bahia e da Guananbara, ainda tem muito desse "legado de Angola", de que fala Edison Carneiro, quanto mais a capoeira de Mestre Bimba, que conforme já disse anteriormente é a mesmíssima Capoeira Angola, apenas com a adoção de elementos novos europeus e orientais, resultando disso os chamados *golpes ligados*, não existentes na capoeira Angola.

883 Edison Carneiro, *A Sabedoria Popular, ed. cit.*, pág. 206.

Constituindo um elemento isolado dos demais capoeiras, pela inovações feitas e consequente grande aceitação é claro que teria de receber críticas e reação de seus companheiros. Disso se aproveitou Jorge Amado para imortalizá-lo como uma das personagens em sua obra, nesse lance que segue: – "Acontece que mestre Bimba foi ao Rio de Janeiro mostrar aos cariocas da Lapa como é que se joga capoeira. E lá aprendeu golpes de *catch-as-catch-can*, de *jiu-jitsu*, de *boxe*. Misturou tudo isso à capoeira de Angola, aquela que nasceu de uma dança dos negros, e voltou à sua cidade falando numa nova capoeira, a capoeira regional. Dez capoeiristas dos mais cotados me afirmaram, num amplo e democrático debate que travamos sobre a nova escola de mestre Bimba, que a "regional" não merece confiança e é uma deturpação da velha capoeira "angola", a única verdadeira. Um deles me afirmou mesmo que não teme absolutamente um encontro com o mestre Bimba, apesar da sua fama. Não foi outra a opinião de Edmundo Joaquim, conhecido por Bugalho, mestre de berimbau nas orquestras de capoeira, nome respeitado em se tratando de coisas relacionadas com a "brincadeira". O mesmo disseram José Domingos e Rafael que mantêm na roça de Juliana uma escola de capoeira, das mais afamadas da cidade".[884] Há inúmeros reportagens elogiosas sobre Mestre Bimba na imprensa baiana, sendo que a última e a mais inteligente já realizada foi a do repórter Anísio Félix, intitulada *Bimba e Pastinha, duelos de ideias sobre a capoeira*, onde pela primeira vez de público é o único capoeira que conheço a defender a tese de que a capoeira é uma invenção do africano no Brasil. Vejamos: – " Os negros sim, eram de Angola, mas a capoeira é de Cachoeira, Santo Amaro e ilha de Maré, camarado!"[885] Mestre Bimba gravou um *long-playing* intitulado *Curso de Capoeira Regional Mestre Bimba*, pela gravadora baiana J.S. Discos, com texto de apresentação *Capoeira e Capoeiristas*, de Cláudio

884 Jorge Amado, *Bahia de Todos Os Santos*/Guia das ruas e dos mitérios da Cidade do Salvador. Livraria Martins Editôra, São Paulo, 9ª edição, 1961, p. 210.

885 Anísio Félix, "Bimba e Pastinha, duelo de ideas sôbre a capoeira, in *Diário de Notícias*, Salvador, 31/10/65, pág.5.

Tavares, Diretor Artístico da Rádio Sociedade da Bahia e Cronista de Disco do *Diário de Notícias da Bahia*. Acompanha a gravação um livreto, contendo as lições do curso de Mestre Bimba. Embora não traga data, é a primeira contribuição impressa assinada por capoeirista.

Vicente Ferreira Pastinha ou simplesmente Pastinha, como é chamado nas rodas da capoeira, nasceu a 5 de Abril de 1889 em Salvador. Não é nem nunca foi o melhor capoeirista da Bahia: apenas a sua idade bastante avançada e o seu extremo devotamento à capoeira, fazendo com que até pouco tempo ainda praticasse a dita, mas sem algo de extraordinário. Jogava como um outro bom capoeira qualquer, apenas para sua idade isso significava algo fora do comum. Foi isso que o fêz conhecido, ou melhor, famoso, mesmo assim datando de pouco, ou seja do advento da instituição oficial do serviço de turismo na Bahia, para cá. Em ordem cronológica é o segundo capoeirista a assinar o livro sobre capoeira.Publicou em 1964 um livreto intitulado *Capoeira Angola*.[886] Embora o prefaciador, José Benito Colmenro, diga que Pastinha teve como mestre um negro de Angola chamado Benedito, corre entre os capoeiristas que seu mestre fora Aberrê, o que não impedia ter aprendido também com o referido negro de Angola. O livreto de Pastinha deve ser consultado com cuidado devido a preocupação intelectual do autor em querer dar a origem e explicação de certos fatos que não estão, de maneira alguma, ao seu alcance cultural, daí, com auxílio da fertilidade da sua imaginação, cair em momentos inteiramente novelescos como é o caso do capítulo em que trata da origem da capoeira, o que explica como era a capoeira na época colonial, a indumentária, onde o autor mandou fazer um traje de sua imaginação e se fez fotografar com o mesmo, para illustrar o referido capítulo. No mais, o trabalho de Pastinha é válido, pois daí em diante é a explicação do seu jogo pessoal, como aprendeu e a contribuição que deu. O capítulo dedicado às "Melodias e ritmos da Capoeira" é paupérrimo, apresentando apenas duas cantigas.

886 Mestre Pastinha, (Vicente Ferreira Pastinha), *Capoeira angola*, Escola Gráfica Nossa Senhora de Loreto, Salvador, 1964.

Entretanto, Pastinha conhece muitas e possui inúmeras de sua autoria, que eu as tenho colecionadas e que vou transcrevê-las, pelo seu caráter estritamente pessoal, isto é, falando sobre ele e expondo seu pensamento sobre assuntos relacionados à capoeira e à Bahia:

Capoeira eu aprendi
Veio do meu mundo bem distante
O povo gosta dela e eu não esqueci
E bom exemplo dos brasileiros para outro horizonte

———— * ————

Foi Deus quem deu
Como todos já me vê
A capoeira ao povo reascendeu
O desejo desta beleza aprendi.

———— * ————

A capoeira rasga o veio dos argozes
Na conviquição da fé contra a escravidão
Doce voz teus filhos foi heróis
A capoeira ama a abolição.

———— * ————

Nós capoeiristas tem alma grande
Que cresce com alegria
Há quem tenha alma pequena
Que vive como as águas em agonia.

———— * ————

Pode ferir-me com intrigas
Você não é rudes nem terríveis
E inútil seguir os maus amigos
Sossegue nos capoeiristas e sensíveis.

———— * ————

Sou sempre na vida
Um próspero e fecundo
Capoeirista produzindo alegria
Para toda parte do mundo.

Nunca dexei a capoeira no deserto
Não sou mal agradecido
Tenho os olhos bem aberto
Para quem sentirá arrependido.

*

A Capoeira de Angola é boa
Sua história não acabou
Pastinha sustenta grita e ressoa
Os capoeiristas não nega seu valor.

*

No coração do turismo
Tive um nome quem é
Não pode esquecer
Nos degraus da história
Na capoeira ele joga com fé.

*

Na capoeira minha alma cresceu
Nela guardo segredo
Sem receio e nem medo
Pastinha na Angola já venceu.

*

Cachoeira toma sentido
Cachoeira toma sentido
São Félix quer te passar.
Iê, da banda de yoyô
Iê, da banda de yayá.

*

É de lelê, ê, ê
É de lelê, ê, ê
Camarado.

*

No som do berimbau
Sou feliz cantamos assim
Nas festas não somos mau
Todas cantam para mim.

Bahia nossa Bahia
Capital do Salvador
Quem não conhece a capoeira
Não lhe dá seu valor

*

Todos podem aprender
General e também
Quem é doutor
Quem deseja aprender
Venha em Salvador
Procure Pastinha
Ele é professor.

Pastinha é grande amigo de Jorge Amado, o qual estima e o aprecia muito, daí os felizes instantes que se seguem: – "Mestre Pastinha tem mais de setenta anos. É um mulato pequeno, de assombrosa agilidade, de resistência incomum. Quando ele começa a "brincar", a impressão dos assistentes é que aquele pobre velho, carapinha branca, cairá em dois minutos, derrubado pelo jovem adversário ou bem pela falta de folego. Mas, ah! ledo e cego engano!, nada disso se passa. Os adversários sucedem-se, um jovem, outro jovem, mais outro jovem, discípulos ou colegas de Pastinha, e ele os vence a todos e jamais se cansa, jamais perde o folego, nem mesmo quando dança o "samba de Angola".

A Escola de Capoeira de Angola, do Mestre Pastinha, fica na ladeira do Pelourinho, no largo mesmo, num primeiro andar. Às quintas e domingos "brinca-se" na Escola. Nas quintas, em geral, a brincadeira é mais fraca, são os alunos mais novos que se exibem. No domingo vêm os capoeiristas conhecidos e a festa começa pela tarde. Quem for à Bahia não deve perder o extraordinário espectáculo que é Mestre Pastinha no meio do salão jogando a capoeira, ao som do berimbau. E quando ele não está lutando, não vai descansar. Toma de um berimbau, puxa as cantigas. Para mim, Pastinha é uma das grandes figuras da vida popular da Bahia.

É indispensável, conhecê-lo, conversar com ele, ouvi-lo contar suas histórias, mas, sobretudo vê-lo na "brincadeira" atingindo adversários vigorosos e jovens, derrotando-os um a um."[887]

Na bonita e oportuna crônica, *Conversa com Buanga Fêlê, também conhecido como Mário de Andrade, chefe de luta em Angola*, Jorge Amado volta a se manifestar sobre Pastinha, neste passo: – "Vejo-me encostado à janela de um sobrado do Largo do Pelourinho e um homem de idade, maior de setenta anos, com a vista ameaçada, pequeno e ágil como um gato, está a meu lado e conversa comigo. Somos velhos amigos, nem me lembro mais quando nos conhecemos e desde quando acompanho sua gloriosa trajetória. É um dos mestres da cultura popular baiana, esse negro de voz macia e rosto alegre que envelhece em sua escola de capoeira de Angola e dança e luta melhor do que qualquer dos jovens de rijos músculos adolescentes. Falo de Mestre Pastinha, um dos maiores capoeiristas que a Bahia já produziu. Acabou de dançar um samba de Angola e se prepara para lutar."

> – Aqui - diz-me ele - pratico a verdadeira capoeira de Angola e aqui os homens aprendem e ser leais e justos. A lei de Angola, que herdei de meus avós, é a lei da lealdade.

Os berimbaus de corda tocam a música ritual, chamando os lutadores. Mestre Pastinha enche a sala com a sua presença, sua agilidade, seu balé alucinante. A capoeira de Angola, a luta brasileira por excelência".[888]

Pastinha é realmente uma das grandes figuras da vida popular da Bahia. De todos os capoeiristas foi um dos que mais viajaram, em exibições com a sua Escola e um dos poucos a transpor o Atlântico e chegar até o continente africano, como convidado do Ministério das Relações Exteriores

887 Jorge Amado, *op. cit.*, pág. 209.

888 Jorge Amado, "Conversa com Buanga Fêlê, também conhecido como Mário de Andrade, chefe de luta em Angola, in *Tempo Brasileiro*, ano 1, nº 1, setembro de 1962, pág. 27.

do Brasil, para integrar a delegação brasileira, junto ao *Premier Festival International des Arts Nègres de Dakar*, realizado em abril de 1966.

Canjiquinha (Washington Bruno da Silva) nasceu em Salvador a 25 de setembro de 1925. Foi discípulo do famoso capoeirista Raimundo Aberrê, natural de Santo Amaro da Purificação. A respeito do seu apelido, explica que foi posto por um seu amigo de nome Dálton Barros, em 1938, devido ao samba-batuque de Roberto Martins, *Canjiquinha quente*, cantado por Carmen Miranda com o Conjunto Regional de Benedito Lacerda, gravado pela Odeon, em 1937, sob a indicação 11.494-A–5.573,[889] o qual era a única coisa que sabia cantar e fazia contantemente, por isso o seu amigo tomou a iniciativa do apelido. Canjiquinha é um capoeira jovem e ágil, fazendo com que se destaque entre seus companheiros, porém o seu maior destaque é no canto e no toque. Canta como bem poucos e com um repertório vastíssimo, inclusive com uma grande facilidade de improvisar e de todos é quem mais tem contribuído para a adaptação de outros cânticos do folclore à capoeira. Uma boa parte das cantigas deste ensaio foram recolhidas de Canjiquinha. Foi de todos os capoeiristas baianos o mais convidado para exibições, viagens pelo interior e fora do estado, assim como o que mais atuou no cinema, em longas e curtas metragens, como veremos adiante.

Exibições Oficiais

- Na Bahia, no segundo governo do General Juraci Magalhaes, foi convidado por este para uma exibição em Palácio da Aclamação, para uma festa de caridade.
- Em 1959 foi mandado oficialmente pelo órgão de turismo municipal exibir-se na inauguração da Feira de Ibirapuera, São Paulo e ao Rio Grande do Sul.
- Em 1964 vai a Natal a convite do Sr. Aluísio Alves, então governador do Rio Grande do Norte, para uma exibição, em sua residência

889 Ary Vasconcelos, *Panorama da Música Popular Brasileira*. Livraria Martins Editôra, São Paulo, vol. II, 1964, pág. 364.

de veraneio, como parte das comemorações da passagem do seu aniversário a 31 de janeiro.
- Em 1966 em São Luís do Maranhão, em Palácio do Governador e na residência do Prefeito da Capital.

Exibições pelo Interior do Estado da Bahia
- Em Feira de Santana, na Rádio Cultura e no Ginasium Péricles Valadares.
- Em Alagoinhas, no Cinema Alagoinhas.
- Em Catu, na sede da Petrobras.
- Em Periperi, no Clube Periperi.
- Em Senhor do Bonfim, no Cinema.
- Em Juazeiro, no Cinema Juazeiro.

Todas essas exibições foram em 1965, à exceção das do município de Senhor do Bonfim e Juazeiro, que foram no ano de 1966.

Exibições Fora do Estado da Bahia
- 1959 – Rio Grande do Sul (exibição oficial).
- 1959 – São Paulo: Feira de Ibirapuera (exibição oficial).
- 1960 – Guanabara: Revista Manchete; TV Tupi; Universidade do Brasil.
- 1963 – Pernambuco: TV Ring.
- 1964 – São Paulo: Feira de Arte Popular; TV Excelsior; TV Tupi; *Boate* Chame-Chame; São Sebastião Bar; *Boate* Twist; Clube dos Milionários; Residência do cantor e compositor João Gilberto; Clube dos Artistas; Diversas residências particulares.
- 1965 – Rio Grande do Norte: Palácio do Governador; Lagoa São Manuel Felipe.
- 1966 – Pernambuco: Petrolina, no Hotel São Francisco; Liciri, no Cinema.
- 1966 – Maranhão: Bacabau, no Teatro de Arena Municipal; São Luís do Maranhão: Palácio do Governador; Jornal Pequeno; TV Ribamar; Residência do Prefeito da Capital; Ginásio Rodrigues Costa.
- 1966 – Piauí: Teresina, na Rádio Teresina.

Exibições em Cordões Carnavalescos Durante o Desfile no Carnaval

- 1962 – Clube Carnavalesco Mercadores de Bagdad.
- 1963 – Clube Carnavalesco Vai Levando (pela manhã); Clube Carnavalesco Filhos do Morro (à tarde).
- 1964 – Clube Carnavalesco Filhos do Mar.

No Cinema

- Como mestre de capoeira, trabalhou nos longa-metragens *Os Bandeirantes*, *Barravento*, *O Pagador de Promessas*, *Senhor dos Navegantes*, *Samba* e inúmeros curta-metragens.

Em Clubes Sociais

- Associação Atlética da Bahia, Clube Baiano de Tênis, Iate Clube da Bahia, Clube Português, Clube Carnavalesco Fantoches da Euterpe, Clube Carnavalesco Cruzeiro da Vitória, Centro Recreativo Espanhol, Casa Civile d'Italia, Clube Costa Azul, Clube Vitória. Na *Boate Cloc* e no cabaré Tabaris.

Em Praça Pública

- Praça da Sé, Lagoa do Abaeté, Jardim de Alá, Festa da Pituba e Festa da Conceição da Praia.

Diversos

- Deu ainda inúmeras exibições esparsas, tais como na entrada do Hotel da Bahia, Hotel Plaza, Rádio Sociedade da Bahia, Concha Acústica do Teatro Castro Alves e em diversas residências particulares da Bahia.

Gato (José Gabriel Goes) nasceu em Santo Amaro da Purificação, a 19 de março de 1929. Aprendeu desde criança a jogar capoeira com seu pai Eutíquio Lúcio Chagas, capoeira famoso em Santo Amaro da Purificação. Gato é um excelente capoeira. Joga admiravelmente bem e com uma agilidade incrível. Mas o que o distingue entre todos é a astúcia felina,

como arma e se safa dos golpes, que em todo o desenrolar do jogo dá a impressão de um grande espetáculo de *ballet*. Ao lado do virtuosismo do jogo há o do toque que o faz muito bem. Foi um dos mestres de capoeira a integrar a delegação brasileira no *Premier Festival International des Arts Nègres de Dakar*. Na gravação de capoeira feita pela Editora Xauã, atua como tocador de berimbau.[890]

Cobrinha Verde (Rafael Alves França), excelente capoeirista, mas praticamente fora de forma – "já me sinto muito abatido", diz ele.[891] Hoje se dedica ao ensino da capoeira em sua Academia. É o autor do terceiro livreto assinado por um capoeirista, o qual vem citado neste ensaio.

Traíra (João Ramos do Nascimento), capoeirista de fama na Bahia e já marcou época. Na gravação citada da Editora Xauã, atua como mestre de capoeira. Sobre a beleza do seu jogo e de sua postura, assim se referiu Jorge Amado: – "Traíra, um caboclo seco e de pouco falar, feito de músculos grande mestre de capoeira. Vê-lo brincar é um verdadeiro prazer estético. Parece um bailarino e só mesmo Pastinha pode competir com ele na beleza de movimentos, na agilidade, na rigidez dos golpes. Quando Traíra não se encontra na Escola de Waldemar, está, ali por perto, na Escola de Sete Molas, também na Liberdade".[892]

Waldemar da Paixão, como bom capoeirista antigo, a sua fama corre paralela à de Mestre Bimba. O seu repertório de cantigas é algo notório na cidade. Possuía academia de capoeira na Estrada da Liberdade. Hoje, quando quer, joga ao ar ivre com colegas amigos, ou nas suas academias. Atualmente se dedica à fabricação de berimbau, por encomenda das barracas do Mercado Modelo.

Ao lado desses há um número enorme de capoeiristas na Bahia, uns idosos, não mais praticando a capoeira e outros ainda jovens, porém sem discípulos ou academia de capoeira. Dentre eles, vale salientar Mungunjê,

890 Gato (José Gabriel Goes), *Capoeira*, gravação citada.

891 Rafael Alves França (Cobrinha Verde), *op. cit.*, pág. 5.

892 Jorge Amado, *Bahia de Todos os Santos*, *ed. cit.*, pág. 210.

Juvenal, Totonho Maré, Alemão Guarda, Domingo Mão de Onça, Espadarte, Santo Amaro, Dadá, Davi, Antônio Diabo, João Bom Cabelo, Angoleiro, Zé Domingo Foca, José de Mola, Pirrô, Romão Nego Exu, João Grande, dentre muitos outros.

Joao Grande (João Oliveira dos Santos) é dentre todos os grandes capoeiras jovens o que mais truques de ataque e de defesa conhece, contribuindo para isso a flexibilidade fora do comum de seu corpo, tornando-o o mais ágil de todos os capoeiras da Bahia. Quando em pleno jogo é um grande bailarino. Canjiquinha, por exemplo, depois de fazer várias referências elogiosas a João Grande, saiu com um tipo de frase muito sua, de que: – "Foi Deus quem mandou João Grande jogar capoeira". João Grande foi discípulo do capoeirista *Cobrinha Verde* (Rafael Alves França). Sua Academia é um das mais novas e foi um dos integrantes, como capoeirista, da delegação brasileira no *Premier Festival International des Arts Nègres de Dakar*.

O capoeirista não era um mau caráter. O seu comportamento na comunidade social era ditado pelas circunstâncias, que se lhe impunham e pelas pressões e desmandos dos que então detinham o poder. Um exemplo disso foi Juca Reis (José Elísio Reis), irmão do Conde de Matosinhos, famoso capoeirista, com quem foi criado um rumoroso caso, que abalou o ministério do Marechal Manuel Deodoro da Fonseca, levando-o a uma crise, quase motivando sua queda. Fora disso a sua maneira de ser era igual à dos demais, conforme testemunhos dos estudiosos e escritores que conheceram e conviveram com antigos famosos capoeiristas, dando um saldo positivo em favor de sua existência na comunidade social.

Melo Morais Filho foi dos estudiosos o que mais observou e teve convivência com os famosos capoeiristas de sua época, daí alguns depoimentos acertados sobre os mesmo como o de que: – "O capoeira gosta de ociosidade, e entretanto trabalha; segunda-feira é para ele prolongamento do domingo. Quando se dedica a alguém é incapaz de uma traição, de uma deslealdade... Ao seu ombro tisnado escorou-se até há pouco o senado e a câmara, para onde, à luz da navalha, muitos dos que nos

governam, subiram".[893] Em outro depoimento adverte que: – "Navalhar à traição, deixar-se prender por dois ou três soldados e espancar a um pobre velho ou a uma criança, ser vagabundo e ratoneiro, nunca constituíram os espantosos feitos das maltas do passado, que brigavam freguesia com freguesia, disputavam eleições arriscadas, levavam à distância cavalaria e soldados de permanentes quando intervinham em conflitos de suscetibilidade comuns.

O capoeira isolado, naqueles tempos, trabalhava, constituía família, a vadiagem lhe era proibida, não era gatuno, afrontava a força pública e só se entregava morto ou quase morto".[894] Ainda no século passado é Machado de Assis quem diz: – "que estou em desacordo com todos os meus contemporâneos relativamente ao motivo que leva o capoeira a plantar facadas nas nossas barrigas. Diz-se que é o gosto de fazer mal, de mostrar agilidade e valor, opinião unânime e respeitada como dogma. Ninguém vê que é simplesmente absurda".[895] Por fim opina Coelho Neto dizendo que: – "O capoeira digno não usava navalha: timbrava em mostrar as mãos limpas quando saía dum *turumbamba*. Generoso, se trambolhava o adversário, esperava que ele se levantasse para continuar a luta porque: 'Não batia em homem deitado', outros diziam, com mais desprezo 'em defunto' ". Ainda no mesmo texto se lê: – "O capoeira que se prezava tinha ofício ou emprego, vestia com apuro e, se defendia uma causa, como aconteceu com a do abolicionismo, não o fazia como mercenário".[896]

893 Melo Morais Filho, *Festas e tradições populares do Brasil, ed. cit.*, pág. 445.

894 Melo Morais Filho, *op. cit.*, pág. 451.

895 Machado de Assis, *Crônicas* (1878-1888). W. M. Jackson Inc. Editôres, 1938, vol. IV. págs. 227-228.

896 Coelho Neto, *Bazar*, *ed. cit.*, págs. 137-138.

11. As Academias de Capoeira

Como já disse anteriormente, outrora não havia *Academia de Capoeira.* Havia mestre e discípulo, porém a sede do aprendizado era o terreiro em frente ao boteco de cachaça, quitanda ou casa de *sopapo,* onde moravam. Academia de Capoeira estruturada e assim chamada é coisa recente, datando dos princípios da década de 1930 ao presente momento.

O primeiro mestre de capoeira a abrir Academia foi mestre Bimba (Manuel dos Reis Machado), em 1932, no Engenho Velho de Botas, por sinal também o primeiro a conseguir registro oficial do governo, para a sua academia chamada *Centro de Cultura Física e Capoeira Regional*, num período em que o Brasil caminhava para o pleno regime de força que as leis penais consideravam os capoeiristas como delinquentes perigosos.[897] Qualificando o ensino de sua capoeira como ensino de educação física, a então *Secretaria da Educação, Saúde e Assistência Pública* expediu o seguinte certificado de registro à academia de capoeira de Mestre Bimba, a 9 de julho de 1937:

> **"Num. 111. Secretaria da Educação, Saúde e Assistência Pública /Departamento de Educação**
>
> **Inspetoria de Ensino Secundário Profissional**
>
> O Inspector Technico do Ensino Secundário Profissional tendo em vista o que lhe requereu o Sr. Manuel dos Reis Machado, Director de Curso de Educação Physica, sito à rua Bananal, 4 (Tororó), districto de Sant'Anna, município da capital, concede-lhe para o seu estabelecimento, o presente título de registro, a fim de produzir os devidos efeitos.

897 Vicente Piragibe, *Consolidação das Leis Penais*/Aprovadas e adaptadas pelo Decreto nº 22.213 de 14 de dezembro de 1932/Código Penal Brasileiro (Completado com as leis modificadas em vigor). Rio de Janeiro, Tipografia do *Jornal do Comércio*, 1933, pág.48.

Inspetoria do Ensino Secundário e Profissional
Bahia, 9 de Julho de 1937

O Inspector Technico
Ass: Dr. Clemente Guimarães.

A academia de Mestre Bimba, que além de ser a primeira a aparecer, a primeira a ser reconhecida oficialmente pelo governo, a primeira academia de capoeira chamada regional uma vez que o seu mestre foi o criador dessa modalidade de capoeira, é a mais importante das academias no gênero, além de ser a matriz que originou as demais, existentes no presente.

Mestre Bimba mantém em sua academia um curso a que chama *Curso de Capoeira Regional*, cujas lições se acham impressas, num folheto ilustrado, anexo a um disco *long-playing* onde se acham gravados os toques e as cantigas referentes às lições. Mestre Bimba, não obstante faltar-lhe instrução primária, é um homem bastante inteligente e com um tirocínio de liderança muito aguçado. Usando seus discípulos, que variam desde o homem rude do povo a políticos, ex-chefes de Estado, doutores, artistas e intelectuais, Mestre Bimba transmitiu-lhes o seu plano de curso, os quais deram uma excelente estrutura e puseram em letra de forma. Como toda academia de capoeira, tem um regulamento para os seus discípulos com a diferença, apenas, que nas demais a coisa vai sendo transmitida oralmente, de boca em boca. Na academia de Mestre Bimba, há uma série de recomendações datilografadas, emoldurada em vidro e afixada nas paredes e um regulamento básico impresso no folheto mencionado, o qual consta de nove itens:

1. Deixe de fumar. É proibido fumar durante os treinos;
2. Deixe de beber. O uso de álcool prejudica o metabolismo muscular;

3. Evite demonstrar aos seus amigos de fora da roda da capoeira os seus progressos. Lembre-se que a surpresa é a melhor arma de uma luta;
4. Evite conversa durante o treino. Você está pagando pelo tempo que passa na academia e observando os outros lutadores, aprenderá mais;
5. Procure *gingar* sempre;
6. Pratique diariamente os exercícios fundamentais;
7. Não tenha medo de se aproximar do oponente; quanto mais próximo se mantiver, melhor aprenderá;
8. Conserve sempre o corpo relaxado;
9. É melhor apanhar na "roda" que na rua…

O curso em si compreende seis fases, assim distribuídas:

1. Gingado;
2. Sequência;
3. Sequência com berimbau;
4. Balão cinturado;
5. Especialização;
6. Mudança de lenço.

O aprendizado dessas fases é feito através das quatorze lições abaixo discriminadas:

Primeira: Gingada

Segunda: Duas de frente
Armada
Queda de cocorinha
Negativa
Saída de aú

Terceira: Dois martelos
Armada e bênção
Saída de aú

Quarta: Retrospectiva

Quinta: Dois godeme (esquerdo e direito)
Galopante
Arpão de cabeça
Joelhada

Sexta: Meia-lua de compasso
Queda de cocorinha

Sétima: Vingativa
Saída de rolê

Oitava: Banda de costa
Asfixiante
Banda traçada

Nona: Rasteira

Décima: Cintura desprezada
Tesoura
Saída de aú

Décima primeira: Balão cinturado
Balão de lado

Décima segunda: Gravata cinturada

Décima terceira: Açoite de braço
Bochecho
Quebra pescoço
Cruz

Décima quarta: Defesa contra armas brancas
Defesa contra armas de fogo.

Concluindo o curso, há uma festa solene de conclusão que chamam de formatura. Assisti a um desses cerimoniais na academia de Mestre Bimba e pude verificar que é algo de suma importância para os que se formam e mui especialmente para Mestre Bimba, cuja satisfação e vibração são fenômenos indescritíveis. O ceremonial se verifica na sede propriamente dita da academia, numa rua denominada Sítio Caruana, 49, no bairro de Amaralina, na localidade chamada Nordeste de Amaralina, um pequeno bairro dentro do grande bairro de Amaralina. A notícia de formatura é qualquer coisa de anormal entre os diversos capoeiristas. O povo da cidade e em especial do local, acorre desde cedo à sede para assistir a festa. Antes de começar e durante os rápidos intervalos servem-se refrigerantes, doces, abará e acarajé com os presentes. A única bebida alcoólica servida é cerveja, mesmo assim o Mestre só permite o seu uso no encerramento. Vestindo camisa branca de algodão, calça de linho branco folgada e calçando chinelos de *chagrin*, Mestre Bimba, com um apito que jamais se afasta, abre a festa, explicando a sua razão de ser aos convidados e aos que vão se formar, que por sua vez estão trajando camisa branca olímpica de algodão, calça de algodão ou linho, justa ou folgada e basqueteira de borracha branca. Finalizando passa a palavra ao paraninfo da turma que é sempre um discípulo já formado que faz a sua oração dentro da temática da capoeira. Após isso vem as demonstrações, tendo início com o jogo de formado com formando. Segue-se o jogo de calouro com calouro. Logo após, os que se formam dão uma demonstração dos golpes aprendidos durante o curso, passando em seguida para exibição de *cinturão desprezado*. Numa grande pausa para os calouros, vem o jogo de formado, para depois vir o jogo de calouro. Chega o momento áureo, com a cerimônia de formatura – Mestre Bimba dá um apito. Reina silêncio e então dá início ao cerimonial. Faz um ligeiro relato do que sabe e do que viu sobre a capoeira e capoeiristas; e relembra passagens de sua vida para servir de exemplo. Após o que, convida as madrinhas para que coloquem as medalhas no peito e o *lenço de esguião de seda*

no pescoço de seus afilhados, voltando a falar novamente desta vez para dar explicação sobre a medalha que é o símbolo da academia e o *lenço de esguião de seda*. Sobre o lenço, que foi de seda comum azul, explicou que antigamente a grande defesa do capoeirista contra navalhada no pescoço era o uso de um lenço chamado *esguião*, que era de seda pura importada, vendido nas lojas do comércio da cidade baixa por quatrocentos réis. Segundo a sua explicação, que é a mesma dos capoeiristas antigos, a navalha não corta a seda pura. Deste modo, não se morria de navalhada no pescoço. Terminada esta parte e os cumprimentos sociais, vem uma exibição de *schath*, para, em seguida, dar lugar à *prova de fogo*. Esta *prova de fogo* consta do seguinte: durante a demonstração dos golpes o calouro que não se saiu bem ou não satisfez as exigências do Mestre, para ser digno da medalha e do lenço de esguião de seda, terá que fazer uma *prova de fogo*, que é jogar capoeira com um antigo discípulo, já formado e exímio jogador de capoeira. Há uma luta violenta, sob os olhos do Mestre. Saindo-se bem o calouro, estouram vivas e palmas sendo abraçado por todos os seus companheiros. Caso contrário, vem um silêncio de gelo total. Após essa prova, vem o jogo dos que se formaram naquele dia, com os já formados há tempo. Finalizando a parte do jogo, vem um jogo exclusivamente dos que se formaram, entre eles próprios. Tem início a parte festiva propriamente dita, com o *samba duro*, modalidade de samba, executado somente por homem e que a certa altura um passa a rasteira no outro, derrubando-o no chão. Vem o *samba de roda*, que é executado por homens e mulheres presentes, para depois haver o encerramento com distribuição de refrigerantes, cerveja, doces, abará e acarajé com todos. Além da sede já referida, com exibições aos domingos, Mestre Bimba possui outra só para cursos, à rua Francisco Muniz Barreto, 1 (antiga rua das Laranjeiras), funcionando diariamente.

O Centro Esportivo de Capoeira Angola é o nome da academia de capoeira, fundada em 1941 por Mestre Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha), hoje localizada ao Largo do Pelourinho, 19, funcionando às

terças, quintas, sextas-feiras às 19 horas e aos domingos às 15 horas. A sede da academia de Mestre Pastinha é um salão amplo de um casarão antigo, que também é a sede de muitas outras entidades, funcionando cada qual em horários diferentes. O ensino da capoeira é feito como nas demais academias, isto é, por via oral, à exceção da de Mestre Bimba. Mestre Pastinha, como todo capoeira, vai transmitindo a seus discípulos aquilo que sabe e aquilo que quer transmitir. A sua academia é um reflexo do que eu já disse anteriormente do Mestre. Hoje, devido ao seu estado de saúde que já não lhe permite mais atuar, a academia perdeu o ritmo inicial; acha-se, do ponto de vista etnográfico, em decadência. Lá, a capoeira tem vida quando comparecem dois grande capoeiristas da Bahia: João Grande (João Oliveira dos Santos) e João Pequeno (João Pereira dos Santos), sobretudo João Grande, a quem "Deus mandou jogar capoeira", ambos atualmente contramestres da academia, conforme afirma Mestre Pastinha em entrevista à revista *Realidade*,[898] sem entretanto terem sido seus discípulos.

A Academia Baiana de Capoeira Angola, sita à rua Christiani Ottoni, antigo Mirante do Calabar, com exibições às terças e quintas, das 20 às 22 horas e aos domingos das 9 às 12 horas, é dirigida por Mestre Gato (José Gabriel Goes). Não obstante se tratar de uma academia relativamente nova, vez que foi fundada em 1962, a *Academia Baiana de Capoeira Angola* é de grande importância entre as demais. Dispõe de excelentes discípulos e tocadores de berimbau, além de apresentar uma característica diferente das outras, que é o ensino da capoeira ao sexo feminino e ser a preferida pelos alunos da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, para o aprendizado de capoeira, devido ao valor de seu Mestre e à capacidade didática que tem para transmitir seus ensinamentos.

A Academia de Capoeira de Angola São Jorge dos Irmãos Unidos de Mestre Caiçara tem sede à rua Coronel Tupi Caldas, 84, Liberdade,

898 *Realidade*/Uma Publicação da Editôra Abril, Ano I, Número II, fevereiro,1967, pág. 80.

e é dirigida pelo Mestre Caiçara (Antônio Conceição Morais). É a única academia que se faz presente às festas populares da Bahia, independente de qualquer auxílio financeiro do orgão oficial do turismo municipal.

Grupo de Capoeira do Bairro Pernambués, com sede rua Tomás Gonzaga, s/n, Pernambués tem como Mestre Arnol Conceição. Não obstante ter sede em recinto fechado, sua exibições são aos domingos, no terreiro em frente, ao ar livre.

O Centro de Representação de Capoeira Regional tem sede à rua Fernão de Magalhães, 71, Chame-Chame (Quinta da Barra), com exibição às terças e quintas das 19 às 22 hora e aos domingos das 15 às 18 horas, tendo como Mestre Augusto de São Pedro. Não obstante ter sido discípulo de Mestre Bimba, enriqueceu os ensinamentos do mestre com elementos novos, usando-os em sua academia e admitindo o sexo feminino no aprendizado da capoeira regional, sendo assim o pioneiro nesse sentido.

A Capoeira São Gonçalo, com sede à rua Rodrigues Ferreira, 226, Federação, tem por Mestre Bigodinho (Francisco de Assis). Embora seja angoleiro de formação, convive intimamente com Mestre Bimba e em sua academia não usa só os elementos da capoeira angola, como os da chamada regional.

A Escola Nossa Senhora Santana/Curso de Capoeira Regional tem como endereço a rua Guiri-Guiri, 86, bairro Cosme de Farias, antigo Quintas das Beatas. Seu Mestre é Manuel Roseno de Santana, discípulo de Mestre Bimba em 1927. Atualmente a academia está sem sede para exibições.

O Centro Esportivo de Capoeira Angola Dois de Julho foi fundado pelo Mestre Cobrinha Verde (Rafael Alves França), discípulo do famoso capoeirista Besouro (Manuel Henrique). A sua sede é no Alto de Santa Cruz (Casa Brito) s/n, no bairro Nordeste de Amaralina, com exibições às terças, quintas e sextas às 20:30 horas e aos domingos as 8:30 horas.

Centro de Instrução Senavox/Capoeira é uma academia de capoeira fundada por Carlos Sena, discípulo de Mestre Bimba, que, partindo dos ensinamentos do mestre, acrescentou elementos outros, fazendo com

que a sua capoeira tenha um caráter estilizado. Sua sede é à Avenida Sete de Setembro, 2, Edifício Sulacap, sala 207.

As academias de capoeira dispõem de *Mestre*, que é o dono da capoeira, um *Contramestre*, tirado entre os discípulos ou outros capoeiras convidados, e o *Coro*, que em algumas academias, como a de Mestre Bimba, é misto, isto é, masculino e feminino.

Do ponto de vista econômico, essas academias, de um modo geral, são a mantença de seus mestres. São cobradas matrícula e mensalidade dos discípulos, ingressos para as exibições, assinam-se contratos para espetáculos, cinema e com entidades carnavalescas para participarem dos seus enredos, quando o mesmo exige a presença da capoeira.

Outro aspecto importantíssimo é o social. Uma academia cujos componentes são a burguesia local, políticos, ex-chefes de Estado, escritores, artistas e intelectuais, ela e seu mestre gozam de um prestígio social fora do comum e de certa tranquilidade econômica.

De certo modo, um e outro aspecto são negativos para a integridade e o processo normal de evolução e transformação da capoeira. A grande preocupação de prender o turista vez que paga ingresso, tira a sua autenticidade, com o enxerto de coisas estranhas à essência da capoeira. Na sede do órgão oficial de turismo municipal, por exemplo, as academias que lá se exibem, com a finalidade de não cansar o turista e mostrar coisa variada, saem dos seus cuidados para fazerem *samba de roda*, ao som dos instrumentos musicais da capoeira tendo como passistas o mestre e seus discípulos. Quando isso não acontece, há sempre um gaiato que se diz "professor" e, em tom informal, faz palestras sobre a origem e história da capoeira, dizendo as maiores heresias e deixando o espectador extremamente confuso. Por outro lado, a infiltração de elementos de um *status* social diverso do dessas academias tira-hes a autenticidade, no que tange à sua realidade social e de origem. Capoeira, como já disse, sempre foi coisa exibida nos terreiros, nos dias comuns, e nos largos ou praças nos dias de festas. Pois bem, de certa feita o órgão oficial de turismo

municipal convocou todos os mestres de academias, para combinar a exibição de suas academias, durante as festas populares que se processariam durante o ano. Não é assim que a quase totalidade exigiu financiamento, no que foi atendida exceção apenas para um mestre, que fez pior, lamentando ter sido incomodado para aquela reunião, uma vez que sua academia é frequentada por *deputados e pessoas da sociedade* portanto não podendo comparecer às festas de largo, para não se misturar com o povo. Como se vê, esse mestre e sua academia estão totalmente alienados da realidade social a que deveriam estar enquadrados.

12. Ascenção social e cultural da capoeira

O capoeira desde o seu aparecimento foi considerado um marginal, um delinquente, em que a sociedade deveria vigiá-lo e as leis penais enquadrá-lo e puni-lo.

A primeira codificação penal brasileira, ou seja, o Código Criminal do Império do Brasil, de 1830, a ele não se refere especificamente. Como socialmente o capoeira era visto com um marginal, um vadio e sem profissão definida, daí está implicitamente enquadrado no capítulo IV, artigo 295, que trata dos *vadios e mendigos*.[899] Esse fato levou o jurista João Vieira de Araújo, ao comentar o Código Penal de 1890, na parte referente ao capoeira, a dizer que o Código Criminal de 1830 não o mencionava destacadamente, porque "então não havia surgido o *capoeira*; que é delinquente *indígena*, porém muito mais moderno".[900]

Entretanto, o *Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil*, instituído pelo decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890 e que vige até hoje entre nós, deu-lhe tratamento específico no capítulo XIII, intitulado *Dos vadios e capoeiras* nos artigos que se seguem:

> Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação Capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir

899 Araújo Filgueiras Júnior *Código Criminal do Império do Brasil* /Anotado com os atos dos podêres Legislativo, Executivo e Judiciário/Que têm alterado e interpretado suas disposições desde que foi publicado, e com o cálculo das penas em tôdas as suas aplicações / Em casa dos Editôres Proprietários Eduardo & Henrique Laemmert, Rio de Janeiro, 1873, págs. 342-344.

900 José Vieira de Araújo, *O Código Penal* /Interpretado segundo as fontes, a doutrina e a jurisprudência e com referências aos projetos de sua revisão. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1901, vol. I, pág. 393.

> lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal;
>
> Pena – de prisão celular por dois a seis meses.
>
> A penalidade é a do art. 96.
>
> Parágrafo único. É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta.
>
> Aos chefes ou cabeças, se imporá a pena em dôbro.
>
> Art. 403. No caso de reincidência será aplicada ao capoeira, no grau máximo, a pena do art. 400.
>
> Parágrafo único. Se fôr estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.
>
> Art. 404. Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranqüilidade ou segurança pública ou fôr encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes.[901]

A legislação sobre os capoeiras não ficou somente aí. Acordaram os legisladores da necessidade de maior repressão e se idealizarem as colônias correcionais, o que se verificou logo após a publicação do Código de 1893, com o decreto número 145, que autoriza o governo a instituir uma colônia correcional, no próprio nacional denominado Fazenda da Boa Vista, na Paraíba do Sul ou onde melhor lhe parecer. O decreto, na sua essência, assim regula a matéria:

901 Oscar de Macedo Soares, *Código Penal da República dos Estado Unidos do Brasil*/comentado por Oscar de Macedo Soares/Advogado. Segunda Edição, correta e consideràvelmente aumentada, contendo em Apêndice toda a legislação criminal publicada até à presente data. H. Garnier, Livreiro, Editor, Rio de Janeiro, 1904, pág. 593.

> Art. 1°. O govêrno fundará uma colônia correcional no próprio nacional "Fazenda da Boa Vista", existente na Paraíba do Sul, ou onde melhor lhe parecer, devendo aproveitar, além da fazenda, a colônias militares atuais que a isso se prestarem, para correção, pelo trabalho, dos vadios, vagabundos e capoeiras que forem encontrados, e como tais processados na Capital Federal.
>
> Art. 9°. Os Estados poderão fundar, à sua custa, colônias correcionais agrícolas, na conformidade das disposições desta lei, correndo sòmente a despesa por conta da União, quando nas leis anuais se votar a verba especial para elas.[902]

Mais tarde, o decreto de n.° 6.994, de 19 de julho de 1908, aprova o regulamento que reorganiza a *Colônia Correcional de Dois Rios*, cuja parte referente ao capoeira está assim elaborada:

> Título II, Capítulo I–Dos casos de internação.
>
> Art. 51. A internação na Colônia é estabelecida para os vadios, mendigos, capoeiras e desordeiros.[903]

Em nossos dias, embora na prática não funcione, a *Consolidação das Leis Penais* estabelece no seu artigo 46 que: "A pena de prisão correcional será cumprida em colônias fundadas pela União ou pelos Estados para a reabilitação, pelo trabalho e instrução, dos mendigos válidos, vagabundos ou vadios, capoeiras e desordeiros".[904]

902 Oscar de Macedo Soares, *op. cit.*, págs. 645-646.

903 Antônio Bento de Faria, *Anotações teórico-práticas do Código Penal do Brasil* / De acôrdo com a doutrina e legislação e a jurisprudência nacionais e estrangeiras / seguido de um /Apêndice / contendo as leis em vigor e que lhe são referentes. Jacinto Ribeiro dos Santos Editor, Rio de Janeiro, 4.ª edição, 1929, vol. II, pág. 235.

904 Vicente Piragibe, *op. cit.*, pág. 48.

Munida de um instrumento jurídico, pode a polícia dar vazão aos seus instintos, massacrando a torto e a direito os capoeiras que encontrava: estivessem ou não em distúrbios, a ordem era o massacre. O Brasil, que nasceu sem uma polícia organizada, começou a pensar nisso a 24 de outubro de 1626 com a primeira ideia de se organizar, no Rio de Janeiro, uma polícia inspirada nas Ordenações Filipinas, tendo como patrono o ouvidor-geral do crime Luís Nogueira de Brito. O trabalho era gratuito e executado por funcionários chamados *quadrilheiros* devido à atuação no serviço ser feita por quadras tendo cada uma um responsável. A tarefa era manter a tranquilidade da cidade e evitar o vício e a delinquência. Como esta estivesse proliferando com o crescimento da cidade, surge em 1725 o governador Luís Vahia Monteiro, com punho de ferro, para impedir o crime e por isso foi apelidado de *O Onça*, devido à semelhança de sua ferocidade com a do animal. Daí a polícia só veio sofrer reestruturação e por sinal de base, em 1808.

Com a chegada de D. João VI ao Brasil em 1808, a coisa tomou outro rumo. O medo dos capoeiras e o receio de ser liquidado por espiões estrangeiros ou mesmo intrigas da corte, como medida de segurança cuidou, mui de logo, dar uma nova e mais segura estrutura à polícia. Como houvesse o Marques de Pombal, por alvará de 25 de junho de 1760, instituído uma *Intendência Geral de Polícia de Portugal*, D. João VI não perdeu tempo em fazer a transposição do mesmo para o Brasil, através de um alvará de 10 de maio de 1808. Como o dito fosse por demais despótico e desumano, foi violentamente criticado, em Londres, por Hipólito José da Costa, no *Correio Brasiliense*.[905]

D. João, como era natural, pensou em colocar no alto posto uma pessoa de sua extrema confiança, que no caso seria Diogo Inácio de Pina Monique, que havia sido intendente de polícia em Portugal, durante 28 anos. Na impossibilidade de se concretizar a escolha, a preferência recaiu no

905 Elísio de Araújo, *Estudo Histórico sôbre a Polícia da Capital Federal de 1808 a 1831* – Primeira Parte. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1898, págs. 13-28.

brasileiro, a desembargador Paulo Fernandes Viana, homem famoso pela desempenho de cargos importantes no Brasil e em Portugal e também pela sua inteligência, honestidade e rigidez. Uma vez nomeado o primeiro intendente de polícia do Brasil, tratou de organizar uma Secretaria de Polícia, nos moldes da de Lisboa. Assim, contando já com alguns elementos necessários à expansão do seu programa de realizações, Paulo Fernandes Viana propôs a criação da Guarda Real de Polícia, o que foi conseguido pelo decreto de 13 de maio de 1809. Mantida a princípio com seus próprios recursos e de amigos, confiou a sua direção a uma pessoa de estrita confiança que foi o major Miguel Nunes Vidigal, verdadeiro terror dos capoeiras, daí importante destaque de sua administração na história da capoeira. A sua pessoa era algo atemorizante. Chegava inesperadamente nos quilombos, rodas de samba, candomblés e fazia miséria. Aos capoeiras, que foram a sua mira principal, reservava um tratamento especial, uma espécie de surras e torturas a que chamava *Ceia dos Camarões*. Em Melo Barreto Filho e Hermeto Lima se lê esta notícia sucinta de sua personalidade:

> Era um homem alto, gordo, do calibre de um granadeiro, moleirão, de fala abemolada, mas um capoeira habilidoso, de um sangue-frio e de uma agilidade a toda prova respeitado pelos mais temíveis capangas de sua época. Jogava maravilhosamente o pau, a faca, o murro e a navalha, sendo que no golpes de cabeça e de pés era um todo inexcedível.[906]

Deu conta do recado, prestando os serviços desejados por D. Pedro I e D. Pedro II, principalmente no combate fulminante aos quilombos, candomblés e capoeiras, merecendo promoções várias, até quando faleceu, a 10 de junho de 1853, como Marechal de Campo e Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro.

---

906 Melo Barreto Filho e Hermeto Lima, *História da Polícia do Rio de Janeiro*, Aspectos da cidade e da vida carioca – 1565–1831, Prefácio de Filinto Müller. Editôra S/A A Noite, Rio de Janeiro, 1939, vol. I, pág. 203.

Depois da criação da Intendência de Polícia, o capoeira não teve mais sossego, tendo por algozes os seguintes intendentes, em ordem cronológica:

1. Conselheiro Paulo Fernandes Viana, de 10 de abril de 1808 a 26 de fevereiro de 1821;
2. Desembargador Antônio Luís Pereira da Cunha, de 26 de fevereiro de 1821 a 16 de janeiro de 1822;
3. Desembargador João Inácio da Cunha, de 16 de janeiro de 1822 a 28 de outubro de 1822;
4. Desembargador Francisco da França Miranda, de 29 de outubro de 1822 a 17 de julho de 1823;
5. Desembargador Estêvão Ribeiro de Resende, de 29 de outubro de 1823 a 9 de novembro de 1823;
6. Desembargador Francisco Alberto Teixeira, de 11 de novembro de 1824 a 15 de agosto de 1827;
7. Desembargador José Clemente Pereira, de 1827 a 1828;
8. Dr. Nicolau de Siqueira Queirós (interino), 1828;
9. Desembargador Antônio Pereira Barreto Pedroso (interino), 1828;
10. Desembargador Antônio Augusto Monteiro de Barros, 1829;
11. Desembargador Antônio José Araújo Bastos, 1829;
12. Desembargador José Pita Gavião Peixoto, 1831;
13. Conselheiro Caetano Mário Lopes Gama, 1831.

Com a promulgação do *Código de Processo Criminal de Primeira Instância do Império do Brasil*, a 29 de novembro de 1832, foi extinto o cargo de Intendente de Polícia e criado o de Chefe de Polícia ocupado

somente por juiz de direito no artigo 6 do Capítulo I das Disposições Preliminares.[907] Daí em diante o regime monárquico conheceu uma dezena de chefes de polícia, sendo o último nomeado quando da constituição do 36º e último gabinete do Império, sob a presidência do Visconde de Ouro Prêto, que foi o turbulento capoeira e inimigo dos mesmos, Conselheiro José Basson de Miranda Osório. A seu respeito Raimundo Magalhães Júnior transcreve este relato de Almeida Nogueira: "Baixo, claro, louro, olho azuis e imberbe. Perito na arte da *capoeiragem*, destro e valente cacetista. Bom estudante, ainda que muito amigo das *caçadas* noturnas de perus, cabritos e até cavalos, esporte em grande voga nas rodas acadêmicas daquele tempo. Sorteado uma vez para se apoderar de rotundo peru que os *caçadores* haviam descoberto num quintal, o Basson executou com toda a audácia o mandato. Foi, porém, surpreendido quando já havia deitado a unha na cobiçada presa. Apesar da chuva de pancadaria que lhe caiu sobre o costado, não largou o peru, raciocinando, explicou ele depois, que pior seria apanhar a sova e ainda ficar sem o peru. Teve que guardar a cama, no satisfeito dos carinhos contundentes com que fora mimoseado".[908]

A criação de uma Intendência de Polícia e o punho forte de Vidigal não extinguiu os capoeiras e muito menos o problema dos constantes conflitos entre eles e a polícia, sobretudo no que tange ao uso de armas por parte dos capoeiras. A arma comum a todos eles era a navalha, a qual manejavam com uma destreza invulgar. Na Bahia, segundo Mestre Bimba (Manuel dos Reis Machado), usavam uma faca feita de braço ou canela de defunto, cuja furada fazia uma ferida difícil de cicatrizar, justamente por isso a polícia vasculhava tudo e todos em busca dessa arma, daí o seu

907 Josino do Nascimento Silva, *Código do Processo Criminal de Primeira Instância do Império do Brasil* / Argumentado com a Lei de 3 de dezembro de 1841 e seus regulamentos, disposição provisória acêrca da administração da justiça civil, tôdas as leis, decretos e avisos a respeito até o princípio do ano de 1864 / Explicando, registrando, revogando ou alterando algumas de suas disposições. Eduardo & Henrique Laemmert, Rio de Janeiro, 1864, vol. I, pág. 4.

908 R. Magalhães Júnior, Deodoro/*Uma Espada contra o Império ed. cit.*, vol II, pág. 55.

preço altíssimo. Usava também outro tipo de faca chamada *faca de ticum*. O ticum é uma palmácia também conhecido por *tucum* (*Bactris setosa*, Mart.), que dá uma fruta também conhecida pela garotada por *Mané Velho* e cujas fibras são usadas na fabricação da famosas *redes de ticum*. Pois bem, segundo me informou capoeira Cobrinha Verde (Rafael Alves França) a madeira tem a resistência do ferro, daí a confecção de facas, e também tem poderes mágicos contra *mandinga*. Besouro (Manuel Henrique), o temível capoeira, seu primo e seu mestre, segundo corre entre os capoeiras antigos, confirmado pelo próprio Cobrinha Verde, foi morto em 1924, em consequência de um ataque com faca de ticum, em Maracangalha, não morrendo de imediato, sendo transportado para o hospital da Santa Casa da Misericórdia de Santo Amaro da Purificação; somente quinze dias depois é que veio a falecer.

Usavam pouco a navalha. Geralmente entregavam às *mulheres de saia*, como eram chamadas as negras africanas ou decendentes, para esconderem na cabeça entre o cabelo e torso, tomando-a no momento preciso.

No Rio de Janeiro usavam o *petrópolis*, uma espécie de bengala grossa, às vezes esculpida e encastoada ou simples porrete, assim chamado por analogia a Petrópolis, cidade do Rio de Janeiro.[909] A propósito da origem e história dessas bengalas, há o seguinte depoimento de Taunay:

> Na esquina das ruas D. Afonso e Protestantes (hoje 13 de Maio) o prédio do barão do Pilar, o qual pertenceu depois ao capitalista Delfim Pereira e posteriormente à princesa D. Isabel, que ainda possui, depois de o ter aumentado muito.
> No morro fronteiro, fazia figura o *chalet*, em estilo quase clássico grego (que singular enxêrto arquitetônico!) do falecido Carlos Spangenberg, cujas bengalas, algumas bem artisticamente esculpidas,

909 João Ribeiro, *Estudos Filológicos*. Nova edição, Jacinto Ribeiro dos Santos, Livreiro-Editor, Rio de Janeiro, 1902., pág. 173.

> concorreram para também dar voga popular ao nome Petrópolis. Ainda nos nossos dias costuma-se dizer um bom petrópolis por um bengalão respeitável e capaz de dar valentes cacetadas sem se lascar.[910]

Após ter assistido a uma desordem de capoeiras em que o petrópolis teve ação destacada, o viajante alemão Carl Von Koseritz ecreveu em 1883:

> No dia 29 à noite fomos convidados para uma *soirée* em Botafogo, e quando, à meia-noite, deixávamos na Lapa o bonde de Botafogo, a fim de pegarmos o Plano Inclinado, vimos um grupo de indivíduos patibulares ocupados em pegar fogo, com auxílio de petróleo, nas portas do "Cassino Fluminense". De repente chegou a polícia, os petroleiros se enganaram e tomaram o Cassino pelo Ministério da Justiça, que fica ao lado e que tem porta da mesma largura e é pintado da mesma cor. A sua amável tentativa se dirigia para o Ministério da Justiça, eles pensavam vingar melhor a morte de Apulcro incendiando o Ministério da Justiça… Esta cena que eu presenciei pessoalmente não foi contudo a única que se verificou naquela noite. Ao cair do crepúsculo grandes quantidades de capoeiras (negros escravo amotinados) e semelhantes "indivíduos catilinários" se reuniram na praça (*sic*) de São Francisco e começaram, ali e na rua do Ouvidor, a apagar os bicos de gás e, lògicamente, a destruir os lampiões, enquanto gritavam alto e bom som: "Viva a Revolução!" Sòmente pelas 11 horas foi restabelecida a ordem, com a chegada de fortes

910 Visconde de Taunay, *Filologia e Critica* (impressões e estudos) Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1921, págs.. 180-181.

> destacamentos de urbanos (polícia da cidade), armados pouco urbanamente com rifles enquanto a polícia a cavalo desembainhava os sabres e polícia secreta descia os seus porretes "petrópolitanos". Este chamados "petrópolis" são fabricados pelos alemães de Petrópolis e concorrem com os nosos cacêtes, mostrando ainda aqui incidência de nossa missão cultural, pois ali se encontram instrumento convincente da civilização.[910a]

Os conflitos se sucediam a cada instante. Pelo que relata Elísio de Araújo a coisa se intensificou no início da administração de Vidigal, a deduzir da devassa de 22 de abril 1812, contra o soldado Felício de Novais, do 2º regimento.[911] Distúrbios maiores ainda se verificaram em 1814, daí as grandes devassas contra pessoas portadoras de armas. Esses conflitos foram ganhando proporção, até que em 1821 a Comissão Militar, sentindo-se já impotente, resolveu dirigir a seguinte representação ao então ministro da Guerra:

> Illmo. e Exmo. Sr. – Tendo a Comissão Militar que exerce o govêrno das armas desta côrte e província, reconhecendo a necessidade urgente de serem castigados pública e peremptóriamente os negros capoeiras, presos pelas escoltas militares, em desordens, e reprovado inteiramente o sistema seguido pelo intendente geral da polícia, de os mandar soltar, uma vez que não tenham culpa formada em juízo, do qual resulta dano a seus senhores, que são obrigados a pagar as despesas da cadeia e uma perturbação contínua à tranquilidade e sossêgo públicos, e até

910ª Carl von Koserritz, *Imagens do Brasil*/Tradução, prefácio e notas por Afonso Arinos de Melo Franco. Livraria Martins Editôra, São Paulo, 1943, págs. 238-239.
911 Elísio de Aráujo, *op. cit.*, pág. 58.

segurança da propriedade dos cidadãos; visto que pela falta de castigos de açoite, únicos que os atemoriza e aterra, se estão perpetrando mortes e ferimentos, como tem acontecido há poucos dias, que se tem feito seis mortes pelo referidos capoeiras e muitos ferimentos de facadas e levando a nossa Comissão Militar tomadas todas as medidas, que estão de sua parte, não é possível que preencham os fins a que atende sem que se tome também a que fica apontada, como única que pode concorrer para o bom resultado que convém; como, porém, o referido Intendente, ou por falta de energia ou por não estar bem ao alcance das perigosas consequências que se devem esperar, de tratar por meios de brandura aquela quantidade de indivíduos, lembra a Comissão Militar a V. Exa. que, quando seja do agrado de S.A.R. pede cometer-se a disposição daqueles castigos do coronel comandante da Guarda Real da Polícia a fim de os efetuarem logo que os prêtos forem presos em desordens, ou com alguma faca ou com instrumentos suspeitosos, porque com tal medida aparece o exemplo público e aos senhores dos escravos a vantagem de não pagarem as despesas da cadeia, que nada concorre para emenda dos mesmos, que não atendem a êste prejuízo por lhes não ser sensível. S.A., porém, à vista dos expostos, determinará o que julgar mais justo, em benefício do bem público.

Deus guarde a V. Exa. Quartel-General da Guarda Velha, 29 de novembro de 1821. Ilmo. Sr. Carlos Frederico de Caula. – Jorge de Avilez, Veríssimo Antônio Cordeiro, Semeão Estelite Gomes da Fonseca.[912]

912 Elísio de Aráujo, *op. cit.*, pág. 59-62.

Os tumultos e desordens entre capoeiras e policiais prosseguiram. Tentando uma solução, resolveu o então intendente de polícia, desembargador João Inácio da Cunha, a 10 de fevereiro de 1823, nomear Manuel José da Mota, para se encarregar, juntamente com outros indivíduos sob suas ordens, de permanecer no encalço dos capoeiras e desordeiros, prendendo-os tão logo delinquam. Também deveria fazer cumprir o edital de 26 de novembro de 1821, que determinava o fechamento de açougues, tavernas e estabelecimentos congêneres às 10 horas da noite, sob pena de prisão. A medida não surtiu efeito, tendo Clemente Ferreira França ordenado ao brigadeiro chefe do corpo de polícia o reforçamento das patrulhas pela cidade para impedir qualquer aglomeramento de negros capoeiras e pessoas outras, no intuito de evitar desordens, através da Portaria de 8 de dezembro de 1823. Nada resolveu, nada impediu que os capoeiras estivessem sempre em luta. Agora são vistos numa luta meritória e assinalados nas páginas da história como heróis nacionais.

Com a guerra do Rio da Prata, a coroa se viu na contigência de contratar estrangeiros, para engrossarem as fileiras do exército brasileiro, importando assim elementos da Irlanda, Alemanha e Inglaterra. Desse contingente estrangeiro, uma parte já havia seguido para o Rio Grande do Sul e a outra parte, constante de três batalhões, um irlandês e outro alemão se achava no Rio de Janeiro, aquartelados no Campo de Santana, no Campo de São Cristovão e na Praia Vermelha, reunindo tudo, cerca de duas mil praças, mais ou menos. Acontece, porém, que esses batalhões se achavam tremendamente descontentes com o governo e a cada instante davam prova disso, com a prática de atos de indisciplina. Não é assim que o comandante do contingente alemão, que se encontrava ocupado em São Cristóvão, ordenou que castigasse alguns soldados, que haviam praticado atos de indisciplina. Resultado – na manhã de 9 de junho de 1828, eles se rebelaram e prenderam o major destacado para fazer cumprir as determinações do comandante, fazendo grande tumulto e de armas em punho, abandonaram os quartéis e fizeram uma carnificina, matando,

devastando e saqueando tudo. E à proporção que a notícia se espalhava, os outros contingentes iam se incorporando aos sublevados. O contingente alemão da Praia Vermelha se incorporou aos seus companheiros, em São Cristóvão. Atitude idêntica tiveram os irlandeses do Campo de Santana e os que se achavam de guarda, em vários edifícios e estabelecimentos públicos, durando essa intranquilidade de 9 a 13 de junho de 1829. Pois bem, em toda inquietação e balbúrdia tiveram papel de relevante importância os tão combatidos capoeiras. Basta que se tome por testemunho J.M. Pereira da Silva e se saiba que os sublevados, "atacados por magotes de pretos denominados capoeiras, travam com eles combates mortíferos. Posto que armados com espingardas, não puderam resistir-lhes com êxito feliz, e a pedra, a pau, à força de braços, caíram os estrangeiros pelas ruas e praças públicas, feridos grande parte, e bastante sem vida".[913]

Mas o momento áureo da capoeira foi nos últimos dias do Império e nos primeiros da República. A nomeação do bacharel Joaquim Sampaio Ferraz para ser o primeiro Chefe de Polícia da República foi a brasa no barril de pólvora. Sampaio Ferraz foi promotor público na Corte, de 1883 a 1888, exercendo o cargo com tanta dignidade e austeridade, que fez como que o generalíssimo Marechal Deodoro da Fonseca lhe entregasse o difícil cargo. Infelizmente, não bastava ser digno e austero para tal investidura. Importante mais que tudo era um conhecimento maduro e desapaixonado da então realidade social e política, em que estava mergulhado o país. Ter dignidade e usar punho de ferro não era a solução para o caso. A sua falta de conhecimento e de tato para conduzir os referidos problemas foi que logo de entrada criou a maior crise, que o gabinete de Deodoro experimentou, não sendo derrubado por um milagre do acaso. Os capoeiras entram para a história como os responsáveis diretos pelo abalo ao novo regime que se constituía e pela quase derrubada de seu primeiro gabinete. Foi o famoso e terribilíssimo

913 J.M. Pereira da Silva, *Segundo Periodo do Reinado de Dom Pedro I no Brasil* – Narrativa Histórica. B.L. Garnier, Livreiro–Editor Rio de Janeiro, 1871, pág. 289.

capoeira Juca Reis (José Elísio Reis), filho do primeiro Conde de São Salvador de Matosinhos e irmão do segundo Conde de São Salvador de Matosinhos, o estopim de toda a coisa. Sampaio Ferraz disposto a liquidar, de uma vez por todas, com os capoeiras, usando da carta branca que lhe dera o generalíssimo, pouco se lhe dando saber se o capoeira tinha ou não sangue azul, se era aristocrata ou um simples cafajeste, a preocupação era exterminá-lo. Por cúmulo do azar, chega de Lisboa o temível Juca Reis, que vivia sempre viajando, a mando da família para amenizar a vergonha e os dissabores que passava. Embora nada fizesse, mas o seu passado foi o suficiente, para que a 8 de abril de 1890, horas após o desembarque e dar umas voltas pela rua do Ouvidor, ser detido, encarcerado e incluído entre os que deveriam ser deportados para a ilha de Fernando de Noronha. Quintino Bocayuva, então ministro das Relações Exteriores, que era amigo íntimo da família, rebelou-se contro excesso de autoridade dada pelo governo a Sampaio Ferraz fazendo com que gerasse a injustiça, levando alguém a ser punido por um passado que não vive mais. O caso foi levado às sessões do Conselho de Ministros, oficializando-se, assim, a crise. A mais importante dessas sessões foi a de 12 de abril 1890 cuja ata vai trancrita na íntegra:

> Aos doze dias do mes de Abril de mil oitocentos e noventa, presentes à uma hora da tarde, em a sala das sessões do Conselho de Ministros, cidadãos generalíssimo Manuel Deodoro da Fonseca, chefe do Govêrno Provisório; Dr. Rui Barbosa, ministro da Fazenda; general Benjamim Constant, ministro da Guerra; vice-almirante Eduardo Wandenkolk, ministro da Marinha; Dr. Campo Salles, ministro da Justiça; Dr. Cesário Alvim, ministro do Interior; Quintino Bocayuva, ministro das relações Exteriores, e Francisco Glicério, ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, o Sr. Generalíssimo abriu a sessão.

O Sr. Francisco Glicério, tomando a palavra, fundamentou e apresentou o decreto reconhecendo o direito à indenização pela Companhia Estrada de Ferro D. Pedro I e determinando o pagamento do *quantum* por arbitramento. Assinado o decreto, solicitou licença para retirar-se por incômodo de saúde.

O Sr. Benjamim Constant apresentou projeto de reforma das escolas militares, sôbre o qual foram feitas diversas considerações pelo Exmo. Sr. Chefe do Govêrno.

O Sr. Quintino Bocayuva, usando da palavra, faz considerações sôbre o incidente, que ocupa a atenção pública da prisão do cidadão José Elísio dos Reis pelo Sr. chefe de Polícia. Entende que foi exagerado o arbítrio dado pelo govêrno àquela autoridade; e, como não há lei no arbítrio, a exigência de fazer seguir para Fernando de Noronha o cidadão que fôra prêso tão-somente por seus precedentes, mas que tranqüilamente se achava nesta capital para onde viera a chamado de seu irmão, parece excessivo rigor. As relações pessoais, que ligam o orador à família desse moço, a posição excepcional em que a contra-gosto se encontra, determinam a sua retirada do govêrno, sem que dêste retire, entretanto, todo o valimento de seu esfôrço e apoio.

Continuará, pois, fora do govêrno, a ser homem do govêrno.

Não está em desacôrdo com seus colegas, entende que o ato do chefe de Polícia deve ser mantido, mas escrupuliza ou antes discorda em que vá o prêso para Fernando de Noronha, onde até sua vida correria

risco. Acha que a sua deportação para qualquer parte satisfaria. Não se conseguindo êsse acôrdo deixará o gabinete.

O Sr. generalíssimo Deodoro declara não poder consentir na retirada de tão ilustre companheiro, conquanto lhe louve os delicados melindres que manifesta a sua pureza de sentimentos de amizade.

O Sr. Rui Barbosa faz algumas considerações sobre o assunto.

Deseja o acôrdo, porque não pode ficar de pé o dilema inconveniente de ou sair o chefe de Polícia que, com autorização e apoio do govêrno, assim procede, ou o membro do govêrno que representa a chefia e as tradições do partido republicano.

Entende que o arbítrio conferido àquela autoridade é prova exuberante da confiança que em si depositava o govêrno e, pois, deveria contentar-se com o alvitre da deportação. Nesse sentido se deve apurar; é a sua opinião.

O Sr. Campos Salles diz que a opinião se tem manifestado contra José Elísio dos Reis, e anteveio uma crise logo que se divulgou a notícia da prisão que se debate. Logo que o fato chegou ao seu conhecimento, dirigiu-se ao chefe de Polícia, e tentou evitar, mas era tarde a sua intervenção. Essa autoridade, disposta a manter a ordem, aliás manter o seu ato, declarou-lhe que, se Reis não seguisse o destino dos demais capoeiras presos, exonerar-se-ia do seu cargo. Qualquer decisão que não seja esta, colocará o govêrno em posição falsa e o exporá aos remoques da população.

Lembra que, quando o chefe de Polícia propôs-se a extirpar da sociedade fluminense o capoeira, propôs ao conselho um processo sumário, em virtude do qual fôsse o indivíduo condenado. O Sr. Rui Barbosa opos-se então ao processo e resolveu-se confiar a ação do chefe de polícia ao seu próprio arbítrio. Daí a posição falsa em que se acha o govêrno. Considera irreparável a perda do colega das Relações Exteriores, mas não pode convir também na retirada do chefe de Polícia, porque êste cairá armado de todo o prestígio, e nos braços da opinião pública que censurará o govêrno que não soube ser lógico. Portanto, pede ao colega que capitule ante as dificuldades do govêrno, e invoca o seu patriotismo. Todos têm transigido até com as suas próprias convicções, e tem o direito de exigir de si um sacrifício. O seu melindre de amigo agora está salvo, salvo também o melindre de homem de govêrno.

O Sr. Quintino Bocayuva declara que realmente foi exagerado o arbítrio que se deixou ao procedimento da autoridade policial; e, em vista dêle, não se opõe a que o govêrno mantenha-lhe o ato, concorda com êle; mas, no dia seguinte ao da partida do prêso deixará o Ministério. É questão de constrangimento pessoal; não criou essa posição, mas encontrou-se nela e não pode evitar.

O Sr. generalíssimo declarou não assinar nem o decreto de demissão do chefe de Polícia, nem o de exoneração que o Sr. ministro solicita.

O Sr. Rui Barbosa diz que era mais uma prova de confiança e consideração bastante para demover o seu colega do propósito em que se acha.

O Sr. Cesário Alvim louva o proceder do seu colega das Relações Exteriores. Assevera que, em iguais circunstâncias, outra não seria sua norma de conduta; pede, porém, que se consulte ao chefe de Polícia e que se consiga um acôrdo.

O Sr. Campos Salles conhece a história dêsse môço infeliz que tem sido a vergonha da família; lamenta posição dificílima em que se encontra o seu distinto colega das Relações Exteriores, a quem pede se resigne à deliberação cruel do govêrno. Apóia o ato do chefe de Polícia e não pode ceder aos sentimentos do coração uma vez que o govêrno foi surdo às súplicas e às lágrimas das famílias dos outros que pelo mesmo motivo tiveram igual destino. Nenhum foi prêso em flagrante, mas em conseqüência dos seus precedentes. Não se trata de uma medida excepcional, mas da mesma que se adotou para todos. Resolver, pois, em sentido contrário, é desmoralizar as instituições e consentir em que se diga que a influência das posições ainda dá leis ao govêrno da República, como na monarquia. A opinião pública está fita no govêrno; tôda gente inquire o procedimento do Gabinete e quer ver até onde vai a energia e moralidade do govêrno. Compreende o estado em que estará o Sr. Conde de Matosinhos, primeiro por ter irmão de tal natureza, segundo por ter inconscientemente concorrido para esse fato; mas a solução única é que o distintíssimo colega das Relações Exteriores, tendo dado provas de sua amizade pessoal e de seus louváveis melindres, lembre-se da pátria, que tem o direito de exigir o sacrifício de cada um de seus filhos para sua felicidade. Propõe o alvitre de uma disposição geral que faculte aos que têm posses a retirarem-se de Fernando

de Noronha para fora do país; e, assim, apenas chegado o Sr. José Elísio dos Reis, pode-lhe o govêrno facultar a retirada para a Europa. Desta forma, ter-se-ia atendido a um tempo à moralidade do govêrno e ao melindre do Conde de Matosinhos.

O Sr. Cesário Alvim lembra o alvitre de ser o preso remetido para outro presídio, mediante petição da família, despachada pelo próprio chefe de Polícia, como meio de conciliar os intêresses em jôgo.

Foi resolvido que os Srs. Francisco Glicério e Campos Salles se entendessem com o Sr. chefe de Polícia para chegar a um acôrdo.

O Sr. Cesário Alvim refere-se aos negócios de Pernambuco, expõe as queixas apresentadas contra a política do atual administrador, homem aliás severo de costumes e honesto.

O Sr. generalíssimo Deodoro discute a matéria e resolve chamar a esta capital o general Simeão, que passará a administração ao primitivo vice-governador, até que se resolva sôbre quem deva substituí-lo.

São sujeitos à assinatura alguns decretos, após o que, deu-se por finda a sessão às cinco horas da tarde, do que para constar, lavrei a presente ata que, sendo lida e posta em discussão, foi aprovada.– João Severiano da Fonseca Hermes. (Assinados): Marechal Deodoro da Fonseca. – José Cesário de Faria Alvim. – Francisco Glicério. – Eduardo Wandenkolk.–Campos Salles.– Quintino Bocayuva.[914]

914 Dunshee de Abranches, *Actas e Actos do Govêrno Provisório* / Cópias authenticas dos protocollos das sessões secretas do Conselho de Ministros desde a Proclamação da República até a organização do gabinete Lucena / Acompanhados de importantes revelações e documentos, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1907, págs. 167-172.

O assunto voltou a ser ventilado na sessão da 19 de abril de 1890, pelo Marechal Deodoro, falando em torno da renúncia de Quintino Bocayuva e explicando o motivo de sua decisão, conforme resumo da ata que se segue:

> O Sr. Generalíssimo diz que hoje o Sr. Quintino Bocayuva pediu exoneração do cargo de ministro das Relações Exteriores. A falta, que resultará de sua retirada, será muito sensível.
>
> Está no domínio público o seu grande valor em ajudar-nos a levar ao seu têrmo o govêrno. No seu caso faria o mesmo; mas a pena lhe pesaria na mão a assinar o decreto. O público está convencido da dignidade do Sr. ministro; portanto, pede que sujeite os seus desejos de retirada à decisão dos camaradas. O público reconhecerá também que, se acedermos ao pedido do Sr. Quintino, não teremos cumprido o nosso dever, e condenará o procedimento do Ministério em consentir em tal. A família ofendida, que deve orgulhar-se de sua amizade, terá a maior satisfação possível. Mandará o secretário do govêrno, por parte de todo o Ministério, dar todas as explicações que o caso exige.
>
> Os Srs. Rui Barbosa, Cesário Alvim e todos – apoiado.
>
> O Sr. Quintino Bocayuva declara que a deliberação de S. Exa. o Sr. Generalíssimo, por mais patriótica que seja e honrosa para sua pessoa, no pode ser aceita por si. É uma questão pessoal. Sairá airosamente. Concorda com tudo, como govêrno; mas é questão de honra a sua retirada no dia da partida de José Elísio dos Reis. Servirá melhor à causa do govêrno e da República fora do gabinete.
>
> O Sr. Generalíssimo combateu ainda as opiniões do Sr. Quintino e resolveu-se adiar a matéria.[915]

915 Dunshee de Abranches, *op. cit.*, págs. 176-177.

A crise foi superada com saldo desfavorável a Quintino Bocayuva. Prevaleceu o ponto de vista do chefe de Polícia Sampaio Ferraz, contra todas as suas atitudes e posições assumidas, Juca Reis foi cumprir pena em Fernando de Noronha, e o mais curioso de tudo é que sua ideia de renúncia foi modificada em virtude das ponderações do Marechal Deodoro.

Sobre toda essa crise, sobretudo no que diz respeito ao cumprimento de pena dos capoeiras em Fernando de Noronha e a posição do ministro das Relações Exteriores, Quintino Bocayuva, há um importantíssimo depoimento de Dunshee de Abranches, intitulado *A deportação dos capoeiras e o general Quintino Bocayuva*, o qual vai transcrito na íntegra:

> Um dos mais assinalados serviços, que deveu esta capital ao Govêrno Provisório, foi sem dúvida alguma o extermínio dos *capoeiras*.
>
> Dando um tipo especial ao Rio de Janeiro no Brasil e mesmo em todo o mundo civilizado, a capoeiragem era aqui mais do que uma arte, era uma verdadeira instituição.
>
> Radicado nos costumes fluminenses, como um carcinoma e, como tal, julgado inextirpável, resistindo a todas as medidas policiais, as mais enérgicas e mais bem combinadas, êsse flagelo dava eternamente uma nota sombra de terror às próprias festas mais solenes e ruidosas de caráter popular.
>
> Já não falando nas datas de solenidades patrióticas ou religiosas quando a multidão se apinhava pelas ruas e pelas praças, nem mesmo nos dias calmos habituais de trabalho e tranqüilidade reinava nos espíritos. À noite, durante os espetáculos ou mais vulgarmente depois

dêstes, raro era o carioca ou o estrangeiro, que por aqui passasse ou entre nós vivesse, que se pudesse gabar de não haver assistido a uma dessas cenas sangrentas e aviltantes em que a rasteira, a cabeçada e a navalha levantavam a poeira das calçadas, lançando em pânico a população.

Houve tempo mesmo em que bastava uma banda de música fazer-se ouvir ao longe, para que tôdas as portas se fechassem com o temor de assaltos infalíveis, que eram praticados a torto e a direito, sem provocação nem motivos, simplesmente como um meio prático de dar expansão aos instintos selváticos dêsses tão crueis quão originais sicários.

O certo, porém, é que a arte da capoeiragem, tornando-se um dos nossos usos mais característicos, não contava os seus cultores apenas nas classes baixas. Personagens ilustres e, entre eles, até homens políticos que ocuparam posição notável no parlamento ou nos conselhos da coroa, eram apontados como exímios no govêrno. E os *guaimus* e *nagoas*, como se denominavam os heróis de profissão nos agrupamentos arregimentados por chefes temíveis e temidos, não raras vêzes representavam o principal papel nas pugnas eleitorais.

Formando assim os capoeiras uma das páginas episódicas mais curiosas da história do segundo reinado, capítulo que infelizmente ainda não foi registrado em um estudo especial, como merece, não menos verdade é que foi sempre a preocupação dos govêrnos imperiais, mais bem inspirados e decentes, acabar com semelhante praga, tão deprimente para os foros de uma cidade civilizada, como deverá ser a capital do Brasil.

Felizmente, porém, o que nunca pôde conseguir a monarquia, dentro da lei e das conveniências sociais, porquanto os mais perigosos dos chefes das maltas eram filhos de famílias ilustres, e até de titulares, de almirantes e de altos funcionários do Paço, teve a fortuna de levar ao cabo o Govêrno Provisório, no regímen ditatorial com que inaugurou a República.

Para isso, menos de dois meses depois de 15 de novembro, Deodoro mandou chamar o Dr. Sampaio Ferraz, que então ocupava a chefia de Polícia, e, de acôrdo com o Dr. Campos Salles, ministro então da Justiça, incumbiu-o da delicada missão de exterminar os capoeiras.

O chefe de Polícia ponderou ao Generalíssimo as dificuldades com que teria de lutar para cumprir essas ordens, tanto mais quanto, para que sua ação fôsse nesse sentido coroada de êxito, teria de abrir luta com certas personalidades que, quer nas classes armadas, quer nas civis, quer mesmo no seio do govêrno, tinham parentes e amigos poderosos, que de certo se desgostariam com o fato de serem pessoas de suas famílias atingidas pelas medidas de repressão, as quais, para ser eficazes, deveriam ser iguais para todos, sem abrir-se uma só exceção.

Gênio resoluto e inquebrantável, Deodoro sossegou logo o Dr. Sampaio Ferraz, declarando-lhe que lhe dava carta branca para agir; e, o que fizesse, estava feito. À vista disto, ficou combinado que todos os capoeiras, sem distinção de classe e de posição, seriam encarcerados no xadrez comum da Detenção, tratados aí severamente e pouco e pouco deportados para o presídio de Fernando de Noronha, onde ficariam certo tempo empregados em serviços forçados.

Assim aconteceu. E, logo no dia seguinte, organizada uma lista pela polícia que conhecia um por um dêsses facínoras que infestavam a cidade, começou uma rasura geral, não se atendendo a empenhos, condescendências e considerações de espécie alguma.

Ora, como previra o chefe de Polícia, não tardou que se dessem os mais desagradáveis incidentes, até nas altas regiões políticas.

O primeiro desgôsto, nesse sentido, segundo dizem, foi o Sr. Dr. Lopes Trovão quem o sofreu. S.Exa., sem dúvida, um dos mais ousados paladinos da propaganda, teve mais de uma vez de afrontar nos *meetings* republicanos o punhal assassino dos adeptos do trono. E, em uma dessas ocasiões, foi um dos mais terríveis dos capoeiras, então conhecidos, o braço forte que o livrou generosamente de um golpe mortífero.

Nestas condições, sabendo da prisão e iminente destêrro do homem que lhe salvara a vida, o ardoroso tribuno tentou em vão libertá-lo, não só junto ao Dr. Sampaio Ferraz, como mais tarde perante o próprio Generalíssimo. E o certo é que êste fato causou tal impressão no espírito público que, dias depois, saía oculto desta cidade um filho de um dos nossos mais distintos almirantes para não cair também nas malhas da polícia.

Se, porém, a muitos servira êsse exemplo, de salutar aviso, a outros, mais confiantes talvez no seu prestígio ao lado dos chefes proeminentes da revolução, o caso não se figurou talvez sem exceções.

É possível, pois, que fôsse êste o motivo lamentável de um tristíssimo incidente, que bem poderia ser evitado

e que trouxe o afastamento por longos anos do nosso país de um dos estrangeiros que mais tinham honrado a sua pátria neste lado do Atlântico.

Foi o caso que constara ao Sr. Conde de Matosinhos, então proprietário d'O País, órgão dirigido pelo Sr. Quintino Bocayuva, ministro também nesse tempo do Govêrno Provisório, que um dos seus irmãos, o Sr. José Elísio dos Reis, mais conhecido por Juca Reis, figurava na lista dos que deviam ser degredados para Fernando de Noronha.

Ora, procedendo-se nessa época ao inventário do saudoso primeiro Conde de Matosinhos, parecera àquele ilustre de necessidade urgente mandar vir de Lisboa o seu aludido irmão tanto mais quanto a permanência dêste em Portugal buscar o viajante, pois que lhe garantia a liberdade.

Por seu lado, o Dr. Sampaio Ferraz, informado de tudo, consta que se apressou em fazer chegar ao conhecimento do Sr. Conde de Matosinhos um pedido para que desistisse dêsse intento, porquanto estava disposto a não deixar que o seu irmão pisasse impunemente as ruas desta capital.

Verdadeira ou não esta última versão, o fato é que a 8 de abril de 1890, horas depois de desembarcar nêste pôrto e de passear algumas horas pela rua do Ouvidor, era detido e encarcerado o Sr. José Elísio dos Reis.

O Dr. Sampaio Ferraz, que o vira à porta da casa Pascoal fôra mesmo quem lhe decretara imediatamente a prisão, efetuada instantes depois na esquina da rua Uruguaiana por um dos seus mais dedicados auxiliares.

Nessa mesma noite, debalde o Sr. Conde de Matosinhos procurou obter licença para falar ao prêso, o que não conseguiu também a sua veneranda mãe, que, debulhada em lágrimas, chegou até a solicitar essa graça ao próprio chefe do Estado.

Tudo negaram então ao retido, como aos outros capoeiras; e até mesmo o leito, que lhe fora remetido pela família, não consentiram que figurasse na enxovia, em que se achava recluso.

Não podia, pois, deixar de irritar êsse procedimento do Dr. Sampaio Ferraz ao Sr. General Quintino Bocayuva, que assim via falhar a promessa solene que talvez impensadamente fizera ao seu amigo e protetor. E essa sua exacerbação não demorou em se traduzir no boato de demissão do chefe de Polícia.

E com efeito, o ministro do Exterior de Deodoro pusera questão em um dilema de que não parecia poder mais fugir: ou o irmão do Sr. Matosinhos seria pôsto em liberdade, o que importaria na demissão inevitável do Sr. Sampaio Ferraz, ou então se retiraria S. Exa. do Gabinete.

Diante, porém, da insistência formal do Generalíssimo em manter o ato do chefe de Polícia, declarou-se a crise ministerial; e, em uma conferência reservada, a que compareceram todos os ministros, e realizada na secretaria da Agricultura, a 10 de abril, o Sr. Quintino Bocayuva declarou terminantemente aos seus colegas que, no dia seguinte, no despacho coletivo com o chefe do Estado, pediria a sua exoneração da pasta do Exterior.

O que se passou nessa importante conferência é que os leitores, já esclarecidos por estas linhas, apreciarão no texto da ata, a que se refere esta nota.

> Entretanto, para concluir essa rememoração que acabamos de fazer, precisamos acrescentar que, apesar de tudo isso, Deodoro não recuou do seu propósito, mantendo a palavra dada ao chefe de Polícia. E, quinze dias depois, vinham a público na primeira coluna d'O País as explicações com que justificava o Sr. Conde de Matosinhos a passagem da propriedade dessa folha aos Srs. Antônio Leitão & Comp. e os motivos de sua retirada para o exterior.
>
> Quanto ao seu irmão, móvel de tôda essa agitada pendência, continuou na Detenção até 1° de maio seguinte, quando foi remetido com outros capoeiras, a bordo do vapor Arlindo, para Pernambuco, e daí para Fernando de Noronha, onde se demorou alguns meses até obter permissão para seguir viagem de novo rumo para a Europa. E a paz e a concórdia não tardaram também a voltar ao seio do Govêrno Provisório, resignando-se patriótica e abnegadamente o Sr. Quintino Bocayuva a continuar no Ministério e sendo substituído na propriedade d'O País, o Sr. Conde de Matosinhos pelo Sr. Conselheiro Mayrink.[916]

Todo esse depoimento de Dunshee de Abranches foi transcrito por Rocha Pombo, ao registrar, pela primeira vez, a entrada dos capoeiras e suas façanhas na *História do Brasil*.[917]

Mais temível que Juca Reis era a terrorista *Guarda Negra*. Essa guarda, segundo se propalava, nasceu sob a inspiração de José do Patrocínio e com a proteção das verbas secretas da polícia do governo de

916 Dunshee de Abranches, *op. cit.*, págs. 361-365.

917 Rocha Pombo, *História do Brasil*, Benjamim de Águila Editor, Rio de Janeiro, s/d., vol. X, págs. 275-280.

João Alfredo, tendo suas primeiras reuniões no jornal *A Cidade do Rio*, do qual era o diretor.

Criada para salvar a monarquia e lutar contra os republicanos, os dirigentes da Guarda Negra exploraram os sentimentos de gratidão dos negros libertos, a 13 de maio de 1888 para defenderem a princesa Isabel e como era de se esperar incorporaram-se todos os capoeiras e mais toda uma avalanche de desordeiros e delinquentes. Tinham como preocupação dar um caráter maçônico à organização, não obstante os republicanos saberem todas as deliberações que tomavam, por antecipação. Reuniam-se na rua da Carioca, 77 (antigo), transferindo-se depois para a rua Senhor dos Passos, 165, onde deliberaram fundar a *Sociedade Beneficente Isabel, a Redentora* instalando depois no Largo de São Joaquim, hoje Marechal Floriano Peixoto. Era uma associação de fanáticos. Ajoelhados, mão direita sobre o evangelho e olhos fixos na imagem de Cristo, os iniciados prestavam o seguinte juramento: – "Pelo sangue de minhas veias, pela felicidade de meus filhos, pela honra de minha mãe e pela pureza de minhas irmãs e sobretudo por este Cristo que tem séculos, juro defender o trono de Isabel, a Redentora – porque esta minha própria vida, por considerar acima de tudo êste meu juramento. Em qualquer parte que meus irmãos me encontrem, digam apenas – Isabel, a Redentora–porque estas palavras obrigar-me-ão a esquecer a família e tudo o que me é caro".[918] Os capoeiras da Guarda Negra fizeram miséria, não houve uma reunião fechada ou um comício público dos republicanos, que não fossem dissolvidos. O grande acontecimento promovido por eles foi a 30 de dezembro de 1888, quando do comício republicano, na Sociedade Francesa de Ginástica, à Travessa da Barreira, hoje rua Silva Jardim, em que Antônio Silva Jardim deveria proferir um discurso doutrinário. Embora o comício estivesse marcado para as 12 horas, já às 11 a Guarda Negra com os seus capoeiras se concentraram no Largo

918 Melo Barreto Filho e Hermeto Lima, *op. cit.*, vol. III, pág. 161.

do Rossio armados de unhas e dentes. Mal Lopes Trovão foi saudado e Silva Jardim começou a falar, o local se transformou numa praça de guerra, com grande número de mortos e feridos. Esse acontecimento deixou Joaquim Nabuco aterrorizado, a ponto de, ao escrever para José Mariano Carneiro da Cunha, desejando felicidades no ano de 1889, que acabava de romper, comentava tristemente: – "Organizou-se nesta cidade um chamada Guarda Negra e no domingo houve um combate entre ela e os Republicanos, na Sociedade de Ginástica. Os Republicanos falam abertamente em matar negros como se matam cães. Eu nunca pensei que tivéssemos no Brasil a guerra civil depois, em vez de antes da abolição. Mas havemos de tê-la. O que se quer hoje é o extermínio de uma raça como ela é a que tem mais coragem, o resultado será um luta encarniçada. De tudo isto eu lavo as mãos. Os liberais se subirem hão de ter um papel difícil a desempenhar".[919] Sobre esse acontecimento e todas as demais atuações da Guarda Negra, Raimundo Magalhães Júnior estudou os detalhadamente.[920]

A intranquilidade do país no que tange ao comportamento dos capoeiras não se extinguiu aí. Da instalação do governo republicano com a ditadura de Deodoro, até quase nossos dias, os conflitos se repetiram sem parar. Na Bahia, sua fase áurea foi durante a década de 1920, quando assumiu a chefia de polícia o famoso Pedrito (Pedro de Azevedo Gordilho) declinando um pouco, no início da década de 1930, para reiniciar com a última ditadura oficial, que se instalou no país em 1937. Nessa época, o capoeira já tinha perdido muito de sua essência primitiva. Não era mais o instrumento principal da política e dos políticos, sobretudo no período de eleição. Também decaiu o número de capoeira-capanga assalariado por potentados. Agora, a capoeira passa a tomar outro rumo, marcha para o seu aproveitamento

919 Jordão Emerciano, *José Mariano ou O Elogio da Tribuna*. Secretaria do Interior e Justiça / Arquivo Público Estadual, Recife, 1953, pág. 93.

920 R. Magalhães Júnior, *op. cit.*, vol. I, págs. 326, 327, 341, 342, 373, 374, 376, vol. II, págs. 63, 64, 183, 228.

cultural e em consequência disso começa a decrescer a pressão sobre ela. Mestre Bimba (Manuel dos Reis Machado) é o grande pioneiro, é com ele que a capoeira é oficializada pelo governo, como instrumento de educação física, conseguindo em 1937 certificado da então Secretaria da Educação, para a sua academia. Mestre Bimba foi o primeiro capoeirista, na história turbulenta da capoeira, em todo o Brasil a entrar em palácio governamental e se exibir, com seus alunos, para um governador, que queria mostrar a nossa herança cultural a seus amigos e autoridade convidados e como tal escolheu a outrora perseguida capoeira, justamente numa época em que estávamos sob um regime de ditadura violenta. A respeito de sua exibição em palácio do governador, em tão grave momento político, contaram-me pessoas ligadas a Mestre Bimba que de certa feita se achava ele tranquilo, em sua academia, quando lhe apareceu um guarda de palácio, fazendo-lhe a entrega de um envelope contendo um convite para comparecer a palácio. Sabendo-se capoeira e conhecido da polícia, assustou-se e não teve a menor dúvida de que se tratava de sua prisão. Preparou-se, comunicou o fato a seus discípulos e avisou que caso não voltasse é porque estaria preso. Ao chegar em palácio teve uma grande surpresa e contentamento. O então Interventor Federal da Bahia, Sr. Juracy Montenegro Magalhães, hoje no posto de General do Exército Brasileiro, pediu-lhe que se exibisse em palácio, com seus alunos, para um grupo de autoridades e amigos seus. Precisando dar um cunho de veracidade à informação, dirigi-me ao General Juracy Montenegro Magalhães, no momento ocupando o cargo de Ministro das Relações Exteriores, que por ironia dos acontecimentos ocupava o mesmo ministério que Quintino Bocayuva ocupava no momento em que se dava um destino à capoeira, totalmente adverso ao que deu o então Interventor na Bahia e hoje ministro das Relações Exteriores. Em resposta, confirmou a informação, através desta carta:

Rio de Janeiro, 10 de maio de 1966

Prezado amigo Waldeloir Rego,

Acuso recebida sua estimada carta datada de 2 do corrente. Em verdade, quando Governador da Bahia, convidei o capoeirista Manuel dos Reis Machado, vulgo Mestre Bimba, para uma exibição em palácio, quando tiveram ocasião de assistir àquele espetáculo inúmeros visitantes ilustres e meus hóspedes.

Não sei se fui o primeiro a ensejar uma oportunidade igual, mas creio que, já nos dias que correm, tornou-se tradição na Bahia uma exibição desta natureza. Esclarecido, assim, seu pedido, peço aceitar o cordial abraço do amigo,

Juracy Magalhães.[921]

Com isso a capoeira entra pela primeira vez em palácio governamental, começando daí a sua ascensão sociocultural. Não saiu mais de palácios de governadores e prefeitos do país. Não se concebe uma reunião social, um congresso cultural sem que haja uma exibição de capoeira. A capoeira é ensinada como educação física, nas forças armadas e nas escolas. Alunos da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia vão às academias aprender capoeira, para utilizar na criação de suas coreografias. A capoeira está no cinema, na música, nas artes plásticas, na literatura e nos palcos teatrais.

921 Juracy Magalhães, Carta ao autor de 10/5/66 – Guanabara.

13. A capoeira no cinema e nos palcos teatrais

Em artigo publicado em 1963[922] fui o primeiro a denunciar o elemento turismo na Bahia, infelizmente mal orientado, como o agente responsável por uma série de modificações na estrutura básica de nossa cultura popular, no caso enfocando as pressões econômicas diretas ou indiretas, sofridas pelos candomblés, contribuindo assim para um desvio normal na sua evolução, levando-os a uma descaracterização, que dificilmente cairia, não fosse perturbado o ritmo normal da evolução histórica e socioetnográfica a que estão condicionados.

No que tange à capoeira, se a coisa não correu às mil maravilhas, também não lhe deu um saldo desastroso. É claro que houve grupos de capoeiristas e até academias que se baratinaram ante as pressões e tentações econômicas, descaracterizando se por completo, mas verdade se diga que uma boa parte esteve e está fora dessas influências e, mais importante que tudo, a capoeira arrancou do turismo o que de melhor ele podia lhe dar, que foi a promoção e divulgação dentro e fora do território nacional. Olhada como coisa exótica, a capoeira da Bahia passou a ser, ao lado do candomblé, procurada por toda espécie de turista, pelos etnógrafos, artistas, escritores e cineastas.

A sua ida para o cinema e os palcos teatrais é o que vou abordar neste capítulo. Aportaram à Bahia cineastas dos mais variados recantos do Brasil e do mundo, em busca quando não da capoeira de um modo geral, mas isoladamente do toque, do canto e de um determinado instante do jogo. O fato é que essa gente arrancou elementos para inúmeros

922 Waldeloir Rego, *Um Calendário de Festa Nagô na Bahi*a, in *Jornal da Bahia*, Salvador, 29/9/63,2º caderno, pág.2.

curta-metragens, ora documentando pura e simplesmente a capoeira, ora usando-a em apenas algumas cenas, como é o caso da película *Briga de Galos*, com roteiro e direção de Lázaro Tôrres, fotografia de Rony Roger e produção da Winston Filmes, com Menção Honrosa no Festival dei Popoli em Florença. Dos filmes de longa metragem posso citar, entre produções puramente nacionais, associadas ou estrangeiras, em 1960, *Os Bandeirantes*, uma produção colorida franco-brasileira, distribuída pela UCB, com direção de Marcel Camus. O ano de 1961 foi áureo para o cinema nacional, com O *Pagador de Promessas*, produção luso-brasileira, distribuída pela Cinedistri, com direção de Anselmo Duarte e fotografia de Chick Fowle. Este filme foi distinguido em 1962, com a *Palme d'Or 1962*, no Festival de Cinema de Cannes. Ainda de 1961 é *Barravento*, produção nacional da Iglu Filmes, com direção e roteiro de Glauber Rocha, fotografia de Tony Rabatone e música de capoeira do mestre-capoeira Washington Bruno da Silva (Canjiquinha). Essa película foi premiada no Festival de Karlovy-Vary, na Tchecoslováquia. Em 1964 vem a produção nacional *Senhor dos Navegantes*, com roteiro e direção de Aloísio T. de Carvalho e a espanhola *Samba*, com cenas rodadas no Brasil, em especial na Bahia, onde foram filmadas as cenas de capoeira.

A capoeira emprestou seu principal instrumento musical, o *berimbau*, para ser símbolo de premiação em festival de cinema. Coube à Bahia a ideia de usá-lo pela primeira vez como tal. Em 1962 foi levado a cabo o primeiro *Festival de Cinema da Bahia*, cuja nota oficial abaixo diz da sua origem e seu propósito: – "A Associação de Críticos Cinematográficos da Bahia e o Departamento de Turismo da Prefeitura, em colaboração com as empresas proprietárias de cinemas, decidiram organizar, em homenagem ao jubileu de *A Tarde*, o 1.º Festival de Cinema da Bahia, que se iniciará a 22 do corrente, terminando no dia 28. Um júri de entendidos julgará, em sessões diárias matutinas, os filmes selecionados para o Festival. No dia 28, à noite, no Cine Capri, será apresentado, em *avant-première* internacional, o filme *Santo Módico*, película franco-brasileira rodada na Bahia. O Festival terminará à noite de 28 no Teatro

Guarani, com um espetáculo de gala para a exibição do filme classificado em primeiro lugar".[923] Uma vez instituído o festival de imediato se instituiram os prêmios. E não tardou uma nota oficial regulamentando, assim, os referidos prêmios: – "Quantos prêmios serão distribuídos aos melhores do festival. Obedecendo ao seguinte critério: melhor filme – *Prêmio Cidade do Salvador*; filme que apresentar méritos particulares de originalidade e participação social – *Prêmio Especial da Crítica*; melhor curta-metragem – *Prêmio Universidade da Bahia,* e aos melhores: diretor, argumentista, roteirista, fotógrafo, músico, ator, atriz, ator-coadjuvante e atriz-coadjuvante, em ambas as categorias – *Berimbaus de Prata".*[924] Como se vê, a maioria dos prêmios foi concedida sob a forma de *Berimbau de Prata*, pela primeira vez instituído, depois utilizado em festivais de música, embora o metal usado seja o ouro. Inúmeros filmes longa e curta-metragens, com a temática capoeira em determinadas cenas, foram exibidos e julgados durante o festival, sendo o resultado da premiação exposto na ata do júri que se segue, onde se vêem os premiados com o *berimbau de prata*: – "Aos 23 do mês de outubro de 1962, na sede da Associação Atlética da Bahia, com a presença do presidente Carlos Coqueijo Costa, secretário Hamílton Correia e os demais membros: Válter da Silveira, Rui Guerra, Mário Cravo Jr., Leo Jusi, José Augusto Berbert de Castro. Resolveu-se à unanimidade discutir inicialmente os critérios de julgamento, que foram assentados, passando-se então a deliberar sobre a distribuição do Grande Prêmio Cidade do Salvador, que foi deferido ao filme de longa-metragem "Assalto ao Trem Pagador", escolhido dentre três filmes que obtiveram melhores médias dos membros do júri.

> Em seguida resolveu o júri, usando da faculdade que lhe conferem o Regulamento (art. 18) e o Regimento (art. 6), conceder um Prêmio Especial ao filme de

923 *Diário de Notícias,* Salvador, 10/10/62, pág.1

924 *Diário de Notícias*, Salvador, 21/10/62, pág .6 do Suplemento.

longa-metragem "Tocaia no Asfalto", por sua grande contribuição para um caráter brasileiro de cinema. Prosseguindo no setor dos filmes de longa-metragem, o júri discutiu e votou os prêmios "Berimbau de Prata" para os melhores nas suas respectivas categorias, a saber: Melhor diretor: Roberto Pires, por unanimidade de votos, pelo seu filme "Tocaia no Asfalto"; Melhor argumentista: Miguel Tôrres, pelo trabalho no filme "Três Cabras de Lampião"; Melhor roteirista: Roberto Farias, de "Assalto ao Trem Pagador" Melhor fotógrafo: Hélio Silva, por unanimidade, pelos seus trabalhos nos filmes "Três Cabras de Lampião" e "Tocaia no Asfalto"; Melhor músico: Antônio Carlos Jobim, pela partitura do filme "Porto das Caixas"; Melhor Ator: Eliezer Gomes, pelo desempenho no filme "Assalto ao Trem Pagador"; Melhor atriz: Gracinda Freire, pelo papel feminino principal do filme: "Três Cabras de Lampião"; Melhor ator-coadjuvante: Mílton Gaúcho, pelo desempenho em "Tocaia no Asfalto"; Melhor atriz-coadjuvante: Luísa Maranhão, pelo papel vivido em "Assalto ao Trem Pagador".

A seguir foi atribuído o Prêmio Reitoria da Universidade da Bahia, para a categoria de curta-metragem, cabendo igualmente aos filmes "Aruanda" e "O Menino da Calça Branca", respectivamente pelo seu valor documental e pelo seu valor poético, sendo seus autores Linduarte Noronha e Sérgio Ricardo. Por seus méritos artísticos mereceram Menções Honrosas do Júri os filmes "Festival de Arraias", de Rex Schindler; "Igreja", de Sílvio Robato, e "Aldeia", de Sérgio Saenz. A Comissão do júri, antes de encerrar os trabalhos, decidiu por unanimidade inserir em ata um voto de louvor aos idealizadores do Festival, notadamente

> ao jornal *A Tarde*, pelo patrocínio que emprestou, ao Departamento de Turismo da Prefeitura, na pessoa do seu dinâmico diretor Carlos Vasconcelos Maia, aos exibidores Francisco Pithon e Juvenal Calumby, pela inestimável colaboração prestada, facilitando as sessões do Festival. E a título de colaboração, sugere que o Festival tenha caráter de continuidade, devendo ser realizado periodicamente, se possível cada ano. Bem assim, que desde logo seja constituída uma comissão permanente, sob a supervisão do Diretor do Departamento de Turismo da Prefeitura, a fim de que sejam reformulados o Regulamento e Regimento do Festival, suprindo-se as compreensíveis falhas neles existentes e ampliando-se critérios que melhor possibilitem a classificação e julgamento dos filmes. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, de que dá noticia fiel esta ata, que vai assinada pelos membros do júri que compareceram à sessão. Assinados: Carlos Coqueijo Costa –presidente, Hamílton Correia – secretário, Válter da Silveira, Rui Guerra, Mário Cravo Jr., Leo Jusi, José Augusto Berbert de Castro.[925]

Em festivais internacionais, os filmes brasileiros, com cenas de capoeira, premiados foram *O Pagador de Promessas*, no Festival de Cinema de Cannes, *Barravento*, no Festival de Karlovy Vary, na Tchecoslováquia e o curta-metragem *Briga de Galos*, no Festival dei Popoli, em Florença.

Nos palcos teatrais, a capoeira aparece totalmente estilizada. Quando não se estiliza nas coreografias de danças modernas, fazem-no nos espetáculos de conteúdo afro-brasileiro, como vem fazendo,

925 *A Tarde*, Salvador, 29/10/62, pág.3

dentre outros, Solano Trindade.[926] Quando isso não acontece, fazem-se espetáculos montados, onde se cantam músicas com conteúdo de capoeira, como fazem Ellis Regina e Baden Powell, na *boîte* Zum Zum, batizando o espetáculo com o nome de *Berimbau*.[927]

Na Bahia, o *Grupo Folclórico da Bahia*, dirigido por Ubirajara Guimarães Almeida, discípulo de Mestre Bimba, vem dando espetáculos de capoeira estilizada. De certa feita o Departamento de Educação Física e Esportes da Bahia organizou, no Ginásio Antônio Balbino, um espetáculo intitulado *Noite de Folclore*, e lá estava o referido grupo no fim da programação, apresentando *História da Capoeira* e *Samba Duro*.[928] Infelizmente, não se coaduna com a verdade, no que diz respeito à História da Capoeira. O grupo é mal informado e às vezes apela para a imaginação, no que se refere ao aspeto histórico e socioetnográfico da capoeira, passando a divulgar inexatidões a quem à sua plateia acorre. Melhor seria que, partindo de fatos concretos de capoeira, estilizando como vem fazendo, criassem histórias próprias e montassem um espetáculo, sem a pretensão de fazerem história ou etnografia da capoeira. No mesmo ano em que se exibiram aqui, exibiram-se na Guanabara, no Teatro Jovem, com um espetáculo intitulado *Vem Camará 67 (novas estórias de capoeira)*.[929] Como se vê, o termo *História* para designar fato concreto, fato consumado, foi substituído pelo termo *estória*, a coisa criada, inventada. Talvez isso fosse fruto do diálogo que mantivemos, eu e o dirigente do grupo, meses antes do espetáculo. Não assisti a essa apresentação, porém soube do sucesso promocional e de platéia, através da imprensa.[930] Agora se lê num jornal de Salvador que O Grupo Folclórico da Bahia irá representar o Brasil no III Festival Latino-Americano de Folclore, a realizar-se na cidade de Salta, na Argentina,

926 *Jornal do Brasil*, Guanabara, 18/1/67, Caderno B, pág.5.
927 *Jornal do Brasil*, Guanabara, 18/1/67, Caderno B, pág.6.
928 *A Tarde*, Salvador, 26/4/66.
929 *Jornal do Brasil*, Guanabara, 18/1/67, Caderno B, pág. 6
930 *Jornal do Brasil*, Guanabara, 18/1/67, 1º Caderno, págs.1,5; Caderno B, págs. 3, 6.

quando apresentarão, durante quarenta minutos, um espetáculo que terá como tema principal a capoeira e fragmentos de candomblé, samba de roda e outros números do nosso folclore.

> O Festival de Salta reúne representantes de todas as Américas e seus quatro primeiros colocados irão participar da Feira Internacional de Folclore, em Los Angeles, no que estão esperançosos os nossos representantes".[931]

931 *A Tarde*, Salvador, 21/3/67, pág.3

14. A capoeira nas artes plásticas

O aparecimento da capoeira nas artes plásticas não é de agora. As indicações mais específicas remontam a 1827 com Moritz Rugendas. Em viagem pelo Brasil, Rugendas anotou e desenhou paisagens, cenas e costumes da vida brasileira. Depois, de volta à Europa deu forma de livro e começou a publicação em quatro partes, de 1827 a 1835, sob título de *Malerische Reise in Brasilien*. Dentre os desenhos que fez, lá está uma cena de capoeira a que já me referi, neste ensaio. No ano seguinte ao término da publicação da obra, isto é, em 1836, Rugendas destacou as planchas litografadas e as publicou em Schaffhausen com o título de *Das Merkwürdigste aus der malerischen Reise in Brasilien*.

Quase que paralelamente a Rugendas, vem Jean Baptiste Debret com a sua *Voyage pittoresque et Historique au Brésil, ou séjour d'un artiste français au Brésil, depuis 1816 jusqu'en 1831 inclusivement, époques de l'avenement et de l'abdication de S.M.D. Pedro Ier, fondateur de l'Empire brésilien*, publicado em Paris em três volumes de 1834 a 1839, onde há uma plancha litografada de sua autoria, de um negro escravo tocando berimbau, principal instrumento da capoeira. A respeito desse desenho, também já me referi no corpo deste livro.

De lá, até nossos dias, o grande mestre e senhor absoluto do tema é Carybé, cujo verdadeiro nome é Hector Julio Páride Barnabó, nascido na Argentina, vindo para o Brasil em 1943, estabelecendo-se de imediato na Bahia, onde assimilou os costumes e tradições, incorporando-se de logo à vida baiana. Hoje com cidadania brasileira, diz-se naturalizado baiano, devido ao seu amor excessivo à Bahia. Com um desenho magistral, que se impõe por sua dinâmica e simplicidade, foi que Carybé conseguiu suplantar todas as dificuldades, na captação e recriação dos complicados movimentos da capoeira, como nenhum outro artista do presente. A Bahia, tanto na sua capital como nas cidades circunvizinhas,

está cheia de murais de Carybé com a temática da capoeira. Realizou inúmeras exposições dentro e fora do país, onde os desenhos de capoeira estiveram presentes e no trabalho quotidiano sempre é interrompido por um colecionador que o visita, trazendo, em sua relação de aquisições, desenhos de capoeira.

Em 1955, a Livraria Progresso Editora criou a *Coleção Recôncavo*, espécie de cadernos, com a finalidade de divulgar os costumes e tradições da Bahia. Cada caderno foi entregue a um escritor para elaborar o texto sobre um tema e todos ilustrados por Carybé. Pois bem, o caderno número três foi destinado à capoeira e como Carybé estivesse mais entrosado, na época, do que ninguém no assunto, a ele foi confiado também o texto. O referido caderno que tem por título O *Jogo da Capoeira*, com um texto leve, sem pretensões etnográficas, contém 24 desenhos excelentes, além de mais quatro sobre os instrumentos musicais da capoeira, hoje fazendo parte do acervo do Museu do Estado da Bahia.

Mais tarde, em 1862, todas as ilustrações que compunham a extinta Coleção Recôncavo foram reunidas em volume sob o título As *Sete Portas da Bahia* e publicado com *Cantiga de Capoeira para Carybé*, de autoria de Jorge Amado, onde o autor, partindo de um refrão de capoeira, compôs esta extensa cantiga de louvação a Carybé:

"Mestre de muitas artes,
ê, ê camarado
quem é que é?

Quem é que é
ê, ê, camarado,
da Bahia o filho amado?

É Carybé, camarado,
ê, camarado, ê.

Quem é que é,
ê, ê, camarado,
dono do mar da Bahia?

O xaréu de prata e lua,
ê, ê, camarado,
a jangada e o saveiro
e o abebé de Iemanjá,
ê, ê, camarado,
e de quem é?

Quem é que é,
ê, ê, camarado,
o filho de Oxossi e Omolu?

É Carybé, camarado,
ê, camarado, ê.

Mulato de picardia,
ê, ê, camarado,
na roda da capoeira,
da capoeira de Angola
ê, ê, camarado,
quem é que é?

No largo do Pelourinho,
ê, ê, camarado,
na Conceição, no Bonfim?

De quem é o berimbau,
ê, ê, Pastinha
e o rabo de arraia?

É de Carybé, camarado
ê, camarado, ê,

Querido de Mãe Senhora,
ê, ê, camarado,
e de todos os orixás,
Quem é que é esse Obá,
ê, ê, camarado,[932]

na roda das iauôs,
negro nagô?

E de quem é,
ê, ê, camarado,
o xaxará, o erukerê
e o agogô?

É de Carybé, camarado,
ê, camarado, ê.

De quem é o vatapá,
ê, ê, camarado,
e a negra do acarajé,
Nanci, Ramiro e Sossó,
ê, ê, camarado,
e de quem é?

A paisagem, a poesia
e o mistério da Bahia,
ê, ê, camarado, e de quem é?

É de Carybé, camarado,
ê, camarado, ê.

De Brotas ao Rio Vermelho,
ê, ê, camarado,
quem reina nas Sete Portas,
dono dos atabaques,
amigo de todo mundo,
ê, ê, camarado,
quem é que é?

É Carybé, camarado,
ê, camarado, ê.

É Carybé da Bahia,
ê, camarado, ê,
camarado.[932]

932 Carybé (Hector Julio Páride Barnabó), *As Sete Portas da Bahia*/Apresentação de José de Barros Martins e Jorge Amado. Livraria Martins Editôra, São Paulo, 1962.

Outro artista que conseguiu ótimos resultados plásticos, com o tema capoeira, foi o escultor Mário Cravo Júnior. Mário Cravo possui litografia,[933] inúmeros desenhos de capoeira, mas o seu grande achado está nas esculturas em ferro cujas cenas de capoeira são tão boas e plasticamente válidas quanto a famosa coleção fálica de Cristos e Exus. Em madeira, conseguiu sair-se com rara felicidade quando esculpiu, em tamanho natural, um *Tocador de Berimbau*, numa interpretação erótica.

São também de grande importância os excelentes desenhos de Aldemir Martins sobre capoeira. Aldemir Martins é um dos dois artistas brasileiros com premiação internacional, na Bienal de Veneza.

Na pintura, a capoeira tem sido aproveitada pelos pintores primitivos, que nos últimos tempos têm proliferado de maneira assustadora, trazendo, na sua maioria algo de ruim e comprometedor, refletindo negativamente no que há de válido na pintura primitiva brasileira.

933 Mário Cravo Júnior, *Sincronismo Técnico da Gravura com a Escultura*. S. A. Artes Gráficas, Bahia, 1963.

15. A capoeira na música popular brasileira

No processo evolutivo da música popular brasileira, de todas as *modas* em matéria de música, a que conseguiu se fazer notar com mais eficácia foi o que comummente se chama *Bossa Nova*. Com vários pais e papas, em verdade a bossa nova permanece com a sua extração duvidosa. Tinhorão, em livro cheio de observações lúcidas, não obstante ter pontos discutíveis, aqui e ali, foi bastante feliz ao dizer que a bossa nova é "Filha de aventuras secretas de apartamento com a música norte-americana – que é, inegavelmente, sua mãe – a bossa nova, no que se refere à paternidade, vive até hoje o mesmo drama de tantas crianças de Copacabana, o bairro em que nasceu: não sabem quem é o pai".[934] Não importa muito aqui o problema da extração da bossa nova e sim no que ela contribuiu de positivo ou negativo no afastamento ou aproximação da música popular brasileira. No que diz respeito ao samba, Tinhorão denuncia o afastamento definitivo de suas origens populares, que ela provocou.[935] Entretanto, no que toca à capoeira, em sua temática e música propriamente ditas, a presença da bossa nova foi bastante benéfica. Os letristas e compositores usaram e abusaram do tema. Quando não escreveram letras ou compuseram com base no tema, enxertaram letras e músicas inteiras de capoeira, pura e simplesmente, quando muito retocando a composição anônima para lhe dar sua autoria.

Dentro da etiqueta bossa nova, coube a Baden Powell e Vinicius de Moraes, mui especialmente Baden Powell, explorar a temática. Foi por volta de 1962, quando chegou à Bahia, que Baden Powell, segundo me afirmou, tomou contacto com o berimbau. Levado a conhecer o escultor

934 José Ramos Tinhorão, *Música Popular*/ Um tema em debate. Editôra Saga, Rio de Janeiro, 1966, pág. 17

935 José Ramos Tinhorão,, *op.cit.*, pág. 22.

baiano Mário Cravo Júnior, em seu *atelier*, ouviu o referido artista tatear alguns toques de berimbau, começando assim a despertar interesse pelo *problema*, conforme expressão sua. Daí em diante foi acumulando vivência e experiência, resultando disso o samba *Berimbau*, com música de sua autoria e letra de Vinicius de Moraes, sendo gravado e lançado no mercado no ano seguinte, no momento em que se encontrava em Paris. Essa presença de Baden reconhece o próprio Vinicius de Moraes, que em entrevista na imprensa carioca afirma:

> Muita gente diz que, de dois anos para cá, a música popular tomou nôvo alento… Não é bem isso. O que ocorreu de extraordinário, de dois anos para cá, foi a entrada em cena do Baden Powell. Êle acrescentou o elemento Afro, formador de nossas raízes rítmicas, à música popular, obtendo um sincronismo inédito, carioquizando o candomblé, a capoeira e a macumba, da qual, por sinal, é um crente. Êle tem as antenas ligadas com a Bahia recente e a África ancestral. O resultado disso foram essas maravilhas que são Berimbau, Labareda e, ùltimamente, Canto de Ossanha, as três já definitivamente incorporadas ao patrimônio musical brasileiro. Essas músicas são resultados de pesquisa no mundo da magia negra e do Candomblé baianos.[936] Entretanto, històricamente falando, o pioneirismo cabe à Bahia, na pessoa de seu compositor Batatinha (Oscar da Penha).

Muito antes de Baden Powell e Vinicius de Moraes já Batatinha havia feito uso da capoeira, em suas composições. Uma década antes de ser composto *Berimbau*, Batatinha dava uma entrevista no mais antigo jornal da Bahia, então em circulação, que foi o *Diário da Bahia*, na qual,

936 Luis Carlos Bonfim, "Vinicius afirma que Bossa Nova agora é que dá show", *in Correio da Manhã*, Guanabara, 3/3/66, 1º Caderno, pág. 13.

respondendo a uma pergunta do entrevistador sobre o uso do tema capoeira em suas composições, afirmava em tom categórico: – "Eu disse que já tinha explorado este tema numa composição, "A Capoeira" e depois do carnaval vou me entregar a um sério estudo de adaptação desse ritmo às nossas músicas. As duas tentativas foram bem sucedidas, vamos ver se levo avante esta ideia".[937]

Houve uma época em que a grande novidade foi uma música e dança chamada *boogie woogie*. O *boogie woogie* é uma importação norte-americana de raízes africanas. Segundo Oderigo,"el *boogie woogie* constituye una modalidad pianística de honda raigambre tradicional afronorteamericana, cuyas raices se introducen verticalmente en el terreno del genuino folklore negro y que no representa una "moda", ni una "novedad", como por ali se ha dicho y escrito".[938] Tecnicamente falando, "o *boogie woogie* consiste em versões dos *blues* de doze compassos, em que a mão esquerda toca um *walking bass* (contrabaixo ambulante) de percussão, enquanto a direita explora variações sobre acordes de doze compassos de uma maneira rítmica, obtendo se assim, como efeito final, uma música excitante cheia de ritmos cruzados. É essencialmente um estilo de piano, e as muitas tentativas para convertê-lo à grande orquestra tem dado um resultado híbrido cheio de *swing riffs* e de monotonia".[939]

Embora sua entrada no Brasil seja recente, os estudiosos querem ver os alicerces do *boogie woogie*, começando a surgir por volta de 1875[940] e a primeira gravação datando de 1928, feita pelo pianista Pirre Top Smith, de Chicago.[941] Pois bem, Batatinha, que sempre foi avesso à alienação de nossas coisas, reagia às investidas estrangeiras contra o samba, a ponto de perturbar

937 Isa Moniz, "Entrevistando Nossos Artistas: Não há incentivo para os compositores baianos/Ouvindo "Batatinha", compositor baiano–Não é e nunca foi de rádio –Aproveitando o ritmo da capoeira – Quer ir ao Rio só para gravar as suas composições", *in Diário da Bahia*, Salvador, 3/2/52, pág. 4 do Suplemento.

938 Nestor R. Ortiz Oderigo, *Estetica del jazz*. Ricordi Americano Buenos Aires, 1951, pág. 52.

939 Rex Harris, *Jazz*/As suas origens e o desenvolvimento que adquiriu, desde os ritmos primitivos africanos à evoluída música ocidental dos nossos dias/Tradução de Raul Calado, Editôra Ulisséia, Lisboa – Rio de Janeiro, 1952, pág.178.

940 Oderigo, *op. cit*., pág. 51

941 Rex Harris, *op. cit.,* pág.177.

a sua essência, como o caso da salada samba-bolero e até mesmo o samba-canção. Então ao surgir, como era de se esperar, o *samba-boogie*, revoltou-se e compôs *Samba-Capoeira* mostrando que não era preciso buscar o alheio, para modificar ou melhorar o nosso. *Samba-Capoeira* tem solo de berimbau e começa com uma quadra de capoeira. Foi seu mestre nos segredos dos toques e música de capoeira o famoso capoeirista Onça Preta (Cícero Navarro) e sua composição, depois de pronta, foi cantada na Rádio Cultura da Bahia pelo conjunto vocal Cancioneiros do Norte, constituído de cinco elementos tocando violão, trinlim, tantã, pandeiro e cabaça. A letra é a seguinte:

Samba-Capoeira

Menino quem foi seu mestre
Meu mestre foi Salomão
Me ensinou a capoeira
Com a palmatória na mão.

Quero mostrar que o meu samba
Com um pouquinho de capoeira é bom
E nem precisa se mudar de tom

O samba com o boogie woogie abafa
E a canção com o meu samba
Muito melhorou
Agora a capoeira e o samba vão se ajuntar
E a coisa vai ser mesmo de abafar.

II

Com muita simplicidade
Eles são capazes de fazer furor
Vocês podem ficar cientes
Que eles são os verdadeiros irmãos na cor
Sendo um nobre e outro pobre
Sem nenhuma proteção
Mas agora que está na hora
Da capoeira melhorar de posição.

No presente, com o advento da chamada *Bossa Nova*, a inovação foi motivo de tema para Batatinha, que compôs de parceria com Jota Luna (Ivaná Maia Luna) a composição que se segue:

Bossa e Capoeira

A moçada vai gostar
Quando ver o meu samba na prova
E ouvir o berimbau
No balanço da bossa nova.

Vem, vem, vem
Vamos dançar
Bossa-capoeira
Que é de abafar.

Não tem rabo de arraia
Nem pernada, ó meu irmão
Tem morena nos meus braços
Dançando é sensação.

Esta composição foi feita para uma gravação, faz uns três anos, infelizmente não sendo levada a cabo. Com o Concurso Internacional da Canção Popular, realizado em 30 de outubro de 1966, na Guanabara, ela foi inscrita. Na Bahia foi apresentada na Televisão Itapuã da Bahia pelo conjunto Inema Trio, com arranjo do próprio conjunto; na Rádio Sociedade da Bahia pelo conjunto Bossa Cinco com arranjo do maestro Oscar Lopes.

Batatinha sempre conviveu com os melhores compositores locais, inclusive, há bastante tempo, com João Gilberto, seu velho amigo e companheiro de trocar ideias. Sua produção sempre foi grande. Na época da entrevista, Isa Moniz fez o seguinte roteiro de suas composições:– "Como *Olhe aí que é que há* e *Feijoada de Sinhá* e, na opinião de Claudionor Cruz, Artur Costa e Jairo Argileu, uma das melhores composições de Batatinha.

Não insista e *Meu troco condutor*, ambas em mãos de João Gilberto, aquele jovem baiano que hoje anda pelo Sul; Batista de Sousa levou *O caso de Marina* e Batatinha ignora se essas músicas já foram ou não cantadas lá pelo Rio… Para este carnaval surgiu *A grande Stela, Carnaval de minha infância*, que Arlindo Soares lançou, *e Aparências*, de parceria com Mílton Barbosa, cantada pelo Cancioneiros do Norte".[942] Batatinha continua produzindo, sendo suas composições classificadas desde 1960, nos concursos oficiais da Prefeitura Municipal do Salvador.

Mas, voltando à dupla Baden-Vinicius é preciso repetir que eles foram o ponto decisivo, na história da música popular brasileira, na adoção do toque e canto da capoeira. *Berimbau* foi e continua sendo sucesso, gravado e regravado por intérpretes famosos e isso foi o estímulo a novas composições dentro do tema. Ao que tudo indica, Baden vai voltar ao assunto. Este ano (1967), dentro do programa comemorativo da reinauguração do Teatro Castro Alves foi incluído um espetáculo de Baden. Aproveitando sua estada na Bahia, tive a oportunidade de conhecê-lo e trocar ideias sobre a música popular brasileira no presente. Baden não perdeu um só instante, às voltas com o capoeirista Canjiquinha (Washington Bruno da Silva), de quem recolheu muitos toques de berimbau e suas respectivas cantigas. Antes, confessou-me Baden, não houvera mantido contacto direto com nenhum capoeirista profissional, na intimidade para saber de sua malícia e seu segredo musical. *Berimbau* foi composto, como já expliquei anteriormente, conforme suas palavras e com um outro detalhe, que se esqueceu de me dizer, mas que Vinicius informa no texto da contracapa da gravação *Os afrossambas* – ouviram "uma gravação ao vivo de sambas de roda e cantos de candomblé, com várias exibições de berimbau em suas diversas modalidades rítmicas".[943]

942 Isa Moniz, entrevista citada, pág. 3.

943 Baden Powell e Vinicius de Moraes, *Os afro-sambas* / Arranjo e regência de Guerra Peixe, com a participação do Quarteto em Cy, FM–16/ FE–1016, Companhia Brasileira de Discos (Forma).

Começando por *Berimbau*, transcreverei as letras de músicas populares brasileiras, com tema de capoeira, que consegui recolher, acompanhadas de informações e explicações, quando se fizerem necessárias:

Berimbau

Quem é homem de bem
Não trai
O amor que lhe quer
Seu bem
Quem diz muito que vem
Não vai
E assim como não vai
Não vem
Quem de dentro de si
Não sai
Vai morrer sem amar ninguém
O dinheiro de quem não dá
É o trabalho de quem não tem
Capoeira que é bom
Não cai
Se um dia ele cai,
Cai bem
Capoeira me mandou
Dizer que já chegou
Chegou para lutar
Berimbau me confirmou
Vai ter briga de amor
Tristeza camarada.

Música de Baden Powell e letra de Vinicius de Moraes, interpretada por Nara Leão, in Nara, ME-10, *Elenco* de Aloísio de Oliveira, lado 2, faixa 1.

Ficha técnica: produção e direção, Aloísio de Oliveira assistente de direção artística, José Delfino Filho; gerente de produção, Peter Keller; estúdio, Riosom; engenheiro de som, Norman Sternberg; capa: *layout*, César G. Vilela e foto de Francisco Pereira.

Na roda da capoeira

Menino quem foi teu mestre
Meu mestre foi Salomão
A ele devo dinheiro
Saber e obrigação
O segredo de São Cosme
Quem sabe é São Damião
Olê, Agua de beber, camarada
Agua de beber olê
Agua de beber, camarada
Faca de cortar, camarada
Ferro de engomar, olê
Ferro de engomar, camarada
Terra de brigar, olê
Terra de brigar, camarada.

Composição de capoeira baiana, interpretada por Nara Leão in *Opinião de Nara*, P 632.732 L, Companhia Brasileira de Discos (Philips), lado 2, faixa 5.

Ficha técnica: produtor, Armando Pittigliani; técnicos de gravação, Rogério Guass/Joaquim Figueira; engenheiro de som Sylvio Rabello; foto, Janio de Freitas; *layout*, Janio de Freitas.

Berimbau

Zum, zum, zum,
Capoeira mata um

Zum, zum, zum,
Capoeira mata um

Zum, zum, zum,
Capoeira mata um

Santo Antônio pequenino
É meu santo protetor
Cabra você não é sombra
Na capoeira sou doutor

Zum, zum, zum,
Capoeira mata um

Zum, zum, zum,
Capoeira mata um

Zum, zum, zum,
Capoeira mata um

Bate o pandeiro caboclo
No jogo do berimbau
Biriba é pau é pau
De fazer berimbau é pau
Biriba é pau é pau
De fazer berimbau é pau

Zum, zum, zum,
Capoeira mata um

Zum, zum, zum,
Capoeira mata um

Zum, zum, zum,
Capoeira mata um.

Composição de João Melo e Codó (Clodoaldo Brito), interpretada por Nara Leão, *in Opinião de Nara*, gravação citada, lado 1, faixa 4.

João Melo e Codó, compositores baianos, foram, cronologicamente, os segundos a usarem o tema capoeira, após o seu companheiro Batatinha, que foi o primeiro.

Água de beber

Água de beber,
Água de beber,
Camarado

Água de beber,
Água de beber,
Camarado

Água de beber,
Água de beber,
Camarado

Eu sempre tive uma certeza
Que só me deu desilusão
Que o amor é uma tristeza
Muita mágoa demais para um coração

Água de beber,
Água de beber,
Camarado

Eu quis amar mas tive medo
Quis salvar meu coração
Mas o amor sabe o segredo
O medo pode matar o meu coração

Água de beber,
Água de beber,
Camarado

Água de beber,
Água de beber,
Camarado

Água de beber,
Água de beber,
Camarado

Eu nunca fiz coisa tão certa
Entrei para a escola do perdão
A minha casa vive aberta
Abri todas as portas do coração.

Composição de Vinicius de Moraes e Tom Jobim (Antônio Carlos Jobim), in *Som Definitivo Quarteto em Cy / Tamba Trio*, com arranjos vocais de Luís Eça, FM-10, Companhia Brasileira de Discos, face B, faixa 1.

Ficha técnica: produçao e direção, Roberto Quartin/Wadi Gebara; foto da capa, Paulo Lorgus; fotos da contracapa, Image; técnico de gravação, Umberto Cantaroli; supervisão gráfica, Marcos de Vasconcelos; foto da contracapa, Vinicius de Moraes; vocais, Quarteto em Cy e Tamba Trio; piano, Luís Eça; baixo e flauta, Bebeto; bateria, Chano.

O terceto que se faz repetir em toda a composição e inclusive dá nome à mesma é uma cantiga de capoeira conhecidíssima da Bahia.

Hora de lutar

Capoeira vai lutar
Já cantou e já dançou
Não há mais o que falar
Cada um dá o que tem
Capoeira vai lutar
Vem de longe, não tem pressa
Mas tem hora pra chegar
Já deixou de lado sonhos
Dança, canto e berimbau
Abram alas
Batam palmas
Poeira vai levantar
Quem sabe da vida espera
Dia certo pra chegar
Capoeira não tem pressa
Mas na hora vai lutar
Por você
Por você
Por você.

Composição e interpretação de Geraldo Vandré, *in Hora de lutar*. PPL-12. 202, Continental, face A, faixa 1.

Ficha técnica: produção, Alfredo Borba; assistente de produção, Valdir Santos; arranjos e direção musical, Erlon Chaves; técnica de som, Rogério Guass; corte, Luís Botelho; técnico industrial, Francisco Assis de Sousa; *layout* e capa, Frederico Spitale.

Aruanda

Vai, vai, vai pra Aruanda
Vem, vem, vem de Luanda
Deixa tudo que é triste
Vai, vai, vai pra Aruanda
Lá não tem mais tristeza
Vai que tudo é beleza
Ouve essa voz que te chama
Vai, vai, vai.

Composição de Carlos Lira e Geraldo Vandré, interpretada por Geraldo Vandré, *in Hora de lutar*, gravação citada, face B, faixa 3.

Aruanda, que aparece frequentemente nas cantigas de capoeira, conforme expliquei em capítulo anterior, é corrutela de *Luanda*, nome atual da capital de Angola.

São Salvador, Bahia

São Salvador, Bahia
A tarde morria devagar
Ê berimbau se ouvia
Gente na rua a passar
Alguém no desejo da briga
Fazia cantiga de provocar
São Salvador, Bahia
Ê um homem passando escutou
Isso é comigo e parou
Se quer jogar vamos já
Eu ia pra lá, mas não vou
E dizendo se ajoelhou
São Salvador, Bahia
Quem estava por perto chegou
Dois homens fizeram uma oração
Começaram jogando no chão
Jogaram Angola Santa Maria
São Bento Pequeno
Cavalaria
E o povo assistia tremendo
Capoeira pra matar
Faca de ponta
Rabo de arraia
Na dança no lugar
São Salvador, Bahia
Quando a polícia chegou
Um corpo no chão havia
Em volta um silencio dizendo
Seu moço essa briga acabou
São Salvador, Bahia
Ê Bahia de São Salvador.

Composição de Paulo da Cunha e interpretação de Jair Rodrigues, *in Dois na Bossa/ Numero Dois*, acompanhamento Luís Loy Quinteto e Bossa Jazz Trio, P-632.792, Philips, lado 1, faixa 5.

Ficha técnica: produtor, Mário Duarte; direção musical, Adilson Godoy; acompanhamentos, Luís Loy Quinteto e Bossa Tazz Trio; técnicos de som, J. E. Homem de Mello e Célio Martins. Gravado ao vivo no Teatro Record em São Paulo.

Upa! neguinho

Upa! neguinho na estrada
Upa! pra lá e pra cá
Vige qui coisa mais linda
Upa! neguinho começando andá
Começando andá
Começando andá
Começando andá
E já começa apanhá
Cresce neguinho e me abraça
Cresce e me ensina a cantá
Eu prendi tanta desgraça
Mas muito te posso ensiná
Mas muito te posso ensiná
Capoeira posso ensiná
Ziquizira posso tirá
Valentia posso emprestá
Mas liberdade só posso esperá.

Composição de Edu Lôbo e Gianfrancesco Guarnieri, *in Arena Canta Zumbi*, SMLP-1.505, Discos Som/Maior Ltda., face B, faixa 3.

Ficha técnica: texto, Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri; música, Edu Lôbo; direção musical, Carlos Castilho, direção geral, Augusto Boal; elenco: Gianfrancesco Guarnieri, Lima Duarte, David José, Chamt Dessian, Antero de Oliveira, Dina Sfat, Marília Medalha, Vania Santana; flauta, Nenen; bateria, Anunciação; violão, Carlos Castilho.

Capoeira

Vamos embora camarado
Vamos sair dessa jogada
Vamos embora camarado
Vai sair dessa jogada
Quem tem amor tem coração
Capoeira que não dá pé não
Quem tem amor tem coração
Pois quem é filho de Deus
Deve ajudar os companheiros seus
Pois quem é filho de Deus
Deve ajudar os companheiros seus
Mesmo soprando
Mesmo chorando
Nêgo tem que levar
A vida cantando
Nêgo tem que levar
A vida cantando.

Composição e interpretação de Jorge Ben, *in Sacundin Ben Samba*, P-632. 193 L, Companhia Brasileira de Discos (Philips), lado 1, faixa 4.

Ficha técnica: técnica de gravação, Célio Sebastião Martins engenheiro de som, Sylvio M. Rabello; capa (foto), Mafra, *layout*, Paulo Brèves; produção, Armando Pittigliani.

O assunto é berimbau

Agora só se fala em berimbau
Enquanto houver arame e um pedaço de pau
Agora só se fala em berimbau
Agora só se fala em berimbau

Agora só se fala em berimbau
Enquanto houver arame e um pedaço de pau
Agora só se fala em berimbau
Agora só se fala em berimbau

É uma moeda é um arame e um pedaço de pau
Agora o assunto é berimbau
A bossa nova agora é berimbau

Olhe eu saí de casa
Com o meu amor estou de mau
Se eu voltar agora
O meu amor vai me bater

Com um berimbau
Com um berimbau
Com um berimbau

Com um berimbau
Com um berimbau
Com um berimbau.

Composição de Jackson do Pandeiro e Antônio Barros, interpretada por Jackson do Pandeiro, in …E vamos nós…, Companhia Brasileira de Discos (Philips) P-632-755 L Lado 1, faixa 2.

Ficha técnica: produtor, João Melo; engenheiro de som, Sylvio Rabello; técnicos de gravação, Célio Martins e Ademar Silva; Jo Morena; foto, Mafra.

Comprei um berimbau

Eu comprei um berimbau
Berimbau
Berimbau

Ê o negócio não foi mal
Ô bate palma pessoal
Que o balanço tá legal

Legal
Legal
Legal

Menino quem foi teu mestre
Berimbau
Berimbau

Meu mestre foi Nicolau
Berimbau
Berimbau

Capoeira toma sentido
Berimbau
Berimbau

Que biriba é pau
É pau Nicolau

No berimbau

Biriba é pau
É pau Nicolau

No berimbau

Biriba é pau
É pau

Composição de Válter Levita, interpretada por Jackson do Pandeiro, in …*E vamos nós*… gravação citada, lado 2, faixa 1.

Meu berimbau

Um pedaço de arame
Lelê
Um pedaço de pau
Lele
Faço meu berimbau
Lelê
Samba de berimbau

Ai morena
Arrasta a sandália aí
O samba tá bom
E não pode parar
Cuidado pra não cair
Qui bonito samba
Qui bom resultado
Do meu berimbau
E de teu rebolado
Qui bonito samba
Qui bom resultado
Do meu berimbau
E do teu rebolado

Composição de Álvaro Castilho / Jackson do Pandeiro / Sebastião Martins, interpretação de Jackson do Pandeiro, *in Coisas Nossas*, P-632.270 L, Companhia Brasileira de Discos, lado 1, faixa 3.

Ficha técnica: produtor, João Melo, técnico de gravação, Cé lio Martins; engenheiro de som, Sylvio Rabello; Capa, Paulo Brèves; foto, Mafra.

Capoeira no baião

Ô capoeira
Ô berimbau
Malandro faz continência
Na frente do berimbau

Passa rasteira no moço
Cuidado que ele é mau
Na roda da capoeira
Vive passando rasteira
Mas respeita o meu berimbau

Ô capoeira
Ô capoeira
O meu santo pequenino

É um santo malandréu
Jogador de capoeira
Na copa do meu chapéu

Buraco velho tem dente
Tem cobra danada
Qui morde a gente

Cobra verde mordeu São Bento
Buraco velho tem cobra dentro.

Composição de Codó (Clodoaldo Brito), interpretação de Jackson do Pandeiro, in *Tem jabaculê*, P-632.714 L, Companhia Brasileira de Discos, lado 2, faixa 4.

Ficha técnica: produtor, Armando Pittigliani; técnico de gravação, Célio Martins; engenheiro de som, Sylvio Rabello; capa: foto, Mafra; *layout*, Paulo Brèves.

Capoeira mata um

Ê zum, zum, zum
Capoeira mata um
Zum, zum, zum
Capoeira mata um

Samba que balança é bom
Samba que balança não cai
O meu samba tem que ser no tom
A pedido do meu pai

Salve a Bahia yoyô
Salve a Bahia yayá
Quem não sabe jogar capoeira
Berimbau vai lhe ensinar
Valha-me Deus, Senhor São Bento
Buraco velho tem cobra dentro
Valha-me Deus, Senhor São Bento,
Buraco velho tem cobra dentro.

Composição de Álvaro Castilho e De Castro, interpretação de Jackson do Pandeiro, in *O cabra da peste* PPL 12 265 Continental, face 1 faixa 1

Capoeira de Zumbi

Zum, zum, zum
Capoeira deixa Zumbi
Zum, zum, zum
Capoeira é de Zumbi

Ninguém pode proibir capoeira de Zumbi
Porque ele é do além
Fique contente moçada
Porque ele já foi bamba
E sabe muito bem.

Ô capoeira
Zum, zum, zum
Capoeira deixa Zumbi
Zum, zum, zum
Capoeira é de Zumbi

Mestre Bimba na Bahia
Quando brinca no terreiro
Chega levantar poeira
E no som do berimbau
Derrubando cabra mau
Quando lhe passa rasteira.

Composição de Geraldo Nunes, interpretação de Jackson do Pandeiro, in A *brasa do Norte*, LPC-602, Gravadora e Distribuidora de Discos Cantagalo, face B, faixa 1.

Teresinha de Jesus

Abra ala pra Teresa
Carregada de tristeza

E só vai entrar na roda
Quem tiver moral pra sambar

Não tem muito tempo
Teresinha de Jesus
Se jogando nas cadeiras
Caiu numa roda de samba
No seu gingado
Acudiram três amigos
Todos três bons de samba
E bons de amor
Um marinheiro do Norte
Um marmiteiro
Mas um malandro que esperou
Cada qual ter o seu dia
Nem sequer notícias
Do primeiro e do segundo aquilo só
Esperar vida melhor
O terceiro foi aquele
Que Teresa deu a mão
Seu único amor
Capoeira levou
Na navalha de outro bamba
A esperança de Teresa ficou
E a alegria deste samba
Que também é de Teresa morreu
Quanta laranja madura
Quanto limão pelo chão
Quanto sangue derramado
Dentro do meu coração.

Composição e interpretação de Sérgio Ricardo, in *Um Senhor Sérgio Ricardo*, ME-7, *Elenco*, de Aloísio de Oliveira, lado B, faixa 4.

Ficha técnica: produção e direção, Aloísio de Oliveira, assistente de direção artística, José Delfino Filho; gerente de produção, Peter Keller; arranjos, Carlos Monteiro de Sousa; regência, Carlos Monteiro de Sousa; estúdio, Riosom; engenheiro de som, Norman Sternberg; técnico de gravação, Norman Sternberg; capa: foto, Francisco Pereira.

Domingo no Parque

O rei da brincadeira
É José
O rei da confusão
É João
Um trabalhava na feira
É José
Outro na construção
É João

A semana passada
No fim da semana
João resolveu não brigar
No domingo de tarde
Saiu apressado
E não foi para Ribeira jogar
Capoeira
Não foi pra lá
Pra Ribeira
Foi namorar

O José como sempre
No fim da semana
Guardou a barraca e sumiu
Foi fazer no domingo
Um passeio no parque
Lá perto da Boca do Rio

Foi no parque que ele avistou
Juliana
Foi que ele viu
Foi que ele viu
Juliana na roda com João
Uma rosa e o sorvete na mão
Juliana seu sonho uma ilusão
Juliana e o amigo João
O espinho da rosa
Feriu Zé
Feriu Zé
Feriu Zé
E o sorvete gelou seu coração

O sorvete e a rosa
Ô José
A rosa e o sorvete
Ô José
O seu santo no peito
Ô José
Do José brincalhão
Ô José
O sorvete e a rosa
Ô José
A rosa e o sorvete
Ô José
Ô girando na mente
Ô José
Do José brincalhão
Ô José
Juliana girando
Ô girando
Ô na roda gigante
Ô girando
Ô na roda gigante

Ô girando
O amigo João
Ô João

O sorvete é morango
É vermelho
Ô girando e a rosa
É vermelho
Ô girando girando
É vermelho
Ô girando girando
É vermelho

Olhe a faca
Olhe a faca
Olhe o sangue na mão
Ê José
Juliana no chão
Ê José
Outro corpo caiu
Seu amigo João
Ê José

A manhã não tem fim
Ê José
Não tem mais construção
Ê José
Não tem mais brincadeira
Ê José
Não tem mais confusão
Ê João

Ê ê ê
Ê ê ê
Ê ê ê

Esta é a mais recente composição com temática, acordes musicais de capoeira e acompanhamento de berimbau de autoria do compositor baiano Gilberto Gil, a qual arrebatou o segundo lugar no Terceiro Festival da Música Popular Brasileira, realizado em setembro de 1967, em São Paulo, pela TV Record. Gravada em 3.° Festival da Música Popular Brasileira / realização da TV Record de São Paulo, Companhia Brasileira de Discos (Philips), Série De Luxe, R 765.015 L, volume 2, lado 2, faixa 2.

16. A capoeira na literatura

De todas as manifestações culturais, a literatura foi a que mais absorveu a capoeira. Usaram-na como tema escritores que viveram no século passado, no momento em que a capoeira marchava para o auge de uma determinada realidade socioetnográfica da capoeira, bem diversa de outrora.

Pelo que se tem notícia, o documento literário mais antigo pertence à autoria de *Manuel Antônio de Almeida*, nascido no Rio de Janeiro a 17 de novembro de 1831 e falecido em um naufrágio, no canal perto de Macaé, a 28 de novembro de 1861. Publicou entre 1854 e 1855 o romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, onde a personagem principal foi, na vida real, um habilíssimo capoeira e o maior inimigo do folguedo e seus adeptos. Trata-se do major Miguel Nunes Vidigal, cuja personalidade e atuação à frente da polícia foi ventilada anteriormente neste ensaio.[944] A respeito de sua obra e sua vida escreveu Marques Rebêlo *Vida e Obra de Manuel Antônio de Almeida*.[945]

A segunda mais antiga página literária pertence a Machado de Assis. Os editores W. M. Jackson Inc., após a sua morte, enfeixaram em quatro volumes as crônicas escritas em diversos periódicos, dos anos de 1859 a 1888. No período de 1884 a 1885 publicou na *Gazeta de Notícias* numa seção intitulada *Balas de Estalo*, diversas crônicas, sob o pseudônimo de *Lélio*, dentre elas uma sobre a capoeira, o capoeirista e o seu comportamento na comunidade social.[946]

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro, hoje Estado da Guanabara, a 21 de junho de 1839 e morreu no mesmo Estado,

944 Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um Sargento de Milícias*/Prefácio de Marques Rebêlo. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1944, págs. 31-35, 90-97, 202-206, 211-215, 216-220, 221-224, 241-246, 247-256, 267-273.

945 Marques Rebêlo, *Vida e obra de Manuel Antônio de Almeida*. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1943.

946 Machado de Assis, *Crônicas*, *ed. cit.*, vol. IV, págs. 177, 227-230.

a 29 de setembro de 1908. Sua bibliografia é vastíssima, existindo um excelente trabalho sobre a mesma, de autoria de J. Galante de Sousa.[947] Ainda do referido autor há outro trabalho importante sobre o que se publicou em torno da vida e obra de Machado de Assis.[948]

Aluísio Tancredo Belo Gonçalves de Azevedo nasceu em São Luís do Maranhão, a 14 de abril de 1857 e faleceu em Buenos Aires, a 21 de janeiro de 1913. Deixou uma vasta produção literária já relacionada por Otto Maria Carpeaux em sua *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira.*[949] A sua obra onde aparecem cenas de capoeira e capoeiristas como personagens é O *Cortiço*, publicada em 1890.[950]

Alexandre José de Melo Moraes Filho nasceu na Bahia a 23 de fevereiro de 1844 e morreu no Rio de Janeiro a 1.° de abril de 1919. Estudou em Bruxelas, onde se diplomou em Medicina. Colaborou em inúmeros jornais e revistas, além de deixar uma série de obras publicadas, dentre elas *Festas e Tradições Populares do Brasil*, vinda a lume em 1901, trazendo em seu bojo uma crônica intitulada *Capoeiragem e Capoeiras Célebres*.[951] Da bibliografia de Melo Morais Filho cuidou Luís da Camara Cascudo.[952]

Manuel Raimundo Querino nasceu em Santo Amaro da Purificação, no Estado da Bahia, a 28 de julho de 1851 e faleceu em Salvador, a 14 de fevereiro de 1923. Deixou diversas obras, dentre elas *Bahia de Outrora*, publicada em 1916, onde há uma crônica intitulada A *Capoeira*.[953] Sua obra e sua vida foram devidamente estudadas por Gonçalo de Ataíde Pereira.[954]

---

947 J. Galante de Sousa, *Bibliografia de Machado de Assis,* Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1995.

948 J. Galante de Sousa, *Fontes para o Estudo de Machado de Assis*. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1958.

949 Otto Maria Carpeaux, *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*, 3ª edição revista e aumentada. Editôra Letras e Artes, Rio de Janeiro, 1964, págs. 172-175.

950 Aluísio de Azevedo*, O Cortiço*/ Introdução de Sérgio Milliet. Livraria Martins Editôra, São Paulo, 1965, págs. 76-80, 110, 135-141, 202-205.

951 Melo Moraes Filho, *Festas e Tradições Populares do Brasil*, *ed. cit*., págs. 443-455.

952 Luís da Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro, ed. cit*., págs. 474-475.

953 Manuel Querino, *A Bahia de Outrora,* ed. cit., págs. 73-80.

954 Gonçalo de Ataíde Pereira, *Prof. Manuel Querino/ Sua Vida e Suas Obras*. Imprensa Oficial do Estado, Bahia, 1932.

Henrique Maximiniano Coelho Neto nasceu na cidade de Caxias, no Estado do Maranhão, a 21 de fevereiro de 1864 e faleceu no Rio de Janeiro, a 28 de novembro de 1934. Deixou vasta bibliografia, catalogada por Paulo Coelho Neto.[955] Escreveu uma série de crônicas, reunidas, mais tarde, em volume com o título de *Bazar*, havendo, entre elas, uma datada de 28 de outubro de 1922, sobre o jogo da capoeira, como esporte, intitulada *O nosso jogo*.[956]

Viriato Correia nasceu no Maranhão, em Pirapemas, a 23 de janeiro de 1884 e faleceu em 1967, na Guanabara. Deixou inúmeras obras publicadas e já catalogadas por Silveira Bueno,[956a] dentre elas *Casa de Belchior*, onde há uma crônica dedicada à capoeira e aos capoeiristas, intitulada *Os Capoeiras*.[956b]

Jorge Amado nasceu na fazenda Auricídia, em Ferradas, município de Itabuna, Estado da Bahia, a 10 de agosto de 1912. É o mais famoso, mais lido mais traduzido de todos os escritores brasileiros. Possui uma vasta bagagem literária da qual se pode ter notícias através de Miécio Táti em *Jorge Amado/Vida e Obra*[957] e na coletânea *Jorge Amado: 30 Anos de Literatura*.[958] Dessa bagagem, em *Bahia de Todos os Santos/Guia das ruas e mistérios da cidade do Salvador*, dedicou um capítulo à capoeira intitulado *Capoeiras e Capoeiristas*, em 1944, quando publicou o livro.[959]

Odorico Montenegro Tavares da Silva nasceu no município de Timbaúba em Pernambuco, a 26 de julho de 1912. Publicou em Recife 26 *Poemas* (com Aderbal Jurema), em 1934.[960] Cinco anos mais tarde deu à luz no Rio de Janeiro um livro de poemas intitulado *A Sombra*

---

955 Paulo Coelho Neto, *Coelho Neto*. Zélio Valverde Editor, Rio de Janeiro, 1942.

956 Coelho Neto, *Bazar*, *ed. cit*., págs. 133-140.

956ª Silveira Bueno, *História da Literatura Luso-Brasileira*, 5ª edição atualizada, Edição Saraiva, São Paulo, 1965, pág. 163.

956ᵇ Viriato Correia, *Casa de Belchior,* Editôra Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1936, págs. 137-155.

957 Miécio Táti, *Jorge Amado/ Vida e Obra*. Editôra Itatiaia Limitada, Belo Horizonte, 1961.

958 *Jorge Amado: 30 Anos de Literatura*. Livraria Martins Editôra, São Paulo, 1961.

959 Jorge Amado, *Bahia de Todos os Santos*, *ed. cit*., págs. 139-142.

960 Odorico Tavares, *26 Poemas* (com Aderbal Jurema). Edições Momento, Recife, 1934.

do Mundo,[961] aplaudido por Álvaro Lins, Tristão de Ataíde, Jorge Amado, Valdemar Cavalcanti, Luís Delgado, José César Barbosa, Aníbal Fernandes, Peregrino Júnior e Olívio Montenegro dentre outros. Em 1945 reuniu os dois primeiros livros publicados, juntamente com outros poemas inéditos e publicou sob o título de *Poemas*.[962] Afinal, em 1951, diz dos seus sentimentos da nova terra recém-adotada, com a publicação de *Bahia/Imagens da Terra e do Povo*, distinguida com a Medalha de Ouro, na Primeira Bienal Internacional do Livro e das Artes Gráficas de São Paulo, em 1961, na terceira edição. Neste livro é que usou o tema capoeira no capítulo intitulado *Capoeira*, onde discorre sobre a capoeira na Bahia e no Brasil, dando depoimento sobre o famigerado capoeirista de sua terra natal, *Nascimento Grande*.[963] Quando recebeu o título de cidadão de Salvador, fez publicar *Discurso de um Cidadão de Salvador*[964] e o seu mais recente livro é de impressões de viagens, *Os Caminhos de Casa/Notas de viagem*.[965]

Exerce grande atuação na vida cultural da Bahia, sobretudo no que tange às Artes Plásticas, daí, ao comemorar 25 anos de permanência nesse Estado, o seu governador instituir um prêmio para artistas plásticos, através do seguinte decreto:

> Decreto número 20.189, de 20 de março de 1967. Cria o "Prêmio Odorico Tavares". O Governador do Estado da Bahia, considerando:
>
> *a)* os relevantes serviços prestados à Bahia pelo Jornalista Odorico Tavares tanto no domínio específico de sua atividade profissional como no estímulo às artes sobretudo aos jovens valôres;

961 Odorico Tavares, *A Sombra do Mundo* (Poesias). Livraria José Olimpio Editôra, Rio de Janeiro, 1939.

962 Odorico Tavares, *Poesias*. Livraria José Olímpio Editôra, Rio de Janeiro, 1945.

963 Odorico Tavares, *Bahia / Imagens da terra e do Povo, ed. cit.*, págs. 175-168.

964 Odorico Tavares, *Discurso de um Cidadão de Salvador*. Editôra Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1961.

965 Odorico Tavares, *Os Caminhos de Casa / Notas de Viagem*, Editôra Civilizacão Brasileira, Rio de Janeiro, 1963.

b) o transcurso no dia 5 de março do corrente de vinte e cinco anos de sua presença efetiva no ambiente da cultura baiana,

Resolve:

Artigo 1.º) – Fica criado o "Prêmio Odorico Tavares" que será concedido ao artista plástico que exerça a sua atividade na Bahia e que mais se tenha destacado no decorrer do ano.

Artigo 2.º) – A Comissão destinada a proceder o julgamento da obra a ser premiada será presidida pelo Secretário da Educação e Cultura e constituída pelo Diretor da Escola de Belas-Artes da Universidade Federal da Bahia, pelo Diretor do Museu do Estado e pelo Diretor do Museu de Arte Moderna e por mais duas pessoas escolhidas anualmente dentre críticos ou especialistas de arte brasileira e nomeadas pelo Governador.

Artigo 3.º) – A ata do julgamento deverá ser enviada ao Governador do Estado até o dia 25 de março de cada ano e o prêmio será entregue em solenidade pública no dia 29 do mesmo mês.

Artigo 4.º) – O valor do prêmio será de NCr$ 5.000 (cinco mil cruzeiros novos).

Artigo 5.º)–Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado da Bahia, em 20 de março de 1967.

(Ass.) Antônio Lomanto Júnior–Roisle Aloir Metzker Coutinho.[966]

966 Decreto número 20.189 de 20 de março de 1967, *in Diário Oficial*, Salvador, 21 de março de 1967, pág. 1.

Gilberto Amado nasceu no município de Estância no Estado de Sergipe, a 7 de maio de 1887. Firmou-se na literatura brasileira como prosador, não obstante ter publicado um livro de poemas. Suas obras não foram devidamente catalogadas por Carpeaux, só o fazendo até 1955,[967] dentre elas o livro de memórias *Minha Formação no Recife*, onde narra o seu diálogo, quando jovem, com temível capoeira pernambucano, conhecido por *Nascimento Grande*.[968]

967 Otto Maria Carpeaux*, op. cit.*, págs. 265-266.

968 Gilberto Amado, *op. cit.,* págs. 239-242

17. Mudanças socioetnográficas na capoeira

Primitivamente a capoeira era o folguedo que os negros inventaram, para os instantes de folga e divertirem a si e aos demais nas festas de largo, sem contudo deixar de utilizá-la como luta, no momento preciso para sua defesa. As festas populares eram algo de máximo na existência do capoeira, era o instante que tinha para relaxar o trabalho forçado, as torturas e esquecer a sua condição de escravo, daí farejarem os dias de festas com uma volúpia inconcebida, pouco se lhes importando se a festa era religiosa, profana ou profano-religiosa. As procissões com bandas de música eram o chamariz para os capoeiras e, se tinham um pretexto para arruaças, faziam-no sem a menor preocupação de estarem perturbando um ato religioso. A propósito desses momentos, lembra Gilberto Freyre que:– "Às vezes havia negro navalhado; moleque com os intestinos de fora que uma rede branca vinha buscar (as rêdes vermelhas eram para os feridos; as brancas para os mortos). Porque as procissões com banda de música tornaram-se o ponto de encontro dos *capoeiras*, curioso tipo de negro ou mulato de cidade, correspondendo ao dos *capangas e cabras* dos engenhos".[969] Vivia assim o capoeira em seu *status* social sem nenhuma simbiose com outro, capaz de modificar a sua estrutura.

Com o passar dos tempos e cada vez mais crescente a sua fama de lutador e de implantar grandes desordens em fração de segundos, sem possibilidade de ser molestado, consequentemente ficando oculto, para quem estava a serviço, o capoeira passou a ser a cobiça de políticos. Serviria de instrumento de luta ora para a nobreza, que dava os seus últimos

969 Gilberto Freyre, *Sobrados e Mocambos*, *ed. cit.*, vol. I, págs. 178-179.

suspiros, ora para os republicanos, que lutavam encarniçadamente para obterem a vitória sobre o trono, daí os graves acontecimentos que abalaram o país, nos fins do século passado, já anteriormente estudados neste ensaio e registrados por Gilberto Freyre,[970] ao fazer a história da decadência do patriarcado rural e o desenvolvimento do urbano. Com isso, a capoeira, um folguedo por propósito, começa a sofrer mudanças de caráter etnográfico, em sua estrutura – a luta que era um acontecimento passou a ser um propósito. Por outro lado, isso acontecia justamente num período em que a sociedade brasileira chegava ao auge nas suas transformações de base por que vinha passando e "com essa transformação verificada nos meios finos ou superiores, deu-se a degradação das artes e hábitos mestiços que já se haviam tornado artes e hábitos da raça, da classe e da região aristocrática, em artes e hábitos de classes, raças e regiões consideradas inferiores ou plebéias. Foram várias essas degradações; e algumas rápidas".[971] Como se vê, a capoeira, por uma determinação sociológica, não poderia estar imune a essas transformações.

Esse estado de coisas veio se arrastando e se desenvolvendo até 1929, com o advento de Mestre Bimba, que tira a capoeira dos terreiros e a põe em recinto fechado, com nome e caráter de academia, onde os ensinamentos passaram a ter um cunho didático e as exibições possibilitaram a presença de outras camadas sociais superiores. Desse modo os quadros da capoeira passaram por modificações profundas. A classe média e a burguesia para lá acorreram, a princípio para assistirem às exibições e depois para aprenderem e se exibirem a título de prática de educação física, daí a 9 de julho de 1937 o governo oficializar a capoeira, dando a Mestre Bimba um registro para sua academia. Um *status* social superior ao dos capoeiras invade as academias e os afugenta. Os que resistem, por

970 Gilberto Freyre, *op. cit.*, vol. I, págs. 56, 323; vol. II, págs. 387, 509, 621, 655, 690; vol. III, págs. 862, 864, 865, 872, 873, 874, 875.

971 Gilberto Freyre, *op. cit.*, vol. II, págs. 700.

minoria, se esforçam para se enquadrarem no modo de vida do invasor, porém sendo tragados por ele, começando assim a sua alienação e decadência como capoeira. Forçando uma compostura de rapaz-família, exibem-se somente em recintos fechados, salões burgueses, palácios governamentais e jamais onde primitivamente se exibiam, como por exemplo nas festas de largo. Como já tive oportunidade de salientar, em virtude de nenhuma academia querer exibir-se nas festas populares, o órgão oficial de turismo municipal da Bahia convidou várias academias para comparecerem às referidas festas pagando-lhes as exigências. Então houve um cafuso, mestre de uma academia, que, ao saber da finalidade do convite, declinou, alegando ser sua academia frequentada por uma casta já referida, não podendo misturar-se com o povo de festa de largo.

Mas o agente negativo no processo de decadência da capoeira, sociológica e etnograficamente falando, foi o órgão municipal de turismo. Detentor de ajuda financeira, material e promocional, corrompeu o mais que pode. Embora o referido órgão tenha por norma a preservação de nossas tradições, os titulares que por ele têm passado, por absoluta ignorância e incompetência, fazem justamente o contrário, direta ou indiretamente. Lembro-me bem de presenciar um deles interferir na indumentária das academias e os seus responsáveis acatarem pacatamente; e infeliz do que não procedesse assim– estaria banido da vida pública para sempre. Houve época em que as academias eram fantasiadas como verdadeiros cordões carnavalescos, cada qual disputando cores mais berrantes e variadas em suas camisas e calças. Já falei também de um mestre de capoeira que foi consultar um dos diretores de turismo da possibilidade de colocar número nas costas de seus discípulos, como se fossem jogadores de futebol, mas que em boa hora o bom senso baixara na cabeça do referido diretor, proibindo terminantemente. O fato é que, quanto mais palhaçada faz a academia essa é a preferida do órgão público. No momento em que escrevo este ensaio existe uma academia com amparo financeiro, material, promocional e ainda com direito a se exibir no próprio Orgão, até

muito tempo com exclusividade, em detrimento de outras, porém hoje apenas a coisa é mascarada com a presença de uma outra, quando em realidade o órgão não deveria promover exibições dessa espécie, em seu próprio e sim escoar os turistas para as diversas academias. Pois bem, essa academia, que por sinal possui um grande mestre e excelentes discípulos, está totalmente prostituída. Com a preocupação de não perder o *ponto,* em detrimento de outra, a dita faz misérias, em matéria de descaracterização. A certa altura da exibição, o mestre perde a sua compostura de mestre, diz piadas, conta anedotas, faz sapateado com requebros e apresenta alguém para fazer um ligeiro histórico da capoeira, onde as maiores aberrações são ditas. Depois faz um samba de roda ao som dos instrumentos musicais da capoeira, vindo para a roda sambar, cabrochas agarradas de última hora, passista de escola de samba ou profissional amigo do mestre, que por acaso aparece no local. De certa feita, perguntei-lhe o porquê daquilo, ao que me respondeu que era *pra não ficá monoto* (ele queria dizer *monótono*) e o turista ir-se embora. A grande lástima é que essas coisas continuam a ter a cobertura oficial.

Lamentavelmente, o quadro atual das academias de capoeira é esse, variando apenas a intensidade das mudanças sociológicas, etnográficas e o grau de decadência. Nos bairros bem afastados, longe das tentações ventiladas e também talvez porque jamais tenham acesso a elas, existem capoeiristas que praticam o jogo apenas por divertimento, no maior estado de pureza e conservação possíveis e enquadrados no seu *status* social.

Bibliografia

A Dictionary of the Yoruba Language, Oxford University Press, London, Fourth impression, 1956.

ABRAHAM, R.C. *Dictionary of Modern Yoruba*, University of London Press Ltd., London, 1958.

ABRANCHES, Dunshee de. *Actas e Actos do Governo Provisório*/Cópias authenticas dos protocollos das sessões secretas do Conselho de Ministros desde a Proclamação da República até a organização do gabinete Lucena/Acompanhados de importantes revelações e documentos, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1907.

Academia Brasileira de Letras. *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Imprensa National, Rio de Janeiro, 1943.

_____; *Dicionário da Língua Portuguêsa* elaborado por Antenor Nascentes, Departamento de Imprensa Nacional, 1964.

Academia das Ciênças de Lisboa; *Dicionário da Lingua Portuguesa*, Na Oficina da mesma Academia, Lisboa, Ano 1793 (publicação interrompida).

Academiei Republicii Populare Romîne; *Dictionarul Limbii, Romine Literare Contemporane*, Editura Academiei Republicii Populare Romîne, 1955-1957, 4 vols.

ACQUARONE, F; *História da Música Brasileira*, Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, s/d.

AFONSO X. *O Sábio, Cantigas de Santa Maria, editada*s por Walter Metmann. Por Ordem da Universidade, Coimbra, 1959 (publicaram-se até agora 3 vols.).

ALENCAR, Inácio de; *Afinal, que é Maracangalha ?*, *in Manchete*, Rio de Janeiro, nº 250, 2/2/57.

ALENCAR, José de; *Iracema* / Lenda do Ceará, B. Z. Garnier, Rio de Janeiro, 3ª edição, 1878.

_____; O Gaúcho / Romance Brasileiro. Nova edição,Livraria Garnier, Rio de Janeiro, s/d.

ALEXANDRE, C; *Dictionnaire grec–français*/composé sur un nouveau plan où sont réunis et coordonnés des travaux de Henri Estienne, de Schneider, de Passow et des meilleurs lexicographes et grammairiens anciens et modernes / augmenté de l'explication d'un grand nombre de formes difficiles et suivi de plusieurs tables nécessaires pour l'intelligence des auteurs. Onzième édition entièrement refondue par l'auteur et considérablement augmentée, Librairie de L. Hachette & Cie., Paris, 1852.

ALMEIDA, Manuel Antônio de; *Memórias de um Sargento de Milícias*/Prefácio de Marques Rebêlo. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1944.

ALMEIDA, Renato; *História da Música Brasileira,* 2ª edição correta e aumentada. F. Briguiet & Comp. – Editor, Rio de Janeiro, 1942.

ALONSO, Amado; *Estudios Linguísticos*/Temas hispanoamericanos. Editorial Gredos, Madrid, 1933.

_____; *Estudios Linguisticos*/Temas Españoles. Editorial Gredos, Madrid, 1954.

ALVARENGA, Oneyda; *Música Popular Brasileira*, Editôra Globo, Porto Alegre, 1960.

ÁLVARES, João; *Crônica do Infante Santo D. Fernando*/ Edição crítica da obra de D. Fr. João Álvares segundo um códice Ms. do séc. XV, por Mendes dos Remédios, F. França Amado Editores, Coimbra, 1911.

AMADO, Gilberto; *Minha formação no Recife*, Livararia José Olímpio Editôra, Rio de Janeiro, 1955.

AMADO, Jorge; *Bahia de Todos Os Santos*/Guia das ruas e dos mistérios da Cidade do Salvador. Livraria Martins Editôra, São Paulo, 9ª edição, 1961.

_____;*Conversa com Buanga Fêlê*, também conhecido como Mário de Andrade, chefe da luta de Angola, *in* Tempo Brasileiro, ano 1, nº 1, setembro de 1962.

_____;*30 Anos de Literatura*. Livraria Martins Editôra, São Paulo, l96l.

AMARAL, Amadeu; *O Dialeto Caipira*/Gramática–Vocabulário, Prefácio de Paulo Duarte, Editôra Anhembi Limitada, São Paulo, 1955.

AMARAL, Braz do; *Os grandes mercados de escravos africanos*. As tribos importadas. Sua distribuição regional, Fatos da Vida do Brasil, Tipografia naval, Bahia, 1941.

Anais do 1º congresso Brasileiro de Geografia; Realizado na Cidade do Salvador, Estado da bahia, de 7 a 16 de setembro de 1916/ Publicado sob a direção do Secretário Geral do mesmo Congresso Professor Dr. Bernardino José de Souza. Imprensa Oficial do Estado, Bahia , 1916-1918, 2 vols.

ANGLADE, Joseph; Grammaire de l'ancien provençal ou ancienne langue d'oc / Fonetique & Morphologie. Librairie C. Klincksieck, Paris/1921.

ANGRA, Barão de; *Dicionário Marítimo Brasileiro* / Organizado por uma Comissão Nomeada pelo Governo Imperial / Sendo Ministro da Marinha o Conseleiro Afonso Celso de Assis Figueiredo sob a direção do Barão de Angra. Tipografia e Litografia do Imperial Instituto Artístico, Rio de Janeiro, 1877.

ARAÚJO, Elísio de; *Estudo Histórico sobre a Polícia da Capital Federal de 1808 a 1831* – Primeira Parte. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1898.

ARAÚJO, José Vieira de; *O Código Penal*/Interpretado segundo as fontes, a doutrina e a jurisprudência e com referências aos projetos de sua revisão. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1901-1902, 2 vols.

ASSIS, Machado de; *Crônicas* (1878-1888). W. H. Jackson Inc. Editôres, 1938, 4 vols.

AULETE, F. J. Caldas; *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguêsa* / feito sobre um plano inteiramente novo, Imprensa Nacional, Lisboa, 1881.

AYROSA, Plínio M. da Silva; *Dicionário Português–Brasiliano e Brasiliano–Português*/ Reimpressão integral da edição de 1795, seguida da 2ª parte, até hoje inédita, ordenada e prefaciada por Plínio M. da Silva Ayrosa, *in Revista do Museu Paulista,* Imprensa Oficial do Estado, São Paulo, 1934, tomo XVIII.

_____;Termos Tupis no Português do Brasil. Emprêsa Gráfica da "Revista dos Tribunais", São Paulo, 1937.

AZEVEDO, Aluísio de; O Cortiço/Introdução de Sérgio Milliet. Livraria Martins Editôra, São Paulo, 1965.

AZEVEDO, José Félix de; Offício de José Félix de Azevedo e Sá ao ministro do Império expondo as providências dadas para o restabelecimento da ordem na Província. Datado da cidade de Fortaleza, aos 23 de abril de 1825, *in Publicação do Arquivo Nacional* / Sob a direção de João

Alcides Bezerra Cavalcante. Oficinas Gráficas do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, 1929, vol. XXVI.

AZEVEDO, Pedro A. de; *A respeito da antiga ortografia portuguêsa*/Um documento de Monção de 1350, i*n Revista Lusitana*, vol VI, 1900–1901.

_____; Documentos portugueses do Mosteiro de Chellas, *in Revista Lusitana*, vol IX, 1906.

AZURARA, Gomes Eannes de; *Chronica do Descobrimento e da Conquista da Guiné* escrita por mandado de el–rei D. Affonso V, sob a direção scientífica, e segundo as instruções do ilustre Infante D. Henrique/Fielmente trasladada do manuscrito original contemporâneo, que se conserva na Biblioteca Real de Paris, e dada pela primeira vez à luz por diligência do Visconde de Correia, enviado Extraordinário, e Ministro Plenipotenciário de S. Majestade Fidelíssima na corte de França / Precedida de uma introdução, e Illustrado com algumas notas, pelo Visconde de Santarém / E seguida d'um glossario das palavras e phrases antiquadas e absoletas. Publicada por J.P. Aillaud, Paris, 1841.

BAILLY, A.; *Dictionnaire grec–français* / rédigé avez le concours de E. Egger. Edition revue par L. Séchan et P. Chantraine, Librairie Hachette, 1950.

BARBOSA, Januário da Cunha; Se a introdução dos escravos no Brasil embaraça a civilização dos nossos indígenas, dispensando–se-lhes o trabalho que todo foi confiado a escravos negros. Neste caso qual é o prejuízo que sofre a lavoura Brasileira?, *in Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*. Tipografia Universal de Laemmert, Rio de Janeiro 2ª edição, 1856., tomo I.

BARBOSA, Rui; *Projeto do Código Civil Brasileiro* /Trabalhos da Comissão Especial do Senado/ Réplica do Senador Rui Barbosa às defesas da Redação do Projeto da Câmara dos Deputados. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1904.

BARRETO FILHO, Melo; Lima, Hermeto; *História da Polícia do Rio de Janeiro*/Aspectos da cidade e da vida carioca, Prefácio de Filinto Müller. Editôra A Noite. Volue I: 1565-1831, Rio de Janeiro, 1939; volume II: 1831-1870, Rio de Janeiro, 1942; volue III: 1870-1889, Rio mde Janeiro, 1944, 3 vols.

BARROS, João de; Couto, Diogo do; *Da Ásia de João de Barros e de Diogo do Couto* / Nova edição oferecida a Sua Majestade D. Maria I, Rainha Fidelíssima, Lisboa, / Na regia Officina Typográfica, Ano 1778, 24 vols.

BARROSO, Gustavo; *Tição do Inferno* (Romance bárbaro), Benjamin Costallat & Miccolis, Editôres, Rio de Janeiro, 1926.

_____;Terra de Sol, (Natureza e costumes do Norte), 5a edição, Livraria São José, Rio de Janeiro, 1956.

BASTO, A. de Magalhães; *Crônica de Cinco Reis de Portugal*/Inédito quatrocentista do cód. 886 da Biblioteca Publ. Municipal de Porto; seguido de capítulos inéditos da versão portuguesa da crônica geral de Espanha e outros textos. Edição diplomática e prólogo de A. de Magalhães Basto, Livraria Civilização Editôra, Pôrto, s/d.

BATTIGLIONI, Gino*; Atlante Lingüistico-Etnográfico Italiano della Corsica,* Pisa, 1933–1939, 10 vols.

BATTISTI, Carlo; *Avviamento allo studio del latino volgare*. Leonardo da Vinci Editrice, Bari, 1949.

BATTISTI, Carlo; ALESSIO, Giovanni; *Dizionario Etimologico Italiano*, G. Barbèra, Editore, Firenze, 1950-1957, 5 vols.

BESSA, Alberto; *A gíria Portuguêsa* /Esbôço de um dicionário de "Calão" contendo uma longa cópia dos termos e frases empregados na linguagem popular de Portugal e do Brasil, com as respectivas significações colhidas na tradição oral e em documentos, livros e jornais antigos e modernos, incluindo muitas palavras ainda não citadas como de "gíria" em dicionário algum, por Alberto Bessa, com prefácio do ilustre Professor Dr. Theófilo Braga, Livraria Central de Góis de Carvalho, Lisboa, 1901.

BLUTEAU, Raphael; *Vocabulário Português e Latino*, Coimbra / No Collegio das Artes da Companhia de Jesus / Ano 1712-1727, 10 vols.

BOISACQ, Émile; *Dictionnaire étimologique de la langue grecque étudiée dans ses rapports avec les autres langues indo-européennes*. 4ème édition augmentée d'un index par Helmut Rix, Carl Winter, Universitätsverlag, Heidelberg, 1950.

BONFIM, Luís Carlos; Vinicius afirma que Bossa Nova agora é que dá show, *in* Correio da Manhã, Guanabara, 3/3/66.

BOURCIEZ, Edouard; *Éléments de Linguistique Romane*. Quatrième Edition révisée par l'auteur et par les soins de Jean Bourciez. Librairie C. Klincksiek, Paris, 1946.

BRAGA, Theófilo; *Cancioneiro Português da Vaticana* / Edição crítica restituída sôbre o texto diplomático de Halle, acompanhada de um glossário e de uma introdução sobre os trovadores e cancioneiros portuguêses. Imprensa Nacional, Lisboa, 1878.

BRANDÃO, Alfredo; *Os negros na história de Alagoas*, *in Estudos Afro-Brasileiros* / Trabalhos apresentados ao 1º Congresso Afro-Brasileiro reunido no Recife em 1934, prefácio de Roquette-Pinto, Ariel Editôra Rio de Janeiro, 1935.

BRASIL, Assis; *História da República Rio-Grandense*, Tip. de G. Leuzinger e Filhos, Rio de Janeiro, 1882.

BRITO, Paulino de; *Colocação dos Pronomes*/Artigos publicados na "Província do Pará" (1906–1907). Livraria Ailloud & Cia., Paris, 1907.

_____; *Brasileirismos de Colocação de Pronomes*/Resposta ao Sr. Cândido de Figueiredo/ Artigos publicados no *Jornal do Comércio*, 1908. Livraria Azevedo, Viúva Azevedo & Cia., Editôres, Rio de Janeiro, 1908.

BUENO, Silveira; *História da Literatura Luso-Brasileira*, 5ª edição atualizada – Edição Saraiva, São Paulo, 1965.

CABRAL, Oswaldo; *A Medicina Teológica e as Benzeduras* / suas raízes na história e sua persistência no folclore / Separata da *Revista do Arquivo*, n.º CLX, Departamento de Cultura, São Paulo, 1958.

CABRERA, Lydia; *Anagó* / Vocabulário lucumi / el yoruba que se habla en Cuba / Prólogo de Roger Bastide; Ediciones C.R., La Habana, 1957.

CADORNEGA, Antônio de Oliveira; *História Geral das Guerras Angolana*s /1680. Anotado e corrigido por José Matias Delgado. Divisão de Publicação e Biblioteca / Agência Geral das Colônias, Lisboa, 1940, 3 vols.

CALÓGERAS, João Pandiá; *A política exterior do Império* / Tomo Especial da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1927-1928, 2 vols.

CAMÕES, Luís de; *Os Lusíadas* / Reimpressão fac–similada da verdadeira 1.ª edição dos *Lusíadas*, de 1572, precedida duma introdução e seguida dum aparato crítico do Professor da Faculdade de Letras, Dr. José Maria Rodrigues. Tipografia da Biblioteca Nacional, Lisboa, 1921.

CANNECATTIM, Bernardo Maria de; *Colleção de Observações Gramaticais Sobre a Língua Bunda ou Angolense e Diccionário Abreviado da Língua Conguesa*. Segunda edição, Imprensa Nacional, Lisboa, 1859.
CAPELLO, H.; Ivens, R., *De Benguella ás Terras de Iácca* / Descrição de uma viagem na África Central e Ocidental / Compreendo narrações, aventuras e estudos importantes sobre as cabeceiras do rios Cu-neme, Cu-bungo, lu-ando, Cu-anza, e Cu-ango e de grande parte do curso dos dois últimos; além da descoberta dos rios Hamba, Canali, Sussa e Cu-gho, e longa notícia sôbre as terras de Quiteca, N'bungo Sosso, Futa e Iácca / Expedição organizada nos anos de 1877–1880. Imprensa Nacional, Lisboa, 1881, 2 vols.
CARDIM, Fernão; *Tratado da Terra e da Gente do Brasil* – Introdução e notas de Batista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia. Editores J. Leite & Cia., Rio de Janeiro, 1925.
CARIBÉ (Hector Julio Páride Barnabó); *As Sete Portas da Bahia* / Apresentação de José de Barros Martins e Jorge Amado; Livraria Martins Editôra, São Paulo, 1962.
CARNEIRO, Edison; *Religiões Negras* / Notas de etnografia, religiosa, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1936.
_____;*Religiões Negras* / Notas de etnografia religiosa e de folclore. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1936.
_____;*Negros Bantos* / Notas de etnografia religiosa e de folclore. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1937.
_____;*A Sabedoria Popular*, Instituto Nacional do Livro Rio de Janeiro, 1957.
_____;*Ladinos e Crioulos* / Estudo sobre o negro no Brasil. Editôra Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1964.
CAROMINAS, J.; *Diccionario Crítico Etimológico da Lengua Castellana* – Editorial Gredos, Madrid, 1954, 4 vols.
CARPEAUX, Otto Maria; *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira,* 3ª edição revista e aumentada. Editôra Letras e Artes, Rio de Janeiro, 1964.
CARTUSIANO, Ludolfo; *O Livro da Vita Christi* / Em Linguagem Portuguesa / Edição fac–similar e crítica do incunábulo de 1495 cotejado com os apógrafos por Augusto Magne. Casa de Ruy Barbosa, Rio de Janeiro, 1957.
CASAL, Manuel Aires de; *Corografia Brasílica ou Relação Histórica–Geográfica do Reino do Brasil,* Edições Cultura, São Paulo, 1943, , 2 vols.
CASCUDO, Luís da Câmara; Vaqueiros e cantadores / Folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Edição da livraria Globo, Porto Alegre, 1939.
_____;*Cinco Livros do Povo* /Introdução ao Estudo da Novelística no Brasil / Pesquisas e Notas / Texto das cinco tradicionais novelas populares / Donzela Teodora, Roberto do Diabo, Princesa Magelona, Imperatriz Porcina, João de Cais / Informação sobre a História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França, Livraria José Olímpio Editôra, Rio de Janeiro, 1953.
_____;*Dicionário do Folclore Brasileiro*, 2ª edição revista e anotada, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1962.
_____;*Made in África*/ Pesquisas e Notas. Editôra Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1965.
_____;*Folclore do Brasil* / Pesquisa e Notas. Editôra Fundo de Cultura, Brasil–Portugal, 1967.
CASTANHEDA, Fernão Lopes; *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portuguêses*. Na Typographia Rolandiana, Lisboa, 1833, 8 vols.

CASTRO e ALMEIDA, Eduardo de; Inventário dos documentos relativos ao Brasil existente no Arquivo de Marinha e Ultramar de Lisboa, organizado para a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro por Eduardo de Castro e Almeida. Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1913-1936, 8 vols.

CASTRO, J. (J. Osório da Gama e Castro); *Cantigas Devotas in Revista Lusitana*, 1900-1901, vol. VI.

CAYMMI, Dorival; *Cancioneiro da Bahia* / Prefácio de Jorge Amado – Ilustrações de Clóvis Graciano, Livraria Martins Editôra, 3ª edição, São Paulo, s/d.

CHASE, Gilbert; *Do Salmo ao Jazz* / A música dos Estados Unidos. Tradução de Samuel Pena Reis e Lino Vallandro. Editôra Globo, 1957.

CLEROT, L.F.R.; *Vocabulário de Termos Populares e Gírias da Paraíba* / (Estudo de glotologia e semântica paraibanas), 1ª edição, Rio de Janeiro, 1959.

COELHO, Francisco Adolfo; *Dicionário Manual Etimológico da Língua portuguêsa* / contendo a significação e prosódia. P. Plantier – Editôra, Lisboa, s/d.

COELHO NETO, Henrique Maximiliano;*Bazar*. Livraria Chardron, de Lello & Irmãos, Ltda. Editôres Pôrto, 1928.

COELHO NETO, Paulo Coelho Neto; Zélio Valverde Editôr, Rio de Janeiro, 1942.

CORNU, Jules; Die Portugiesische Sprache, *in* Grundriss der romanischen Philologie, Herausgegeben von Gustav Gröber, zwite verbesserte und vermehrte Auflage, Karl J. Trübner, 1904–1906, vol. I.

CORREA, Elias Alexandre da Silva; História de Angola /Com nota prévia pelo Dr. Manuel Múrias, Lisboa, 1937, 2 vols.

CORREA, Viriato; Casa de Belchior, Livraria Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1936.

CORTESÃO, A. A.; *Subsídios para um Dícionário Completo* (Histórico–Etimológico) da Lingua portuguesa / compreendo a etimologia, as principais noções de leis fonéticas, muitos elementos de dialetología e de onomatologia, tanto toponímica como antroponímica, arcaísmos, neologismos, etc. França Amado – Editor, Coimbra, 1901–1902, 2 vols.

CORUJA, Antônio Alvares Pereira; Coleção de Vocábulos e Frases Usados na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul no Brasil Trubner e Comp., Londres, 1858.

COSTA, F. J. Pereira da; V*ocabulário pernambucano, in Revista do Instituto Arqueológico*, Histórico e Geográfico Pernambucano, vol XXXIV, Pernambuco, 1937.

COSTA, Joaquim Viera Botelho da; DUARTE, Custódio José; *O Creolo de Cabo Verde* / Breves Estudos sobre o creolo das ilhas de Cabo Verde, *in* Bolletim da Sociedades de Geografia de Lisboa, Imprensa Nacional, Lisboa, 6ª série, nº6.

COSTA, Lamartine Pereira da; Capoeiragem /A arte da defesa pessoal brasileira, Rio de Janeiro, s/d.

_____;*Capoeira sem Mestre*, Edições de Ouro, Rio de Janeiro, 1962.

CRAVO JÚNIOR, Mário; *Sincronismo Técnico da Gravura com a Escultura*. S. A. Artes Gráficas, Bahia, 1953.

CUNHA, Celso Ferreira da; *O Cancioneiro de Joan Zorro* / Aspectos lingüisticos / Texto crítico / Glossário. Rio de Janeiro, 1949.

_____;*O Cancioneiro Martim Codax*, Rio de Janeiro, 1956.

DALGADO, Sebastião Rodolfo; *Glossário Luso-Asiático*. Imprensa da Universidade, Coimbra, 1919-1921, 2 vols.

D'OVIDIO, Francisco und Wilhelm Meyer-Lübke; Die Italienische Sprache, neubearbeitet von Wilhelm Meyer-Lübke, in Gustav Gröber, *op. cit.*, vol. 1.
DEBRET, Jean Baptiste; *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. Tradução e notas de Sérgio Milliet, Livraria Martins Editôra, São Paulo, 3ª edição, 1954, 2 vols.
Diálogo das Grandezas do Brasil/Introdução de Capistrano de Abreu/Notas de Rodolfo Garcia. Livraria Progresso Editôra, Bahia, 1956.
DIAS, Augusto Epifânio da Silva; *Sintaxe Histórica Portuguêsa*, Livraria Clássica Editôra de A. M.Teixeira, 1918.
DIEGO, Vicente Garcia de; *Contribuición al diccionario hispánico etimológico*, Madrid, 1943.
_____; *Manual de Dialectologia Española.* Instituto de Cultura Hispanica, Madrid, 1946.
_____; *Diccionario Etimológico Español e Hispánico* , Editorial. S.A.E.T.A., Madri, s/d.
DIEZ, Friedrich; *Über die erste Portugieisische Kunst-und Hofpoesie*. Eduard Weber's Verlag, Bonn, 1863.
_____; *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen* / Fünfte Ausgable mit einem Anhang von August Scheler Bei Adolf Marcus, Bonn,1887.
_____; *Grammatik der Romanischen Sprachen*, fünfte Auflage, Eduard Weber's Verlag, Bonn, 1882, 3 vols.
DOZY, R; ENGELMANN, W. H., *Glossaire des mots espagnols et portugais derivé de l'arabe*. Seconde édition revue et très-considérablement augmentée. E.J. Brill Leyde, – Maisonnaeuve & Cie, Paris, 1869.
EDELWEISS, Frederico G.; *in* Teodoro Sampaio, O Tupi na Geografia Nacional, *ed. cit.*
EGUILAZ y YANGUAS, P. Leopoldo de; *Glossário Etimológico de las palabras españolas* (castellanas, catalanas, gallegas, mallorquinas, portuguesas, valencianas y bascongadas) de origen oriental (árabe, hebreo, malayo, persa y turco). Imprenta de la Lealtad, Granada, 1886.
EMERICIANO, *Jordão, José Mariano ou O Elogio da Tribuna.* Secretaria do Interior e Justiça / Arquivo Público Estadual, Recife, 1953.
ERNOUT A. et MEILLET, A.; *Dictionnaire etymologique de la langue latine* / Histoire des Mots. Troisième édition revue, corrigée et augmentée d'un index. Librairie C. Klincksieck, Paris, 1951.
ESPINOSA, Aurélio M.; *Estudios sobre el español de Nuevo Méjico* / Traducción y reelaboración con notas por Amado Alonso y Angel Rosemblat, con nueve estudios complementares sobre Problemas de Dialectologia Hispanoamericana por A. Alonso, Parte I – Fonética, Buenos Aires, 1930-1946, 2 vols.
Estudos Afro-Brasileiros/Trabalhos apresentados so I° Congresso Afro-Brasileiro reunido no Recife em 1934. Prefácio de Roquette-Pinto, Ariel, Editôra Ltda., Rio mde Janeiro, 1935.
FABRA, Pompeu; *Dicionari General de la Lengua Catalana.* A. López Llausàs Editor, Barcelona, 2ª edição, 1954.
FARIA, Antônio Bento de; *Anotações Teórico–Práticas do Código Penal do Brasil* / De acordo com a doutrina e legislação e a jurisprudência nacionais e estrangeiras / seguido de um / Apêndice / contendo as leis e vigor e que lhe são referentes. Jacinto Ribeiro dos Santos -Editor, Rio de Janeiro, 4ª edição, 1929, 2 vols.
FÉLIX, Anísio; Bimba e Pastinha, duelo de idéias sobre a capoeira, *Diário de Noticias*, Salvador, 31/10/65.

FERNANDES, I. Xavier; *Topônimos e Gentílicos.* Editôra Educação Nacional Ltda., Pôrto, 1941-1943, 2 vols.

Festgab Ernst Gamillscheg zu seinem fürfundschzigsten Geburstag am 28 Oktober 1952, von Freundem, und Schlerin überreicht. Max Niemeyer Verlag, Tübingen, 1952.

FIGUEIREDO, Cândido de; *Nôvo Dicionário da Língua Portuguêsa*/Redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dôbro dos vocábulos até agora registrados nos melhores dos mais modernos dicionários portugueses, além de satisfazer a tôdas as grafias legítimas, especialmente a que tem sido mais usual e aquela que foi prescrita oficialmente em 1911. Quarta edição corrigida e copiosamente ampliada. Sociedade Editôra Artur Brandão & Cia, Lisboa, 1926, 2 vols.

FILGUEIRAS Júnior; Araújo, *Código Criminal do Império do Brasil*/Anotado com os atos dos podêres Legislativo, Executivo e Judiciário, que tem alterado e interpretado suas disposições desde que foi publicado, e com o cálculo das penas em tôdas as suas aplicações / Em casa dos Editôres Proprietários Eduardo & Henrique Laemmert, Rio de Janeiro, 1873.

FREIRE, Laudelino; *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguêsa* / organizado por Laudelino Freire com a colaboração técnica do Profesor J. L. de Campos, Editôra A Noite, Rio de Janeiro, 1940–1944, 5 vols.

FREYRE, Gilberto; *Casa Grande e Senzala*/ Formação da Família Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal/ Ilustrações de Tomás Santa Rosa, 8ª edição, Livraria José Olímpio Editôra, Rio de Janeiro, 1954, 2 vols.

_____;*Sobrados e Mocambos*/ Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano/ Ilustrações de Lula Cardoso Ayres, Manuel Bandeira, Carlos Leão e do autor. 2ª edição refundida pelo autor e acrescida de introdução, de cinco capítulos e de numerosas notas. Livraria José Olímpo Editora, Rio de Janeiro, 1951, 3 vols.

FRIEDERICI, Georg; *Amerikanistisches Wörterbuch und Hilfstwörterbuch für den Amerikanisten*, 2. Auflage, Cram, de Gruyter & Co., Hamburg, 1960.

GALLET, Luciano; *Estudos de Folclore*, Carlos Wehrs & Cia., Rio de Janeiro, 1934.

GAMILLSCHEG, Ernst; *Etymotogisches Wörterbuch der französischen Sprachen /*Mit einen Wort – und Sachverzeichnis von Dr. Heinrich Kuen, Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1928.

_____;*Romania Germanica*/Sprach-und Siedlungsgeschichte der germanen auf dem Boden des alten Römerreichs. Walter de Gruyter & Co., Berlin und Leipzig, 1953, 3 vols.

GAMILLSCHEG, E. ; SPITZER, L.; *Beiträge zur romanishen Wortbildungslehre*. Leo S. Olschki–Éditeur, Genève, 1921.

GARCIA, Rodolfo; *Dicionário de brasileirismos (peculiaridades pernambucanas)*, Rio de Janeiro, 1915.

_____; *Nomes geográficos peculiares ao Brasil, in Revista de Língua Portuguêsa* / Arquivo de estudos relativos ao idioma e literatura nacionais, dirigida por Laudelino Freire, nº 3 – Janeiro, 1920.

GARTNER, Theodor; *Darstellung des romänischen Sprache*. Verlag von Max Niemeyer, Halle A.S., 1904.

_____;Handbuch der rätoromanischen Sprache und Literatur. Verlag von Max Niemeyer, Halle A.S., 1910.

GERLAND, Georg; *Die Basken und die Iberer*, in Gustav Gröber, *op. cit*., vol. I.
GÉRSON, Brasil; *História das ruas do Rio de Janeiro*, 3ª edição revista e aumentada, Editôra Souza, Rio de Janeiro, s/d.
GIESE, Wilhelm; *Notas Sôbre a Fala dos Negros em Lisboa no Princípio do Século XVI*, in Revista Lusitana, 1932, vol. XXX.
GILLIÉRON, J. ; Edmont, E.; *Atlas Linguistique de la France*, Paris 1903–1910.
GOULART, Maurício, *Escravidão Africana no Brasil* (Das origens à extinção do tráfico), 2ª edição, Livraria Martins Editôra, São Paulo, 1950.
GRAMMONT, Maurice; *Traité de phonetique*, Librairie Dellagrave, Paris, 1956.
GRANADA, Daniel; *Vocabulário Rioplatense Razonado*, precedido de un juicio crítico por D. A. Magariños Cervantes, 2ª edicción corregida, considerablemente aumentada y a la que se añade un nuevo juicio crítico publicado por D. Juan Valera. Imprenta Rival, Montevideo, 1890.
GRANDGENT, C.H.; *Introducción al Latin Vulgar* / Traducción del inglés, adicionada por el autor, corregida y aumentada con notas, prólogo y una antologia por Francisco de B. Moll. Segunda edicción en reproducción fotográfica. Madrid, 1952.
GRÖBER, Gustav; *Grundriss der romanischen Philologie*, Herausgegeben von Gustav Gröber, zweite verbesserte und vermehrte Auflage, Karl J. Trübner, 1904-1906, 2 vols.
GUARNIERI, Camargo; *in Melodias registradas por meios não-mecânicos*, organizado por Oneyda Alvarenga, edição do Arquivo Folclórico da Discoteca Pública Municipal, São Paulo, 1946.
HAMPL, Zdenek; Tratamento motivado pela cor da pele do interlocutor, no português do Brasil, *in Omagiu lui Alexandru Rosetti la 70 de ani*. Editura Academiei Republicii Socialiste Romenia, Bucarest, 1965.
HARRIS, Rex; Jazz / As suas origens e o desenvolvimento que adquiriu, desde os ritmos primitivos africanos à evoluída música ocidental dos nossos dias / Tradução de Raul Calado, Editôra Ulisséia, Lisboa – Rio de Janeiro, 1952.
HILKA, Alfons; *Das Altfranzösische Rolandslied nach der Oxforder Handschrift*, Herausgegeben von Alfons Hilka. Vierte verbesserte Auflage besogt von Gehrard Rohlfs. Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1953.
HOFMANN, J. B.; Etymologisches Wörterbuch des grichischen. Verlag von R. Oldenbourg, München, 1950.
_____;Lateinisches etymologisches Wörterbuch, 3., Neubearbeitete Auflage, Carl Winter's Universitätsbuchandlung, Heidelberg, 1938–1956, 3 vols.
HOLTHAUSEN, F.; Gotisches etymologisches Worterbuch / Mit einschluss der Eigennamen und der gotischen Lehnworter im Romanischen. Carl Winter Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1934.
HUBER, Joseph; Altportuguesisches Elementarbuch, Carl Winters Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1933.
IHERING, Hermann von; IHERING, Rodolfo von, As Aves do Brasil (Catálogo da Fauna Brasileira), ed. Museu Paulista, Tipografia do Diário oficial, São Paulo, 1907.
IHERING, Rodolfo von; *Dicionário dos Animais do Brasil,* São Paulo,1940.
JABERG, K.; JUD, J.; Der Sprachatlas als Forschungsintrument Kritische Grundlegung und

Einführung in den Sprach–und Sachatlas Italiens und der Südschweis. Max Niemeyer Verlag, Halle (Saale), 1928.

_____;Sprach–und Sachatlas Italiens und der Südschweis / Gedruckt mit Unterstütsung der Gesellschaft für Wissenchaftliche Forschung an der Universität Zürich und privater Freunde des Werkes von der Verlagsanstaltt Ringier & Co., Zofingen (Schweis), 1928–1940, 8 vols.

JABOATAM, Antônio de Santa Maria; Novo Orbe Seráfico Brasílico ou Crônica dos Frades Menores da Provincia do Brasil. Impresso em Lisboa em 1761 e reimpresso por ordem do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tip. Brasiliense de Maximiliano Gomes Ribeiro, Rio de Janeiro, 1858, 2 vols.

JOHNSON, Samuel; *The History of the Yorubas* / From the Earliest Times to the Beginning of the British Protectorate. Edited by Dr. O. Johnson. C.M.S. (Nigeria) Bookshofs, Lagos, 1956.

KOSERITZ, Carl von; Imagens do Brasil / Tradução, prefácio e notas de Afonso Arinos de Melo Franco. Livraria Martins Editôra, São Paulo, 1943.

KOSTER, Henry; *Viagens ao Nordeste do Brasil* – Tradução e notas de Luízs da Câmara Cascudo, Companhia Editôra Nacional, São Paulo 1942.

KREPINSKY, M.; *L'infinitif de colligere dans les langues romanes,* in Omagiu lui Iorgu Iordan ou prilejul impliniri a 70 de ani, Editura Academiei Republicii Populare Romine, Bucarest, 1958.

KRÖLL, Heinz; *Designações Portuguesas para Embriaguez*, Casa do Castelo Editôra, Coimbra, 1955.

LAPA, Manuel Rodrigues; *Livros de Falcoaria, in Boletim de Filologia*, Lisboa, *ed. cit.,* tomo I.

_____;Cantigas D'escarnho e de mal-dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses. Edição crítica pelo Prof. M. Rodrigues Lapa. Editorial Galáxia, Colección Filoxica, Coimbra, 1965.

LEÃO, Duarte Nunes de; Origem e Ortographia da Língoa Portugueza, como a Latina, e quaesquer outras que a Latina tem origem: com um tractado das partes das cláusulas. Nova edição, correcta, e emendada, conforme a de 1784, Typografia do Panorama, Lisboa, 1864.

LEITE, Serafim; História da Companhia de Jesus no Brasil, Lisboa 1938-1950, 10 vols.

LEMOS, Julio de; *Pequeno Dicionário Luso Brasileiro de Vozes de Animais* (onomatopéias e definições) / Com uma Carta do Escritor e filólogo Prof. Augusto Moreno. Edição da Revista de Portugal, Lisboa, 1946.

LEMOS, Virgilo de; *A língua portuguêsa no Brasil, in Anais do 5° congresso Brasileiro de Geografia* / Realizado na Cidade de Salvador, Estado da Bahia, de 7 a 16 de setembro de 1916. Publicado sob a direção do Secretário–Geral do mesmo Congresso, Professor Dr. Bernardino José de Souza, Imprensa Oficial do Estado, Bahia, 1916, vol. I.

LENZ, Rodolfo; Diccionario Etimológico de las Voces Chilenas Derivadas de Lenguas Indíjenas Americanas. Imprenta Cervantes, Santiago de Chile, 1904- 1910, 2 vols.

LEONI, Francisco Evaristo; Gênio da Língua Portuguesa ou Causas racionais e filológicas de todas as formas e derivações da mesma língua, comprovadas com inumeráveis exemplos extraídos dos autores latinos e vulgares, 1858, 2 vols.

LESSA, Clado Ribeiro; *Vocabulário de Caça* /contendo os termos clássicos portugueses de cinegética geral, os relativos à falcoaria, e os vocábulos e expressões de uso peculiar ao Brasil, Companhia Editôra Nacional São Paulo, 1944.

LITTRE, É.; *Dictionnaire de la Langue Française*, Librairie Hachette et Cie, Paris, 1873, 5 vols.
LLORACH, Emilio Alarcos; *Fonologia Española* / segun el método de la Escuela de Praga. Editorial Gredos, Madrid, 1950.
LOKOTISCH, Karl; Etymologisches Wörterbuch der europäischen (germanischen, romanischen und slavischen) Wörter orientalischen Ursprungs. Carl Winter's Universitäsbuchhandlung, Heidelberg, 1927.
_____;Etymologisches Wörterbuch der Amerikanischen (Indianischen) Wörter im deutschen. Carl Winters Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1926.
LOPES, Fernão; *Crônica de D. João I* / Segundo o códice n.º 352 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo / Edição prefaciada por Antônio Sérgio, Livraria Civilização – Editôra, Pôrto, 1945.
LOURO, José Inês; *Notas etimológicas, in Boletim de Filologia*, 1948, tomo IX.
M. ESPINOSA, Aurelio; *Estudios sobre el español de Nuevo Méjico*/Traducción y reelaboración con notas por Amado Alonso y Angel Rosemblat, con nueve estudios complementares sobre Problemas de Dialectologia Hispanoamericana por A. Alonso, Parte I – Fonética, Buenos Aires, 1930-1946, 2 vols.
MACEDO, Roberto; *Notas Históricas* / Primeira Série, Rio de Janeiro, 1944.
MACHADO, Elza Paxeco; MACHADO, José Pedro; *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* / Antigo Colocci-Brancutti/Leitura, Comentários e Glossário. Edição da Revista de Portugal, Lisboa, 1940- 1960, 7 vols.
MACHADO, José Pedro; *Dicionário Etimológico da Língua Portuguêsa*/Com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados, 1.ª edição, Editorial Confluência, Lisboa, 1956-1959, 2 vols.
_____;*Influência Arábica no Vocabulário Português*/Edição de Álvaro Pinto (Revista de Portugal), Lisboa, 1958-1961, 2 vols.
MAGALHÃES, Couto de, O Selvagem. Tipografia da Reforma, Rio de Janeiro, 1876.
MAGALHÃES Júnior, Raimundo; *Deodoro* /A Espada contra o Império. Volume I: O Aprendiz de Feiticeiro/da Revolta Praieira ao Gabinete Ouro Preto. Volume II: O Galo na Torre / Do desterro em Mato Grosso à Fundação da República. Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 1957 , 2 vols.
MAGNE, Agusto; *A Demanda do Santo Graal* . Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1944, 3 vols.
_____; *A Demanda do Santo Graal* / Reprodução fac–similar e transcrição crítica do códice 2.594 da Biblioteca Nacional de Viena. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1955.
_____; *Dicionário da Língua Portuguêsa* / Especialmente dos períodos medieval e clássico. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1950.
MALHEIRO, Agostinho Marques Perdigão; *A Escravidão no Brasil* / Ensaio Histórico–Jurídico–social. Edições Cultura, São Paulo, 1944, 2 vols.
MARCGRAVE, Jorge; *História Natural do Brasil.* Tradução de Mons. Dr. José Procópio de Magalhães. Edição do Museu Paulista comemorativa do cinquentenário da fundação da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, São Paulo, 1952.
MARGARIT, Antonio Badia; *Gramática Historica Catalana*. Editorial Noguer, S.A., Barcelona, 1951.
MARINHO, Inezil Penna; Subsídios para o Estudo da Metodologia do Treinamento da Capoeiragem. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1945.
_____;*Subsídio para a História da Capoeiragem no Brasil*, Rio de Janeiro, 1956.

MAROQUIM, Mário; *A língua do Nordeste*, (Alagoas e Pernambuco), Prefácio de Gilberto Freyre, Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 1945.
MARQUES, César de Augusto; Poranduba Maranhense ou Relação da província do Maranhão / Em que se dá notícia dos sucessos mais célebres que nelatem acontecido desde o seu descobrimento até o ano de 1820, como também das suas principais produções naturais, etc., com um mapa da mesma província e de um dicionário abreviado da língua geral do Brasil, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tipografia, Litografia e Encadernação a vapor de Laemmert & C., Rio de Janeiro, 1891. Tomo LIV – Parte I.
MARTIUS, Carl Friedrich Philipe von; *Glossaria Linguarum Brasiliensium* / Glossários de diversas língoas e dialectos, que falão os índios no império do Brasil / Wörtersammlung brasilianischer Sprachen. Druck von Jungle & Sohn, Erlangen, 1863.
MIRANDA, Vicente Chermont de; Glossário Paraense ou Coleção de Vocábulos Peculiares à Amazônia e Especialmente à Ilha de Marajó, Livraria Maranhense, Pará, 1905.
_____; "Estudos sobre o nêngatú", *in Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1944, vol. LXIV.
MEIER, Harri; Erwägungen zu iberoramanischen Substratetymologien, in Festagab Ernst Gamillscheg zu seinem fünfundsechzigsten Geburstag am 28 Oktober 1952 von Freundem und Schülern überreicht. Max Niemeyer Verlag, Tübingen, 1952.
MELHOR, Anísio; *Violas* /Contribuições ao estudo do folclore Baiano, Imprensa Vitória, Bahia, 1935.
MENDONÇA, Renato; *Influência Africana no Português do Brasil* – Prefácio de Rodolfo Garcia, Livraria Figueirinhas, Pôrto, 3ª edição, 1948.
MEYER–LÜBKE, Wilhelm; Die lateinische Sprache in den romanischen Ländern, *in Gustav Gröber, op. cit*., vol. I.
_____; Einführung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft, Dritte neuarbeitete Auflage, Carl Winter's Universitätsuchhandlung, Heidelberg, 1920.
_____;Grammaire des langues romanes, / Traduction française par Eugène Rabiet. G.E. Stechert & Co., New York, 1923, 4 vols.
_____;Das Katalanische / seine stellung zum spanischen und provenzalischen /Sprachwissenschaftlich und historisch dargestellt. Carl Winter's Universitätsuchhandlung, Heidelberg, 1925.
_____;Romanisches etymologisches Wörterbuch, 3. Vollständig neubearbeitete Auflage Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1935.
Micellanea di Filologia e Linguistica/*in Memoria di Napoleone e Ugo Angello Canello*. Sucessori de Mounier, Firenze, 1886.
Miscelânea de Filologia, Literatura e HistóriaCultural, *à memória de Francisco Adolfo Coelho* (1847-1919). Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1949-1950, 2 vols.
MOLL, Francisco de B.; *Gramática Histórica Catalana*. Editorial Gredos, Madrid, 1952.
MONIZ, Isa; Entrevistando Nossos Artistas: Não há incentivo para os compositores baianos/ Ouvindo "Batatinha", compositor baiano–Não é e nunca foi de rádio –Aproveitando o ritmo da capoeira – Quer ir ao Rio só para gravar as suas composições, *in* Diário da Bahia, Salvador, 3/2/52.
MONTEIRO, Clóvis, *Português da Europa e Português da América* / Aspectos da Evolução do Nosso Idioma, 3ª edição, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1959.

MONTOYA, Antônio Ruiz de; Vocabulario y tesoro de la lengua guarani ó más bien tupi, en dos partes: I. Vocabulario español-guarani (ó tupi). II. Tesoro guarani (ó tupi)-español. Nueva edición, mas correcta y esmerada que la primera, y con las voces indias en tupi diferente. Faesy y Frick, Viena – Maisonneuve y Cie, Paris, 1876.

MORAES, Raimundo de; *O meu dicionário de cousas da Amazônia*, Rio de Janeiro, 1931, 2 vols.

MORAIS, A.J. de Melo; *Brasil Histórico* – Primeiro Ano. Tipografia Brasileira, Rio de Janeiro, 1864.

_____; *Brasil Histórico* – 2ª serie, 1866. Tipografia dos Editores, Rio de Janeiro, tomo I, 1866.

_____;*Brasil Histórico* – 2ª serie, 1867. Fauchon & Dupont Editores, Rio de Janeiro, tomo II, 1867.

MORAIS FILHO, Melo; *Festas e tradições populares do Brasil*/Revisão e notas de Luís da Câmara Cascudo, F. Briguiet & Cia., Editores Rio de Janeiro, 1ª edição, 1946.

MOREL–FATIO, A.; SAROIHANDY, J.; *Das Catalanische, in Gustav Gröber*, *op. cit*., vol. I.

MORÍNIGO, Marcos A.; *Hispanismos en el Guarani*/Estudio sobre la penetración de la cultura española en el guarani, según se refleja en la lengua. Bajo la dirección de Amado Alonso, Buenos Aires, 1931.

MOTA, Leonardo; *Sertão Alegre* (Poesia e linguagem do sertão nordestino). Imprensa Universitária do Ceará, 2ª edição, Fortaleza, 1965.

MUSHACKE, W.; Altprovenzalische Marienklage des XIII. Jahrunderts Nach allen bekanten Handschiften, Herausgegeben von Dr. W. Mushacke. Verlag von Max Niemeyer, Halle, A. S., 1890.

NASCENTES, Antenor; *Dicionário Etimológico da Língua Portuguêsa* – com prefácio de W. Meyer–Lübke, 1ª edição, Rio de Janeiro, 1932.

_____;*Dicionário Etimológico da Língua Portuguêsa*/Nomes próprios/Com Prefácio de Serafim da Silva Neto. Rio de Janeiro, 1952.

_____;*O Linguajar Carioca*, 2ª edicão completamente refundida, Edições da Organização Simões, Rio de Janeiro, 1953.

_____;*A Gíria Brasileira*, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1953.

_____;Três Brasileirismos, *in Revista Brasileira de Filologia*, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1955, vol. I.

NEUVONEN, Eero K.; *Los Arabismos del Español en el Siglo XIII*. Helsinki, 1941.

NICHOLSON, G. G.; Recherches Philologiques Romanes. Libraire Ancienne Honoré Champion, Paris, 1921.

NIEDERMANN, Max; *Précis de phonétique historique du latin*. Troisième édition revue et augmentée. Librairie C. Klincksieck, Paris, 1953.

NIEUHOF, Joan; *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil* / Traduzido do inglês por Moacir N. Vasconcelos / Confronto com a edição holandesa de 1682, introdução, notas, crítica bibliográfica e bibliografia por José Honório Rodrigues, Livraria Martins Editôra, São Paulo 2ª edição, 1951.

NÓBREGA, Manuel de; *Cartas do Brasil e mais escritos* (opera omnia) com introdução e notas históricas e críticas de Serafim Leite. Por ordem da Universidade, Coimbra, 1955.

NOGUEIRA, Rodrigo de Sá; *Portuguesismo em Cristovão Colombo*, *in Miscelânea de Filologia*, Literatura e História Cultural à memória de Francisco Adolfo Coelho (1847–1919). Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1950, vol. II.

NUNES, José Joaquim; *Crônica da Ordem dos Frades Menores* (1209–1285). Manuscrito do século XV, agora publicado inteiramente pela primeira vez e acompanhado de introdução, anotações, glossário e índice onomástico. Imprensa da Universidade, Lisboa, 1918, 2 vols.
_____; *Digressões Lexicológicas*, Livraria Clássica Editôra de A.M.Teixeira (Filhos), Lisboa, 1928.
_____;*Crestomatia Arcaica excertos de literatura portuguesa desde o mais antigo que se conhece até ao século XVI* / acompanhados de introdução gramatical, notas e glossário, 3ª edição (com correções feitas em vida pelo autor), Livraria Clássica Editôra, M.A. Teixeira & Cia. (Filhos), Lisboa, 1943.
_____;*Compêndio de Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Fonética e Morfologia. Livraria Clássica Editôra, A. M. Teixeira & Cia (Filhos), 3a edição, Lisboa, 1945.
_____;*Fonética Histórica Portuguesa*/Resumo das principais leis que presidiram à transformação do latim ao português, *in Revista Lusitana*, vol. III.
NYROP, Kr.; *Grammaire historique de la langue française.* Troisièème édition revue et augmentée. Gyldenlalske Boghandel Nordisk Forlag, Copenhague, 1903-1914, 4 vols.
ODERIGO, Nestor R. Ortiz; *Estética del jazz*. Ricordi Americano Buenos Aires, 1951.
OLIVEIRA, Agenor Lopes de; *Toponímia Carioca*, ed. Prefeitura do Distrito Federal, s/d.
OLIVEIRA, Albano Marinho de; *Berimbau o arco musical da capoeira*, *in Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, 1956, vol. 80.
OLIVEIRA, Fernão de; *Grammática da Lingoagem Portuguêsa*/3ª edição feita de harmonia com a primeira (1536) sob a direção de Rodrigo Sá Nogueira/seguida de um estudo e de um glossário de Ambol Ferreira Henriques. Edição de José Fernandes Júnior, Tipografia Beleza, Lisboa, 1933.
OLUMIDE LUCAS, J. ; *The religion of the Yorubas* / being an account of the religions, Beliefs and practices of the Yoruba People of Southern Nigeria, especialy in relation to the religion of ancient Egypt. C.M.S. Bookshop, Lagos, 1948.
Omagiu lui Iorgu Iordan cu prilejul impliniri a 70 de ani. Editura Academiei Republicii Populare Romîne, Bucarest, 1958.
Omagiu lui Alexandru Rosetti la 70 de ani. Editura Academiei Republicii Populare Romênia, Bucarest, 1965.
Ordenaçoens do Senhor Rey D. Affonso V, Na Real Imprensa da Universidade, Coimbra, 1786, 5 vols.
ORTIZ, Fernando; Glosário de Afronegrismos con un prólogo por Juan M. Dihigo, "Imprensa El siglo XX", Habana, 1951.
_____;Los Bailes y el Teatro de los Negros en el Folklore de Cuba. Ediciones Cardenas y Cia, Habana, 1951.
_____;Los Instrumentos de La Música Afrocubana / Los pulsativos, los fricativos, los insuflativos y los aeritivos. Cárdenas y Cia., Editores e Impressores, Habana, 1952-1955, 5 vols.
PAES, Elpídio Ferreira; *Alguns Aspectos da Fonética Sul Rio–Grandense*, Anais do Primeiro Congresso de Língua Nacional Cantada / Julho de 1937, São Paulo, 1938.
PASTINHA, Mestre (Vicente Ferreira Pastinha); *Capoeira Angola*, Escola Gráfica Nossa Senhora de Loreto, Salvador, 1964.
PEREIRA, Gonçalo de Ataíde; *Prof. Manuel Querino – Sua Vida e Suas Obras*. Imprensa Oficial do Estado, Bahia, 1932.

PETROVICI, Emil; *Atlasul Linguistic Romin* / Serie nouå Editura Academeiei Republicii Populare Romin, 1956.
PIDAL, Ramón Menendez; *Poesia Juglaresca y Juglares* / Aspectos de la historia y cultura de España. Tercera edicción, Espasa–Galpe, Madrid, 1949.
_____;*Orígenes del Español* / Estudo linguístico de la Península ibérica hasta el siglo XI. Tercera edición muy corregida y adicionada, Espasa-Galpe, S. A., Madri, 1950.
_____;*Cantar de Mio Cid* /Texto, Gramática y Vocabulario. Espasa Galpe, Madrid, 1941-1946, 3 vols.
_____;*Manual de Gramática Histórica Española*. Octava edicción, Espasa–Galpe, Madrid, 1949.
PIERSON, Donal; *Brancos e Pretos na Bahia* / Estudo de contato racial, com introdução de Artur Ramos e Roberto E. Park, Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 1945.
PINTO, Fernão Mendes; *Peregrinação*. Nova edição, conforme a 1664 preparada e organizada por A.J. da Costa Pimpão e César Pegado. Portucalense Editôra, Pôrto, 1944, 7 vols.
PINTO, Olivério M. de Oliveira; *Catálogo das aves do Brasil*/e lista dos exemplares que as representam no Museu Paulista, *in Revista do Museu Paulista*, São Paulo, tomo XXII, 1938.
PIRAGIBE, Vicente, Consolidação das Leis Penais / Aprovadas e adaptadas pelo Decreto nº 22.213 de 14 de dezembro de 1932 / Código Penal Brasileiro (Completado com as leis modificadas em vigor). Rio de Janeiro, Tipografia do Jornal do Comércio, 1933.
PISO, Guilherme; *História Natural do Brasil Ilustrada* / Tradução do Professor Alexandre Correia, seguida de um texto original da biografia do autor e de comentários sôbre a obra. Edição comemorativa de primeiro cinqüentenário do Museu Paulista, Companhia Editôra Nacional, 1948.
_____;*História Natural e Médica da Índia Ocidental* / Em cinco livros / Traduzida e anotada por Mário Lôbo Leal / Revista por Felisberto Carneiro e Eduardo Rodrigues / Escôrço bibliográfico de José Honório Rodrigues. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1957.
POMBO, Rocha; *História do Brasil*, Benjamim de Aguila – Editor, Rio de Janeiro,10 vols.
POP, Sever; PETROVICI, Emil, Atlasul Linguistic Romin, Cluj-Sibiu, 1938–1942, 2 vols.
POPOVICI, Josif; *Dialectele Romîne* / Dialectele Romîne din Istria / Partea a 2.a. / Texte si Glosar. Editura Autoruluí, Halle A.D.S., 1904, 2 vols.
PÔRTO SEGURO, Visconde de; *História Geral do Brasil* / Antes da sua separação e independência de Portugal. Em casa de E. & Laemmert, Rio de Janeiro 2ª edição, s/d., 2 vols.
PORTUGAL, Yolanda Marcondes; *A moeda na voz do povo*, Anais do Museu Histórico Nacional, vol. VI, 1950.
Portugaliae Monumenta Histórica – a século octavo post Christum isque ad quintudecim issu Academiae Scientiarum Olisiponensis edita:
_____ *Scriptores*, 1856–1861.
_____ *Leges et Consuetudines*, 1856–1873, 2 vols.
_____ *Diplomata et Chartae*, 1868-1873.
_____ *Inquisitiones*, 1888-1917.
Primeira Visitacão do Santo Ofício às Partes do Brasil, pelo Licenciado Heitor Furtado de Mendonça – Denunciação da Bahia 1591/1953, São Paulo, 1925.
QUERINO, Manuel; *A Bahia de Outrora*, Prefácio e notas de Frederico Edelweiss, Livraria Progresso Editôra, Bahia, 1955.
_____;*A Raça Africana e os seus Costumes*. Livraria Progresso Editôra, Bahia, 1955.

QUINTÃO, José Luis; *Gramática de Kimbundo*. Prefácio de João de Castro Osório, Edição Descoberta, Lisboa, 1934.
RAIMUNDO, Jacques; *O Elemento Afro-Negro na Língua Portuguêsa*. Renascença Editôra, Rio de Janeiro, 1933.
RAYNOUARD, M.; Lexique Roman ou Dictionnaire de la langue des troubadours comparée avec les autres langues de l'Europe Latine. Réimpression de l'original publié à Paris 1836–1845. Carl Winter Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, s/d, 6 vols.
RAMOS, Artur; *O Negro Brasileiro*/Etnorafia religiosa, Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 3ª edição, 1951.
Real Academia Española, *Diccionário de la lengua española*, 17ª edicción, Madrid, 1947.
REBÊLO, Marques; *Vida e obra de Manuel Antônio de Almeida*. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1943.
REGO, Waldeloir; *Um Calendário de Festa Nagô na Bahia, in Jornal da Bahia*, Salvador, 29/9/63.
RESENDE, Garcia de; *Cancioneiro Geral*. Nova edição preparada pelo Dr. A.J. Gonçalves Guimarães, Imprensa Nacional, Coimbra, 1910-1917, 5 vols.
_____;*Miscelânea*/e variedade de histórias, costume, casos e cousas que em seu tempo aconteceram. Com prefácio e notas de Mendes dos Remédios. França Amado – Editor, Coimbra, 1917.
RESTIVO, Paulo; *Lexicon Hispano-Guaranicum* / Vocabulário de la lengua Guarani/ inscriptum a Reverendo Padre Jesuíta Paulo Restivo/secundum Vocabularium Autorii Ruiz de Montoya anno MDCCXXII in Civitate S. Mariae Majoris denuo editum et adauctum, sub auspiciis Augustissimi Domni Petri Secundi Brasiliae Imperatoris posthac curantibus Illustrissimi Ejusdem Haeredibus ex unico qui noscitur Imperatoris Beatissimi exemplari redinpressum necnon prefatione notisque instructum opera et studii Christiani *Frederici Seybold*. Sttutegardiae/In aedibus Guiliemi Kohlhamner MDCCCXCIII.
RIBEIRO, Ernesto Carneiro; Ligeiras Observações Sobre as Emendas do Dr. Ruy Barbosa Freitas á Redação do Projeto do Código Civil. Livraria Catilina de Romualdo dos Santos, Livreiro Editor, Bahia, 1917 (A primeira edição foi publicada no Diário do Congresso de 26 de outubro de 1902).
_____; A Redação do Projeto do Código Civil e A Réplica do Dr. Ruy Barbosa. Oficinas dos Dois Mundos, Bahia, 1905.
RIBEIRO, João; *Estudos Filológicos*. Nova edição, Jacinto Ribeiro dos Santos, Livreiro-Editor, Rio de Janeiro, 1902.
_____; *Curiosidades Verbais* / Estudos aplicados à língua nacional. Companhia Melhoramentos de São Paulo, s/d.
_____; *Frases Feitas* / Estudo conjectural de locuções, ditados, provérbios. Livraria Franciseo Alves, Rio de Janeiro, 1908-1909, 2 vols.
_____; *Seleta Clássica* / Com anotações filológicas, gramaticais, em complemento das doutrinas expostas no curso superior de Gramática Portuguesa do mesmo autor. Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 3a edição (muito melhorada), 1914.
RICHTER, Elise; Beitrage zur Geschichte der romanismen / Chronologische Phonetik des franzosischen bis zum Ende des 8. Jahrhunderts, Max Niemeyer Verlag, Halle (Saale), 1934.
ROHAN, Beaurepaire; *Dicionário de vocábulos Brasileiros*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1889.

RODRIGUES, J. Barbosa; Poranduba Amazonense ou Kochiyma-Uara Poranduba – 1872/1887, Tipografia de Leuzinger & Filhos, Rio de Janeiro, 1890.
RODRIGUES, José Honório, Brasil e África: Outro Horizonte, 2ª edição revista e aumentada. Editôra Civilização Brasileira, Rio de Janeiro 1964, 2 vols.
RODRIGUES, Nina, *Os Africanos no Brasil* / revisão e prefácio de Homero Pires, Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 3ª edição, 1945.
ROHAN, Henrique de Beaurepaire; *Reforma da Ortografia Portuguesa*, *in Revista Brasileira*, N. Midosi, Editor, Rio de Janeiro, 1879, tomo II.
_____; *Sobre a etimologia do vocábulo brasileiro capoeira*, *in Revista Brasileira*, N. Midosi, Editor, Rio de Janeiro, 1880 – Primeiro ano – tomo II.
ROHLFS, Gerhard; Historische Grammatik des italienischen Sprachen und ihrer Mundarten. A Francke Ag. Verlag, Bern, 1949-1954, 3 Vols.
_____; Le Gascon / Étude de Philologie pyrénéenne. Max Niemeyer Verlag / Halle / Saale, 1935.
RONJAT, Jules; *Grammaire Istorique des parlers provençaux modernes.* Societé des langues romanes, Montpellier, 1930-1941, 4 vols.
ROSSI, N.; *Atlas Prévio dos Falares Baianos*/Introdução, questionário comentado, elenco das respostas transcritas. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro,1965.
_____; *Atlas Prévio dos Falares Baianos*/Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro,1963.
ROSSI, Vicente; Cosas de Negros / Los orígenes del tango y otros apartes al folklore rioplatense / Rectificaciones históricos. Rio de La Plata, 1926.
RUGENDAS, Moritz; *Malerische Reise in Blasilien* (Sitten und Gebräuche der Neger), herausgegeben von Engellmann & Cie., Paris, 1835.
RUGENDAS, João Maurício; Viagem Pitoresa Através do Brasil. Tradução de Sérgio Milliet, Livraria Martins Editôra, São Paulo, 5ª edicão. 1954
SALVADOR, Vicente do; História do Brasil / Escrita na Bahia a 20 de dezembro de 1627, *in Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, 1885–1886, Typ. G. Leuzinger & Filhos, Rio de Janeiro, 1889, vol. XIII.
SAMPAIO, Teodoro; O tupi na geografia nacional, 4a edição, Câmara Municipal do Salvador / Introdução e notas de Frederico G. Edelweiss,Salvaldor, 1955.
SÃO PAULO, Fernando de; Linguagem Médica Popular no Brasil. Barreto & Cia. Livraria "A Capital dos Livros", Rio de Janeiro, 1936, 2 vols.
SCHUCHARDT, Zeitschrift für romanischen Philologie / Begrundet von Prof. Dr. Gustav Gröber, Max Niemeyer Verlag, Halle (Saale), 1891, 1907.
Segunda Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil, pelo inquisitor e visitador o licenciado Marcos Teixeira/Livro das Confissões e Ratificações da Bahia: 1618 - 1620. Introdução de Eduardo D'Oliveira e Sônia A. Siqueiro, in Anais do Museu Paulista, São Paulo, 1963, tomo XVII.
SERAINE, Florival, Dicionário de Termos Populares (registrado no Ceará), organização Simões Editôra, Rio de Janeiro, 1958.
SILVA, Antonio de Moraes; *Dicionário da Língua Portuguêsa* / Recopilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado. Lisboa, na Tipografia Lacerdina / Ano de 1813, 2 vols.
SILVA, Innocêncio Francisco da; *Dicionário Bibliográfico Português* / Estudos de Innocêncio Francisco da Silva, aplicados a Portugal e ao Brasil, Imprensa Nacional, Lisboa, 1858-1923, 22 vols.

SILVA, J.M Pereira da, *Segundo Período do Reinado de Dom Pedro I no Brasil* – Narrativa Histórica. B.L. Garnier, Livreiro–Editor Rio de Janeiro, 1871.

SILVA, Josino do Nascimento; *Código do Processo Criminal de Primeira Instância do Império do Brasil* / Argumentado com a Lei de 3 de dezembro de 1841 e seus regulamentos, disposição provisória acerca da administração da justiça civil, todas as leis, decretos e avisos a respeito até o princípio do ano de 1864 / Explicando, registrando, revogando ou alterando algumas de suas disposições. Eduardo & Henrique Laemmert, Rio de Janeiro, 1864, 2 vols.

SILVA NETO, Serafim da; *História da Língua Portuguêsa*. Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1952.

_____;*Fontes do latim Vulgar* / O appendix Probi. 3ª edição, revista e melhorada, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1956.

_____;*Introdução ao Estudo da Língua Portuguêsa no Brasil*. 2ª edição aumentada e revista pelo autor. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1963.

SOARES, Antônio Joaquim de Macedo; *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* / Elucidário etimológico crítico das palavras e frases que, originárias do Brasil, ou aqui populares, se não encontram nos dicionários da língua portuguesa ou neles vem com forma ou significação diferente – 1875–1888 / Corrigido, revisto e completado por seu filho Julião Rangel de Macedo Soares, Rio de Janeiro, 1954, 2 vols.

_____;*Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro*, *in Revista Brasileira*, N. Midosi Editor Rio de Janeiro 1880, Primeiro ano, tomo III.

_____;*Estudos Lexicográficos do Dialeto Brasileiro*. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro 1943.

SOARES, Oscar de Macedo; *Código Penal da República dos Estado Unidos do Brasil* / comentado por Oscar de Macedo Soares / Advogado. Segunda Edição, correta e consideravelmente aumentada, contendo em Apêndice toda a legislação criminal publicada até à presente data. H. Garnier, Livreiro, Editor, Rio de Janeiro, 1904.

SOMMER, Ferdinand; *Handbuch der lateinischen Laut* – und Formenlehre / Eine Einführung in das sprachwissenschaftliche Studium des Lateins. Carl Winter Universitätsverlag, Heidelberg, 1948. .

SOUSA, Frei Luís de; *História de São Domingos* / Particular do Reino e Conquistas de Portugal / Segunda Parte. Typ. do Panorama. Terceira edição, Lisboa, 1866, 3 vols.

SOUSA, Gabriel Soares de; T*ratado Descritivo do Brasil em 1587* / Edição castigada pelo estudo e exame de muitos códices manuscritos existentes no Brasil, em Portugal, Espanha e França, e acrescentada de alguns comentários por Francisco Adolfo de Varnhagen. Terceira edição, Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 1938.

SOUSA, J. Galante de; *Bibliografia de Machado de Assis*. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1955.

_____; Fontes para o Estudo de Machado de Assis. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1958.

SOUZA, Bernardino José de; *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil* / Onomástica geral da Geografia Brasileira, 3ª edição, Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 1961

SOUZA, João de; Vestígios da Língua Arábica em Portugal, ou léxicon etimológico das palavras, e nomes portugueses, que tem origem arábica, composto por ordem da Academia Real das Ciências de Lisboa por Fr. João de Souza, Sócio da dita Academia, e Intérprete de

sua Majestade, para Língua Arábica; e augmentado e anotado por Fr. Jozé de Santo Antonio Moura, Sócio da Predita Academia, official da Secretaria do Estado dos Negócios Estrangeiros, e Intérprete Regio da referida Língua. Na Tipografia da mesma Academia, Lisboa, 1830.

SPITZER, Leo; Aufsatses zur romanischen Syntax und Stilistik, Verlag von Max Niemeyer, Halle A.S., 1918.

STEIGER, Arnald; *Contribución a la Fonética del Hispano*–Árabe y de los Arabismos en el íbero-románico y el siciliano. Imprenta de la Librería y Casa Editorial Hernando , Madri, 1932.

STRADELLI, E.; *Vocabulário da Língua Geral Português*-Nheêngatú e Nheêngatú-Português / Precedidos de Um esboço de Gramática Nheêngatú–Umbnê–sáua–miri e seguidos de contos em língua geral nheêngaté–poranduua. Rio de Janeiro, 1927.

SUBIRÁ, José; *Historia de la música*. Tercera edición reformada ampliada y puesta al día, Salvat Editôra, S/A, Barcelona, Madri, 1958, 3 vols.

TASTEVIN, Constantino; *Gramática da Língua Tupy*, *in Revista do Museu Paulista*, Oficinas do Diário Oficial, São Paulo, 1922, tomo XIII.

_____;*Vocabulário Tupy–Português*, *in Revista do Museu Paulista*, Oficinas do Diário Oficial, São Paulo, 1922, tomo XIII.

TÁTI, Miécio; *Jorge Amado* / Vida e Obra. Editôra Itatiaia Limitada, Belo Horizonte, 1961.

TAUNAY, Afonso de E.; Subsídio para a História do Tráfico Africano no Brasil, Anais do Museu Paulista, Imprensa Oficial do Estado, São Paulo, 1941.

TAUNAY, Visconde de; Filologia e Crítica (impressões e estudos) Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1921.

TAVARES, Odorico; *26 Poemas* (com Aderbal Jurema). Livraria José Olimpio Editôra, Rio de Janeiro, 1934.

_____;*A Sombra do Mundo* (Poesias). Livraria José Olímpio Editôra, Rio de Janeiro, 1939.

_____;*Poesias*. Livraria José Olímpio Editôra, Rio de Janeiro, 1945.

_____;*Bahia/Imagens da terra e do Povo*. Terceira edição resvista, atualizada, e acrescida de nove capítulos. Editôra Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1961.

_____;*Discurso de um Cidadão de Salvador*. Editôra Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1961.

_____;*Os Caminhos de Casa*/Notas de Viagem, Editôra Civilizacão Brasileira, Rio de Janeiro, 1963.

TESCHAUER, Carlos; *Novo Vocubulário Nacional*/IIIª série das apostilhas ao Dicionário de Vocábulos Brasileiros. Barcellos Bertoso & Cia. – Livraria do Globo, Porto Alegre, 1923.

TEXEIRA, José A.; Estudos de Dialetologia Portuguesa / Linguagem de Goiás, Editôra Anchieta, São Paulo, 1944.

TINHORÃO, José Ramos; *Música Popular*/ Um tema em debate. Editôra Saga, Rio de Janeiro, 1966.

TOMÁS, Tomás Navarro; Manual de pronunciación Española Instituto de Investigaciones Científicas, sexta edición, Madrid, 1950.

TOMMASEO, Nicolò ; BELLINI, Bernardo; *Dizionario della Lingua Italiana* / Nuovo ristampa dell'edizione integra. Unione Tipografica-Editrice Torinense, Torino, 1929, 6 vols.

TRUBETZKOY, N. S.; *Grundzüge der Phonologie* / Travaux du Cercle Linguistique de Prague, 7, Prague , 1939.

_____; *Principes de Phonologie* / traduit par J. Cantineau. Librairie C. Klincksieck, Paris, 1949.

UREÑA, Pedro Henriquez, El Espanol en Santo Domingo, Buenos Aires, 1940.
VALE, Flausino Rodrigues; *Elementos de folclore nacional brasileiro*, Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 1936.
VASCONCELOS, Ary; *Panorama da Música Popular Brasileira*. Livraria Martins Editôra, São Paulo, vol. II, 1964.
VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de; *Poesias de Francisco de Sá de Miranda* / Edição feita sobre cinco manuscritos inéditos e todas as edições impressas / Acompanhada de um estudo sobre o poeta, variantes, notas, glossário e um retrato. Max Niemeyer, Halle, 1885.
_____; *Studien zur hispanichen Wörtdeutung*, Miscellanea di Filologia e Linguistica / in Memoria di Napoleone Caix e Ugo Angelo Canello. Sucessori de Mounier, Firenze, 1886.
_____;*Randglossen zum alportugiesischen Liederbuch*, *in Zeitschrift für Romanischen Philologie* / Begrundet von Prof. Gustav Gröber. Max Niemeyer Verlag, Halle (Saale)
I – Der Ammenstreit, vol. XX, 1896, págs. 145–218.
II – Ein Mantel–Lied, vol. XXV, 1901, págs. 129–174.
III – Vom Mittagbrod hispanischer Könige, idem.
IV – Penna veira, idem, ibidem.
V – Ein Seemann mocht'ich werden, ein Kaufmann mocht'ich sein!, idem, págs. 278–321.
VI – Kriegslieder.– Genetes.– Non ven al mayo!, idem, ibidem.
VII – Ein Jerusalemspilgrim und andere Krauzfahrer, idem, págs. 533–560.
VIII – Tell'Affonso de Meneses, vol. XXVI, 1902, págs. 56–75.
IX – Wolf–Dietrich, idem.
X – Das Zwiespalt–Lied des Calvo, idem, ibidem.
XI – Im Nordoesten der Halbinsel, idem, págs. 206–219.
XII – Romanze von Don Fernando, idem.
XIII – Don Arrigo, vol. XXVII, 1903, págs. 153–172, 257–277, 414–436, 708–738.
XIV – Guarvaya, vol. XXVIII, 1904, págs. 385–434.
XV – Vasco Martinz und D. Afonso Sanchez, vol. XXIX, 1905, págs. 683–711.
_____; *Cancioneiro da Ajuda* / edição critica e comentada, Max Niermeyer, Halle, 1904. 2 vols.
_____;*Glossário do Cancioneiro da Ajuda*, in Revista Lusitana, ed; cit. vol. XXIII.
_____; *Notas Vicentinas* / Preliminares duma edição crítica das obras de Gil Vicente. Notas I a V, incluindo introdução à edição Fac–similada do Centro de Estudos Históricos de Madrid, edição da revista Ocidente, Lisboa, 1949.
VASCONCELOS, José Leite de; *Estudos de Filologia Mirandesa*. Imprensa Nacional, Lisboa, 1900-1901, 2 vols.
_____;*Esquisse d'une dialectologie portuguaise* / Thèse pour le doctorat de l'Université de Paris par José Leite de Vasconcelos, Ailloud et Cie, Paris–Lisboa, 1901.
_____;*Dialetos Algárvios, in Revista Lusitana*, vol. IV.
_____;*Canção de Berço segundo a tradição popular portuguesa*, in Revista Lusitana, 1907, vol. X.
_____;*Antroponímia Portuguêsa* / Tratado comparativo da origem, significação, e apelidos usados por nós desde a Idade Média até hoje. Imprensa Nacional, Lisboa, 1928.
_____;Opúsculos / Imprensa da Universidade, Coimbra, 1928-1938, 7 vols.
_____;Romances populares portugueses coligidos de tradição oral (1880), *in* Opúsculos / Etnologia (Parte II) vol. VII.

_____; "Etimologias portuguesas", *in Revista Lusitana*, vol. II.
_____;*Etnografia Portuguêsa* / Tentame de sistematização. Volume IV e V, elaborados segundo os materiais do autor, ampliados com nova informação por M. Viegas Guerreiro / Notícia introdutória, notas e conclusão de Orlando Ribeiro. Imprensa Nacional, Lisboa, 1933-1967, 5 vols.
_____;*Lições de Filologia Portuguêsa* / Terceira edição comemorativa do centenário de nascimento do autor / com notas do autor, prefaciada e anotada por Serafim da Silva Neto, Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1959.
VERDE, Cobrinha (Rafael Alves França); Centro Esportivo de Capoeira Angola 2 de Julho / Narrado por Rafael Alves França (Cobrinha Verde) e escrito por José Alexandre. Salvador, 9 de fevereiro de 1963.
VERGER, Pierre; Notes sur le culte des Orisa et Vodun à Bahia, la Baie de Tous les Saints, au Brésil et a l'ancienneCôte des Esclaves en Afrique, IFAN, Dakar, 1957.
VIANA, A. R. Gonçalves; *Ortografia Nacional* / Simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguesas. Livraria Editôra Viúva Tavares Cardoso, Lisboa, 1904.
_____;*Apostilhas aos Dícionários Portugueses*, Livraria Clássica Editôra – A. M. Teixeira & Cia., Lisboa, 1906.
_____;*Palestras Filológicas* / 2ª edição acrescida pelo autor. Livraria Clássica Editôra, A. M. Teixeira & Cia. (Filho) Lisboa, 1931.
VIANNA, Marfa Barbosa; *O Negro no Museu Histórico Nacional, in Anais do Museu Histórico Nacional*, vol. VIII, 1957.
VIANA FILHO, Luís; *O Negro na Bahia*. Prefácio de Gilberto Freyre. Livraria José Olímpyo Editôra, Rio de Janeiro, 1946.
VICENTE, Gil; *Triunfo do Inverno*, i*n Obras completas* /Com prefácio e notas do Prof. Marques Braga, livraria Sá da Costa, Editôra, Lisboa, 1943, vol. IV.
_____;*Obras Completas*/Com prefácio e notas do Prof. Marques Braga, livraria Sá da Costa, Editôra, Lisboa, 1942-1944, 6 vols.
VIEIRA, Carlos Octaviano da C.; *Nomes vulgares de aves do Brasil , in Revista do Museu Paulista,* São Paulo, 1936, tomo XX.
VIERA, Domingos; *Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguêsa,* Editores Ernesto Chardron e Bartolomeu H. de Moraes, Pôrto, 1871-1874, 5 vols.
VILHENA, Luís dos Santos; *Recopilação de Notícias Soteropolitanas e Brasílicas* / Contidas em XX Cartas / Que da Cidade do Salvador Bahia de Todos os Santos escreve hum a outro Amigo em Lisboa, debaixo de nomes alusivos, noticiando–o do Estado daquela Cidade, sua capitania, e algumas outras do Brasil: feita e ordenada para servir na parte que convier de Elementos para a Historia Brasílica / Ornada de Plantas Geographicas, e Estampas Dividida em Trez Tomos. Anotados pelo prof. Braz do Amaral e mandados publicar pelo Exmo. Sr. Dr. J. J. Seabra, Governador do Estado da Bahia / No ano do 1.° Centenário da Independência do Brasil. Imprensa Oficial do Estado, Bahia, 1922, 3 vols.
VIOTTI, Manuel; *Nôvo Dicionário da Gíria Brasileira*, 3ª edicão, revisada, corrigida e muito aumentada. Brasileirismos, Regionalismos, Ditos, Frases Feitas, Provérbios, Modismos. A Gíria de Tôdas as Atividades Humanas: dos Músicos, dos Militares, dos Estudantes, dos Artistas, do Jornal, do Rádio e Televisão, dos Esportistas, do Futebol, Turfe etc.; dos Malandros, Jogadores e Ladrões; dos Garimpeiros, Caçadores e Pescadores. Vocabulário

completo dos Cultos Afro-Brasileiros (Umbanda, Quimbanda, dos Candomblés da Bahia e Terreiros do Rio e S. Paulo), Centenas de estrangeirismos de uso corrente na imprensa, rádio e televisão, e não constantes ainda dos apêndices aos grandes dicionários. Em anexo. Vocabulário Cigano e Vocabulário Quimbundo de autoria do Prof. João Dornas Filho. Livraria Tupã Editôra, Rio de Janeiro, 1957.

VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de; *Elucidário das Palavras,* Termos e Frases que em Portugal Antigamente se Usaram e que Hoje Regularmente se Ignoram, 2a. edição, Em casa do Editor A.J. Femandes Lopes, Lisboa, 1865, 2 vols.

VOSSLER, Karl; *Einführung ins Vulgärlatein* / herausgegeben und bearbeitet von Helmut Schmeck, Max Hueber Verlag, München, s/d.

WARTBURG, Walther von; *Französiches Etymologisches Wörterbuch* / Eine darstellung des galloromanische sprachschatzes / Verfasst mit unterstüntzung des Deutschen Forschungsgemeinchaft und des Sachsischen Ministeriums für Volksbildung / Photomechanischer neudruck. J.C.B. Mohr (Pau Siebeck) Tübingen, 1949 .

_____; Problemas y Métodos de la Linguística Traducción de Dámaso Alonso, Madrid, 1951.

WIED–NEUWIED; *Viagem ao Brasil*. Tradução de Edgar Süssekind de Mendonça e Flavio Poppe de Figueiredo, 2ª edição refundida e anotada por Olivério Pinto, Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 1958.

WIESE, Berthold; Altitalienische Elementarbuch, zweite verbesserte Auflage, Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, Heidelberg, 1928.

WILLIAMS, Edwin B.; *From Latin to Portuguese* / Historical Phonology and Morphology of the Portuguese Language. University of Pensylvania Press, Philadelphia, 1938.

Periódicos

Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, Rio de Janeiro, 1876 e ss.

Anais do Museu Histórico Nacional.

Anais do Museu Paulista, Imprensa Oficial do Estado, São Paulo.

A Tarde, Salvador, 1912 e ss.

Boletim de Filologia, Lisboa, 1932 e ss.

Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa / Fundada em 1875. Tip. de Cristóvão Augusto Rodrigues, Lisboa, 1876 e ss.

Correio da Manhã, Guanabara, 1901e ss.

Diário da Bahia, Salvador, 1833–1958.

Diário de Noticias, Salvador, 1875 e ss.

Diário Oficial, Salvador, 1916 e ss.

Enciclopédia Fatos e Fotos (uma publicação da Revista do mesmo nome).

Jornal da Bahia, Salvador, 1957 e ss.

Jornal do Brasil, Guanabara, 1891 e ss.

Jornal de Notícias, Salvador, 1879–1919.

Manchete, Rio de Janeiro / Guanabara, 1952 e ss.

Publicação do Arquivo Nacional / Sob a direção de João Alcides Bezerra Cavalcante. Oficinas Gráficas do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

Realidade / Uma Publicação da Editôra Abril, Rio de Janeiro, 1966 e ss.
Revista Brasileira. N. Midosi, Editor, Rio de Janeiro, 1879–1898.
Revista Brasileira de Filologia. Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1955 e ss.
Revista de Língua Portuguesa / Arquivo de estudos relativos ao idioma e literatura nacionais, dirigida por Laudelino Freire, Rio de Janeiro, 1919–1928, 53 vols.
Revista do Arquivo Municipal. Departamento de Cultura, São Paulo, 1935 e ss.
Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano, Pernambuco.
Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Tip. e Encadernação do Diário da Bahia, Bahia, 1894 e ss.
Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tipografia Universal de Laemmert, Rio de Janeiro, 1856 e ss.
Revista Lusitana / Arquivo de estudos filológicos e etnográficos relativos a Portugal por José Leite de Vasconcelos. Livraria Clássica Editôra de A. M. Teixeira & Cia, Lisboa, 1887 1943, 38 vols.
Tempo Brasileiro / Revista de Cultura, Rio de Janeiro, 1962 e ss.
Zeitschrift für Romanischen Philologie / Begrundet von Prof. Dr. Gustav Gröber. Max Niemeyer Verlag, Halle (Saale), 1876 e ss.

Correspondência

Antenor Nascentes, Carta ao autor de 22/2/66 – Guanabara.
Juracy Magalhães, Carta ao autor de 10/5/66 – Guanabara.
R. Magalhães Júnior, Carta ao autor de 1.°/7/66 – Guanabara.

Gravação

A Brasa do Norte, LPC–602, Cravadora e Distribuidora de Discos Cantagalo.
Arena Canta Zumbi, SMLP-1505, Discos Som / Maior Ltda. Ficha técnica: texto, Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri; música, Edu Lobo; direção musical, Carlos Castilho; direção geral, Augusto Boal; elenco: Gianfrancesco Guarnieri, Lima Duarte, David José, Chant Dessian, Antero de Oliveira, Dina Sfat, Marília Medalha, Vânia Santana. –Flauta, Nenen; bateria, Anunciação– violão, Carlos Castilho.
3.° Festival da Música Popular Brasileira / Realização da TV Record de São Paulo, Companhia Brasileira de Discos (Philips), Série De Luxe, R 765.015 L (gravado até o presente 3 vols.).
Cabra da Peste, PPL 12.265, Continental.
Coisas Nossas, P 632.270 L, Companhia Brasileira de Discos. Ficha técnica: produtor, João Melo; técnico de gravação, Célio Martins; engenheiro de som, Sílvio Rabelo; capa, Paulo Brèves; foto, Mafra.
Curso de Capoeira Regional, gravado por J. S. Discos, JLP–101, Salvador / Bahia (Mestre Bimba: Manuel dos Reis Machado).
Capoeira, gravado pela Editôra Xauã, São Paulo–Traíra (João Ramos do Nascimento).
Capoeira, gravado pela Continental, Rio de Janeiro / Guanabara – Camafeu de Oxossi (Apio Patrocínio da Conceição).
Dois na Bossa / Número Dois, Acompanhamento Luís Loy Quinteto Bossa Jazz Trio. P–632.792, Philips. Ficha técnica: produtor, Mário Duarte; direção musical, Adílson Godoy; acompanhamento, Luís Loy Quinteto e Bossa Jazz Trio; técnicos de som, J. E. Homem de Melo e Célio Martins. Gravado ao vivo no Teatro Record em São Paulo.

…*E Vamos Nós*…, Companhia Brasileira de Discos (Philips), P 632.755 L. Ficha técnica: produtor, João Melo; engenheiro de som, Sílvio Rabelo, técnicos de gravação, Célio Martins, Ademar Silva e Jo Morena, foto, Mafra.

Hora de Lutar, PPL–12.202, Continental. Ficha técnica: produção, Al fredo Borba; assistente de produção, Valdir Santos; arranjos e direção musical, Erlon Chaves; técnico de som, Rogério Guass; corte, Luís Botelho; técnico industrial, Francisco Assis de Sousa; layout e capa, Frederico Spitale.

Nara, ME–10, Elenco de Aloísio de Oliveira. Ficha técnica: produção e direção de Aloísio de Oliveira; assistente de direção artística, José Delfino Filho; gerente de produção, Peter Keller; estúdio, Riosom; engenheiro de som, Norman Stemberg; técnico de gravação, Norman Sternberg; capa–layout, César G. Vilela e foto de Francisco Pereira.

Opinião de Nara, P 632. 732 L, Companhia Brasileira de Discos (Philips). Ficha técnica: produtor, Armando Pittigliani; técnicos de gravação Rogério Guass/ Joaquim Figueira; engenheiro de som, Sílvio Rabello; foto, Janio de Freitas; layout, Jânio de Freitas.

Os Afro-sambas / Arranjos e regência de Guerra Peixe, com a participação do Quarteto em Cy, FM–16/ FE–1016, Companhia Brasileira de Discos (Forma). Ficha técnica: produção e direção artística, Roberto Quartin e Wadi Gebara; técnico de gravação, Ademar Rocha contra capa, Vinicius de Moraes; fotos, Pedro de Moraes; capa, Goebel Weyne. Ficha artística, vocais: Vinicius de Moraes, Quarteto em Cy e Coro Misto; sax tenor, Pedro Luís de Assis; sax–barítono, Aurino Ferreira; flauta, Nicolino Copia, violão, Baden Powell; con trabaixo, Jorge Marinho; bateria, Reizinho; atabaque, Alfredo Bessa; atabaque pequeno, Nélson Luís; bongó, Alexandre Silva Martins; pandeiro, Gílson de Freitas; agogô, Mineirinho; afoxé, Adyr José Raymundo.

Sacundin Ben Samba, P-632.193 L, Companhia Brasileira de Discos (Philips). Ficha técnica: técnico de gravação, Célio Sebastião Martins, engenheiro de Som, Sílvio M. Rabelo; capa (foto), Mafra; layout, Paulo Brèves; produção, Armando Pittigliani.

Som Definitivo Quarteto em Cy / Tamba Trio com arranjos vocais de Luís Eça, FM–10, Companhia Brasileira de Discos. Ficha técnica: produção e direção, Roberto Quartin / Wadi Gebara, foto da capa Paulo Lorgus; fotos da contra–capa, Image; técnico de gravução, Umberto Cantaroli supervisão gráfica, Marcos de Vasconcelos foto da cantracapa Vinícius de Moraes; vocais, Quarteto em Cy e Tamba Trio; piano, Luis Eça; baixo e flauta, Bebeto; bateria, Ohano.

Tem jabaculê P 632. 714 L, Companhia Brasileira de Discos. Ficha técnica: produtor, Armando Pittigliani; técnico de gravação Célio Martins; engenheiro de som, Sílvio Rabelo; capa, Mafra / Layout Paulo Brèves.

Um Senhor Sérgio Ricardo ME–7, Elenco de Aluísio de Oliveira. Ficha técnica: produção e direção, Aluísio de Oliveira, assistente de direção artística, José Delfino Filho; gerente de produção, Peter Keller; arranjos, Carlos Monteiro de Sousa; regência, Carlos Monteiro de Sousa; estúdio, Riosom; engenheiro de som, Norman Sternberg; técnico de gravação, Norman Sternberg; capa, foto, Francisco Pereira.

Películas

Barravento: produção nacional da Iglu Filmes, direção e roteiro de Glauber Rocha, fotografia de Tony Rabatone, música de capoeira do mestre–capoeira Washington Bruno da Silva (Canjiquinha). Premiada no Festival de Kariovy Vary, na Tchecoslováqula, 1961.

Briga de Galos: roteiro e direção de Lázaro Tôrres, fotografia de Rony Roger e produção da Winston Filmes. Menção honrosa no Festival dei Popoli, em Florença. 1964.

Os Bandeirantes: produção colorida franco–brasileira, distribuída pela UCB, direção de Marcel Camus. 1960.

O Pagador de Promessas: produção luso–brasileira, distribuída pela Cinedistri, direção de Anselmo Duarte, fotografia de Chick Fowler. Palme d'Or, 1962 no Festival de Cinema de Cannes.

Samba: produção espanhola, com cenas rodadas no Brasil, com especial a Bahia, onde foram filmadas as cenas de capoeira. 1964.

Senhor dos Navegantes: produção nacional com roteiro e direção de Aluísio T. de Carvalho. 1964.

Fontes audiovisuais

Academia Baiana de Capoeira Angola
Rua Christiani Ottoni, 196, antigo Mirante do Calabar.

Academia de Capoeira Angola São Jorge dos Irmãos Unidos de Mestre Caiçara
Rua Coronel Tupi Caldas, 84 – Liberdade.

Bairro da Federação
Aos domingos e feriados à tarde.

Bairro da Liberdade
Aos domingos e feriados à tarde.

Bairro de Cosme de Farias
Aos domingos e feriados à tarde.

Bairro da Federação
Aos domingos e feriados à tarde.

Bairro de São Caetano
Aos domingos e feriados à tarde.

Bairro de Itapoan
Aos domingos e feriados à tarde.

Bairro de Pernambués
Aos domingos e feriados à tarde.

Capoeira São Gonçalo
Rua Rodrigues Ferreira, 226 – Federação.

Carnaval
*N*os bairros que fazem Carnaval e no centro no Terreiro de Jesus.

Centro de Cultura Física e Capoeira Regional
Rua Francisco Muniz Barreto, 1 (Antiga rua das Laranjeiras).

Centro de Instrução Senavox/Capoeira
Avenida Sete de Setembro, 2 – Edifício Sulacap, sala 207.

Centro de Representação de Capoeira Regional
Rua Fernão de Magalhães, 71 – Chame–Chame.

Centro Esportivo de Capoeira Angola
Largo do Pelourinho, 19.

Centro Esportivo de Capoeira Angola Dois de Julho
Alto de Santa Cruz (Casa Brito), s/n. – Nordeste de Amaralina.

Ciclo de Festas do Bonfim: novenário, lavagem e festa
No adro do Bonfim em janeiro com data móvel.

Ciclo de Festas do Rio Vermelho: novenário, bando e festa
No largo de Santana em janeiro-fevereiro com data móvel.

Ciclo de Festas da Pituba: novenário, bando e festa
Na Pituba em janeiro–fevereiro com data móvel.

Escola Nossa Senhora Santana /Curso de Capoeira Regional
Rua Guiri–Guiri, 86 – Cosme de Farias, antiga Quinta das Beatas.

Festa da Boa Viagem
No Largo da Boa Viagem a 1º de janeiro.

Festa de Reis
No Largo da Lapinha a 5 e 6 de janeiro.

Festa de Dois de Julho
Na Praça Dois de Julho, antigo Campo Grande a 2 de julho.

Festa cle Santa Bárbara
No mercado da Baixa dos Sapateiros a 4 de dezembro.

Festa da Conceição da Praia: novenário e festa
No adro da igreja e na Rampa do Mercado Modelo a 8 de dezembro.

Festa de Santa Luzia: novenário e festa
No adro da igreja a 13 de dezembro.

Grupo de Capoeira do Bairro Pernambués
Rua Tomas Gonzaga, s/n. – Pernambués aos domingos e feriados a tarde.

Presente a Yemanjá
No Rio Vermelho a 2 de fevereiro.

Sábado de Aleluia
Nos bairros que fazem queima de judas.

Segunda–feira da Ribeira (do Ciclo de Festas do Bonfim)
No Largo da Rilbeira em janeiro com data móvel.

Índice remissivo

abadá, 59, 60
abalá, 165,
abejon, 200
Abesouro, 173
abença, 85
absoluto, 166, 359
absolutu, 166
absolvere, 166
Academias de Capoeira: Academia Baiana de Capoeira Angola, 315; São Jorge dos Irmãos Unidos de Mestre Caiçara, 315; Capoeira São Gonçalo, 316; Centro de Cultura Física e Capoeira Regional, 309; Centro de Instrução Senavox/Capoeira, 316; Centro Esportivo de Capoeira Angola Dois de Julho, 316; Centro de Representação de Capoeira Regional, 316; Escola Nossa Senhora Santana/ Curso de Capoeira Regional, 316
Academias de Capoeira, 10, 50, 309
acagoumán, 186
acalhar, 178
acalentar, 178, 267, 268
A capoeira, 45-57
A capoeira na música popular brasileira, 363-385
A capoeira nas artes plásticas, 359-362
A capoeira no cinema e nos palcos teatrais, 351-357
açoite de braço, 83, 312
açuca, 139
Adão, 271
addafo, 100
adoculare, 226
adufe, 89, 99-102
adulador, 207
advallare (ad vallen), 165
advérbio, 163
adversus, 165
advocatus, 165
aférese: tava; ta; panhe; guenta; to, 160
Afonso Goterres, 13
afoxé, 181
afoxé Filhos de Gandhi, 57
agguantare, 201
agogô, 89, 106, 107, 361
água de abô, 56
aguantar, 201
aguentar, 201
A indumentária, 59
airi-curii, 208
Ajé, 293
Aldemir Martins, 362
Aleixo Açougueiro, 288
Alemão Guarda, 307
Alexandre Melo Morais Filho, 388
aligator, 186
almodía, 186
alta lua, 86
aluá, 34
Aluísio Tancredo Belo Goncalves de Azevedo, 388
alvará de D. Joao III: importação de escravos, 23-29
Álvares Cabral: escravos na armada, 22
amará, 166
amaral, 164
Amazonas, 76-77
Angola, 77,78,79,167,172,177,209
Angola: centro de importação, 27-28
angola dobrada, 79
angola em gêge, 77, 80
angola pequena, 79
angolêro, 114, 159, 168
angolinha, 77-79
Antão Gonçalves, 13
anum, 168, 276
apanhar, 228
apañar, 228
Ápio Patrocinio da Conceicao (Camafeu de Oxossi), 69
apócope: sabo; camará, 160
aquinderreis, 121, 131, 134, 169
aramá, 204
arrastão, 83
arrasteira, 84
aricuri, 208
armada, 83-84
armas de capoeiras, 316-326
arpão de cabeça, 83, 312
arqueada, 85
arrespondeu, 64, 161
âruâ, 34
aruandê, 169
as, 162
As Academias de Capoeira, 309-318
Ascensão Social e Cultural da Capoeira, 319-349
asfixiante, 83,312
aspecto, 202
Aspecto etnográfico, 283-284
Aspecto folclórico, 250-282
Aspecto sócio-histórico, 284-286
assalva ou hino, 78
assucedeu, 148
as-sukkar, 166
atabal, 103
attabal, 103
ataballo, 103
atabaque, 75, 80, 89, 102-104,
Augusto de Sao Pedro, 316
attabal, 103
aú,83, 311, 312
aú de cambaleão, 86
aú com boca de siri, 86
aú com armada, 84
aú com role, 85
aú giratório, 86

Augusto de São Pedro, 316
avalez, 166
Ave Maria, 77, 78
aventar, 165
avêsse, 166
a vinda dos escravos, 13-29
avis-Aurea, 173
aviso, 50, 77
avogado, 166
axé, 230
Axe Iyá Massé, 57
Axé Opô Afonjá, 57, 59
axexê, 61
axogun, 56
Ayrá, 59
azeite de palma, 192
Azurara, 13
babalorixá, 53, 59, 81, 171, 235
bacaba, 186
Bahia, 169-170, 274
balão de lado, 83, 312
balão de bainha de calca, 84
balão cinturado, 83, 311-312
ballare, 165
banana, 186
bananeira, 85, 269
banda armada, 48
banda de costas, 85
banda de lado, 85
banda fechada, 48
banda traçada, 83, 84, 312
Bará, 148, 171
Bará Ajá, 171
Barão do Rio Branco, 287
baraúna, 131, 149, 280
barravento, 150, 172
Barro Vermelho, 170
barrocas, 231
baú, 48
bebê, 65, 157
bênção, 312
Benedito, 298, 303
Benguela, 27, 45, 46, 76, 80, 92
benguela sustenida, 78
Bentinho, 296
benvenuto, 174
berimbau, 69, 75,-80,82, 89-95, 96, 122-126, 173, 250-251, 364-385
berimbau de barriga, 92
besôro, 148, 149, 159,
bever, 173
bibere, 173
bico de anum, 168, 276
bidere, 248
bilimbano, 92
boca de calça, 85-86
boca de siri, 84-86
bochecho, 83, 312
bombêro, 121, 160
branco, 162
Brasil, 174, 274-275
Brevenuto, 119, 120, 174
brimbale, 92
bucumbumba, 92, 93
Bugalho (Edmundo Joaquim), 297
bulas, 19, 20
bulgariana, 285
búmba-úm, 95
bunda, 189
burumbumba, 93, 94
ca, 182
caa-apuam-era,31
caabo-oatá, 179
caá-boc, 174
caápoêra, 35
caá-r-umby, 178
cabeçada, 83-84
cabecêro, 159, 174
cabôco, 174
cabra, 175-176, 381
Cabula, 177
caçador, 48
cachaça, 177
Caco Velho, 177
Cacunda de Yayá, 183
Caetano, 177
Caieta, 177
Caietano, 177
Caietanus, 177
calar, 178
calentar, 178
calente, 178
calere, 178
calumbi, 141
Camafeu de Oxossi (Ápio Patrocínio da Conceição), 83
çama-mbai, 239
camará, 179
cammăra, 179
camarada, 179
camarade, 179
camarado, 179
camboatá, 180
cambotá, 180
camella, 199
camerade, 179
camerado, 179
camerata, 179
camisa de meia, 60
camuatá, 180
camunjerê, 180
candombe, 180, 181
candomblé, 50-60, 81, 180-181, 231, 276-284, 295, 351
candomblé de caboclo, 50, 106
Candomblé do Engenho Velho, 57
cane, 182
câne, 182
canere, 181
canis, 182
cantá, 157, 181
cantar, 181
cantare, 181
Cantigas agiológicas, 250-271
Cantigas de berço, 267
Cantigas de devoção, 268
Cantigas de escárnio e de mal dizer, 261
Cantigas de louvação, 250
Cantigas de roda, 250, 281
Cantigas de sotaque e desafio, 250
Cantigas geográficas, 250, 272
canto de entrada, 64, 66
cão, 71, 111, 123, 146, 182, 230, 256, 262
Ca ô cabiesi, 182
capangas, 393-394
capão, 32, 35, 38, 39
caparra, 184
capitão do mato, 80
capoeira, 42-43
capoeira ameaça Gabinete Deodoro, 332-347
capoeira angola, 42, 45-46
capoeira açú, 42
capoeira: desordens, 51-52
Capoeira mirim, 42
Capoeira de foice, 43
Capoeira de machado, 43
capoeira e candomblé, 46-57

capoeira grossa, 42
capoeira na literatura, 387-392
capoeira nas artes plásticas: Rugendas, 359; Debret, 359; Carybé, 359-360; Mário Cravo Júnior, 362; Aldemir Martins, 362
capoeira no cinema, 351-357
capoeira mirim, 42
capoeira oficializada em palácio governamental, 349
capoeira rala, 41
capoeira regional, 45-49
capoeira São Gonçalo, 316
capoeiragem, 42
capoeirar, 43
capoeirano, 43
capoeirada, 43
capoeirão, 43
capoeiroso, 43
capoeiristas: Aberrê (Raimundo Aberrê), 70, 80, 293, 298, 303; Agenor Sampaio (Sinhozinho), 49; Ajé, 293; Aleixo Açougueiro, 288; Alemão Guarda, 307; Ali Babá, 289; Antônio da Conceição Morais (Caiçara), 53, 80, 316; Antônio Diabo, 307; Antônio Maré, 293; Antonico Sampaio, 289; Angoleiro, 307; Arnol Conceição (Arnol), 79, 84; Ataliba Nogueira, 289; Augusto de São Pedro, 316; Augusto de Melo (Cabeça de Ferro), 289; Barão do Rio Branco, 287; Bentivi, 288; Besouro Cordão de Ouro (Manoel Henrique), 56, 276, 290, 291; Besouro Mangangá, 290; Bichiguinha, 293; Bigode de Sêda, 293; Bilusca, 293, Boca Queimada, 289; Boca de Porco, 293; Bonaparte, 288; Braga Doutor, 289; Caixeirinho, 289; Canjiquinha (Washington Bruno da Silva), 50, 54,70, 77,80, 86, 89, 293, 303, 368; Cassiano Balão, 293; Chico Carne-seca, 287; Chico Cazumbá, 293; Chico da Barra, 293; Chico Me Dá, 293; Chico Três Pedaços, 293; Ciríaco (Francisco da Silva Ciríaco), 290; Cobrinha Verde (Rafael Alves França), 84, 290, 291, 306, 307, 316, 326; Coelho Neto, 289, 311, 389; Dadá, 293, 307; Davi, 307; Dendê, 114, 191, 192, 293; Dois de Ouro, 293; Domingo Mão de Onça, 307; Duque Estrada Teixeira, 289; Doze Homens, 293; Edgar Chicharro, 293; Espadarte, 307; Espinho, 289, 293; Fernandinho, 287; Gato (José Gabriel Goes) 78, 80, 85, 305, 306, 315; Gazolina, 293; Goite, 293; Hilário Chapeleiro, 293; Inimigo Sem Tripa, 293; João Bom Cabelo, 307; João Grande (João Oliveira dos Santos), 307, 315; João Pequeno (João Pereira dos Santos), 315; Joaquim Sampaio Ferraz, 331; José Basson de Miranda Osório, 325; José de Mola, 307; José Elísio Reis (Juca Reis), 307, 332, 339, 343, 345; Juvenal, 294, 295, 307, 355; Leite Ribeiro, 289; Miguel Nunes Vidigal (Major Vidigal), 290, 323, 387; Manoel Anastácio da Silva (Manoel Fiscal), 56, 57; Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba), 47, 51, 56, 59, 75-87, 296-298, 310-314, 317-321, 325, 348, 349, 356, 381, 394; Manoel Roseno de Santana (Roseno), 53; Manduca da Praia, 288, 289; Mamede, 287; Maneta, 288; Matatu, 293; Mungunjê, 224, 306; Najé, 295; Nascimento Grande, 287, 390, 392; Natividade, 288; Neco Canário Pardo, 293; Nô da Empresa de Carruagem, 293; Nozinho, 293; Pacífico do Rio Vermelho, 293; Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha), 56, 57, 77, 84, 89, 106, 297, 302, 306, 314, 315, 361; Patu das pedeiras, 293; Paulo Barroquinha, 146, 231, 276; Pedro Cobra, 288; Pedro Mineiro, 231, 276, 293; Pedro Porreta, 293; Pirrô, 307; Piroca Peixoto, 293; Plácido de Abreu, 289; Quebra Coco, 287; Raimundo Cachoeira, 293; Ricardo das Docas, 293; Romão Nego Exu, 307; Samuel da Calçada, 293; Samuel Querido de Deus, 294, 295; Santo Amaro, 307; Sete Mortes, 293; Sinhozinho (Agenor Sampaio), 49; Siri de Mangue, 293; Tiburcinho de Jaguaripe, 293; Traíra (José Ramos do Nascimento), 79, 82, 306,307; Trinca Espinho, 289; Trindade, 271, 289, 356; Vitorino Braço Torto, 289; Waldemar (Waldemar da Paixão), 78, 306; Zeca Cidade de Palha, 293; Zé Bom Pé, 293; Ze Caetano, 289; Zé do Saco, 293; Zé Domingo Foca, 307.
capoeiristas famosos e seu comportamento na comunidade social, 287-308
capoeira: local de concentração, 51-52
capra, 175
câprã, 175
capueira, 37, 42
carcunda, 183
carcundus, 183
caricunda, 183
carrapato, 140
caruru de São Cosme, 269
Casa Branca, 57
cauóca, 175
cavalaria, 50, 80, 127, 308
caxixi, 63, 81, 89, 91, 106
cayman, 186
Ceia dos Camarões, 290, 323
chakka, 205
chamá, 123, 124, 140
chanter, 181
chapa de costas, 84
chapa de frente, 84
chapa-pé, 85
chapéu bico de sino, 59
chapéu de coro, 86
chemá, 184
cheque-mate, 219
chèvre, 175
chiamã, 184
chibata, 84-85
chibata armada, 85
Chico Simão, 133, 184
chiemá, 184
chien, 182
chique-chique, 185
chhit, 185
chita, 185, 285
chocalho, 105-106
chotão, 185

choutar, 185
cigano, 162
Cinco Salomão, 79, 82
cintura desprezada, 83
cinturão desprezado, 313
ciri, 243
clamar, 184
clamare, 184
clamer, 184
claudicare, 185
clauditare, 185
co, 190
cocorocô, 134
cocûera, 36
Coité, 128, 187
colocação de pronomes, 163-165
colongolô, 187
colônias correcionais, 320-321
com, 190
comade, 187
comadre, 187
comaire, 187
comare, 187
comater, 187
comĕdĕre, 190
comer, 190
Comentário às Cantigas, 151-287
comércio de Angola, 27-28
comércio de Benguela, 27-28
comércio da Costa da Mina, 27
começo de jogo ou luta, 66
commater, 191
compadre, 190
companheiro, 179
compare, 190
compater, 190
composição das academias, 315-318
conflitos de capoeiras, 327-347
consoantes, 152-157
contaro, 163
convidar, 188
convidô, 159, 188
convitare, 188
convitieren, 188
convivium, 188
coó-biá, 238
copuera, 32
co-puera, 31
co-puera, 36
copuêra, 33
corcovado, 183
corcunda, 183
Corda de Beji, 268
coriboca, 34
corredeira, 55
corridos, 67
cortá, 188
cortar, 188
Costa da Mina, 192
crava, 175
crepes da China, 285
cruz, 83
cruze de carreira, 48
Cruzeiro, 248
Cruzeiro Novo, 248
cu, 155, 189, 267
cü, 189
Cuité, 187
cul, 189
culo, 189
culus, 189
cum, 158, 163, 190
cumătră, 187
cumătru, 187
cumetre, 187
cumetri, 187
cumi, 158, 190
cumpade, 68, 115, 158, 160
cur, 189
curruto, 158
Curso de Capoeira Regional, 82, 87, 297, 400
cŭrtare, 188
cŭrtiare, 188
cŭrtus, 188
custume, 158
cutila, 83
cutila alta, 83
cutilada, 85
cutilada de mão, 84
cutovêlo, 158
da, 193
daff, 100
dar, 193
dare, 193
dedo nos olhos, 85
delegacia, 191
delegatus, 191
dendê, 191-192,
dendezeiro, 191
descaracterização da capoeira, 396
der, 193
dero, 193
derréis, 194
derréis de mé cuada, 194
devoção, 34
digêro, 132, 156-158
Diguidun, 194
dintá, 205
discipo, 194
discípulo, 194
discípulus, 194
ditongos, 159
dobrão, 91
doença do ar, 263, 264
Dois de Ôro, 194
dois godeme, 83
dois martelos, 83
dois mil réis, 194
dois minréis, 194
Dongo, 167
Donzela Teodora, 280-281
dos outros, 195
dos outros, 195
duas de frente, 83
duff, 99, 100
dusôtro, 116, 195
e=i, 158
earamá, 204
ebó, 54, 55, 56, 284
ebomins, 57
ĕderĕ, 190
educação, 204
educatione, 204
egun, 57
ei=ê, 159-160
eledá, 171
Elégba, 208
Elégbará, 208
em, 203-204
embora, 203
em boa hora, 203
em ora má, 204
encapoeirado, 43
encapoeirar, 43
encruzilhada, 48, 84
enganador, 204
enganar, 204
enricar, 195
enricô, 138, 159

ensaminô, 125, 159-161
ensinar, 204
epêntese do m, 161
eramá, 204
eremá, 204
escorão, 85-86
escramô, 159, 195
espada de Ogun, 55
espece, 196
espécie, 196
Esquadrão de Cavalaria, 50, 80
esse, 197, 202, 240
estar, 243
estandarte, 78
evallare, 165
ewê peregun, 55
examinar, 105, 195
examĭnāre, 195
exclamar, 195
exclamare, 195
Exu, 54, 55, 56, 57, 99, 107, 171, 208, 263, 269, 284, 307
fabellare, 196
fabulantur, 196
fabulare, 196
fabulari, 196
faca de ticum, 326
falar, 196
falô, 196
farinha copioba, 219
farinha de guerra, 219
faze, 236
fedegoso, 48
Fernando de Noronha: degredo de capoeiras, 333-339, 341, 345
fia, 197
filha, 197
filho da puta, 230
filho de santo, 53
filho do oco do pau, 230
filius, 197
filmes: Barravento, 305, 352, 355; Briga de Galos, 352, 355; O Pagador de Promessas, 305, 352, 355; Os Bandeirantes, 305, 352; Samba, 352; Senhor dos Navegantes, 305, 352.
fleire, 198
fô, 68, 134
fonética, 181, 206
fortuna, 158
frade, 197
fraile, 198
fraira, 198
fraire, 198
fratre, 197
frei, 198, 277
freira, 197, 198
freire, 197, 198
fremusura, 158
frêra, 141, 162
freyre, 198
fucinho, 158
fugueira, 158
furtuna, 158
gaiamu, 198
gaiamun, 198
galopante, 83, 85, 86, 312
gamare, 194
gamela, 199
gameleira, 199
gamella, 199
gamgambá, 199, 218
Ganabara, 237
ganhadores, 60
ganzá, 89, 104, 105, 106
gapar(ra), 184
garra, 183
garrapata, 183, 184
gêge, 77
gêge-ketu, 79, 80
gentio da Guiné, 24
Gereba, 200
Gilberto Amado, 287, 392
ginga, 47, 73
gobo, 92
goiarara, 198
golpes, 46-50, 54, 73-84
golpes de batuque, 48
golpes ligados ou cinturados, 47, 74
gorikikamo, 93
grange, 198
granja, 198
Grupo de Capoeira do Bairro de Pernambués, 316
Grupo Folclórico da Bahia, 356
Grupos gr, pr, tr, 157
guaia-m-un, 198
guanhumi, 198
guanto, 201
Guarda Negra, 345-347
Guarda Real da Polícia, 323, 329
güenta, 201
Guiné, 26-27
Guiné: situação geográfica, 26-27
gunga, 69, 92, 201, 250
haá-pîi-har, 238
habere, 244, 245
hablar, 93, 196
haver, 244
Henrique Maximiniano Coelho Neto, 389
hino da capoeira ou ladainha, 63
hombre, 202
home, 157, 162, 202
homem, 201
homine, 201
home, 201
homme, 202
Humaitá, 213
i, 157, 202
Iansan, 54
Ibeji, 268
Idalia, 203
Idalina, 76, 203
idilogun, 171
iê, 203
ieramá, 204
Ifá, 171
Ijexá, 78, 80
ilê, 181
Ilê Iyá Nassô, 57
Ilê Oxumarê, 57
Ilha de Maré, 203
imbora, 158, 163, 203
in, 163, 204
inducação, 118, 158
indumentária do negro, 59-62
inganadô, 71
ingannare, 204
insignare, 204
insinô, 158-159, 204
insubordinado, 243
intá, 204-205
Intendentes de Polícia, 323-324
invitare, 188
ir,202
ire, 202
iribu, 227
iriricury, 207
Ita, 205

Itabaiana, 205
Itabaianinha, 205, 276
Itapa, 205
iuna, 66, 76-80, 205,250
iyalorixá, 53
jaca dura, 205
jaca mole, 205
janêro, 160
Japão, 206, 274
jirau, 224, 251
João Pereira dos Santos, 315
Joaquim Maria Machado de Assis, 387
Joaquim Vieira, 156, 244
jocare, 206
jõcări, 206
jõcus, 206
joelhada, 83
jogá, 206
jogar, 206
jogatar, 206
jogo de baixo, 250
jogo de capoeira: local, 63
jogo de cima, 250
jogo de dentro, 82, 83
Joaquim Maria Machado de Assis, 387
Joaquim Sampaio Ferraz, 331
Jorge Amado, 389-390
jucare, 206
juramento da Guarda Negra, 346
kaá-pûera, 36
kaiman, 185
kantá, 181
kanter, 181
kanu, 182
kapar(ra), 184
kar, 183
karicunda, 183
kavra, 175
Ka wo ka biye si, 182
kevra, 175
klamá, 184
komer, 187
kopari, 190
kopûera, 36
korkunda, 183
kraba, 175
kul, 189
kulu, 189
kumper, 190
l = r, 156
lá oiá, 209
lá olhar, 209
Ladeira da Misericórdia, 207
Ladeira de São Bento, 207
ladeira do tengó, 207
ladêra, 124, 139, 160
lambaio, 136
lamber, 207, 224
lambere, 207
lambrucio, 207
lamer, 207
lampa, 208
Lampião, 127, 207, 208, 354
lampione, 208
Laróyè, 107
Leandro, 288
léger, 193
lh - i, 152
Lemba, 208
lenço de esguião de seda, 59, 313, 314
leque ou boca de siri, 85
leviariu, 193
leviarius, 193
levius, 193
léxico das cantigas, 165-249
l, ll, li, 152
lh, 152, 153, 263
licuri, 120, 208
ligeiro, 193
llamar, 184
lleuger, 193
Logun Edé, 53
loiá, 129
Luanda, 169, 209-213, 273
lũdũre, 206
lugar, 158
má, 157, 213
macaco, 186, 276
mã-cambira, 221
macambira de branco, 221
macambira de cachorro, 221
macambira de flexa, 221
mactare, 221-219
mactari, 219
maculelê, 48
macunda, 183
macungo, 92
mãe de santo, 53
magister, 220
Maitá, 114, 213
male levatus, 216
malefacens, 216
malifatius, 216
malvar, 216
malvas, 216
malvat, 216
malvatz, 216
malvays, 216
mamangá, 200
mamangaba, 200
mandacaru, 217
mandar, 218
mandare, 218
mandinga, 53, 217-218
mandingueiro, 159, 217-218
mandinguêro, 65, 159
mandioca, 220, 234
mandô, 110, 124, 252
manducare, 190
mang-â-cá, 199
mang-â-caba, 199
mangangá, 127, 199, 200
mar, 199, 211, 213, 229, 253, 256, 258, 275, 276, 294, 295, 360
Maracangalha, 150, 214, 215, 292, 293, 326
maré, 72, 132
maribundas, 215
marimbau,92
marimbondo, 129, 252
marimbundo, 215
Mário Cravo Júnior, 362, 364
martelo, 64, 215
mat, 219
matar, 15, 219, 219, 292, 347, 372, 374
mate, 219
Mateus Gunga, 201
matô, 66, 119, 125, 133
mattare, 219
matteare, 219
mattus, 219
matungo, 92
mbirimbau, 92
mby-ta, 224
média lua, 86
meia lua, 83-85
meia lua alta, 84

meia lua baixa, 84
meia lua de compasso, 84
meia lua de costas, 86
mel, 220
mẽl, 220
melaço, 219, 283
melado, 140, 283
melhor, 220,
meliõre, 220
menino, 220, 223, 262, 266
merindilogun, 171
mesquinho, 221, 259
meste, 66, 121, 122, 157, 162
metátese: ni, 161-163
milhó, 126, 157, 158
Minêro, 147, 148, 160, 231
minino, 67, 122, 126, 267, 269
miskinu, 221
misquinho, 71
Missa do Morro, 93
Missa Pedida, 268, 269
mocambira, 111, 132
mochil, 221
momento áureo da capoeira, 331-345
monje, 198
môrão, 123, 221
morfologia, 162-163
mosca no leite, 60
muchila, 158
mucury, 208
muitieramá, 204
mulato, 112, 162, 175, 222, 294, 301, 393
mulé, 72, 111, 114, 116, 126, 147, 148, 157
muleque, 112, 142, 223
mulher, 21, 90, 157, 222, 230, 264, 265, 292
mulherer de saia, 326
muliẽre, 222
mundiare, 224
muñeca, 224
mungunjê, 113
munheca, 70
murar, 158
murro direto, 85
Mutá, 68, 119, 224
mutilus, 221
muzenza, 77, 82
myta, 224
naci, 64, 66, 157, 225
nascer, 206, 225
nascere, 225
Ndoango, 167
Ndongo, 167
negativa, 79
nêgo, 157, 162, 225,
negocea, 225
negociar, 225
negotiare, 225
negotiari, 225
negro, 225,
nganga, 93
ngunga, 201
nhem, nhem, nhem, 226
ni, 94, 126, 162, 163, 365
nicury, 209
nigru, 225
Nippon, 206
Nóbrega pede escravos africanos, 22-23
ô, 158
o = u, 158
O canto, 109-150
O Capoeira na codificação penal brasileira, 319-323
O Jogo da Capoeira, 63-74
O Termo Capoeira, 31-43
oculare, 226
Odé, 53
Ode Ajayi koleji, 53
Odorico Montenegro Tavares da Silva, 389-390
ogan, 60
oi, 159
ôi, 226
olhar, 226
olhe, 226
olho, 249
ôlho, 191
oloyê, 53
om, 201-202
ome, 202
omee, 202
omen, 202
ómine, 201
Omolu, 53, 361
omorixá, 53
on, 201-202
onde está, 205
onte, 125, 139, 163
oração de São Mateus, 270
oricungo, 92
orixá, 82, 171, 172, 239, 276
ôro, 159
orucungo, 92
orubú, 64
orubu, 226-227
orukó, 53, 57
Os Instrumentos Musicais, 89-107
otá, 57
ôtro, 159, 274
ou = o, 159
ouricury, 208
ovelha negra, 262
Oxalá, 61
Oxossi, 53
Oxun, 57
Oxun Demi, 57
pai de santo, 53, 55, 171
palha, 35
palhada, 35
palmatória, 229
palmatória do diabo, 229
palus, 230
pandair, 97
pandero, 97
pandeiro, 96-100
pandero, 97
pandigurao, 93
pandorius, 96
pandoura, 96
pandura, 96
panhe, 228
panhe a laranja no chão, tico-tico, 78, 79, 82, 136, 282
pannus, 228
papagayo, 186
parabolare, 196
paragoge, 161
Paraguai, 228, 275
Paraná, 229
paranã-mbuca, 232
parmatoria, 229
passo a dois, 48
pata, 183
patauá, 229
patigua, 229
patuá, 124, 229, 230
pau, 230
pau furado, 231

Paulo Fernandes Viana, 323, 324
pé de árvore, 230
pé de panzina, 48
pé de pau, 230
Pedro de Azevedo Gordilho, 50, 80, 231, 347
pegá, 112, 113, 131, 145, 150, 267
pegar, 231, 327
pegare, 231
pemba, 55
percevejo, 138, 140
perda do r, 157
perda do s, 157
Pernambuco, 232
Petrópolis, 326-328
peréré, 232
Piauí, 274
pigmenta, 233
pigmentu, 233
pimenta, 233
Pimenteira, 160, 233
Pimentêra, 128, 160, 233
pimpão, 237
pimpant, 237
pindomba, 233
pindombê, 130, 233
plantar, 40, 235, 308
plantar bananeira, 85
plantare, 235
poliça, 146, 160
police, 234
polícia: organização, 321-323; D. João VI cria a Intendência Geral de Polícia, 322; Secretaria de Polícia, 322; Guarda Real de Polícia, 323; Ceia dos Camaroes, 323; 322-324; Chefe de Policia da Republica, 331
politeia, 234
polititia, 234
ponteira, 86
praga de galinha, 263-264
prantando, 130, 235
preposição, 163
Preto Limão, 235
Primeiro Festival de Cinema da Bahia, 352-355
Procissão de Corpus Christi, 98
Procópio, 235
professô, 235
professor, 235
professore, 235
Prokópios, 235
Prokoté, 235
pronome, 162, 165, 242
prótese do a, 160
prova de fogo, 314
pudia, 158
puêra, 32, 33, 35
puragem, 158
Purtugal, 158
quadrilheiros, 322
quaerĕre, 235
que, 235
qué, 235
quebra-mão, 83
quebra-pescoço, 83
queda de cocorinha, 83
queda do m, 157
quere, 235
querēlla, 199
querer, 235
qui, 162-163, 236
quia, 236
quilombos, 323
Quintino Bocayuva e os capoeiras, 332-349
quixim, 85
r final, 157
rabo de arraia, 83-86
raiz, 48, 183
ranchos, 181
rapa, 48
rapadura puxa, 219
rasteira, 83, 246, 314, 340, 380, 381
reco-reco, 89, 104, 105
rede de ticum, 326
reges, 20, 236
reiks, 195
reis, 237
repimpão, 237
rês, 128, 161
respondere, 169
restinga, 32
ric, 195
ricco, 195
rich, 195
rico, 195
ricunda, 183
rîcus, 195
rîhhi, 195
rikunda, 183
rimpimpão, 237
Rio de Janeiro, 237, 273
rodîa, 237
rodilha, 237
rucumbo, 93
rucungo, 92
Rugendas, 75, 80, 359
Rui Barbosa: resolução, 20
sá, 242
sabbatu, 238
sabiá, 131, 238, 272
sabo, 66, 160, 238
sabado, 238
sabbatu, 238
Sada Miako, 290
saída de aú, 83, 311, 312
saída de muzenza, 82
saída de rolé, 83, 312
Salomão, 238
Salomão, rei de Israel, 238
Salomé, 271
salto mortal, 85
samba da capoeira, 79
samba de angola, 78, 301-302
samba de roda, 90, 314-317, 396
samba duro, 314
sambambaia, 239
sambi, 93
samongo, 77-78
sanctu, 239
São Bento, 239, 270-271
São Bento de Dentro, 78
São Bento Grande, 76-80
São Bento Grande de Compasso, 78
São Bento Grande em gêge, 77
São Bento Pequeno, 77-80
Santa Maria, 76-79, 270
Santa Maria Dobrada, 78
Santa Maria Regional, 79
santo, 239
sanzala, 241
São Bento de Dentro, 78
São Bento Grande, 76, 77, 78, 79, 80
São Bento Grande de Compasso, 78
São Bento Pequeno, 77,-80, 374
São Cosme e São Damião, 268, 270
São Paulo da Assunção, 209
São Paulo de Luanda, 209

São Pedro, 239, 272
sapinho, 85
sanzala, 241
sarna, 73, 165, 263
schath, 314
sê, 157, 240
secretaria, 241
Secretaria de Polícia, 323
secretus, 241
sedas de Tiro e Gaza, 285
sedere, 197, 240
senhor, 242
senhor de engenho, 80
senhora, 242, 249
seniore, 242
senzala, 109, 241-283
sequência com berimbau, 75
ser, 197, 240
Sete Molas, 306
seu, 242
síncope: cumpade, discipo, caboco, comade, poliça, 160
sinhá, 242, 249
sinhô, 157, 242, 249
sintaxe, 163-165
siri, 72, 84, 280
situação geográfica, 232
sô, 159
soar, 157, 249
Sociedade Beneficente Isabel, a Redentora, 346
species, 196
stare, 243
status social das academias de capoeira, 317
substantivo, 161-162
suburdinado, 130, 158
succedere, 169
tá, 64, 127, 142, 160, 378, 379
tabajara, 34
tabal, 103
tabalh, 103
taballo, 103
tabl, 103
tábua, 244
tabula, 244
tabuleiro, 244
tabulêro, 150
tamoatá, 180
tandirerê, 137, 244
tê, 23, 133, 347
tecidos de Damasco, 285
tempêro, 72, 117, 162
tenere, 244-245
ter, 244-245
tesoura, 84-85
tesoura torcida, 84
tico-tico, 78, 79, 82, 136, 282
ticum, 326
tiguéra, 35
tinea, 245
tinha, 245-246, 263
tiriri, 2426
tiririca, 110
tlutare, 185
tô, 160
todos, 162
tolutare, 185
tolutarius, 185
toques, 49-50, 75-87
Toques e golpes, 75-87
torpedeira, 247
torpedo, 247
tostão, 248
trabaiá, 157, 246-247
trabalhar, 246
trabs, 247
traditione, 247
traição, 247
transverse, 247
través, 247
travessia, 247
travessura, 247
treição, 247
tripaliare, 246
tripalium, 246
trivissia, 126
trompa de Paris, 91
tronco, 48
tucar, 158
tupedêra, 158, 160, 247
tustão, 158, 248
uadere, 202
um, 201
uomo, 201-202
uricuri, 208
uru, 37, 227
urú-bú, 227
urubu, 162, 226-227
urucungo, 76, 92
vadeá, 248
vair, 248
vê, 248
venire, 174, 248
verbo, 163
ver, 248
vezer, 248
viage, 73, 157
videre, 248
vingativa, 83
Viriato Correia, 389
Virgolino Ferreira da Silva (Lampião), 207-208
vô, 159
vogais, 159-194
voir, 248
vorta, 156
vyodi, 248
Wessa Oburô, 59
xalóm, 238
xamate, 219
Xangô, 182
xauta, 185
xelomóh, 238
xeque-mate, 219
xirê de Exu, 107
xuver, 158
yacaré, 186
yayá, 238, 249
ybirá-una, 172
yereba, 200
yoyô, 242, 249
zefir, 285
zimbo, 210-213
zoa, 249
zoar, 249
zóio, 249

Projeto Gráfico
MC&G Design Editorial

Capa e Ilustração
Andre Flauzino

Revisão Gramatical
Roberto Azul

Normalização Bibliográfica
Soraya Lacerda

Produção Editorial e Gráfica
MC&G Design Editorial

CTP e Impressão Gráfica
Athalaia Gráfica&Editora – MC&G Design Editorial

Formato 20 x 21cm
Tipologia das famílias Apex Serif e New
Cartão Supremo 250g/m2 capa ▪ Pólem Soft 90gm2 miolo ▪ 432 p.
Tiragem: 1.000 exemplares
MC&G Gráfica e Design
Ano: 2015

CAPOEIRA ANGOLA

ENSAIO SOCIOETNOGRÁFICO

A Capoeira faz parte da formação cultural do Brasil. Elemento essencial na construção de nossa identidade, ela merece estar não apenas no campo prático, mas também no simbólico, por meio do registro de suas estórias, matizes e nuances. A Fundação Gregório de Mattos, através do programa **Capoeira Viva**, lança esta importante coleção de livros que pretende contribuir, de forma abrangente, para a construção de um acervo material em relação a esse que é um patrimônio imaterial da humanidade. Seja através da narração de histórias, de artigos ou ensaios acadêmicos, a **Coleção Capoeira Viva** soma-se a outras iniciativas que resgatam a nossa autoestima enquanto povo multicultural cuja identidade é ímpar e repleta de significados que, aos poucos, começam a ser estudados, decodificados e organizados. Ao lado de outras ações, como o lançamento de duas séries de CDs – com músicas compostas por mestres e capoeiristas de Salvador e do Brasil – e de Encontros de formação voltados para esse universo, a Fundação Gregório de Mattos sente-se orgulhosa de realizar este programa idealizado pelo Ministério da Cultura e patrocinado pela Petrobras. Longa vida à Capoeira, arte que se renova de forma surpreendente e se confunde com a nossa batalha em prol da defesa de nossos direitos e da nossa identidade.

Fernando Guerreiro
Presidente da Fundação Gregório de Mattos

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
FGM Fundação Gregório de Mattos
Secretaria de Cultura e Turismo
SALVADOR PREFEITURA
PRIMEIRA CAPITAL DO BRASIL
BR PETROBRAS
Ministério da Cultura
GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA